



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

WELITEMARA DA SILVA ARAÚJO

**NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS, PROFESSORES DE GEOGRAFIA
E ESTUDOS AMAZÔNICOS: UM OLHAR SOBRE A IDENTIDADE
DOCENTE EM ALTAMIRA/PA**

Altamira-Pará, 2025

WELITEMARA DA SILVA ARAÚJO

**NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS, PROFESSORES DE GEOGRAFIA
E ESTUDOS AMAZÔNICOS: UM OLHAR SOBRE A IDENTIDADE
DOCENTE EM ALTAMIRA/PA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, como requisito à obtenção do título de Mestra em Geografia.

Área de concentração: Organização e Gestão do Território
Orientador: Prof. Dr. Leonardo Pinto dos Santos

Altamira-Pará, 2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A658n Araújo, Welitemara da Silva.
Narrativas (auto)biográficas, professores de Geografia e Estudos Amazônicos: um olhar sobre a identidade docente em Altamira/PA / Welitemara da Silva Araújo. — 2025.
XV, 186 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Leonardo Pinto dos Santos Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belém, 2025.

1. Identidade Docente. 2. Narrativas (auto)biográficas. 3. Geografia. 4. Estudos Amazônicos. 5. Formação Docente. I. Título.

CDD 910.71

WELITEMARA DA SILVA ARAÚJO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Pará, como requisito à obtenção do título de Mestra em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Leonardo Pinto dos Santos - (Orientador) - PPGeo/Ufpa

**Prof. Dr^a. Benedita Alcidema Coelho dos Santos Magalhães -
(Examinadora Interna) - (PPGeo/Ufpa)**

**Prof. Dr^a. Victória Sabbado Menezes - (Examinadora Externa) -
(CCT/UECE)**

DATA: 13 de março de 2025

Altamira-Pará, 2025

Não te rendas

(Poema publicado no livro “Entre los poetas míos,” [...] de Mario Benedetti)

*“Não te rendas, ainda é tempo
De se ter objetivos e começar de novo,
Aceitar tuas sombras,
Enterrar teus medos
Soltar o lastro,
Retomar o voo.*

*Não te rendas que a vida é isso,
Continuar a viagem,
Perseguir teus sonhos,
Destruir o tempo,
Correr os escombros
E destapar o céu.*

*Não te rendas, por favor, não cedas,
Ainda que o frio queime,
Ainda que o medo morda,
Ainda que o sol se esconda,
E o vento se cale [...]*

Eu dedico este poema para a todas as mulheres que são pesquisadoras, mesmo com todos os percalços que surgem no caminho, não desistem, a todas as mulheres que mesmo almejando crescimento profissional não deixam os sonhos pessoais de lado e um dos meus foi me tornar Mãe, assim como o de algumas outras mulheres que se viram nos 30 para encaixar todos esses sonhos e objetivos. Então desejo trechos deste poema a nós que somos Mulheres, Mães, Pesquisadoras e que seguimos firme em busca de dias melhores, igualdade social e respeito e que as vezes fraquejam, mas não desistem.

AGRADECIMENTOS

Agradecer! Uma palavra tão forte e singela, pois por trás dela existem pessoas que irão carregar esse título junto comigo.

Eu agradeço primeiramente a Deus pela saúde e força que tens me dado todas as manhãs quando acordo e por me segurar durante o dia nos problemas que surgem.

Eu agradeço a minha mãe Geraldina Rodrigues que por 9 meses me carregou em seu ventre, que por inúmeras vezes me levou para a escola, nunca largou minha mão e até hoje nos meus 34 anos de vida segue cuidando e se preocupando comigo e sou ainda mais grata por ela amar tanto a minha filha e cuidar dela quando por muitas vezes eu precisei me ausentar para ir para o trabalho e para as aulas na faculdade.

Agradeço a CAPES pelo fomento da bolsa, pois com certeza contribuiu para que eu pudesse me dedicar a pesquisa de forma integral.

Gostaria de agradecer aos professores e professoras que aceitaram participar da pesquisa e que foram muito importantes contando sua História de Vida para uma desconhecida, mas que acarretou a descoberta de Histórias de Vida encantadoras.

Eu sou imensamente grata pela minha filha Pérola Alice pois nas muitas vezes em que pensei em desistir eu refleti e disse para mim mesma, eu não posso desistir pois eu tenho um futuro nas mãos que diretamente depende de mim, este título te pertence filha. E peço desculpas por todas as vezes em que não consegui brincar, ver um filme ou sair com você por precisar estudar ou trabalhar, tenha certeza de que foi mais pensando em você do que em mim.

Sou grata ao meu esposo Júlio César que recentemente se formou em Engenharia Mecânica e que conhece minha luta para concluir o Mestrado, obrigada por todas as vezes em que segurou minha mão, por todos os abraços calorosos nas noites em que muitas vezes eu pensei ser incapaz para conseguir tudo que eu precisava fazer, por todas as vezes em que saiu de casa para passear com nossa filha pois eu precisava estudar, e no fim deu certo, estamos aqui, esse título também é seu.

Agradeço imensamente aos meus sogros, Cleidiomar e Francisco (vovó e vovô) da Pérola Alice. Obrigada pelas tardes em que ficam com a minha filha para que eu pudesse ir para a faculdade me dedicar a minha pesquisa.

Minha gratidão por aqueles e aquelas que sempre acreditaram em mim e que considero importantes na minha jornada pessoal e acadêmica, me atrevo a citar seus nomes e espero que não esqueça de ninguém. A minha irmã Cristiane Rodrigues uma artesã de mão cheia, minha irmã Josilene Pereira que recentemente se formou em Educação Física, meu irmão Welliton Araújo pela sua fé e perseverança, as minhas sobrinhas Maria Luara e Karen Eduarda, uma Engenheira Florestal e a outra nutricionista que sempre me enviam palavras de incentivo, ao meu amigo Igor Renan por suas mensagens de ajuda quando eu precisei, você é um grande amigo, ao meu amigo Walesson Alarcon pelo apoio desde a graduação, e a minha amiga Tainá Flávia, por não perder sua fé em mim e por sempre me colocar em suas orações.

Ao meu querido orientador Leonardo Pinto dos Santos, por todos os ensinamentos que eu lhe garanto que me fizeram crescer como pessoa e como profissional, pela paciência nas leituras e correções do meu trabalho e mais obrigada ainda pela sua generosidade e por acreditar no meu potencial.

Minha gratidão as queridas professoras Victória Sabbado Menezes e Benedita Alcidema Coelho dos Santos Magalhães, pela colaboração e leitura atenta, pois com certeza cada apontamento contribuiu de forma significativa para pesquisa.

Aos amigos Jhon Lennon e Leonelson que em conversas amigáveis sempre estávamos torcendo e ajudando um ao outro.

Aos professores da faculdade de Geografia e do programa de Pós-graduação em Geografia do Campus Altamira, minha gratidão pelos ensinamentos compartilhamentos em sala de aula, em especial aos professores Wellington Alvarez e Mateus Lobato, pelas tardes em que me escutaram não somente referente a assuntos relacionados a vida acadêmica, mas por me ouvirem e me compreenderem em relação aos percalços que existem na vida de uma pós-graduanda e mãe.

Minha gratidão aqueles que diretamente e indiretamente estavam do meu lado e torcem para o meu sucesso.

Esse título de Mestra, é NOSSO!

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo principal conhecer as Histórias de Vida (as trajetórias escolares, formação acadêmica e vida profissional) dos professores que atuam em Geografia e Estudos Amazônicos nas escolas públicas de Altamira/PA, sendo eles formados em Geografia. O componente curricular Estudos Amazônicos foi criado a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que busca explanar os conhecimentos gerais, culturais, sociais, dentre outros contextos de cada região do país, no caso dos Estudos Amazônicos os conhecimentos da Região Norte e em Altamira é ministrado principalmente por professores de Geografia. A partir das Histórias de Vida destes professores buscamos identificar sua a identidade docente. São utilizadas a Metodologia Histórias de Vida, conceitos como Momentos-Charneiras e Metamemória, e o método de análise das narrativas é a Compreensão Cênica. As etapas deste trabalho iniciaram com pesquisa bibliográfica de textos que retratam a (auto)biografia, narrativas de vida, formação docente e o referencial teórico lido e utilizado que serviram para embasamento do conteúdo estudado foi organizado através do Estado da Arte. Após o embasamento teórico iniciou-se a busca de dados dos professores juntamente com a SEMED-Altamira, foram escolhidos seis docentes para participarem da pesquisa, sendo eles três homens e três mulheres e após esse contato foi dado início a produção das entrevistas narrativas dos professores e professoras de Geografia, e nesta produção da entrevista narrativa os professores narraram sua História de Vida a partir de quatro Eixos: História de Vida, Memórias de Ensino, Formação-Profissão e Vivências em Estudos Amazônicos. Buscou-se também entender como o uso do método (auto)biográfico auxilia na formação e (auto)formação docente. Constatou-se que existe potencialidade na utilização do método (auto)biográfico no campo da formação de professores, com importância para a própria (auto)formação daquele que narra a sua história. Percebeu-se que no município de Altamira o perfil docente é de indivíduos pardos que se formaram em escolas e universidades públicas, tendo para os participantes a presença de um docente que lhe serviu de referência enquanto estudante, e mesmo que este não tenha sido sua influência principal para escolher a carreira docente, eles já seguiram em algum momento suas metodologias e a forma de interagir com os alunos. Se destaca ainda que muitas vezes os professores recordam de momentos enquanto estudante da educação básica ou graduandos no momento de sua práxis docente.

Palavras-chave: Identidade Docente; Narrativas (auto)biográficas; Geografia; Estudos Amazônicos; Formação Docente.

RESUMEN

El principal objetivo de esta investigación fue comprender las Historias de Vida (trayectorias escolares, formación académica y vida profesional) de docentes que actúan en Geografía y Estudios Amazónicos en escuelas públicas de Altamira/PA, con licenciatura en Geografía. El componente curricular de Estudios Amazónicos fue creado con base en la Ley de Lineamientos y Bases de la Educación Nacional, que busca explicar conocimientos generales, culturales, sociales, entre otros contextos de cada región del país. En el caso de Estudios Amazónicos, los conocimientos de la Región Norte y de Altamira son impartidos principalmente por profesores de Geografía. A partir de las Historias de Vida de estos docentes buscamos identificar su identidad docente. Se utiliza la Metodología de Historias de Vida, conceptos como Momentos Bisagra y Metamemoria, y el método de análisis narrativo es la Comprensión Escénica. Las etapas de este trabajo se iniciaron con la investigación bibliográfica de textos que retratan la (auto)biografía, las narrativas de vida, la formación docente y el marco teórico leído y utilizado que sirvió de sustento a los contenidos estudiados, organizados a través del Estado del Arte. Luego de la base teórica, se inició la búsqueda de datos de los docentes en conjunto con SEMED-Altamira, se eligieron seis docentes para participar en la investigación, tres hombres y tres mujeres, y luego de este contacto, se inició la producción de entrevistas narrativas a docentes de Geografía, y en esta producción de la entrevista narrativa los docentes narraron su Historia de Vida a partir de cuatro Ejes: Historia de Vida, Memorias de Docencia, Formación-Profesión y Experiencias en Estudios Amazonas. También buscamos comprender cómo el uso del método (auto)biográfico ayuda en la formación y (auto)formación docente. Se constató que existe potencial en la utilización del método (auto)biográfico en el campo de la formación docente, con importancia para la (auto)formación de la persona que narra su historia. Se observó que en el municipio de Altamira el perfil docente es de personas de color moreno egresadas de escuelas y universidades públicas, teniendo los participantes la presencia de un docente que sirvió como referente como estudiante, y si bien esta no fue su principal influencia en la elección de la carrera docente, en algún momento han seguido sus metodologías y la forma de interactuar con los estudiantes. También es de destacar que los docentes suelen recordar momentos como estudiantes de educación básica o de pregrado durante su práctica docente.

Palabras-clave: Identidad Docente; Narrativas (auto)biográficas; Geografía; Estudios Amazónicos; Formación de Profesores.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - DIA E DURAÇÃO DAS ENTREVISTAS NARRATIVAS DOS DOCENTES	18
QUADRO 2 - IDADE, COR/RAÇA E GÊNERO DOS DOCENTES	29
QUADRO 3 - FORMAÇÃO DOS DOCENTES PARTICIPANTES DA PESQUISA	30
QUADRO 4 - TEMPO DE DOCÊNCIA DOS PROFESSORES	31
QUADRO 5 - ESTADO DA ARTE (TESES E DISSERTAÇÕES)	34
QUADRO 6 - COMPONENTES E ANOS EM QUE OS PROFESSORES ATUAM	66
QUADRO 7 - CARGA HORÁRIA DOS PROFESSORES EM GEOGRAFIA E ESTUDOS AMAZÔNICOS	151

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - FORMAÇÃO DOS DOCENTES QUE ATUAM NO COMPONENTE CURRICULAR DE ESTUDOS AMAZÔNICOS, 2024	17
---	-----------

LISTA ABREVIATURAS E SIGLAS

- ANPED** - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
- AM** - Amazonas
- APP** - Área de Preservação Permanente
- BNCC** - Base Nacional Comum Curricular
- CONEDU** - Congresso Nacional da Educação
- CAPES** - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEPEGEA** - Curso de Especialização em Práticas de Ensino de Geografia e Estudos Amazônicos
- CIPA** - Congressos Internacionais sobre Pesquisa (Auto)biográfica
- EJA** - Educação de Jovens e Adultos
- EPALIC** - Encontro Paraense de Licenciaturas
- ENEM** - Exame Nacional do Ensino Médio
- EA** - Estudos Amazônicos
- FACGEO** - Faculdade de Geografia
- IES** - Instituição de Ensino Superior
- IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- LABPRAT** - Laboratório de Práticas de Ensino de Geografia
- LAGEO** - Laboratório de Geografia Física e Cartografia
- LDB** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- PPGEO** - Programa de Pós-graduação em Geografia
- PA** - Pará
- PDF** - Portable Document Format (Formato de Documento Portátil)
- PIBID** - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
- PUCRS** - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
- RESEX** - Reservas Extrativistas
- RUC** - Reassentamento Urbano Coletivo
- SEDUC** - Secretaria de Educação do Estado do Pará
- SEMED** - Secretaria Municipal de Educação
- SESI** - Serviço Social da Indústria
- SE** - Sergipe
- SISU** - Sistema de Seleção Unificada
- TCC** - Trabalho de Conclusão de Curso

UECE - Universidade Estadual do Ceará

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará

UFPA - Universidade Federal do Pará

UNIMONTES - Universidade Estadual de Montes Claros

UNOPAR - Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	Era uma vez um conto que não é de fadas, mas de uma professora em formação	5
1.2	Estrutura da dissertação	13
1.3	Problemática	14
1.4	Objetivo geral	14
1.4.1	Objetivos específicos	14
2	METODOLOGIA	15
2.1	Método (Auto)Biográfico, Metodologia Histórias de Vida e Compreensão Cênica	23
2.1.1	Os Participantes da Pesquisa	27
3	REFERENCIAL TEÓRICO	33
3.1	Estudos Amazônicos (Legislação nacional, estadual e municipal)	40
3.1.1	Geografia e seus professores atuando nos Estudos Amazônicos	46
3.2	O Lugar como conceito chave para compreender as Histórias de Vida dos professores de Estudos Amazônicos	53
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	59
4.1	Eixo 1: Histórias de Vida	64
4.1.1	Era uma vez a História de Vida da professora Bianca	69
4.1.2	Era uma vez a História de Vida do professor Adriano	75
4.1.3	Era uma vez a História de Vida da professora Alice	79
4.1.4	Era uma vez a História de Vida da professora Ítalla	86
4.1.5	Era uma vez a História de Vida do professor Mauro	91
4.1.6	Era uma vez a História de Vida do professor Danyllo	99
4.2	Eixo 2: Memórias de Ensino	105
4.3	Eixo 3: Formação-Profissão	120

4.4	Eixo 4: Vivências em Estudos Amazônicos	142
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	178
	APÊNDICES	184
	ROTEIRO DE PERGUNTAS ENTREVISTA NARRATIVA	185
	TERMO DE CONSENTIMENTO	186

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se trata de uma pesquisa de mestrado no campo da Educação Geográfica, que buscou conectar referências da Educação e da Geografia com o objetivo de se produzir narrativas (auto)biográficas de professoras e professores que são graduados em Geografia e que além de ministrarem aula no componente curricular de Geografia também ministram aula no componente curricular de Estudos Amazônicos, na rede pública de ensino em algumas escolas do município de Altamira/PA.

Ao investigar e debruçar na História de Vida do outro enquanto pesquisadora fui pega algumas vezes refletindo sobre a minha própria trajetória de vida, os caminhos percorridos até aqui, das pessoas que eu conheci ao longo da vida pessoal e profissional e que de alguma maneira ajudaram na construção da minha identidade docente.

Depois de ouvir seis narrativas (auto)biográficas dos docentes que foram entrevistados, cada uma com suas particularidades, como apresentar tais trajetórias aqui, como organizar as falas, os momentos que os pesquisados se desvelaram de forma única tanto para mim quanto para eles, pois todos relataram que nunca tinham tido um momento assim, de parar para pensar e refletir sobre os momentos vividos por eles e expor em forma de narrativa (auto)biográfica em uma pesquisa acadêmica.

Descrever e transcrever aqui tudo que ouvi na produção das entrevistas narrativas de forma compreensiva para o leitor, mas com uma estrutura acadêmica necessária, pois se trata de uma pesquisa de mestrado, não foi fácil, mas se tornou uma missão prazerosa para quem gosta de ouvir histórias.

Quando eu escrevo algo eu imagino que o meu leitor será uma pessoa que teve acesso a uma educação de qualidade, que sabe ler, escrever e interpretar um texto, mas também imagino que o meu texto será lido por alguém que não teve acesso a uma educação de qualidade, que não teve tempo para estudar por muitos motivos existentes na sociedade. Penso que aquela pessoa que sabe ler e escrever o mínimo vai ler minha pesquisa e se apaixonar por cada palavra aqui escrita ou até mesmo uma avó ou avô que vai pedir para o seu neto ou neta ler, como ocorria comigo e a minha avó, assim como com a minha mãe Geraldina que tem pouco estudo, mas que conseguiu formar uma filha professora quase mestra.

As narrativas (auto)biográficas que foram produzidas e serão expostas nesta pesquisa, que são dos professores graduados em Geografia, mas que ministram aula no componente curricular de Estudos Amazônicos, mostram os prazeres e os dissabores em ser professor na rede pública de ensino em Altamira, os desafios e as perspectivas de se ter uma formação e ministrar aula em um outro componente que acaba fazendo parte da Geografia, pois os Estudos Amazônicos se trata de um componente curricular que entrelaça saberes históricos e geográficos, porém com temas aprofundados da Região Norte do Brasil.

E de acordo com a fala dos professores entrevistados se trata de um componente curricular importante e que precisa ser trabalhado em sala de aula para que os alunos conheçam a sua própria região, mas o que dificulta é a falta de um material didático que facilite essa troca de conhecimento na hora da aula de Estudos Amazônicos. Os professores narraram que até pesquisando na *internet* é difícil encontrar conteúdos facilitadores para que o aluno compreenda o que está sendo trabalhado na sala de aula e nesses entrelaçados de prazeres e dissabores docentes e de desafios e perspectivas, também é perceptível que se forma a identidade docente destes profissionais.

A identidade de uma pessoa se forma nas suas vivências, no seu percurso de vida pessoal, acadêmica e profissional, com familiares e amigos no decorrer dos seus anos de vida. Sempre que se trabalha com as narrativas (auto)biográficas do outro, se faz também uma análise do próprio percurso, seja ele pessoal, acadêmico ou profissional, e ao ouvir e me debruçar nas Histórias de Vida dos professores, assim como eles eu também acabei lembrando sobre minha vida pessoal e trajetória de vida enquanto estudante e como profissional.

As minhas experiências em sala de aula ainda são poucas, realidade que irá mudar nos próximos anos, pois pretendo ir para sala de aula como professora na educação básica. Enquanto não estou atuando como docente na sala de aula, por que não aprender um pouco mais, sendo ouvinte? Talvez uma das melhores formas de aprender sobre o outro e sobre si seja ouvindo a fala do outro e refletindo quanto a isso.

Quando nos permitimos ouvir o outro isso acaba trazendo sabedoria para si, o que de certa forma gera uma resignificação nas práticas educativas, nas metodologias que podem ser utilizadas em sala de aula com os alunos, pois se formos analisar como se forma um professor de Geografia e de Estudos Amazônicos e como

esse professor está formando sua identidade docente, isso não está situado somente naqueles anos de graduação na universidade, nas quatro paredes de uma sala de aula cheia de alunos e com um professor interagindo, mas também das suas relações diárias com demais professores, com demais funcionários da escola e outros lugares em que se relaciona e aprende algo.

Pode-se dizer que a identidade docente se forma através das suas vivências e experiências, das dúvidas que surgem ao longo da vida e que são sanadas por docentes dentro e fora da sala de aula. Docentes estes que nos inspiram, que nos dão exemplo de ser ou não ser como eles, assim como alguns professores e professoras narraram na sua entrevista narrativa que ao trocar de papel deixando de ser aluno e se tornando professor, eles têm lembranças boas e ruins de alguns docentes que servem como exemplo para levarem ou não para a sala de aula.

São muitas inquietações que os professores relataram enquanto narravam suas trajetórias de vida através das narrativas (auto)biográficas, principalmente no que tange a vida profissional. São muitas lacunas existentes na vida de um professor que enfrenta uma turma de 35/40 alunos e que algumas das vezes não tem nem o livro didático¹ para trabalhar com os alunos e mesmo assim, o professor está lá, ministrando suas aulas da melhor forma possível para que os alunos não fiquem sem aula e muito menos sem conteúdo que é importante.

Quando nos tornamos professores e professoras e quando vamos para a sala de aula atuar, quem sana nossas dúvidas que são muitas, quem ajuda o professor com um material didático, com um *data show*, com material lúdico que ajude o aluno a se conectar com a aula, ou até mesmo com um livro didático, que geralmente é para cada aluno ter o seu, mas nem sempre essa realidade é vivida, essa ajuda que deveria vir das políticas públicas ao investir na educação, muitas vezes deixa a desejar.

A realidade da carreira docente tem sua parte considerada boa de estar ensinando pessoas de diferentes idades e pensamentos, conteúdos importantes para a sua formação como cidadão e futuro profissional, mas também tem a parte que é

¹ *Quando eu chego aqui, que eu começo a trabalhar com uma disciplina que não era comum de ser trabalhada, lá em Minas (Estado natal da professora), por exemplo, eu percebo que materiais eram difíceis de se encontrar, acho que foi um dos maiores desafios, desde que eu comecei no município, hoje nós temos um livro didático, mas em 2021, esse livro didático ainda não existia. Então, nós precisávamos buscar conteúdos que se alinhassem ao ensino dos Estudos Amazônicos, que fosse didático para os alunos, porque, além de tudo, não é só você encontrar um material, é você encontrar o material, adaptar o material, deixar uma linguagem que o aluno entenda, para que tu o explique de uma forma que ele entenda (Professora Alice).*

regada de desafios e desvalorização, que por muitas vezes chega a desmotivar o professor.

As aulas de Geografia, em algumas vezes é taxada pelos alunos como uma aula não atrativa e enfadonha, e percebemos pelas falas dos docentes entrevistados que eles se veem de mãos atadas para poder mudar essa visão dos alunos com o componente Geografia. Essa dificuldade pode estar atrelada as próprias lacunas que muitos possuem em sua educação formal, além da carga horária de trabalho, que por muitas vezes é excessiva.

O professor não consegue fazer um planejamento, um plano de aula de qualidade, são muitas horas trabalhadas, é a baixa remuneração, são as horas atividades que não se encaixam com as escolas em que os professores trabalham, são todos desafios da carreira docente. Para além disso, há a desvalorização do profissional docente dentro da sociedade.

O professor que não descansa, pois é preciso levar trabalho para casa, balanceando vida pessoal com a profissional, acaba que conduz muitas vezes ao adoecimento destes docentes. Está cada vez mais comum assistir no Brasil diferentes paralisações e movimentos para que os profissionais da educação sejam ouvidos, e para que seus direitos sejam respeitados.

Assim como diz na música *"caminhando e cantando e seguindo a canção somos todos iguais braços dados ou não nas escolas nas ruas, campos, construções caminhando e cantando e seguindo a canção...* (Geraldo Vandré, 1968), uma música escrita de forma poética expressando momentos acontecidos durante a Ditadura Militar, regime instaurado e que aconteceu no Brasil dentre os anos 1964 a 1985, mas que pode refletir na carreira docente de forma que por muitas vezes os professores precisam se reunir para lutar pelos seus direitos.

Na verdade, se formos analisar um professor e sua identidade docente, podemos salientar que ela se forma ao longo dos anos e que além das vivências existem as trocas de experiências com outras pessoas através da sua trajetória vida que acabam se cruzando nos corredores da vida ou da escola. Diante disso, podemos afirmar que a profissão docente é aquela em que o professor sempre precisa formar-se, (auto)forma-se e reinventar-se, seja em sala de aula ou para além dos campos da educação formal.

O professor não se forma apenas durante a faculdade em um curso de licenciatura, mas também nas suas vivências quando vai ministrar aula em diferentes

escolas, em turmas e com alunos de idade distintas. O professor vai se moldando e ganhando experiências e aprendizados diversos de acordo com os alunos que passam por sua vida, pois ser docente se trata de uma troca de conhecimento mútua entre professor e aluno e entre professor e demais colaboradores de uma escola.

Diante das colocações que foram narradas pelos seis professores de Geografia que ministram aula em Geografia e Estudos Amazônicos em Altamira, percebemos relevância desta pesquisa a caráter acadêmico, principalmente no campo do ensino de Geografia, pois quando ouvimos as Histórias de Vida destes seis professores, não são somente seis vozes narrando, mas são muitas outras mais, outros docentes com desafios e perspectivas que se entrelaçam dentro e fora de sala de aula, ouvir o professor de Geografia é dar importância e valorizar tal profissão e componente curricular perante a sociedade que precisa cada vez mais acreditar e valorizar a educação.

1.1 ERA UMA VEZ UM CONTO QUE NÃO É DE FADAS, MAS DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO...

As minhas memórias dão sentido na minha História de Vida e explicam como cheguei até aqui e para dar início as narrativas (auto)biográficas aqui está um pouco da minha trajetória de vida. Nestas linhas explico e conto partes da minha História de Vida em forma de narrativa (auto)biográfica. Eu digo partes, pois contar uma vida toda seria impossível tendo em vista que nossa memória é seletiva com as nossas lembranças.

E é nesses momentos de rememoração das lembranças que acontece o (auto)reconhecimento do sujeito pessoal e profissional docente, pois esses dois sujeitos caminham juntos, não tem como desmembrar um do outro. Ao narrar e escrever minha História de Vida, acabei reconhecendo e relembro dos meus traços pessoais, escolares, acadêmicos e profissional, recordei de momentos que foram importantes para me tornar a pessoa e profissional que sou hoje, ou que pelo menos planejo ser quando for para sala de aula e ser responsável por uma turma de alunos.

Sou natural de Altamira/PA, que de acordo com informações no site IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) teve origem a partir das missões

Jesuítas na metade do século XVIII, sendo o maior município do Brasil em extensão territorial, e o terceiro maior do mundo.

Eu iniciei a vida escolar com sete anos de idade em 1998. Perguntei a minha mãe o motivo de ter iniciado os estudos somente com sete anos e ela comentou que naquela época algumas escolas só aceitavam alunos com essa idade, por isso acabei sendo matriculada direto na primeira série, como era chamado na época. O meu primeiro contato com a educação formal foi na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Antônio Moreira de Sousa, no município de Altamira, ela era próxima da residência que eu e minha família morávamos nessa época, hoje a escola não existe mais, por algum propósito ela foi demolida e deixou de existir.

Minhas lembranças são poucas devido a tantos anos passados de lá até o presente momento, estudei menos de um ano nesta escola e lembro que gostava muito, pois ela era na margem do Rio Xingu², bem próximo ao porto da Balsa que atravessa para o Assurini³ e na minha sala tinha uma janela que dava para ver o rio.

Sempre fui muito ligada à natureza, principalmente ao que diz respeito a água, a lembrança que guardo até hoje é a vista para o Rio Xingu, e para falar a verdade recordo que tinha somente uma professora, mas não me recordo o nome e nem das aulas. Algumas memórias com o tempo acabam caindo no esquecimento, mas outras não, em conversações elas podem surgir, mesmo que de forma breve e incompleta e isso ocorreu no momento da produção das narrativas dos docentes.

Em 2000 fui transferida para a escola Octacílio Lino também em Altamira, estudei um ano e confesso que não consegui me adaptar à nova rotina escolar, a verdade é que eu não queria ter saído de onde eu estudava antes, tanto que na nova escola tive minha primeira reprovação. Lembro que nesta época meus pais usavam uma bicicleta como transporte e escola que agora estudávamos ficava mais perto de

² O Rio Xingu é um dos mais extensos e importantes afluentes do rio Amazonas. Estende-se por mais de 2.700 km, desde as nascentes no Mato Grosso, até a sua foz no rio Amazonas, no Pará. As terras drenadas por suas águas, suas cabeceiras, seus afluentes e subafluentes, formam a chamada Bacia Hidrográfica do rio Xingu. Ela engloba importantes biomas, do Cerrado até a floresta Amazônica. A presença marcante da floresta de transição entre esses dois biomas tem enorme diversidade biológica e ressalta a exuberância deste mosaico de paisagens (Fonte: <https://amazonialive.com.br/por-que-no-xingu/>. Acessado 07 de nov. de 2024).

³ O Assurini se trata de um assentamento localizado no município de Altamira, em que a maioria dos residentes são indígenas, ribeirinhos e agricultores, para chegar lá é necessário atravessar o Rio Xingu de balsa que dura em média 40 minutos ou voadeira que a travessia é mais rápida, algumas pessoas fazem a travessia de Altamira-Assurini para aproveitar a praia que se forma no período do verão ou irem a suas propriedades rurais; e, do Assurini-Altamira para virem a cidade comprar algo ou vender seus produtos agrícolas.

onde morávamos, por isso tive que trocar o local de estudo, minha mãe me levava para estudar de bicicleta, junto com meu irmão, pois estudávamos na mesma instituição, mas em anos diferentes, já que ele é mais velho.

Falando em mãe, a minha se chama Geraldina Rodrigues que carinhosamente é chamada por dona Geralda por muitas pessoas, ela sempre fez de tudo para comprar o básico para levarmos para a escola e sempre nos incentivou a estudar, quando não era com amor era com as boas palmadas de “vai estudar menina porque a ponta da caneta pesa bem menos que usar uma enxada” e ela fala essa frase até hoje para mim, para os meus irmãos e os seus netos. E sou grata a ela por isso, pois se não fosse seus incentivos e o esforço para suprir as necessidades da casa, seria difícil ter conseguido completar os estudos e ter chegado neste momento em um curso de mestrado em uma Universidade Federal e eu sei o quanto ela se sente realizada por isso.

Nesta escola tinha algumas partes que eram de madeira e estava sendo reformada para ser de alvenaria, na época quando eu estudava tinha um posto de abastecimento, existente até hoje. Quando estava na graduação tive a oportunidade de estagiar na mesma escola em que antes estive como aluna e a sensação foi interessante, sensação de estar no lado diferente da história, na escola em que eu já fui aluna, naquele dia estava sendo professora.

Eu tenho boas recordações da escola Octacílio Lino, era boa, carteiras de madeira, sala enfeitadas com cartazes que a professora fazia com os alunos, no intervalo brincávamos no pátio, no intervalo que na minha época era conhecido como recreio, momento em que era servido merenda/lanche, existia na escola uma espécie de quintal com algumas árvores, dentre elas uma goiabeira aonde sempre íamos para brincar.

Mudamos de endereço em 2001, ainda no mesmo município e fui transferida para a Escola Municipal de Ensino Fundamental Esther de Figueiredo Ferraz. Nesta escola não tinha o rio a vista, mas tinha uma professora que se chamava Margarida. Lembro-me que não queria entrar na sala e quando entrava chorava a aula toda, recordo que pedia para que minha mãe solicitasse a diretoria para me trocarem de sala, pois não estava rendendo nas atividades e enfim me trocaram de turma. Já com a nova turma conheci a professora Mônica, um doce de professora, muito paciente e atenciosa, e as aulas começaram a render, os conteúdos, a aprendizagem, tudo caminhou da melhor forma.

Durante toda minha trajetória escolar eu tive professores de quem me lembro com carinho e que marcaram minha vida de forma positiva e que influenciaram a escolha pela profissão docente, mas também há os que marcaram de forma negativa.

O docente marca a vida do aluno de forma positiva e de forma negativa, fazendo com que ele se interesse ou não pelas aulas, o que ocorreu comigo em relação as minhas primeiras professoras, mas como comentei minhas primeiras memórias escolares são poucas, devido aos muitos anos que se passaram, afinal são quase 30 anos.

Nos anos de 2001 a 2006 foi o período em que conseguimos nossa casa própria e comecei a estudar na Escola Getúlio Vargas, essa instituição é a que mais tenho lembranças, já estava na minha adolescência, foi o Lugar em que realmente fiz amigos que carrego até hoje. Estudei cinco anos e é onde a paixão pela Geografia foi despertada, muito em razão do professor Henrique, que mesmo se valendo do livro didático, conseguia se destacar e ministrar as aulas com excelência, era sempre atencioso, tirava as dúvidas com clareza, até então não sabia que no futuro eu iria ser professora de Geografia, mas com certeza ele teve participação nisso, atualmente não tenho contato com ele, mas recordo muito bem das aulas. As senhoras responsáveis pela merenda que eram chamadas carinhosamente de tias da merenda eram as melhores, a coordenação sempre atenta para ajudar os alunos.

Relatando sobre os eventos que todos os anos aconteciam na escola: tinha feira de ciências, jogos internos, aulas de campo, grandes faxinas, danças nas festas de juninas, nas festas regionais, com direito a apresentações e a comidas típicas regionais, o ano era repleto de atividades. Nesta escola eu recordo de uma professora de Ciências Biológicas, gostava deste componente curricular e ela era uma excelente professora, mas bem rigorosa nas suas aulas, recordo muito bem do professor de Português, que sempre nos dizia que estava nos preparando para a universidade, suas avaliações sempre eram seminários e quando pedia trabalho escrito tinha que fazer: capa, contra capa, desenvolvimento, citações, referências, anexos, agradecimentos, talvez a ordem esteja errada, sou grata por toda sua exigência, pois na universidade recordei de alguns destes ensinamentos.

A escola não mudou muito, pois tive a oportunidade de fazer parte do estágio supervisionado por lá enquanto graduanda, mas foi apenas em duas aulas, e lembrei que um dia eu estava ali sentada escutando os professores, e anos depois estava eu ali, agora como docente, juntamente a outros professores que um dia me deram aula.

Em 2007 fui embora de Altamira e fui morar com a minha irmã em Aracaju/SE, estudei na Escola Governador Valadares, agora cursando o Ensino Médio em uma escola próxima a minha residência. Logo de início senti dificuldade, pois a escola exigia algo que eu não estava preparada, a começar pela média que se não me engano era oito e os conteúdos eram diferentes dos ensinados nas instituições do Pará em que estudei. As provas eram desafiadoras, muitos trabalhos e foi também quando eu comecei a trabalhar dando aula de banca (Reforço Escolar) e neste ano eu reprovei mais uma vez, ou seja, pela segunda vez enquanto estudante da educação básica. A escola era enorme, dois andares e foi um local em que construí fortes laços afetivos, com amizades que carrego até hoje, mesmo depois de retornar a minha cidade natal.

Ainda em Aracaju estudei na escola Dom Luciano José Cabral Duarte, uma escola muito boa, primeira vez que estudei a noite, os professores eram mais flexíveis, uma sala com adultos, pois a maioria trabalhava e realmente estudava a noite por necessidade. Nesta escola tive o professor Antônio de Biologia e Alberto de Geografia, docentes maravilhosos, conheci a Geografia do Ensino Médio e gostei bastante, na verdade eu gosto de Geografia não é de hoje. A escola era organizada, pintura cinza, azul e vermelho, tinha uma biblioteca grande, uma quadra de futebol, em que praticava futsal, esporte que sempre gostei.

Nesta cidade eu morava com minha irmã Josilene, meu cunhado Vitório (Professor de Matemática) e sobrinhas Karen Eduarda e Júlia Vitória, ainda não trabalhava, somente estudava e como morávamos em um edifício com vários apartamentos e com algumas crianças eu resolvi me oferecer para dar aula de reforço, que lá é conhecido como aula de banca. Isso é algo corriqueiro por lá, tanto que nas portas das casas as pessoas colocavam placas informando que ali tinha aula de banca. Sempre tive facilidade para ensinar algo que sei para alguém, então era fácil ajudar as crianças com as tarefas da escola e confesso que também aprendi muito com elas.

Em 2010 retornei para Altamira e concluí o Ensino Médio neste mesmo ano no Getúlio Vargas, onde estudei meu ensino fundamental. Por hora não ingressei no Ensino Superior logo que terminei a educação básica (e eu me arrependo muito por isso), mas nunca é tarde para correr atrás do tempo que um dia foi perdido. Em 2017 ingressei na Universidade Federal do Pará-Campus Altamira, no curso de Geografia, através da prova no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) fiz minha inscrição no

processo seletivo da Universidade Federal do Pará (UFPA) e fui aprovada. A faculdade abriu muitas portas, publiquei trabalhos científicos, fiz algumas viagens para lugares que nem imaginava, para apresentar trabalhos em eventos acadêmicos, fui ao Congresso Nacional da Educação (CONEDU) em Fortaleza/CE, no ano de 2019, ao Encontro Paraense de Licenciaturas (EPALIC) em Bragança/PA, no ano de 2020, para aulas de campo em Altamira, Uruará/PA e Santarém/PA, conheci pessoas de outros lugares com quem tenho contato até hoje.

Dos acontecimentos da vida e da faculdade, um que ficou marcado na memória foi a apresentação em um seminário de estágio supervisionado no auditório da UFPA. Minha mãe foi assistir e eu dediquei este dia e apresentação a ela que sempre fez tanto por mim e a felicidade no rosto dela estava nítida e que inclusive ela me ajudou no material didático que foi um mapa da América do Sul em forma de jogo, em que estavam indicadas suas capitais e características.

Meu primeiro estágio supervisionado foi feito em uma escola do bairro em que resido, chamado de RUC (Reassentamento Urbano Coletivo) Casa Nova, na escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas. Um estágio que marcou devido as crianças e adolescentes serem de um bairro vulnerável e que não tinham nem amparo até mesmo familiar em algum dos casos, mas muitas sonhavam em ter uma profissão através dos estudos e eu acabei me vendo naqueles estudantes, afinal eu sempre morei em áreas periféricas, mas sempre gostei de estudar e tinha vontade de me formar.

Fui bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) por quase dois anos e estagiei em turmas de Geografia e Estudos Amazônicos. As experiências coletivas que tive dentro deste período foram enriquecedoras, como destaca Rios (2013, p. 05) “a memória individual está contida no conjunto maior da memória coletiva, sendo apenas um fragmento ou uma visão parcial dos fatos vivenciados pelo grupo”.

Mesmo sendo bolsista PIBID, que era ligado diretamente ao Ensino, pois se tratava de estar em sala de aula, também tive interesse em ser participante no Laboratório de Geografia Física e Cartografia (LAGEO), como voluntária e depois bolsista para expandir as áreas de conhecimento enquanto estudante da graduação. A bolsa no LAGEO era referente ao projeto de extensão “Fotografias aéreas como subsídio à atividade de Ensino-aprendizagem em educação ambiental” e como voluntária era “Cartografia e Geoprocessamento: Metodologias de Ensino de

Geografia”, projeto criado no intuito de aperfeiçoar e compartilhar os conhecimentos relacionados a Cartografia e Geoprocessamento, e desenvolver atividades de ensino e extensão nas escolas públicas de Altamira.

Em 2020 fui bolsista de iniciação científica com o projeto de pesquisa intitulado “Perfil e memórias do profissional docente que atua no componente curricular de Geografia nas escolas públicas de educação básica de Altamira/PA: um olhar sobre as narrativas (auto)biográficas na ressignificação de (Geo)grafias de professores que se graduaram/graduam na UFPA, campus Altamira”, no intuito de pesquisar qual o perfil do profissional docente que atua no componente curricular de Geografia nas escolas públicas de educação básica de Altamira.

Foi meu primeiro contato com este tipo de pesquisa, falar sobre Método (auto)biográfico é desafiador, pois quase não se tem pesquisas com este viés metodológico, principalmente no que tange as narrativas dos professores de Geografia e Estudos Amazônicos. Como a pesquisa não foi concluída quando bolsista na graduação devido a chegada da COVID-19, veio o interesse em dar continuidade no mestrado, com isso surgiu o projeto que deu origem a essa dissertação.

Em 2021 fui aprovada no processo seletivo para o curso de especialização intitulado Práticas de Ensino de Geografia e Estudos Amazônicos, foi uma oportunidade ímpar, pois em Altamira não existia curso, graduação ou mestrado em Estudos Amazônicos. Porém em 2022 eu realizei um grande sonho que foi engravidar e me tornar mãe, mas que acabou me tirando a oportunidade de participar do curso de especialização.

Minha gravidez foi delicada e tive longos nove meses de gestação, com muitos enjoos, mal-estar, muitas idas ao hospital, por esse motivo comecei a faltar nas aulas e resolvi desistir, mesmo querendo muito cursar eu tive que compreender que aquele não era o momento e eu vi isso de duas formas distintas sendo positiva e negativa, positiva pois estava realizando um sonho de menina que era ser mãe, e negativa pois tive que renunciar a uma outra realização que foi uma pós-graduação.

Fiquei um período afastada do campo acadêmico por motivos pessoais, que envolveram os períodos pré e pós nascimento da minha filha Pérola Alice, me dediquei a ela, devido ser os primeiros meses, recuperação do parto, dentre outras coisas que acontecem quando se tem um bebê. Os desafios aumentam em todos os sentidos, mas em 2023 depois de me preparar fui aprovada no processo seletivo de mestrado-PPGEO (Programa de Pós-graduação em Geografia) no Campus da UFPA em

Altamira e claro eu fiquei muito contente, pois eu sei o suor que tem por trás dessa conquista, e os momentos em que eu tive que me ausentar da minha filha e família, para me dedicar aos estudos.

As únicas experiências em sala de aula que tive foram os estágios supervisionado I e II que são disciplinas obrigatórias na graduação. O estágio III não foi obrigatório, pois estávamos em período pandêmico devido a COVID-19⁴. Precisou-se entregar apenas um relatório dos estágios I e II e das experiências do período em que fui bolsista do PIBID. Nessas vivências eu tive a oportunidade de retornar em escolas em que um dia fui aluna, nelas conheci escolas e pessoas a qual eu não havia convivido, conheci a realidade da sala de aula sendo professora: fazer chamadas, dar aula, passar atividades, provas, fazer correções, só não tive a oportunidade de conhecer o funcionamento da direção e coordenação.

E tanto nos estágios supervisionados quando no PIBID eu tive a oportunidade de estar em sala de aula nos componentes curriculares de Geografia e Estudos Amazônicos, ambos em alguns momentos se relacionam. A Geografia se refere ao Espaço Geográfico em diferentes escalas de análise e os Estudos Amazônicos mais relacionado aos aspectos históricos e socioambientais em nível regional. Importante destacar que quando estagiei ainda não existiam os livros didáticos que hoje já foram disponibilizados aos professores e alunos pela SEMED-Altamira, o que facilita a ida do professor a sala de aula com um material didático.

Quando eu estava estagiando a realidade era outra, a professora que me supervisionava (que hoje optou por não seguir mais a carreira docente por motivos que a ela pertence), tinha que comprar livros referentes a Estudos Amazônicos. Além disso, ela fazia uma apostila própria para que tivesse um material didático, tendo que investir do seu dinheiro, pois não existia investimento nem do governo e nem da escola para isso. Observei por mais de uma vez ela utilizar de recursos próprios para tirar xerox para os alunos que não tinham condições.

Nem a graduação, nem os estágios docentes preparam uma pessoa totalmente para ser professor, esses aprendizados surgem diariamente nas relações em

⁴ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos (Fonte: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/covid-19>).

determinados lugares. Eu caminhei por diferentes lugares e me relatei com diferentes pessoas para me tornar a pessoa que sou hoje e que vocês acabaram de conhecer.

1.2 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Para facilitar o entendimento da pesquisa, é importante destacar que a dissertação é dividida em seções e subseções que se inicia com a Introdução (Seção 1), em que é apresentado o tema trabalhado, destacando os principais fundamentos e importância do tema pesquisado, além de contar minha narrativa (auto)biográfica. São apresentados também a problemática e os objetivos que permeiam toda a pesquisa.

São descritos na Metodologia (Seção 2), as etapas que foram seguidas para o desenvolvimento desta pesquisa. É explicado sobre os métodos de análise que foram utilizados para analisar as falas dos seis professores, explicou-se quanto aos participantes da pesquisa, quem são eles e porque foram escolhidos.

No intuito de enriquecer a pesquisa e o conhecimento da pesquisadora, organizou-se o capítulo de Referencial Teórico (Seção 3). Neste foi realizado o Estado da Arte sobre os principais autores e autoras que também abordam a mesma temática, e foi encontrado nomes que já vem pesquisando quanto ao Método (auto)biográfico, Identidade Docente, Formação de professores, Compreensão Cênica, Estudos Amazônicos e Geografia, dentre outros temas que fazem parte desta pesquisa.

Nos Resultados e Discussões (Seção 4) foram apresentadas as análises das narrativas (auto)biográficas dos professores pesquisados e os resultados dos dados e informações que foram obtidas, sendo que nesta pesquisa dividimos a produção das narrativas em quatro Eixos, sendo eles: Histórias de Vida, Memórias de Ensino, Formação-profissão e Vivências em Estudos Amazônicos. O intuito desta divisão foi facilitar o momento da produção da narrativa e para que os professores não se confundissem nas respostas. Como meio para análise das falas dos profissionais foram utilizados a Compreensão Cênica e a ideia da Metamemória.

E por fim, mas não menos importante, são apresentadas as Considerações Finais (Seção 5), em que foram explanadas as principais partes da pesquisa, apresentando ao leitor as informações consideradas pertinentes para compreensão quanto ao desenvolvimento e finalização da dissertação.

1.3 PROBLEMÁTICA

Buscamos entender por meio nas narrativas (auto)biográficas qual a importância do Método (auto)biográfico e as Histórias de Vida quanto ao processo de formação e (auto)formação dos professores que são formados em Geografia, mas que além de ministrarem aula no componente curricular de Geografia também atuam em Estudos Amazônicos, na rede pública do município de Altamira, entender como este docente se forma ao ouvir sua própria narrativa e História de Vida.

Justificamos a relevância desta pesquisa, pois compreende-se que as narrativas (auto)biográficas dos professores de Geografia, e que também ministram aula em Estudos Amazônicos, trazem momentos importantes das suas memórias e experiências no decorrer da vida pessoal, acadêmica e profissional, e que de alguma forma podem contribuir ou inspirar outros docentes em formação, possibilitando inovar e enriquecer as trocas de experiências, contribuindo assim com a formação e (auto)formação de quem já é professor e de quem pretende seguir a carreira docente.

1.4 OBJETIVO GERAL

- Conhecer as Histórias de Vida, as trajetórias escolares, formação acadêmica e vida profissional dos professores que atuam em Geografia e Estudos Amazônicos nas escolas públicas de Altamira/PA;

1.4.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar o perfil docente dos profissionais que são graduados em Geografia, mas que também atuam como professores de Estudos Amazônicos nas escolas públicas de ensino básico em Altamira/PA;
- Compreender como o uso do método (auto)biográfico auxilia na formação e (auto)formação de professores de Geografia.

Para alcançarmos os objetivos tanto geral quanto específicos foi traçado um caminho metodológico que será exposto na próxima seção intitulada metodologia. Cada momento foi pensando principalmente como meio facilitador na busca de responder cada objetivo e para chegar aos resultados da pesquisa.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa de modo que foi realizada por meio das narrativas (auto)biográficas e História de Vida dos professores de Geografia que ministram aula no componente curricular de Estudos Amazônicos, e a partir da produção das narrativas foram obtidas informações para se entender a realidade de cada professor pesquisado, a fim de compreender a sua identidade docente.

A metodologia pode ser entendida como as etapas da pesquisa e quais caminhos estão sendo percorridos para se chegar a um objetivo ou resultado, a utilização das memórias, vivências e experiências da vida escolar, acadêmica e profissional dos professores pode ser uma maneira de compreensão de como ele se tornou professor e quais escolhas o levaram a isso. As narrativas (auto)biográficas têm o intuito de expressar e acima de tudo rememorar lembranças da vida cotidiana da vida dos participantes pesquisados e isso se dá por meio da sua História de Vida e até mesmo das partes que são consideradas esquecidas (Marinas, 2007).

A Metodologia científica entendida como um conjunto de etapas ordenadamente dispostas que você deve vencer na investigação de um fenômeno. Inclui a escolha do tema, o planejamento da investigação, o desenvolvimento metodológico, a coleta e a tabulação de dados, a análise dos resultados, a elaboração das conclusões e a divulgação de resultados (Moresi, 2003, p. 11).

As etapas desta dissertação iniciaram com pesquisa bibliográfica de textos que retratam a (auto)biografia, narrativas de vida, formação e identidade docente, memória, Estudos Amazônicos, além do conceito Lugar e caminhos metodológicos como Compreensão Cênica, Método (auto)biográfico e Metamemória. Contribuíram autores como: Abrahão (2003; 2004; 2011; 2012; 2013; 2014; 2023), Barros (2016; 2020; 2021) Candau (2011; 2020), Delory-Momberger (2008; 2012; 2019), Josso (1988; 2004; 2007; 2010) Santamarina; Marinas (1994), Marinas (2007), Menezes (2021), Passeggi (2011), Tardif (2002; 2012; 2014), Tuan (1980; 1983), dentre outros autores.

Também foram analisados documentos curriculares, tais como: Documento Curricular Municipal da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Altamira, Documento Portaria de Lotação dos Servidores Públicos Municipais da Secretaria Municipal da Educação de Altamira, Documento Curricular do Estado do Pará Educação Infantil e Ensino Fundamental, Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

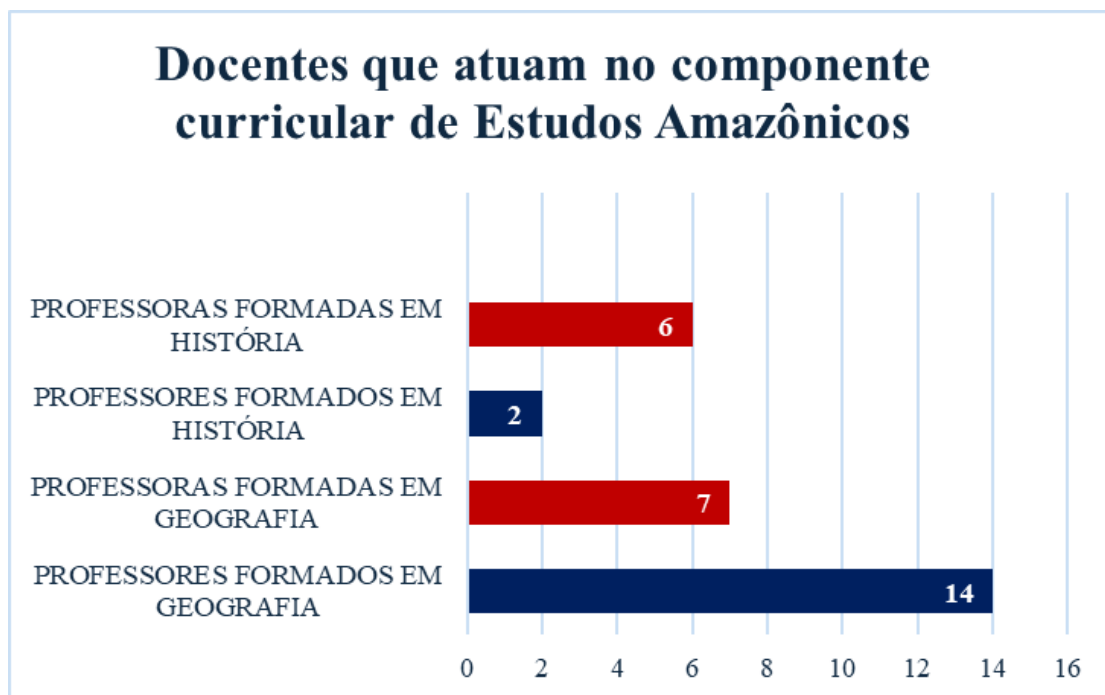
O referencial teórico lido e utilizado serviu para embasamento teórico do conteúdo estudado, em seguida iniciou-se a produção de dados através das narrativas dos professores e professoras de Geografia, na busca de entender a identidade docente deste sujeito que também ministra aula em Estudos Amazônicos.

As narrativas orais permitem lidar ou trabalhar com um material que tem como matéria prima as recordações que são trazidas pelos narradores como através de experiências que foram significativas, seja para suas aprendizagens ou vivências, e por isso se tornaram como um divisor de águas marcando alguns períodos de transição em suas vidas, considerando tempos, espaços e lugares onde esses sujeitos foram construindo as representações de si mesmos, bem como de seu ambiente sociocultural (Correa, 2021 p. 4-5).

Os docentes participantes desta pesquisa foram professores e professoras que são formados em Geografia, mas que também ministram aula no componente curricular de Estudos Amazônicos, professores com múltiplas experiências. Para ter acesso a estes docentes, foi necessário ir à SEMED-Altamira com ofício solicitando dados destes professores, tais como: nome, telefone, e-mail e escola em que foi lotado no ano letivo de 2024. Alguns dias depois foi repassado os dados de vinte e nove professores através de um documento impresso entregue pessoalmente.

De acordo com o documento fornecido pela SEMED-Altamira sobre a relação de docentes que atuam no componente curricular de Estudos Amazônicos, obtivemos a seguinte informação: dos 29 professores relacionados na lista de docentes atuantes em 2024 no componente curricular Estudos Amazônicos, 21 professores têm formação em Geografia, destes 14 são homens e 7 são mulheres. Deste quantitativo de 21 docentes, há pelo menos 3 com formações para além da Geografia e História, sendo estas: Pedagogia, Gestão Ambiental e Engenharia Civil. Quanto aos 8 restantes, são formados somente em História, sendo 6 mulheres e 2 homens, assim como segue descrito no Gráfico 1.

GRÁFICO 1 - FORMAÇÃO DOS DOCENTES QUE ATUAM NO COMPONENTE CURRICULAR DE ESTUDOS AMAZÔNICOS, 2024.



(Organização: autora, 2024)

As cores escolhidas no Gráfico 1 para as informações dos professores foi a cor azul e a cor para demonstrar as informações das professoras foi a vermelha, os dados foram retirados do documento entregue pela SEMED com as informações dos docentes que ministram aula no componente curricular Estudos Amazônicos.

Desses vinte e nove que estavam no documento, seis foram escolhidos para participarem desta pesquisa e assim narrarem sua trajetória de vida em forma de narrativa (auto)biográfica. Das especificações no momento da escolha dos professores, foram selecionados três mulheres e três homens, destes docentes um professor e uma professora têm somente graduação em licenciatura em Geografia; um professor e uma professora além da graduação em Geografia tem alguma formação continuada em Geografia sendo especialização ou mestrado; e, um professor e uma professora além da graduação e especialização ou mestrado tem o doutorado ou é doutorando(a). Assim tivemos diferentes perspectivas tanto por serem professores de gênero oposto e formação em diferentes escalas.

O primeiro contato com todos os docentes foi pelo aplicativo de mensagens *whatsapp* no início de junho de 2024, em que eles foram informados do que se tratava a pesquisa, quais objetivos e como seria feita a produção das narrativas (auto)biográficas e que eles precisariam fazer a leitura após a transcrição das

narrativas para que editassem partes que não estavam de acordo para serem utilizadas na pesquisa. Foi dada aos docentes a opção de ser *online* ou presencial e em dias e horários que ficassem bons de acordo com as suas demandas diárias, todos os seis aceitaram participar da pesquisa e as entrevistas foram sendo agendadas no decorrer do mês, até o fim de julho todos os docentes foram entrevistados de acordo com a sua disponibilidade.

As narrativas foram obtidas em encontros presenciais no Laboratório de Práticas de Ensino de Geografia (LabPrat), que é situado na Faculdade de Geografia de Altamira, em acordo com três docentes, e de forma *online* com os outros três docentes através da plataforma *Google Meet*. Os encontros ocorreram em dias e horários combinados com os professores e através de perguntas abertas referente a vida pessoal, escolar, acadêmica e profissional, em que os professores narraram os acontecimentos da sua vida, momentos marcantes que o fizeram escolher a profissão e que foram importantes na sua trajetória. Alguns relataram nas entrevistas que alguns desses acontecimentos foram ditos apenas em roda de conversa entre amigos e familiares.

Quanto a duração da produção das narrativas, dependeu muito de cada docente que narrou sua História de Vida, alguns foram mais cuidadosos com as palavras, preocupados com o tempo por terem outros compromissos, outros ficaram bem à vontade para falar sem muita preocupação com o tempo. No Quadro 1 é possível observar a duração e a data de cada uma das entrevistas narrativas.

QUADRO 1 - DIA E DURAÇÃO DAS ENTREVISTAS NARRATIVAS DOS DOCENTES

Professor (a)	Dia da Narrativa	Duração da Narrativa
Bianca	20 de junho de 2024	01 hora e 34 minutos
Adriano	24 de junho de 2024	2 horas e 35 minutos
Alice	27 de junho de 2024	01 hora e 55 minutos
Ítalla	01 de julho de 2024	03:00 horas exatas
Mauro	04 de junho de 2024 e 02 de julho de 2024	Primeiro encontro: 2h e 59 minutos Segundo encontro: 2h e 3 minutos
Danyllo	23 de julho de 2024	2h e 52 minutos

(Organização: autora, 2024)

A ordem dos nomes está organizada no Quadro 1 de acordo com o acontecimento das entrevistas narrativas, a professora Bianca foi a primeira

entrevistada, sem contratempos ou remarcações e de forma presencial; O professor Adriano foi o segundo entrevistado, a entrevista ocorreu sem percalços e foi de forma *online*; A professora Alice foi a terceira entrevistada também de forma *online*, sua entrevista narrativa ocorreu na primeira data marcada.

Os três primeiros entrevistados, mesmo em finalização de semestre no fim de junho de 2024, conseguiram encaixar um horário para a produção da narrativa, de acordo com a sua escolha e organização de tempo com seus afazeres pessoais e docentes. A entrevista narrativa com a professora Ítalla aconteceu no mês de julho de forma presencial também sem contratempo ou reagendamento, ela foi a quarta professora a ser entrevistada, iniciamos julho ouvindo o narrar dessa professora que assim como os demais tem uma História de Vida com muitos momentos marcantes.

Em relação ao encontro com o professor Danyllo nós tivemos algumas remarcações, ele trabalha em uma escola em tempo integral e participa assiduamente de eventos da Igreja Católica, além dos seus outros compromissos e responsabilidades pessoais, então tivemos alguns reagendamentos devido a suas obrigações pessoais e docente, mas antes do fim de julho nossa entrevista aconteceu e foi de forma *online*.

O professor Mauro, não mora no município de Altamira, mora em Vitória do Xingu/PA que fica no sudoeste do estado, a aproximadamente quarenta e cinco minutos de Altamira, e ele estava com algumas obrigações da vida docente e vida pessoal, mas nosso encaixe deu certo, sendo a primeiro encontro no início de junho de 2024 e o segundo encontro no início de julho de 2024 e os dois encontros foram presenciais no LabPrat. A entrevista narrativa do professor Mauro foi a mais longa, sua História de Vida não coube em somente um encontro, tivemos que marcar um segundo encontro para darmos continuidade na produção da narrativa.

As histórias fluíram de forma a ser encantador escutar este grupo de seis professores e professoras, pois através destes me gerou aprendizados que levarei para a vida, e em cada expressão e fala dos professores ficaram claras as Cenas de Marinas (2007)⁵, pois os docentes tiveram seu momento de enunciação que se refere a Cena 1, seu momento de contar e relatar sua vida cotidiana que faz parte da Cena 2 e aqueles momentos de esquecimento ou as Cenas não explicitas que se referem a

⁵ A explicação e utilização das três cenas serão expostas de forma mais completa nos resultados e discussões (Capítulo 4).

Cena 3, e por meio dessas três Cenas foi feita a análise das narrativas dos docentes participantes da pesquisa.

Os aprendizados gerados por meio das narrativas (auto)biográficas revelam sua importância e poder de formação intrínseco. Seja de (auto)formação para o próprio docente, seja formativo para quem está lendo/escutando a narrativa. Frison e Abrahão (2019) em relação a sistematização da Compreensão Cênica como um caminho e prática metodológica para a análise das narrativas (auto) biográficas enfatizam que:

A cena 1 (C1), motivada pela escuta, aproxima narrador e entrevistador e dela emergem fenômenos que surgem no íntimo do narrador, bem como do estimo dos contextos sociais e das condições discursivas que os envolvem. A cena 2 (C2) é o conjunto de cenas vividas no cotidiano de quem narra. O emissor e o receptor voltam à C1, na medida em que nesse espaço os elementos discursivos se atualizam. [...]. Esse jogo vivido nas cenas 1 e 2 é o possível passo para emergir a cena 3 (C3), revelando algo que pode ter sido esquecido, isto é, por alguma razão, não dito (Frison; Abrahão, 2019, p. 7- 8).

As perguntas que foram feitas aos professores e professoras na produção das narrativas foram organizadas por eixos, sendo eles: História de Vida, Memórias de ensino, Formação-profissão e Vivências em Estudos Amazônicos. Juntando todos os eixos finalizou-se com 18 perguntas (Roteiro da entrevista narrativa anexada na Apêndice) consideradas abertas, pois os professores poderiam responder no seu tempo e de acordo com a sua História de Vida.

Em cada eixo tiveram perguntas significativas para chegarmos à identificação do perfil docente e sendo uma forma mais clara tanto para o ouvinte quanto para o narrador, para que não se misture as histórias no momento da produção da narrativa, perguntas que foram desde um questionário com perguntas mais simples, desde a perguntas mais complexas. Os eixos foram baseados na tese “Ainda somos os mesmos e vivemos como nossos...” professores? das narrativas (auto)biográficas docentes à resignificação de (Geo)grafias da Professora (Menezes, 2021).

Todos os professores participantes da pesquisa assinaram um termo de consentimento (Documento anexado no Apêndice) no dia produção da narrativa, e neste termo estava especificado sobre o que se tratava a pesquisa. Foram assinadas duas vias, uma ficou com a pesquisadora e a outra com o docente pesquisado, foi dada a opção de os docentes assinarem de forma manual ou digital, dentre algumas informações que consta no documento são o nome da discente e do orientador do trabalho e que nenhum dos dados seriam utilizados para outros fins que não fossem a pesquisa acadêmica. Dos seis docentes, cinco aceitaram utilizar o seu nome

verdadeiro, pois a pesquisa se trata da sua História de Vida e somente uma docente optou por ser utilizado um nome fictício, para o nome fictício dela foi escolhido o nome Alice⁶.

Desde quando cursei a graduação, sempre fui bolsista de algum laboratório da Faculdade de Geografia, da Universidade Federal do Pará (UFPA) - Campus Altamira. Logo, eu já conhecia, pelo menos de vista quase todos os professores que eu iria entrevistar, seja por alguma disciplina que cursamos juntos, seja por nos encontrarmos nos eventos acadêmicos ou até mesmo pelos corredores da universidade, isso só foi divergente com a professora Alice, eu a conheci somente no dia da produção da narrativa e de forma *online*. Não havia uma ligação direta de amizade com nenhum dos docentes, mesmo assim a aproximação e o contato para sabermos se eles desejavam participar da pesquisa foi de forma tranquila.

As entrevistas tiveram o áudio gravado, fiz duas gravações sendo uma no *notebook* e outra no celular, para o caso de uma não funcionar a outra daria certo, mas não ocorreu problema em nenhum dos áudios, nem mesmo nas chamadas *online*. Foi solicitado a gravação das entrevistas para facilitar o momento da transcrição e todos os professores foram avisados com antecedência que haveria gravação das falas no momento da entrevista narrativa, e todos concordaram.

Hoje com a tecnologia já existem programas em computador e sites que transcrevem o áudio rapidamente, eu utilizei o Gladia⁷ que pode ser baixado no computador ou usado de forma *online*. Foi necessário fazer um cadastro utilizando um *e-mail* e gerando uma senha para acessar e após a transcrição do áudio foi imprescindível ouvir a narrativa e fazer as correções, e é um processo um tanto minucioso e demorado, pois no momento da transcrição algumas palavras saem incorretas, a questão dos acentos, coerência e coesão, pontuações, dentre outras concordâncias verbais. Então é necessário fazer uma avaliação e correção da transcrição para confirmar se as falas saíram idênticas a do áudio gravado. Desta forma, todas as narrativas foram escutadas mais de uma vez, com diversas correções sendo realizadas no material transcrito pelo programa.

⁶ Segundo nome da minha primogênita que se chama Pérola Alice.

⁷ <https://www.gladia.io/> - acessado no segundo semestre de 2024 quando foram feitas as transcrições das narrativas (auto)biográficas dos seis docentes.

Após a correção das transcrições, foram enviadas aos professores para que eles lessem e fizessem a sua avaliação, do que poderia ser utilizado ou não, pois no momento da narrativa pode sair palavras ou ideias que talvez não deveriam ser expressas daquela forma, podendo ser editada ou excluída pelos professores, afinal eles são os atores principais desta pesquisa.

As transcrições foram enviadas aos docentes para que eles pudessem suprimir, adicionar e/ou editar trechos entre o fim de julho e início de agosto de 2024. A devolução delas ocorreu entre agosto e setembro, sendo que dos seis docentes, quatro deles retiraram partes ou acrescentaram alguma fala.

As narrativas (auto)biográficas geram aprendizado para quem narra, para quem ouve e para quem faz sua leitura, conforme a sua atenção e interpretação quanto a narrativa contada, para Ricoeur (1990, p. 222), o “ato de compreender é um ato ético”.

Além disso as narrativas (auto)biográficas têm importância no que tange a formação de professores, pois o docente não aprende somente quando está cursando uma licenciatura. As experiências na formação inicial são os primeiros passos para se tornar docente, mas não os últimos, pois há saberes que não podem ser aprendidos dentro do contexto do curso de formação por necessitar de outras dimensões e vivências, os professores aprendem diariamente na sua prática em sala de aula. E esse aprendizado diário se dá por meio das trocas de experiências com outros professores, com os alunos, podendo ocorrer também a partir do diálogo existente nas narrativas, seja para quem narra, seja para quem as lê.

Dependendo de como o ouvinte ou o leitor interpreta uma narrativa (auto)biográfica, pode gerar efeitos na construção de seu conhecimento. Através da análise das falas com a Compreensão Cênica (Marinas, 2007), foi possível compreender as explicações que surgiram nas narrativas de cada professor conforme as perguntas eram feitas para eles. É um momento de aprender a ouvir o outro e ganhar conhecimento para si, gerando novas experiências e perspectivas, pois as narrativas (auto)biográficas são feitas a partir das Histórias de Vida que construíram e deram identidade a um sujeito, como pensam, como se relacionam e como podem refletir a isso enquanto sujeito envolvido em sociedade.

A produção destas narrativas (auto)biográficas originam um material formativo para a reflexão dos professores que participaram da pesquisa e de outros professores que possam ter acesso a estas experiências de vida. Podendo serem utilizadas em cursos de formação inicial e continuada ou mesmo para docentes efetivos refletirem

sobre suas práxis docentes. A narrativa (auto)biográfica além de valorizar a História de Vida do professor pesquisado, serve também para inspirar futuros professores que ainda estão no início da graduação ou iniciando a carreira docente.

Assim como aconteceu comigo, em alguns momentos ouvindo as narrativas dos docentes, principalmente do professor Mauro que tem vivências bem diferentes dos outros professores e que acaba influenciando nas suas práxis docente, enquanto ele narrava, eu mencionei que quando eu fosse dar aula em Estudos Amazônicos ele seria minha inspiração, assim como a professora Ítalla se tornou uma inspiração sendo professora e mãe, que são duas escolhas que são carregadas de demandas excessivas, mas mesmo assim ela conseguiu finalizar o doutorado e no fim da entrevista narrativa ela me disse que apesar de tudo, valeu a pena e que ela conseguiu.

Destarte, é possível o professor se formar e se (auto)formar através da sua própria História de Vida narrada por si mesmo com o uso do método (auto)biográfico, cada pergunta feita aos professores fez com eles refletissem quanto a sua vida pessoal, acadêmica e profissional, o que pode trazer reflexões de vida também a quem fizer a leitura da pesquisa e essas reflexões surgem por meio do uso do método (auto)biográfico, a metodologia Histórias de Vida e a Compreensão Cênica que dá sentido interpretando as falas dos docentes enquanto eles narram suas vivências e experiências diversas.

2.1 Método (Auto)Biográfico, Metodologia Histórias de Vida e Compreensão Cênica

No Brasil a pesquisa (auto)biográfica teve crescimento e reconhecimento e algumas pesquisas iniciaram a partir dos anos 2000, a partir dos Congressos Internacionais sobre Pesquisa (Auto)biográfica (CIPA). Sua primeira edição ocorreu no ano de 2004, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, organizado pela professora Maria Helena Menna Barreto Abrahão.

As edições do (CIPA) que reúnem cada dois anos, professores, pesquisadores brasileiros e estrangeiros de instituições de pesquisa, de ensino e de formação, constituem, de fato, momentos altamente significativos da pesquisa (auto) biográfica internacional, pois permitem dar visibilidade aos trabalhos dos grupos de pesquisa e as experiências de pesquisa-formação, realizadas em países de Novo e do Velho Mundo (Abrahão, 2012, p. 9).

O método (auto)biográfico, trata-se de uma forma de pesquisa da vida de uma pessoa e que vem se consolidando cada dia mais em diversas áreas e na Educação. Ouvir o narrar das pessoas vem crescendo em nível nacional e internacional, mas, ainda é escasso encontrar pesquisas sobre professores no que tange a ciência geográfica, e principalmente no âmbito dos Estudos Amazônicos.

A abordagem (auto)biográfica e das Histórias de Vida dos professores de Geografia que ministram aulas de Estudos Amazônicos que é abordada nesta pesquisa busca entender as práticas e experiências docentes desses professores, como forma de se produzir um material formativo para um campo em que há escassez de produtos voltados a formação docente de Estudos Amazônicos.

A história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação (Josso, 2007, p. 419).

O método é importante, pois por trás das narrativas contadas e ouvidas brotam historicidades que às vezes se escondem no íntimo da memória e que de acordo com o narrar do professor pode ser que saia memórias que eram consideradas “esquecidas ou reprimidas” (Marinas, 2007). Afinal, quanto mais falamos de um determinado acontecimento das nossas vidas, pode ser que as recordações brotem de forma espontânea.

O modelo de análise das narrativas (auto)biográficas a fim de conhecer o perfil destes docentes é a Compreensão Cênica, este modelo de análise foi utilizado por Abrahão (2004) em suas pesquisas (auto)biográficas e na qual inspirou-se para a escolha do método de análise utilizado na escrita desta dissertação. Abrahão seguiu o modelo metodológico de Santamarina; Marinas (1994), juntamente com Marinas (2007) que aborda a pesquisa como palavra dada e escuta atenta. A Compreensão Cênica é uma forma de organizar as informações obtidas por meio das entrevistas narrativas através de Cenas explícitas ou ocultas que contam a História de Vida de cada professor.

O Modelo de Compreensão Cênica contribui significativamente como caminho metodológico para as reflexões no processo de busca e produção de dados e informações, na construção de histórias vividas, na qual as histórias de vida são entendidas como inseridas em um sistema imbricado no processo criativo da enunciação e do enunciado, sendo vistas como histórias de um sujeito (Marquezan, 2021, p.04).

As Cenas que fazem parte do método de análise Compreensão Cênica são divididas em três, e em cada uma delas pode ser observada por meio das narrativas dos professores ou pelos seus gestos corporais. A Cena 1 se trata do momento de Enunciação que nesta pesquisa pode ser entendido como primeiro encontro entre docente pesquisado e pesquisadora, momento das primeiras falas referente a produção da narrativa; a Cena 2 trata do relato dos momentos da vida cotidiana que é narrada pelo professor entrevistado, momentos marcantes do seu itinerário de vida pessoal, acadêmica e experiências na docência; e a Cena 3 que são consideradas as esquecidas/reprimidas, que muitas das vezes na conversa podem passar despercebidas, podendo serem expressas através de gestos corporais, mudança na feição facial, a Cena 3 é a que mais precisa ter atenção para ser percebida. O que todas as Cenas têm em comum é que elas surgem através das memórias de uma pessoa.

A nossa memória é sempre seletiva. Os momentos, acontecimentos, emoções, saberes docente, recordações escolares, sensações e emoções boas ou ruins da vida de uma pessoa são lembrados de forma seletiva, pois, não recordamos de tudo que vivemos, mas por algum motivo guardamos na memória esses momentos considerados esquecidos e podemos recordá-los ao narrar sobre si para o outro.

Existe a memória individual, que são as vivências carregadas dentro de si e a memória coletiva, são as memórias em grupo, que acabam interferindo na identidade, modo de viver, saberes e forma de ver o mundo de cada pessoa, que também reflete da nossa História de Vida, tendo em vista que tais memórias são de experiências que vivemos e conhecemos. De acordo com Bueno, *et al*, (2006, p. 387)

As histórias de vida e os estudos autobiográficos como metodologias de investigação científica na área de Educação ganharam visível impulso no Brasil nos últimos quinze anos. Em comparação com o período anterior, a década de 1990 traz grandes mudanças, apresentando um crescimento vertiginoso dos estudos que fazem uso dessas metodologias, genericamente denominadas de autobiográficas.

A metodologia Histórias de Vida pode ser entendida como um método/técnica de investigação/formação utilizado para dar ênfase nas lembranças/memórias de vida pessoal, mas também pode ser experiências da vida profissional, acadêmica, social, tendo em vista que ambas caminham juntas. Essas experiências podem ser escritas, gravadas e interpretadas de acordo com o sentimento posto no momento de fala, quando uma pessoa narra sua própria vida as memórias dançam na mente fazendo com que dificulte ou facilite a recordação de quando aquilo realmente ocorreu. “à

memória é uma experiência histórica indissociável das experiências peculiares de cada indivíduo e de cada cultura” (Souza, 2006, p. 63).

Com o desenvolvimento tecnológico que auxiliou na maneira de pesquisarmos as Histórias de Vida de qualquer pessoa e facilitou a sistematização de dados, tendo em vista que antes era tudo feito a mão com papel e lápis, hodiernamente é feito com um celular, um *tablet*, um *notebook* dentre outros meios tecnológicos utilizados para facilitar a relação virtual entre as pessoas no século XXI. No período atual com este avanço tecnológico podemos publicar essas Histórias de Vida para que outras pessoas possam acessar e façam o uso para a sua própria formação ou mesmo como ponto de partida para novas pesquisas.

Os recursos audiovisuais partem do concreto, do visível, do imediato, do próximo. Mexem com o corpo, com a pele – tocam-nos e “tocamos” os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do Zoom, do som envolvente. Nos recursos audiovisuais, sentimos, experimentamos, temos sensações sobre o outro, sobre o mundo, sobre nós mesmos (Ferreira, 2010, p. 23).

Com tal atualização dos meios tecnológicos, pode-se usar uma foto postada anos atrás como recordação e memória de uma aula ministrada, de uma aula de campo, que poderá ser citada nas narrativas e que talvez em algum momento poderá ser esquecida, mas a foto será um meio facilitador para recordar deste momento.

Neste caso, com as inovações tecnológicas as memórias e recordações não ficam somente na mente do sujeito, no caso dessa pesquisa na mente dos professores. Com tal avanço dos meios tecnológicos isso teve uma melhora gradativa, com os novos meios de arquivamentos das informações que antes eram em papéis soltos que poderiam se perder, hoje temos na palma da mão através de um celular, *e-mail*, nuvem, ou até mesmo uma rede social, esses são alguns exemplos.

Nesta pesquisa utilizou-se o uso do celular e do *notebook* para a gravação e transcrição das narrativas dos professores, demonstrando mais uma vez a importância dos meios tecnológicos como meio facilitador em uma pesquisa. “as diferentes experiências por que passa a pessoa e o ambiente cultural no qual está inserida fundamentam suas atitudes, valores e interesses” (Rambo, 2015, p. 78). Assim como o mundo está em constante dinâmica, as experiências de um professor em sala de aula muda de acordo com as vivências com os alunos e com as turmas em que estes docentes estão inseridos.

O mundo tem passado por muitas mudanças, no meio natural, no meio em que vivemos, nos objetos de conhecimentos discutidos na sala de aula, nos currículos,

nos processos pedagógicos e metodologias utilizadas na Educação e com isso o professor que está em sala de aula também precisa se ressignificar para atender a demanda das inovações existentes no mundo.

Na busca de entender como o método (auto)biográfico auxilia na formação e (auto)formação dos professores que são formados em Geografia, mas que também ministram aula no componente curricular de Estudos Amazônicos, vale destacar que esse professor se forma para além dos muros e salas de uma faculdade, ele se forma no cotidiano com amigos, familiares, na troca de experiência com colegas de turma e quando vai para a sala de aula como professor, tudo aquilo que ele viu e aprendeu contribui para a formação da sua identidade docente.

Através da História de Vida contada por si mesmo na produção das narrativas, é relatado alguns momentos de como esse professor se forma e como ele reflete isso quando narra sua vida, a identidade docente que vem sendo construída através das relações sociais e familiares e que hoje podem ser explicadas e expostas a partir da sua própria narrativa (auto)biográfica.

Menezes e Costella (2021, p. 10) dizem que o “método (auto)biográfico permite o resgate da história de vida, uma vez que abrange a memória de experiências vividas, sua manifestação e interpretação através das narrativas, o que propicia conferir novos sentidos a estas vivências”. E esse resgate das memórias que os professores entrevistados fizeram para narrar sua vida é real, em alguns momentos da produção da narrativa, os professores precisavam dar uma pausa para pensar e lembrar para poder responder alguma pergunta ou contar algum fato da sua vida. Parte destas memórias que estavam perdidas ressurgiram devido aos questionamentos e até mesmo em razão do rumo que a produção da narrativa tomou. Aos poucos as recordações foram aflorando, principalmente as memórias mais antigas de quando ainda eram mais jovens.

2.1.1 Os Participantes da Pesquisa

Em todo tipo de pesquisa é necessário a participação de um ator, seja ele o autor, leitor, ouvinte, orientador dentre outros participantes, no caso dessa pesquisa foram oito atores principais, sendo eles três homens e três mulheres que são os docentes entrevistados; eu, como pesquisadora/informante; e o orientador dando as coordenadas que a pesquisa deveria seguir.

Vale destacar que a pesquisa ocorreu com docentes formados em Geografia, mas que ministram aula no componente curricular de Estudos Amazônicos, a fim de entender a identidade docente desse professor, identidade essa que vem se construindo através das vivências e experiências e do próprio percurso de vida destes profissionais. Compreender quem são estes profissionais que ministram aula em componentes considerados importantes no que tange conhecer o Lugar em que se vive, principalmente em relação a Altamira, que é um município central da Região Xingu⁸, se torna importante quando desejamos refletir sobre os desafios da formação docente em um contexto tão particular como é o amazônico.

A identidade docente vai sendo formada, tomando como ponto de partida as significações sociais da profissão, constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano, a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida de professor (Pimenta, 2005, p. 19).

Os professores que ministram aula nas escolas do município de Altamira são concursadas ou passam por um processo seletivo que tem acontecido nos últimos três anos para serem contratados. Os professores que participaram da pesquisa são seis: três concursados (duas mulheres e um homem) e três contratados (uma mulher e dois homens).

Todos os docentes entrevistados ministram aula do sexto ao nono ano com exceção de uma docente que ministra somente do sexto ao oitavo ano, dos seis docentes entrevistados cinco deles, além de ministrarem aula em Geografia e Estudos Amazônicos também ministram aula em Educação Ambiental⁹.

Nas escolas do município de Altamira a Educação Ambiental entrou como um componente curricular desde o início das atividades escolares no ano de 2024, mas de acordo com a Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999, isso não deveria ocorrer, se considerarmos os seguintes artigos:

Art. 7º Em conformidade com a Lei nº 9.795, de 1999, reafirma-se que a Educação Ambiental é componente integrante, essencial e permanente da Educação Nacional, devendo estar presente, de forma articulada, nos níveis

⁸ A Região Xingu fica localizada no sudoeste do Pará e abrange os seguintes municípios: Altamira, Anapu, Brasil Novo, Medicilândia, Pacajá, Placas, Porto de Moz, Senador José Porfírio, Uruará, Vitória do Xingu.

⁹ A Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, regulamentada pelo Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002, dispõe especificamente sobre a Educação Ambiental (EA) e institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), como componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo; As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica em todas as suas etapas e modalidades reconhecem a relevância e a obrigatoriedade da Educação Ambiental;

e modalidades da Educação Básica e da Educação Superior, para isso devendo as instituições de ensino promovê-la integradamente nos seus projetos institucionais e pedagógicos;

Art. 8º - A Educação Ambiental, respeitando a autonomia da dinâmica escolar e acadêmica, deve ser desenvolvida como uma prática educativa integrada e interdisciplinar, contínua e permanente em todas as fases, etapas, níveis e modalidades, não devendo, como regra, ser implantada como disciplina ou componente curricular específico.

O que significa que a Educação Ambiental deve ser um tema trabalhado de forma interdisciplinar integrando todos os componentes curriculares das escolas e não somente como um componente escolar unificado.

Todas as entrevistas com os docentes que participaram foram feitas entre junho e julho de 2024 e de forma geral relacionando as perguntas mais curtas do roteiro para a produção das narrativas, tivemos algumas respostas que delineiam o perfil docente dos professores.

E nestas primeiras respostas do roteiro de entrevista é exposto que os participantes são seis docentes, sendo eles três mulheres e três homens, com idade média de 28 a 45 anos. Temos três docentes que se consideram pardos, uma que se considera preta, uma que se considera branca e um que se considera indígena como demonstra o Quadro 2, que é referente a idade, cor/raça e gênero dos professores e professoras.

QUADRO 2 - IDADE, COR/RAÇA E GÊNERO DOS DOCENTES

Professor(a)	Idade	Cor ou Raça	Gênero
Bianca	34 anos	Parda	Feminino
Adriano	44 anos	Pardo	Masculino
Alice	35 anos	Preta	Feminino
Ítalla	35 anos	Branca	Feminino
Mauro	45 anos	Indígena	Masculino
Danyllo	28 anos	Pardo	Masculino

(Organização: autora, 2024)

Todos os seis docentes são formados em Geografia, alguns têm outras formações em áreas distintas, mas quanto a formação em Geografia, cinco deles são formados em universidades públicas, sendo graduação e alguns com pós-graduação e apenas um com graduação em Geografia em uma universidade privada, mas com pós-graduação em uma universidade pública como expõe o Quadro 3 que é referente a formação dos professores e professoras.

QUADRO 3 - FORMAÇÃO DOS DOCENTES PARTICIPANTES DA PESQUISA

Professor(a)	Graduação	IES	Especialização	IES	Mestrado	IES	Doutorado	IES
Bianca	Geografia	UFOPA-Santarém	Especialização em Ensino de Geografia	Famart	Mestrado em Geografia	UFPA	X	X
Adriano	Geografia	Gamaliel-Tucuruí-PA	X	X	Mestrado em Geografia	UFPA	Doutorando em Geografia	UFPA
Alice	Geografia	Unimontes-Montes Claros-MG	X	X	X	X	X	X
Ítalla	Geografia	UFPA-Altamira	X	X	Mestrado em Geografia	UFPA	Doutorado em Geografia	UFPA
Mauro	Geografia	UFPA-Altamira	Metodologia do ensino de Geografia e Meio Ambiente	Facinas	X	X	X	X
Danyllo	Geografia	UFPA-Altamira	Práticas de Ensino de Geografia e Estudos Amazônicos	UFPA	Mestrando em Geografia	UFPA	X	X

(Organização: autora,2024)

Quanto ao período de experiência dos docentes em sala de aula como professores efetivos, eles são considerados professores jovens, somente dois docentes estão ministrando aula há 10 anos e os demais em média 2 a 3 anos. Destes seis professores, apenas uma docente tem experiência no ensino superior, como segue exposto no Quadro 4 que é referente ao tempo de docência dos professores no ensino básico e ensino superior.

QUADRO 4 - TEMPO DE DOCÊNCIA DOS PROFESSORES

Professor(a)	Docência no ensino básico	Docência ensino superior
Bianca	10 Anos	Sem Experiência
Adriano	2 Anos	Sem Experiência
Alice	3 Anos	Sem Experiência
Ítalla	2 Anos	2 Anos e Meio
Mauro	2 Anos	Sem Experiência
Danyllo	3 Anos Educação Formal 10 Anos Educação Não Formal	Sem Experiência

(Organização: autora, 2024)

Em relação as informações contidas nos Quadro 2, Quadro 3 e Quadro 4: a professora Bianca é parda, tem 34 anos de idade, graduada, especialista e mestra em Geografia, formada por universidades públicas, é docente na rede pública de ensino há dez anos, no período hodierno é concursada pela prefeitura municipal de Altamira.

O professor Adriano é pardo, tem 44 anos de idade, pai, graduado, mestre e doutorando em Geografia, sua graduação foi em universidade privada, mas seu mestrado e doutorado (em andamento) são em universidades públicas, é docente na rede pública de ensino há dois anos, sendo contratado pela prefeitura municipal de Altamira.

A professora Alice é preta, tem 35 anos, é mãe e graduada em Geografia por uma universidade pública, é docente concursada na rede pública de ensino há três anos.

A professora Ítalla é branca, tem 35 anos, mãe, graduada, mestre e doutora em Geografia formada por uma universidade pública, no período da produção da narrativa era professora contratada da prefeitura municipal de Altamira, hoje ela é professora concursada em uma universidade pública.

O professor Mauro é indígena, tem 45 anos, é pai, graduado em Geografia por uma universidade pública e mestre em Metodologia do ensino de Geografia e Meio Ambiente por uma universidade privada. Hoje atua como docente contratado pela prefeitura municipal de Altamira.

O professor Danyllo é pardo, tem 28 anos, graduado e mestrando em Geografia em uma universidade pública, suas experiências docentes iniciaram há dez anos,

quando ele teve suas primeiras experiências como professor alfabetizador de jovens e adultos, por meio do programa chamado Brasil Alfabetizado, entre os anos 2014 e 2015, hoje é concursado pela prefeitura municipal de Altamira.

Pretende-se utilizar essas informações do Eixo 1 que foram repassadas pelos docentes para chegarmos ao perfil docente deste professor que ministra aula no componente curricular Estudos Amazônicos em Altamira. Isso será possível juntamente com as informações e respostas das perguntas dos demais eixos que serão expostos ao longo da pesquisa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Em busca do referencial teórico do trabalho, foi feito a pesquisa em forma de Estado da Arte ou Estado do Conhecimento, que é considerado um tipo de pesquisa descritiva e analítica sobre trabalhos existentes de uma determinada área do conhecimento em forma de mapeamento. Geralmente as pesquisas são realizadas por meio de artigos, dissertações, teses, publicações em *anais* de eventos e periódicos, sendo uma maneira do pesquisador conhecer por diferentes olhares do que se busca conhecer ou entender sobre determinado tema, sobre isso Romanovski; Ens (2006, p. 39) discorrem que “a realização destes balanços possibilita contribuir com a organização e análise na definição de um campo, uma área, além de indicar possíveis contribuições da pesquisa para com as rupturas sociais”.

Tal pesquisa pode ser feita relacionando palavras-chave, título do trabalho ou autor referente ao tema pesquisado e para facilitar existem sites de pesquisa como o da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)¹⁰ e Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)¹¹, que possuem banco de dados de dissertações e teses. As buscas pelos trabalhos acadêmicos que pesquisam a mesma linha desta dissertação, se deram também pelo *Google Acadêmico*, site de pesquisas acadêmicas e que colocando as palavras-chave relacionadas ao assunto aparecem resumos, artigos, livros dentre outros relacionados ao tema pesquisado. Foram utilizadas como palavras-chave: narrativas (auto)biográficas, Histórias de Vida, Estudos Amazônicos, Geografia, Identidade docente, Compreensão Cênica.

Não podemos deixar de mencionar a potencialidade da narrativa enquanto procedimento teórico-metodológico, que favorece a explicitação do vivido como também possibilita a teorização do vivido, transformando-o em conhecimento acadêmico” (Rodrigues e Prado, 2015, p. 101)

Com isso a autora Josso (2004, p. 205) discorre que as narrativas (auto)biográficas dos professores possibilitam que eles possam “construir-se formando-se, formar-se construindo, produzir conhecimento para criar sentido,

¹⁰ CAPES, Disponível em <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Coordenação De Aperfeiçoamento De Pessoal De Nível Superior.

¹¹ ANPED, Disponível em <https://www.anped.org.br/biblioteca>. Associação Nacional De Pós-Graduação E Pesquisa Em Educação.

produzir sentido para criar sentido, produzir sentido para criar conhecimento”. O uso do método (auto)biográfico no ensino é relativamente recente e na área do ensino de Geografia não é diferente, em pesquisas *online* foram encontrados alguns textos acadêmicos referente ao uso do método no Ensino de Geografia.

Utilizando as palavras-chave Método (auto)biográfico e narrativas (auto)biográficas surgiram 481 resultados e desses somente 10 com alguma relação com Geografia e nenhum relacionado a Estudos Amazônicos, as pesquisas são relacionadas a pós-graduação de Geografia e de Educação/Ensino.

Utilizando a palavra-chave Identidade Docente apareceram 2.222 resultados, mas pesquisas relacionadas a Geografia e Ensino de Geografia apenas 21 pesquisas foram encontradas. As pesquisas encontradas são relacionadas a pós-graduação de Geografia e Educação/Ensino e que fossem relacionadas a Estudos Amazônicos nenhuma foi encontrada. Todas foram relacionadas no Quadro 5 com nome da Dissertação ou Tese, nome do autor, ano, programa e estado em que faz parte, classificadas de acordo com a palavras-chave utilizada na busca.

QUADRO 5 - ESTADO DA ARTE (TESES E DISSERTAÇÕES)

MÉTODO (AUTO)BIOGRÁFICO/NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS		
Dissertações/Teses		
Fios entrelaçados das narrativas de formação: estágio supervisionado e docência em geografia	QUEIROZ, PATRÍCIA PIRES.	Mestrado em EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - SALVADOR, 2011.
Narrativas (auto)biográficas e desenvolvimentos curriculares com professoras/es de geografia	ARAUJO, LARYSSA VIRGILIO PEREIRA DE	Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - SALVADOR, 2023.
Narrativas (auto)biográficas e conhecimentos geográficos: histórias de vida de alunos da educação de jovens e adultos.'	SILVA, MAURILIO FARIAS DA.	Mestrado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBAJOÃO PESSOA, 2020.

A constituição da identidade docente na licenciatura em geografia: narrativas (auto)biográficas do/no estágio supervisionado	LOPES, DEBORA CRISTINA	Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - REBOUÇAS, 2023.
“Ainda somos os mesmos e vivemos como nossos...” Professores? das narrativas (auto)biográficas docentes à ressignificação de (geo)grafias'	MENEZES, VICTÓRIA SABBADO	Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - PORTO ALEGRE, 2021.
Macabéas às avessas: trajetórias de professoras de geografia da cidade na roça: narrativas sobre docência e escolas'	MEIRELES, MARIANA MARTINS DE	Mestrado em EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - SALVADOR, 2013.
As narrativas de vida na construção identitária do professor de geografia	ANDRADE, CRISTIANE MACIEL DE SOUZA	Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - PORTO ALEGRE, 2022.
Narrativas de formação de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental: concepções de necessidades formativas na geografia escola	CAVALCANTE, IRACY GABRIELLA MORAIS	Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - NATAL, 2012.
Entre a epistemologia da ciência e a formação de professores de geografia: a busca de conhecimento e de sentido na construção da identidade docente'	BROILO, JULIANA SCHWINGEL	Mestrado em Geografia Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - RIO GRANDE DO SUL, 2023.
Narrativas de professores de geografia: histórias de vida e	SILVA, MARIA JOSE SOUSA DA	Mestrado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE

trajetórias formativo-profissionais na composição da identidade docente		FEDERAL DA PARAÍBA - JOÃO PESSOA, 2022.
IDENTIDADE DOCENTE		
Conhecimentos acadêmicos e conhecimentos práticos: a formação do professor de geografia nos primeiros anos de experiência profissional	FONSECA, REGIANE ALVES DA	Mestrado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - GOIÂNIA, 2007.
Ponto de tecer vidas ribeirinhas: identidade e prática profissional de professores na bacia do médio São Francisco	MENDES, JACQUELINE ARAÚJO CORRÊA	Mestrado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - MINAS GERAIS, 2007.
Mapeando a geografia escolar: identidades, saberes e práticas	BORGES, VILMAR JOSÉ	Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - MINAS GERAIS, 2001.
Formadores de profissionais em geografia e identidade(s) docente(s)	OLIVEIRA, SUZANA RIBEIRO LIMA	Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - GOIÂNIA, 2016.
Formação continuada e os saberes na docência em geografia nos anos finais do ensino fundamental da rede estadual de Rondonópolis/MT	LOPES, ANA LUCIA ALMEIDA	Mestrado em Educação Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES - FREDERICO WESTPHALEN - RS, 2023.
Ensino de geografia e defasagem de aprendizagem nos anos finais do ensino fundamental da rede pública de	HENRIQUES, DEJAIR PAVAO.	Mestrado em Educação Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E

campo verde/MT: desafios da formação continuada		DAS MISSÕES - FREDERICO WESTPHALEN – RS, 2023.
O programa residência pedagógica geografia da faed/Udesc: experiências da docência no percurso formativo	SANTOS, AGATHA DA ROSA DOS	Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA-FLORIANOPÓLIS, 2023.
Trajétórias formativas e a construção das identidades e saberes dos docentes de geografia	CARVALHO, BRUNO TORRES DOS SANTOS	Mestrado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO - RIO FE JANEIRO 2021.
Avaliação das influências do currículo na construção da identidade docente dos licenciandos em geografia: um estudo de caso na universidade estadual vale do Acaraú-uva/ sobral – Ceará	MENEZES, LIDIA AZEVEDO DE	estrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - FORTALEZA, 2010.
O estágio enquanto espaço de pesquisa: caminhos a percorrer na formação docente em geografia	SANTOS, MARIA FRANCINEILA PINHEIRO DOS	Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - PORTO ALEGRE, 2012.
Identidade docente: processo de construção no espaço social de uma escola pública	SILVA, LUCAS SERPA DA	Mestrado em Geografia Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS - RIO GRANDE DO SUL, 2020.
Da formação docente à identidade profissional: os egressos do curso de licenciatura em geografia da uva atuantes na rede de ensino de sobral/ce	CUNHA, MARIA ROSELANDIA BARROS	Mestrado em Geografia Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ - SOBRAL,2023.
Sob o olhar da geografia: os conceitos da sociedade, lugar, paisagem e	HINNAH, NAIR DILL	Mestrado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE

natureza para docentes e discentes no ensino fundamental em panambi, rs		FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - PORTO ALEGRE, 2001.
A identidade docente do/a professor/a de geografia: um estudo com foco no estágio supervisionado a partir dos ppcs dos cursos da região sul	MICHIELIN, CAROLINA ARAUJO	Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - FLORIANÓPOLIS, 2021.
Itinerário profissional e a construção da identidade docente: um estudo a partir de professores de geografia em belo horizonte.	WANNER, MARIA NICOLINA FIALHO	Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS - BELO HORIZONTE, 2005.
A identidade docente e o ensino de geografia: um estudo da dimensão do conhecimento geográfico do pedagogo nos anos iniciais	ANTONIO, EMMANUELE RODRIGUES	Mestrado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - GOIÂNIA, 2017.
Saberes e práticas de professores de geografia referentes ao conteúdo cidade no cotidiano	BENTO, IZABELLA PERACINI	Mestrado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - GOIÂNIA, 2009.
A geografia de uma trajetória: memórias de um grupo de professoras que permanecem em um ciep no complexo da maré	SILVA, ELIANE FERREIRA	estrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - NITERÓI, 2007.
A prática como componente curricular: formação inicial e constituição da identidade docente nos cursos de licenciatura em geografia - UFU e UFTM	GOMES, VIVIANE CAETANO FERREIRA	Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - MINAS GERAIS, 2020.
O professor de geografia e os saberes profissionais: o processo formativo e o desenvolvimento da profissionalidade	LOPES, CLAUDIVAN SANCHES	Doutorado em GEOGRAFIA (GEOGRAFIA HUMANA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - SÃO PAULO, 2010.

Docência universitária na universidade federal do acre: um perfil da constituição identitária dos professores dos cursos de história e geografia	LIMA, TATYANA SA DE	Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE - RIO BRANCO, 2018.
A educação geográfica escolar: os conteúdos e as referências docentes	FILHO, MANOEL MARTINS	Doutorado em GEOGRAFIA (GEOGRAFIA HUMANA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - SÃO PAULO, 2010.
O ensino de geografia na educação básica: os desafios do fazer geográfico no mundo contemporâneo	SILVA, GILCILEIDE RODRIGUES DA	Doutorado em GEOGRAFIA (GEOGRAFIA HUMANA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - SÃO PAULO, 2010.

(Organização: autora, 2024)

O Estado da Arte vem crescendo de forma gradativa no mundo, pois tem sido uma forma facilitadora de sabermos o que já tem sido pesquisado e desenvolvido sobre determinados temas. É um tipo de pesquisa que nos permite analisar e fazer comparações bibliográficas, em relação as pesquisas semelhantes, mas em cidades, regiões ou países diferentes e entender as particularidades de cada Lugar em que o estudo foi realizado.

Através deste Estado da Arte, utilizado como um método de pesquisa bibliográfica feita para um melhor conhecimento do tema pesquisado, aqui buscou-se investigar a perspectiva e ponto de vista de diferentes autores e autoras referentes a pesquisa (auto)biográfica, formação de professores e identidade docente, levando em conta buscas referentes a professores de Geografia e Estudos Amazônicos.

A fim de se inteirar para conhecer o componente curricular de Estudos Amazônicos foi feita uma busca de trabalhos acadêmicos e documentos legislativos de âmbito nacional, estadual e municipal para que assim pudéssemos conhecer do que se trata o componente, no tópico seguinte será explanado sobre o componente Estudos Amazônicos e sua importância com bases no referencial teórico.

3.1 Estudos Amazônicos (Legislação nacional, estadual e municipal)

Os Estudos Amazônicos se trata de um componente curricular considerado interdisciplinar, pois apresenta abordagens diferenciadas, em que a maioria dos livros existentes para o componente curricular foi produzido por historiadores da Região Norte. O componente é ministrado geralmente por professores formados em Geografia, História ou Ciências Sociais/Humanas, sendo que no contexto de Altamira, predomina a atuação de docentes formados em Geografia e História.

Os Estudos Amazônicos têm essa diversidade de professores que podem ensinar, pois na sua criação não foram estabelecidos critérios para quais Licenciaturas seriam habilitadas para ministrá-lo. No município de Altamira, o Documento Municipal Portaria de Lotação dos Servidores Públicos Municipais da Secretaria Municipal de Educação De Altamira - Pará - 2024¹², informa que são habilitados o professor ou professora que é Licenciado Pleno em Geografia e Licenciado Pleno em História.

A LDB, 9.494/96, em seu artigo 26, fala da obrigatoriedade dos conteúdos regionais, que complementam os currículos escolares do ensino básico. No Estado do Pará, o Conselho Estadual de Educação desde 1996, tornou obrigatória a instituição da disciplina regional de Estudos Amazônicos, nas escolas da rede pública e privada de ensino, no município de Paragominas, por exemplo, a disciplina é chamada de “Estudos Paraenses” (Teixeira Junior, 2016, p. 18).

O componente curricular Estudos Amazônicos foi criado a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que busca explanar os conhecimentos gerais, culturais, sociais dentre outros contextos de cada região do país, a partir do eixo que se chama da parte diversificada, buscando repassar aos alunos a importância de conhecer a região em que se vive. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96 (LDB), em seu Art. 26, lei que é relacionada aos estudos regionais, estabelece a obrigatoriedade de conteúdos regionais nos currículos escolares do ensino básico.

De acordo com o Documento Curricular para a Educação Infantil e Ensino Fundamental do Estado do Pará:

A área de Ciências Humanas, no Documento Curricular do Estado do Pará, engloba os componentes curriculares: História, Geografia e Estudos Amazônicos. A área tem como pressuposto a abordagem do universo das

¹² Art. 23 A lotação de professores para atuação no Ensino Fundamental será feita considerando cada etapa de ensino - Anos Iniciais e Anos Finais: a) Licenciado Pleno em Geografia; b) Licenciado Pleno em História; c) Outros profissionais que comprovem carga horária mínima de 160 (cento e sessenta) horas no componente curricular a ser ministrado; e d) Acadêmicos que comprovem estar cursando o último ano da licenciatura em Geografia (Altamira, 2024, p. 10).

relações que os sujeitos sociais estabelecem entre si em diferentes espacialidades e temporalidades. Tal concepção tem como lócus privilegiado o espaço amazônico em toda sua dimensão plural que abarca: identidade, memória, religiosidades, cidadania, gênero, relações étnico-raciais, paisagem, território, movimentos sociais, dentre outros aspectos (PARÁ, 2019, p. 425).

Como informa no Documento Curricular do Estado do Pará (2019, p. 264) “são os profissionais licenciados em Geografia e/ou História que estão habilitados para ministrarem Estudos Amazônicos nas escolas, e, portanto, com referências nas suas expertises para desenvolver o trabalho”. Sabemos que não tem curso de graduação próprio para ser professor de Estudos Amazônicos, por se tratar de um componente interdisciplinar e que acaba englobando Geografia e História, e por este motivo os professores mais capacitados para ministrar as aulas são os formados nas graduações supracitadas.

O Estado do Pará em sua proposta curricular de 2003, elencou alguns critérios para que os estabelecimentos de ensino escolhessem disciplinas da parte diversificada. Nesta proposta surge a disciplina de Estudos Amazônicos cujo profissional habilitado para lecioná-la seriam os que possuíssem licenciatura plena em História, Geografia ou Ciências Sociais (Barros, 2020, p. 213).

De acordo com o Documento Curricular para Educação Infantil e Ensino Fundamental do Estado do Pará (2018):

Este componente acompanha as DCNGEB (Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica) (BRASIL, 2013) quando estabelece que as características regionais e locais da sociedade, da cultura, da história, do meio ambiente e da economia precisam estar presentes no Currículo, propondo ainda interdisciplinaridade e a contextualização como princípios para ampliar as inúmeras possibilidades de interação entre os diversos componentes e suas respectivas áreas de conhecimento (PARÁ, 2018, p. 477).

Ao longo dos anos, surgiram currículos educacionais e outros foram atualizados, sempre no intuito de organizar os componentes curriculares, tais renovações se deram de acordo com o espaço/tempo vivido e as atualizações de mundo, surgindo novas abordagens de ensinar e aprender. No Pará surgiu o componente Estudos Amazônicos com o objetivo de levar as historicidades regionais de modo que os alunos e professores adquiram conhecimento histórico da região em que se vive, tendo em vista que nas aulas de Estudos Amazônicos precisamos ir ao passado para compreender os acontecimentos do presente e se planejar para o futuro.

O componente curricular de Estudos Amazônicos compõe a parte diversificada do Documento Curricular do Estado do Pará a partir da Resolução nº 630/97 (Barros, 2016), sendo ofertada apenas para o Ensino Fundamental II (anos finais), tornando-se obrigatória a partir de 1999 (PARÁ, 2019, p. 337).

Os currículos escolares do Ensino Fundamental e Médio são divididos em dois eixos, sendo eles a Base Nacional Comum e a parte diversificada, sendo a comum com componente consideradas obrigatórias e a diversificada escolhida de acordo com o sistema de ensino e ambas são fixadas pelo Conselho Nacional de Educação, a parte diversificada é envolvida por componentes que refletem a cultura, economia, local e regional. No Estado do Pará, a afirmação da História Regional Escolar ocorreu com o surgimento da disciplina Estudos Amazônicos, que passou a fazer parte da grade curricular da Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC - PA). De acordo com Barros (2021, p. 32):

Os estudos amazônicos possuem, em seu currículo, duas questões centrais para serem trabalhadas pelos professores na escola, que são: a relação passado/presente e a urgência do presente na Amazônia (questão social), esta é a concepção que fora proposto nos anos 1990.

Tal componente curricular tem objetivo de tornar o aluno mais crítico e observador com o que está ao seu redor, conhecer e reconhecer a Amazônia como seu Lugar de pertencimento pode ser uma forma de defender e proteger os recursos naturais e o nosso Território.

De acordo com o Documento Curricular do Estado do Pará (2019, p. 263): O componente curricular Estudos Amazônicos se organiza a partir de eixos estruturantes, subeixos e objetivos de aprendizagem em relação estrita com as habilidades e competências da BNCC.

O eixo Espaço/Tempo e suas Transformações é constituído pelo subeixo Trabalho, tecnologias e a transformação do espaço e da paisagem que propõe um entendimento sobre a concepção de Amazônia no que tange a território, a meio ambiente e a múltiplos usos e formas de apropriação da região.

O eixo Linguagem e suas Formas Comunicativas que abrange o subeixo chamado de linguagem cartográfica como produção humana em diferentes tempos e espaços em que a cartografia e os documentos se constituem em meios de comunicação e/ou entendimento de um Lugar com suas dinâmicas e características onde se falam sobre as transformações do espaço ao longo dos anos, em como a cartografia pode ser uma forma comunicativa para que os alunos entendam o Lugar em que vivem e quais mudanças ocorreram ao longo do tempo.

O eixo Valores à Vida Social composto pelo subeixo intitulado de participação social como garantia de direitos, desenvolvimento e sustentabilidade que traz uma discussão nas formas de apropriação e nos usos do espaço amazônico, considerando

a dinâmica demográfica e espacial, além do entendimento sobre a necessidade do equilíbrio ecológico para a manutenção da vida a partir da sustentabilidade, refletindo sobre os cuidados que se podem ter com a natureza, entendendo que temos que proteger a Amazônia, isso pode ser conscientizando os futuros multiplicadores do meio em que vivemos, de uma forma saudável e sustentável.

E o eixo Cultura e Identidade é composto pelo subeixo chamado de identidade, espaço e cultura em diferentes situações históricas e geográfica, possibilitando uma avaliação sobre a necessidade de valorização dos diversos tipos de conhecimentos, sejam eles cientificamente validados ou não, o que propicia destaque aos saberes popularmente construídos na Amazônia paraense.

Em todos os eixos é percebido a importância de conhecer o Lugar que vivemos, as diferentes características existentes na região em que se vive, sua cultura, suas tradições, suas artes, os povos amazônicos para que se tenha valorização do que lhes pertence, podendo assim fazer dos alunos multiplicadores deste ambiente chamado Amazônia. “A construção do componente curricular Estudos Amazônicos teve ainda como base as habilidades de Geografia e História do Ensino Fundamental Anos Finais da BNCC (BRASIL, 2017)”. Cada eixo se altera de acordo com a ano ensinado, em que se altera os objetivos de aprendizagem e as habilidades e de acordo com as especificidades de casa escola, professor, relação com os alunos, e para isso o Documento Curricular Municipal diz que:

É importante conhecer e saber utilizar procedimentos de pesquisa da Geografia para compreender o espaço, a paisagem, o território o lugar e seus processos de construção; para identificar suas relações, problemas e contradições no cotidiano amazônico através das leituras de imagens, de dados e de documentos de diferentes fontes de informação, de modo a interpretar, analisar e relacionar informações sobre o espaço geográfico e as diferentes paisagens (Altamira, 2020, p. 471).

Neste sentido, é importante que a escola traga para dentro de seus muros, ensine, pratique e discuta toda essa diversidade das diferentes formas de linguagem, e que faça os alunos se desenvolverem e descubrirem qual é a melhor forma que eles se identificam, quais são suas habilidades em relação às linguagens e que competências podem desenvolver.

Além da escola oferecer aparatos para que as formas de linguagens de diferentes modos cheguem aos alunos e que eles compreendam da melhor forma o que é ensinado em sala de aula através do professor, este professor precisa ter formação adequada, como exemplo os cursos de aperfeiçoamento sobre a Educação

do Campo, Educação Indígena, Quilombola, Ribeirinhas, dentre outros, assim o professor poderá ficar melhor preparado para ministrar as aulas de Estudos Amazônicos, potencializando o processo de ensino-aprendizagem.

O componente curricular Estudos Amazônicos faz parte do currículo da rede de ensino pública e privada do Pará, é obrigatório do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental Anos Finais, componente curricular ensinado a partir dos preceitos de uma formação que permita a compreensão das realidades vividas na Amazônia, ensinar o componente curricular é trabalhar o conhecimento de algo que nos pertence, mas que às vezes não valorizamos por não conhecer nossa própria morada. Afinal só conseguiremos defender aquilo que conhecemos, conhecer os problemas da região a partir do estudo da Amazônia tem importância para essa defesa.

A disciplina Estudos Amazônicos é disciplina obrigatória da grade curricular de toda e qualquer escola do ensino fundamental da região Norte do país. A mesma não constitui obrigatoriedade nas regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste, já que nossa LDBEN (Lei 9394/96) permite tais particularidades, no que tange às especificidades de cada região (Almeida, 2013, p. 01).

De acordo com o Documento Curricular do Município de Altamira/PA (2020) que foi baseado no documento curricular do Estado do Pará, o componente curricular Estudos Amazônicos é exclusivo da Região Norte, em especial do Estado do Pará, sendo do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais o componente é considerado importante, pois procura “entender a Amazônia como um espaço de múltiplos contrastes e contradições, haja vista a grande diversidade sociocultural e ambiental que esta região proporciona devido ao seu território de dimensões continentais”, (Altamira, 2020, p. 471), buscando contribuir para que os alunos paraenses conheçam sua cultura, identidade, a partir da compreensão do espaço Amazônico.

Um dos objetivos do componente curricular Estudos Amazônicos de acordo com o Documento Curricular Municipal de Educação Infantil e Fundamental é “conhecer a organização do espaço geográfico amazônico e o funcionamento da natureza em suas múltiplas relações, de modo a compreender o papel das sociedades em sua construção e na produção do território, da paisagem, do Lugar”, (Altamira, 2020, p. 471). Ainda neste documento ele esclarece quanto as possibilidades ao estudar o Estudos Amazônicos:

O Componente Curricular Estudos Amazônicos de Altamira, possibilitará um olhar aguçado sobre diversidade de culturas e pessoas, sobre características que tornam nossa região única no mundo, desde o período colonial até os

dias atuais; sobre as necessidades dos povos que aqui viveram e vivem que transformaram, e ainda transformam, a realidade amazônica (Altamira, 2020, p. 472).

No Documento Curricular do Município de Altamira o componente curricular Estudos Amazônicos faz parte da área de conhecimento Ciências Humanas, juntamente com Geografia e História, ambas com o intuito de abordar o Espaço Amazônico, em toda sua dimensão plural, sendo considerada interdisciplinar ao se relacionarem.

Esta área de conhecimento propicia trabalhar de maneira contextualizada, interdisciplinar, transdisciplinar e integradora, a partir da abordagem das relações que os sujeitos sociais estabelecem entre si em diferentes espacialidades e temporalidades. Relaciona e articula vivências e experiências dos alunos em situações cotidianas ligadas aos aspectos políticos, sociais, culturais e econômicos (Altamira, 2020, p. 385).

A Geografia e os Estudos Amazônicos por serem dois componentes curriculares que exploram o mundo de forma teórica e prática, pois na universidade e nas escolas, além das aulas teóricas, também buscamos as aulas de campo para que o aluno tenha conhecimento empírico e de forma mais real de acordo com o seu cotidiano. O professor em sala de aula tem esse papel importante de levar o cotidiano do aluno de forma que explique o objeto de conhecimento exposto na sala de aula, facilitando o aprendizado do aluno, sendo considerado uma forma mais lúdica e que o aluno vai recordar.

Os professores, que trabalham com o conhecimento e com sua transformação em sala de aula, têm um compromisso com a formação [...] precisam buscar formas alternativas e criativas para o trabalho pedagógico. Dentre elas, destacam-se as práticas ditas interdisciplinares. (Pontuschka, 1999, p.102-103).

Quando professor de Geografia que está ministrando uma aula de Estudos Amazônicos fala para o aluno sobre a importância de preservar uma árvore no seu quintal porque essa árvore também é Amazônia, é uma forma de fazer com que este aluno contribua no cuidado e permanência da Amazônia em pé. Essa é uma reflexão importante, pois muitas pessoas pensam que a Amazônia se trata apenas da vasta floresta que temos na Região Norte, mas em específico no Estado do Amazonas/AM. Mas não, a Amazônia é aqui onde vivemos, diante disso temos que levar esta percepção para os alunos, do que está em nosso quintal, mas que às vezes nem percebemos, por olhar somente o que é grande e que está longe de nós, assim aguçando o senso crítico e preservador dos alunos, pois além do verde existente na

floresta Amazônica também precisamos conhecer as políticas e as relações socioculturais existentes na Região Norte.

E essa problemática de pertencimento do aluno ao Lugar em que se vive veio à tona em algumas falas dos professores, principalmente quando foi perguntado qual a importância do componente curricular de Estudos Amazônicos no município de Altamira, os professores narraram que um dos pontos chave do componente Estudos Amazônicos, é levar este conhecimento de que os alunos pertencem a Amazônia. Conhecer os povos que aqui vivem, a cultura, vestimenta, comidas típicas, dentre outros aspectos e a importância de cuidar disso tudo. Conhecer é o primeiro caminho para cuidar do que é nosso.

E essa é apenas mais uma incumbência para os professores que são formados em Geografia, mas que também ministram aula em Estudos Amazônicos, além de levar o conhecimento geográfico da Amazônia para a sala de aula, para uma troca de conhecimento com os alunos, pois em outras falas alguns dos professores narraram que aprendem muito, principalmente com os alunos indígenas e nessa troca de aprendizados diário, eles precisam sempre enfatizar para os alunos que eles vivem na Região Amazônica e a importância de se reconhecerem como amazônidas.

3.1.1 Geografia e seus professores atuando nos Estudos Amazônicos

A Geografia como componente curricular que é entendida como ciência social faz parte das escolas públicas e privadas e o seu ensino tem mudado de acordo com as transformações que ocorrem no mundo, a Geografia busca conhecer o espaço e as relações sociedade-natureza, porém em tempos diferentes e como essa relação funciona de acordo com o Lugar e espaço-tempo, sendo considerado um componente curricular necessário para que os alunos conheçam também os aspectos sociais e políticos do mundo. E para que esse ensino aconteça o papel do professor é fundamental.

O professor formado em Geografia que ministra aula nas escolas públicas de Altamira tem uma missão para além de ensinar a Geografia enquanto componente curricular, ele também tem encontrado a dificuldade de ter discentes com atraso na leitura e escrita, e isso foi narrado pelos docentes participantes da pesquisa em diferentes momentos das duas falas e em Eixos diferentes. Parte dos estudantes pós

pandemia chegam nos Anos Finais do Ensino Fundamental com esse atraso, o que dificulta, por exemplo, a leitura de mapas e outros produtos cartográficos.

O professor Adriano expôs em sua narrativa a dificuldade em ser professor de Geografia e Estudos Amazônicos e ajudar os alunos a fazer a leitura de um mapa que é trabalhado tanto em Geografia quanto em Estudos Amazônicos:

O aluno no sexto ano, se sabe ler ele não sabe interpretar, se sabe interpretar, ele não entende a interpretação. E aí muitas das vezes você se vê, isso é vivência minha enquanto professor, você explica uma vez e o aluno não entende. Fiz uma experiência recente, apliquei uma atividade de criar um mapa mental e eu tive que estabelecer uma didática para explicar qual é a metodologia do mapa mental. Demorei três aulas para fazer isso, a cada aula tinha uma dúvida, não era com todas as turmas, quando eu digo de três aulas, eram intercaladas a cada aula.

O que vai ao encontro com a fala da professora Bianca, quando ela diz que os *“Os alunos chegam no sexto ano e não sabem ler”* e isso complica muito a compreensão dos alunos quando é trabalhado mapas, ou é feita a leitura de um texto com palavras que os alunos não conhecem, o professor Adriano complementa narrando que:

Quando eu falo de capitalismo, quando eu falo de mercantilismo, quando eu falo de feudalismo, a gente usa muito o contexto histórico geográfico, eu tenho que falar assim, se você não souber o que significa mercantilismo e capitalismo, se você não souber o que é o feudalismo, você não consegue entender a geografia.

Percebemos então, mais uma vez, a importância do docente que é formado em Geografia ministrar o componente Estudos Amazônicos, fazendo com que o aluno perceba e saiba interpretar sua realidade através de um mapa, em conhecer conceitos e conteúdo da Geografia, mesmo com dificuldades na leitura.

Os docentes Adriano e Bianca quando responderam à pergunta do Eixo 1 Histórias de Vida, sobre suas práticas docentes, eles relataram que têm dificuldade em ensinar alguns alunos devido a dificuldades desses alunos com a leitura, interpretação de texto e que isso os afeta ao estudar o Geografia e Estudos Amazônicos. Na fala dos dois docentes percebemos a Cena 2 da Compreensão Cênica, pois eles narram o seu cotidiano em sala de aula e algumas das suas dificuldades com determinados alunos.

Diante disso, percebemos a importância de se estudar a Geografia, Cavalcanti (2008, p. 38) discorre que “o trabalho de educação geográfica ajuda os alunos a desenvolver modos do pensamento geográfico, a internalizar métodos e procedimentos de captar a realidade tendo consciência de sua espacialidade”.

Levando para o aluno o conhecimento para abordar diferentes assuntos, construindo assim seu cotidiano por meio do conhecimento geográfico, trabalhar a Geografia em sala de aula relacionando a realidade do aluno também é uma forma de chamar atenção do aluno para o componente.

Sobre a importância de ensinar Geografia para os alunos utilizando vivências e práticas do seu cotidiano os autores Copatti e Santos (2023, p. 247) discorrem que:

Ao ensinar Geografia em contextos diversos e tomados por diversidades sociais, culturais, étnicas, é importante pensar como ensinar os alunos de modo que isso se torne significativo e seja, de fato, internalizado. Levar em conta suas experiências e conhecimentos já construídos pode ser um ponto de início para avançar no conhecimento geográfico. A forma como o aluno aprende, o que é significativo para que ele compreenda o conhecimento construído, de modo que possa dele se utilizar no seu cotidiano, é um dos desafios que perpassam à docência.

Dentre tantos os papéis que a Geografia tem para o mundo, como componente curricular ela é capaz de formar pessoas com um pensamento crítico para compreender os acontecimentos que envolvem mundo e sociedade e para que isso aconteça de forma que o ensino-aprendizagem seja uma troca mútua entre docente e aluno, este professor além de utilizar suas vivências e experiências para ensinar, é importante que ele ouça e conheça as vivências e cotidiano dos alunos para que exista uma troca de conhecimento.

A escola é, nessa linha de entendimento, um lugar de encontro de culturas, de saberes, de saberes científicos e de saberes cotidianos, ainda que o seu trabalho tenha como referência básica os saberes científicos. A escola lida com culturas, seja no interior da sala de aula, seja nos demais espaços escolares, e a geografia escolar é uma das mediações pelas quais o encontro e o confronto entre culturas acontecem (Cavalcanti, 2012, p. 45).

O professor que é formado em Geografia e que mora no Pará, carrega uma bagagem chamada componente curricular de Estudos Amazônicos, quem é formado em Geografia sabe que em algum momento vai precisar ministrar aula de EA, seja por obrigação ou para complementar as horas que em algumas das vezes somente a Geografia não dá para fechar.

“Quem é formado em Geografia já tem que ter a consciência que uma hora vai trabalhar em Estudos Amazônicos. Porque é muito difícil encontrar hoje 200 horas só em Geografia. Então, na verdade, ele é um complemento de carga horária” (Mauro). O professor conclui sua fala dizendo que gosta muito de EA, se sente à vontade por ser professor indígena e sempre ter se relacionado com a natureza por sempre ter morado em aldeia, consegue relacionar Geografia e Estudos Amazônicos abordando diferentes conteúdos com seus alunos. A Cena 2 da Compreensão Cênica surge na

fala do professor Mauro quando ele narra seu cotidiano diário, sobre gostar de Estudo Amazônicos, pois se relaciona com as suas vivências de vida pessoal de quando morava na aldeia.

Por meio das narrativas dos professores que foram entrevistados, cada um com uma História de Vida diferente, todos estudaram, se formaram e se tornaram professores, mas em contextos e realidades diferentes, o que levará a aprendizados de diferentes dimensões para quem fizer a leitura deste material. Aprender com as experiências dos professores aqui pesquisados nos faz enfatizar, mais uma vez, da importância em dar voz ativa para os docentes que atuam na educação básica.

Ao utilizar-se as narrativas (auto)biográficas em uma pesquisa de formação docente, se releva o ato de dar voz a uma classe que por muitas vezes é silenciada e que possui dificuldade em ser escutada pelo Estado e pela sociedade. As narrativas têm possibilitado compreender os trajetos percorridos e de onde vem estes professores que estão nas escolas públicas de Altamira. Além de se evidenciar a importância do professor formado em Geografia, atuar também com Estudos Amazônicos.

No curso de licenciatura plena em Geografia que a UFPA-Campus Altamira oferece aos discentes, são ofertadas disciplinas como: Teoria Regional e Regionalização, Geografia da Amazônia, Questão Agrária de Desenvolvimento Rural, Educação Ambiental, Geografia Agrária, Geografia Física, Hidrologia, Climatologia, e na maioria das vezes a Amazônia é o centro dos estudos na sala de aula no curso de Geografia.

A fim de se qualificar, o professor que é formado em Geografia e ministra aula no componente curricular Estudos Amazônicos, hoje tem a oportunidade de cursar a especialização em Geografia e Estudos Amazônicos que é ofertada em Altamira, no Campus da UFPA, sobre Práticas de Ensino de Geografia e Estudos Amazônicos (CEPEGEA).

O professor Danyllo cursou a especialização que é ofertada pela UFPA, e segundo ele contribuiu para a sua formação enquanto professor de Geografia e de EA, como narra que:

A especialização, ela já foi muito didática. As formas de avaliação, as formas de apresentação do conteúdo, de discussão, sempre partiam do princípio de sala de aula e ele finaliza sua fala contando sobre seu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) da especialização que buscou contribuir com o ensino de Geografia e Estudos Amazônicos com a proposta de “como que o QGIS poderia ser utilizado como uma ferramenta para que nós pudéssemos

produzir mapas”, se eu quero usar um mapa de Altamira e não estou conseguindo encontrar no livro e na internet não está fornecendo um mapa com a qualidade que eu gostaria, por que eu não produzo meu próprio mapa? para demonstrar os fenômenos, os processos, os conceitos, as quais eu quero.

Encontrar um mapa do município de Altamira e região que tenha qualidade e esteja atualizado com informações é quase impossível, então o professor destacou a importância da especialização para trabalhar a temática de construir o seu próprio mapa, de acordo com as informações trabalhadas em sala de aula, ele aprendeu e ensinou enquanto aluno de especialização. Quanto aos saberes disciplinares, Tardif (2002, p. 38) enfatiza que:

Além dos saberes produzidos pelas ciências da educação e dos saberes pedagógicos, a prática docente incorpora ainda saberes sociais definidos e selecionados pela instituição universitária. Estes saberes integram-se igualmente a prática docente através da formação (inicial e continuada) dos professores nas diversas disciplinas oferecidas pela universidade. Podemos chamá-las de saberes disciplinares.

Mesmo estudando disciplinas na graduação de Geografia que são voltadas para as questões regionais, as experiências que acontecem em sala de aula acabam não preparando o aluno de licenciatura para os acontecimentos reais de quando ele se tornar professor. Enquanto graduando ele aprende, treina, imagina como vai ser, mas não tem como saber como é ser docente sem antes enfrentar uma turma com vários alunos para interagir. Quanto aos saberes experienciais da carreira docente Tardif (2012, p. 38) discorre que:

Os próprios professores, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por elas validadas. Eles incorporam-se à experiência individual e coletiva *habitus* e de habilidades de saber-fazer e sabe-ser. Podemos chamá-los de saberes experienciais ou práticos.

Podemos dizer que esses saberes experienciais que Tardif (2012) discorre se referindo as funções e a prática do docente nas salas de aula, do seu cotidiano com a escola e com os alunos, é o momento em que surgem as dificuldades e as soluções para essas dificuldades em ser professor.

Enquanto graduanda em Geografia e bolsista PIBID em Estudos Amazônicos na escola Deodoro da Fonseca em Altamira, senti a dificuldade juntamente com a professora que me supervisionava, ela também formada em Geografia e tendo que ministrar as aulas de Estudos Amazônicos sem livro didático específico. Os livros didáticos ainda desempenham um papel importante para que os alunos consigam compreender com maior facilidade os objetos de conhecimento trabalhados na sala

de aula. Nessas aulas eram utilizadas apostilas custeadas pela professora e outros meios para ensinar, como aula de campo, filmes, vídeos curtos e como na maioria das escolas públicas que têm suas dificuldades, nem sempre a sala de vídeo estava desocupada, as aulas de campo precisavam de uma organização antecipada, com autorização da escola e dos responsáveis dos alunos.

Diante dessas dificuldades encontradas, foi feito uma pesquisa com entrevistas feitas por onze bolsistas do PIBID, incluindo eu, que resultou em um artigo publicado na primeira edição do Livro: “Diálogos entre o Ensino Superior e a Educação Básica”, de autoria Joelma Morbach (2022). A pesquisa foi feita com professores que ministravam aulas no componente curricular de Estudos Amazônicos de oito escolas de Altamira e alguns professores de Geografia da UFPA e SEMED, o artigo foi intitulado “Perspectivas e desafios do Ensino de Estudos Amazônicos nas escolas da cidade de Altamira-Pará”.

O artigo teve como objetivo realizar o estudo sobre a dificuldade em ensinar o componente curricular Estudos Amazônicos na Região Norte, dando ênfase no município de Altamira, como resultado da pesquisa, o maior questionamento dos professores foi existir esse componente curricular, que não tem formação docente e que os materiais didáticos para levar para a sala de aula como forma de facilitar a aprendizagem do aluno é escassa. O artigo foi finalizado com a proposta dos Pibidianos criarem uma cartilha educativa, contendo conteúdos de Estudos Amazônicos que possam auxiliar os profissionais que atuam em sala de aula com a disciplina, a cartilha seria levada para as escolas atendidas pelo PIBID podendo depois abranger um público maior de escolas, para assim auxiliar os professores.

Um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta (Tardif, 2002, p. 230).

Sabe-se que a formação docente em Estudos Amazônicos é pouca ou quase nenhuma, pois na maioria das vezes os docentes não têm acesso a formação continuada e nem acesso a materiais de apoio. Parte dos professores narraram que eles precisam adaptar o livro didático que é disponibilizado pela SEMED de acordo com a realidade vivida na Região Xingu.

E mesmo o livro sendo um meio facilitador que veio para somar com o professor no componente Estudos Amazônicos, ainda existem lacunas, o componente por ser

interdisciplinar deveria ter mais apoio, tendo em vista que trabalha a Geografia e a História da região. E essas dificuldades dos professores acabam interferindo no planejamento das aulas e refletindo na própria prática docente.

Enquanto graduanda e bolsista PIBID-Geografia, estive na sala de aula como professora estagiária em Geografia e Estudos Amazônicos, enquanto em Geografia se tinha o livro didático, oferecido pela escola (inclusive cada aluno tinha seu próprio livro), nos Estudos Amazônicos o que se tinha eram apostilas confeccionadas a partir de livros comprados pelos professores que ministravam o componente. Nesta escola o componente era ministrado por docentes formados em Geografia, percebemos aqui a importância da formação inicial e continuada destes profissionais, principalmente quanto a conhecimentos interdisciplinares. De acordo com a SEMED (2019):

Os professores que atuam na disciplina Estudos Amazônicos, possuem Licenciatura Plena em Geografia, em Educação do Campo nas áreas das Ciências Humanas. O município é carente de profissionais com habilitação específica de Estudos Amazônicos, uma vez que não é ofertada cursos nesta área pelas instituições competentes (Semed, 2019, p. 01, Apud Arruda, 2022, p. 200-201).

Esta pesquisa tem como um dos objetivos identificar o perfil docente dos profissionais que são formados em Geografia, mas que também atuam como professores de Estudos Amazônicos nas escolas públicas de ensino básico em Altamira, e isso foi possível por meio das entrevistas narrativas, em que os professores nos contaram suas Histórias de Vida, momento em que eles narraram quem são e quais caminhos percorreram até se tornarem os docentes que são hoje.

A pesquisa aqui exposta resulta em um material formativo principalmente no que tange conhecer a realidade destes professores. Material este que foi gerado por meio das narrativas (auto)biográficas dos professores em que eles revelaram sua identidade docente através das suas falas, buscando suprir as deficiências em relação aos Estudos Amazônicos, componente curricular necessário para que tenhamos alunos críticos e conhecedores da sua própria realidade.

Quando se fala em material formativo, pensa-se em algo que alguém vai ler, aprender e se formar em algo, seja ele professor ou não. E essa é a intenção deste trabalho, que as pessoas leiam e aprendam por meio das Histórias de Vida que foram narradas por seis docentes, pessoas diferentes que decidiram em algum momento da sua vida seguir a mesma profissão, mas que nem por isso ensinam da mesma forma, pois são docentes que têm vivências e realidades que se assemelham em alguns momentos e aspectos, mas são que também são diferentes, pois se relacionaram e

viveram em lugares diversos. E o Lugar em que uma pessoa se relaciona contribui na construção da sua identidade pessoal e profissional.

3.2 O Lugar como conceito chave para compreender as Histórias de Vida dos professores de Estudos Amazônicos

O Lugar pode ser entendido e percebido de várias formas, depende de quem está interagindo nele e com ele, pode ser visto como um ponto de relação e construção social, o Lugar pode ser aquilo que você se relaciona no dia a dia, onde produz e reproduz Espaço Geográfico, é no Lugar que o espaço é vivido. Vivências essas que se reproduzem a partir do trabalho, construção da identidade e transformação dessa identidade, o Lugar pode ser visto como o mundo íntimo de uma pessoa, sua casa, seu trabalho, marcado pelas experiências e percepção de vida, o Lugar possui aspectos, históricos, culturais, ambientais com representatividade para quem ali está inserido.

O Lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora, produzindo a identidade (Carlos, 2007, p. 22).

Existem diferentes correntes do pensamento Geográfico, uma delas é a Humanística, em que o Lugar passou a ser visto com mais força como o espaço vivido, em que ocorrem as relações sociais, pois antes o Lugar era associado a região ou apenas uma localização Geográfica. Para Tuan (1983 p. 3) “Espaço e Lugar são termos familiares que indicam experiências comuns, o Lugar é segurança e o espaço é liberdade, estamos ligados ao primeiro e desejamos o segundo”. Na Geografia Humanista, Tuan (1980, p. 114) aborda dois termos nomeados Topofilia e Topofobia, ambos com seus significados que para ele: “engendra afeição ou desprezo”.

Quando um Lugar muda ou se transforma ele tem o poder de mudar o mundo, as relações e a identidade de quem está inserido nele naquele momento. Os professores que ministram as aulas de Estudos Amazônicos em algumas vezes são formados em Geografia ou em outra graduação, momento em que o professor busca uma ressignificação, tendo em visto os muitos desafios em ministrar tal componente curricular. O Lugar dentre tantos os significados exposto por autores, ele pode ser entendido como um ponto de vivências impregnadas que nos remetem a lembranças que ali ocorreram, o Lugar e a experiência vivida dão sentido ao ser humano.

A produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado Lugar, num momento específico e, revela-se pelo uso como produto da divisão social e técnica do trabalho que produz uma morfologia espacial fragmentada e hierarquizada. Uma vez que cada sujeito se situa num espaço, o Lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno (Carlos, 2007, p. 20).

O Lugar dá sentido a pessoa ou a pessoa dá sentido ao Lugar, através das suas relações sociais, vivências cotidianas e troca de experiências e conhecimento agregado, assim lhe dando identidade a partir das relações feitas pelo Lugar que caminha e que de alguma forma lhe pertence. Sobre isso Augé (1994) diz que o Lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico. Dessa forma, cada professor com suas experiências consideradas únicas em lugares diferentes narrou suas diferentes Histórias de diferentes perspectivas, lugares que talvez não existam mais, mas que nunca será apagado, pois encontram-se em suas memórias, através do sentimento de pertencimento.

Quando o autor Relph (1979, p. 16) se refere a Lugar ele diz que “os Lugares clamam nossas afeições e obrigações, conhecemos o mundo através dos Lugares nos quais vivemos. Lugares são existenciais e uma fonte de autoconhecimento e responsabilidade social”. Nós temos uma ligação direta com o Lugar em que vivemos, visitamos ou passamos maior parte do tempo de nossas vidas, para os professores de Geografia aqui pesquisados, a escola e a sala de aula são lugares que marcaram sua trajetória de vida, mudando suas práticas e vivências educacionais, sendo uma forma de narrar o mundo com pontos de vistas de lugares diferente a partir das suas Histórias de Vida.

O componente Estudos Amazônicos pode ser ensinado de diferentes maneiras e cada uma delas com seu desafio particular, o professor de Geografia que mora na Região Norte e começa a ministrar aulas de Estudos Amazônicos quando for para a sala de aula, vai lembrar das aulas que teve enquanto estudante do ensino básico. O componente Estudos Amazônicos faz com que o professor explique o Lugar Amazônia, a cultura da região amazônica, floresta, rios, contexto social como musicalidade, danças, interação entre os diversos povos que na Região Norte existem, toda fauna e flora de forma que os alunos conheçam e percebam que estão pisando na Amazônia e que se deve cuidar. Ensinar como preservar e defender a Amazônia e principalmente fazer com que os alunos se reconheçam como amazônidas, e todos esses contextos foram expostos nas narrativas (auto)biográficas dos seis docentes.

Falar sobre o método (auto)biográfico e narrativas de vida de uma pessoa, é buscar entender a partir da história única de cada ser humano, os sentimentos e emoções que irão surgir no momento das entrevistas narrativas, por meio das Histórias de Vida e com isso teremos um material para o contexto de formação de professores da Região Norte, e é com este intuito que essa pesquisa buscou compreender as trajetórias pessoais, acadêmicas e profissionais de docentes que atuam no componente curricular de Estudos Amazônicos no município de Altamira.

Buscaremos entender quem são os docentes que atuam neste componente curricular que faz parte da grade curricular de escolas da Região Norte do Brasil. Sabemos que entender a vida pessoal de um professor é de suma importância para compreender a vida profissional, afinal não são separadas, mas caminham de mãos dadas. Se importar com o que os professores pensam reflete na melhoria da educação e na formação de futuros professores, servindo como fonte de investigação sobre a formação dos entrevistados.

Conhecer qual sua formação, quais caminhos e lugares foram trilhados, quanto tempo está atuando, quais as dificuldades e como lida com elas, quais meios utiliza para ensinar os alunos e como tem colaborado para os demais professores para facilitar as aulas de Estudos Amazônicos é de fundamental importância para conhecermos estes docentes e o Lugar caminha junto com o método (auto)biográfico, pois por meio de cada Lugar vivido os docentes narraram diferentes experiências.

A pesquisa foi desenvolvida a partir das percepções dos professores sobre as experiências por eles vivenciadas ao longo dos anos da vida escolar, pessoal, acadêmica e profissional em diferentes Lugares que percorreram, quais interesses o fizeram se tornar docente e porque docente em Geografia e EA. Essas percepções e experiências foram narradas com o uso do método (auto)biográfico que dialoga com o conceito de Lugar. O método (auto)biográfico busca dar voz a quem muitas vezes não tem, ou são silenciados e busca compreender por diferentes formas de lugares que são ocupados e influenciados por estes docentes, a partir de uma escuta atenta.

Os Lugares em que os professores passaram deixaram marcas não apenas em suas vidas, mas também em sua carreira docente, pois a partir desses Lugares que os professores tiveram acesso, e que vivenciaram diferentes experiências, surgem os aprendizados que podem ser levados para a sala de aula, trabalhar o conceito de Lugar nesta pesquisa foi devido a essas conexões que os docentes fazem com os Lugares que estiveram, como por exemplo, escolas, universidades que frequentaram

e pessoas que se relacionaram e que hoje algumas experiências são reproduzidas em sala de aula. Sem deixar de mencionar a importância deste conceito para a Geografia e para a compreensão de quem são estes docentes e as razões das narrativas deles serem como são.

O método (auto)biográfico tem sido utilizado na formação de adultos desde a década de 1980, sendo de forma gradual e conduzida a formação de professores e tantas outras reflexões referentes a diferentes temáticas dentro e fora do campo educacional. Mesmo com mais de quarenta anos de presença no campo científico, a sua utilização dentro da Geografia e Estudos Amazônicos, mais especificamente na formação de professores e professoras destes componentes curriculares, ainda é bastante incipiente dentro do contexto brasileiro, diante disso surgiram alguns desafios a enfrentar, pois quase não se tem pesquisas relacionadas aos Estudos Amazônicos, o que aumenta a relevância da pesquisa, a tornando indispensável.

O método (auto)biográfico é uma forma de pesquisa e reflexão que se centra na narrativa e na análise da própria vida ou da vida dos outros, no caso dessa pesquisa são as narrativas (auto)biográficas dos professores de Estudos Amazônicos. É um meio utilizado para compreender e analisar a vida das pessoas, bem como sua relação com o meio social e cultural em que foram formadas. Aqui pesquisou-se a construção da identidade docente, se as vivências enquanto aluno influenciaram na vida docente, tendo em vista que a maior parte do tempo passamos na escola. “Considera-se uma alternativa profícua para trabalhar com as memórias dos educadores por meio da expressão das narrativas de si” (Menezes, 2021, p. 28).

Entender a subjetividade dos professores e professoras de Estudos Amazônicos a partir do entendimento da sua própria trajetória é de fato importante, tanto para o ouvinte pesquisador quanto para o sujeito que narra sua História de Vida. O que permite a compreensão do processo de vida e formação ao longo dos anos, afinal foram esses processos de vida e formação que os levaram a carreira de professor e professora de Geografia e Estudos Amazônicos.

As recordações-referências constituem, portanto, a natureza das narrativas de formação, as quais produzem, pela rememoração que permite repensar e ressignificar o vivido, referências das motivações de determinadas escolhas, das influências que atravessaram trajetórias de vida, dos modelos, dos momentos vivenciais que fazem dos sujeitos singulares/plurais individualidades dinâmicas, porque reflexivas, em constante vir a ser, sendo (Abrahão, 2011, p. 168).

Pretende-se a partir da (auto)biografia entendermos como as memórias escolares com os professores de Geografia e Estudos Amazônicos influenciaram na formação dos professores entrevistados e como auxiliou no momento de deixar de ser aluno e se tornar professor, como inspirou na escolha da profissão, se teve um professor ou um conteúdo que causou impacto positivo ou negativo, despertando curiosidade de tal forma que persuadiu no momento da escolha da docência pela Geografia, informações que foram descritas no Eixo Memórias de Ensino e formação-profissão, por meio das narrativas dos docentes.

Quando os professores são, ao mesmo tempo, atores e autores de suas narrativas, consentem que outros professores tenham acesso aos acontecimentos pessoais e profissionais, seus sucessos e fracassos, suas perspectivas sobre o ensino e a aprendizagem. Outros professores, ao lerem, analisarem e discutirem as narrativas de seus colegas atribuem a ela um sentido e dela se apropriam de modo muito particular, devido às experiências pelas quais já passaram (Santos, Garms, Zauhy, 2014, p. 4101).

As narrativas (auto)biográficas tem o poder de valorizar a voz dos que muitas vezes são silenciados ou não são ouvidos pela sociedade, tornando o ser professor, autor, ator e dono da sua própria História de Vida, momento em que ele narra os acontecimentos da sua vida por si só.

O Método (auto)biográfico ainda é considerado novo e pouco utilizado no que tange a área da Geografia e Estudos Amazônicos, tanto que nas buscas de trabalhos acadêmicos que pesquisam na Educação e formação de professores ainda são buscas com resultados escassos, mas que pode ser visto como uma nova forma de pesquisa no âmbito educacional, afinal entender as Histórias de Vida dos professores é de suma importância, além de trazer abordagens das lutas pelos seus direitos.

Abordar o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser – sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida, através das atividades, dos contextos de vida, dos encontros, acontecimentos de sua vida pessoal e social e das situações que ele considera formadoras e muitas vezes fundadoras, é conceber a construção da identidade, ponta do iceberg da existencialidade, como um conjunto complexo de componentes (Josso, 2007, p. 420).

O método (auto)biográfico juntamente com as Histórias de Vida pode ser uma forma do professor se encontrar, partindo do princípio de que quando um sujeito narra sua própria história ele se sujeita a reflexão de si, buscando melhoras futuras, seja na vida pessoal, formação acadêmica, formação continuada, ajuda no desenvolvimento de suas habilidades, como exemplo a oralidade, autoconfiança, segurança ao relatar momentos vividos. Para Josso (2004) a abordagem (auto)biográfica é um “Caminhar para Si”, pois nas narrativas quem narra e quem ouve, reflete sobre vários aspectos

da vida, dando significado e ressignificações ao que pareceu não ter sentido em algum momento.

Momento que o professor pode se encontrar através das suas memórias e identificar as vivências em sala de aula, seja com os alunos ou com outros professores, em que trocou conhecimentos e que às vezes nem percebeu, as narrativas têm um poder de organização dos pensamentos, pois refletir os momentos desde o início, é essencial para se conhecer a identidade docente de um professor. Para Nóvoa (1992, p. 16) a identidade de um professor “é um lugar de lutas e de conflitos, é um lugar de construção de maneiras de ser e de estar na profissão”. A pesquisa (auto)biográfica com docentes serve para que o professor busque conhecimentos dele mesmo, que pudessem estar escondidos na vida cotidiana que é tão corrida e que surgiram no decorrer das suas narrativas (auto)biográficas.

Alguns dos professores pesquisados relataram que este momento de reflexão de si para contar sua trajetória de vida para uma pesquisadora, serviu para eles pararem e pensarem em quem eles realmente são, recordarem os lugares em que tiveram diferentes experiências e que contribuiu e continua contribuindo na formação da identidade pessoal e profissional de cada um. Lugares como escolas em zona urbana e rural com diferentes desafios, alunos desafiadores, escolas em que fizeram grandes amigos e que os inspiraram e o ajudaram nas suas experiências docentes, podemos conhecer as pessoas por meio dos Lugares em que elas vivem suas experiências de vida.

Os Lugares que uma pessoa percorre ao longo da vida acaba fazendo parte da sua construção social, pessoal e profissional, e que com o uso do método (auto)biográfico podem ser refletidas, pois quando uma pessoa narra sua própria vida ela acaba refletindo sobre seus atos, suas vivências e em como essas experiências refletem no seu ser sujeito, momento em que o professor pode se (auto)formar por meio da sua própria análise de vida.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesse capítulo serão apresentados os resultados em relação ao que pretendíamos responder sobre a identidade docente do professor de Geografia nas escolas públicas municipais de Altamira, isso aconteceu por meio do uso método (auto)biográfico e metodologia História de Vida e para análise das informações construídas por meio das narrativas (auto)biográficas foi utilizado a Compreensão Cênica e a ideia da Metamemória.

Nesta pesquisa utilizou-se como métodos de análise a Compressão Cênica (Marinas, 2007, Santamarina; Marinas, 1994) e Metamemória (Candau, 2020) para interpretação das informações construídas nas entrevistas narrativas dos docentes, em que buscou-se entender tais narrativas (auto)biográficas através de Cenas, e no momento da produção das entrevistas narrativas já foi possível perceber a Cena 1, Cena 2 e em alguns casos a Cena 3 nas falas dos professores, além de compreender quais dessas memórias analisadas por meio das Cenas foram consideradas fortes ou fracas. A memória forte é aquela que é lembrada com mais facilidade e de forma organizada e estruturada, já a memória fraca é aquela lembrada de forma fragmentada.

Nas Cenas são relatadas as Histórias de Vida, e nessas histórias brotam memórias afetivas, momentos marcantes, valores, crenças, formação, perspectivas e dificuldades que foram encontradas ao longo dos anos vividos que refletem tanto no narrador quanto no ouvinte, pois os relatos podem ser de si para si ou de si para o outro acarretando transformações em ambos. A Compreensão Cênica é um método utilizado para interpretação de informações, principalmente no que tange pesquisas de cunho narrativo, buscando entender a historicidade do narrador.

A Compreensão Cênica de acordo com Abrahão (2014) é entendida a partir do processo de palavra dada, quando o narrador produz o seu discurso e o entrevistador a partir da palavra dada tem uma escuta sensível e atenciosa ao que é narrado. Essas falas que surgem por meio das memórias que são revividas enquanto o narrador conta a sua História de Vida que vem através da memória fraca ou forte, que se referem as nossas memórias compactas ou superficiais, mas que ambas formam a Metamemória (Candau, 2020) e juntas constroem a identidade de uma pessoa. Mesmo não recordando de todos os acontecimentos da nossa vida, somos frutos das nossas memórias e vivências passadas.

A Compreensão Cênica é dividida por Cenas em que cada uma expressa seus significados como é exposto abaixo:

A primeira é a que reúne [no processo de] escuta, o narrador e o entrevistador. Nela ocorrem fenômenos que remetem tanto à lógica do íntimo (transferência) como a das condições sociais e discursivas (reprodução ou ruptura do discurso dominante e inovação). As cenas 2 são as que formam parte da vida cotidiana de quem narra, suas posições como emissor e receptor atravessam de volta à cena 1 na medida em que nela se atualizam. Nesse jogo entre as cenas 1 e 2 dá-se o possível passo ou emergência das cenas reprimidas ou esquecidas (Abrahão, 2023, p. 8).

No momento da produção da narrativa com o poder da fala, os professores pesquisados narraram acontecimentos da vida cotidiana que foram importantes no decorrer da sua existência e suas vivências como sujeito social e que o fizeram chegar e ser quem são. Esses momentos narrados se encaixaram na Cena 1 e 2. Já a Cena 3, refere-se aos não ditos, podendo ser gestos corporais ou mesmo breves silêncios, movimentos que por vezes são quase que imperceptíveis.

Na Cena 1 o ouvinte precisa estar atento para interpretar as narrativas da vida de momentos passados do docente de forma que se compreenda principalmente a sabermos sobre como o pesquisado deixou de ser aluno e se tornou professor ou professora, pois se trata das suas memórias enquanto suas origens iniciais da vida, sobre sua família, seus primeiros passos na escola.

Essa compreensão de entender como os participantes da pesquisa se tornaram docentes, foi respondida com destaque no Eixo 2, que se refere as memórias de ensino, e no Eixo 3, que é referente a formação-profissão, em que os professores rememoraram suas vivências enquanto estudantes na educação formal, lembrando de momentos, professores, processos de ensino-aprendizagem na escola e universidade, se de alguma forma essas memórias influenciaram na escolha da carreira docente e porque em Geografia. Portanto, os Eixos 2 e 3 se referem as memórias escolares, universitárias e como este sujeito que hoje é docente enxerga todas essas recordações e como elas refletem na vida cotidiana hoje, o que vai ao encontro com a Cena 2.

A Cena 2 se trata do relato da sua vida cotidiana em que narrador se reconstrói a partir de uma relação intrapessoal e interpessoal consigo mesmo e com os outros, momento em que aparecem as memórias individuais e coletivas, revendo e revivendo suas práticas pessoais e profissionais por meio das suas memórias e se está caminhando corretamente em relação a práxis docente ou se precisa se ressignificar como pessoa ou como profissional. A partir da conversação narrador e ouvinte podem

surgir as memórias que a *priori* eram consideradas esquecidas ou reprimidas sendo entendidas como Cena 3, ambas as Cenas têm sua importância para entendermos o docente pesquisado.

Compreender a vida do professor por meio de um repertório de Cenas dos fatos narrados tem sua relevância, pois nesses altos e baixos das escolhas da vida surgem histórias que talvez estivessem esquecidas na sua memória íntima, gerando aprendizagem formativa tanto a quem narra quanto a quem ouve, o que chamamos de Biografização (Delory-Momberger, 2019), que se trata da aprendizagem formativa de quem narra sua própria história reconhecendo suas características únicas e aprende partir das suas reflexões. Ainda temos a Heterobiografização, que se refere “ao trabalho de escuta ou de leitura de textos biográficos e dos efeitos de compreensão e de formação de si” (Delory-Momberger, 2019, p. 89), que é quando é atribuída ao ouvinte a aprendizagem formativa, a partir das narrativas do professor entrevistado, momento em que o ouvinte através da sua alteridade reflete e compreende sobre os atos e experiências do narrador.

De alguma forma todas as Cenas conversam entre si, tendo em vista que são narrativas da mesma pessoa e que em um momento ou outro as Histórias de Vida pessoal, escolar, acadêmica e profissional se encontram, pois não tem como separar o pessoal do profissional.

As narrativas de abordagem (auto)biográfica podem, assim, ser entendidas como uma maneira de mediar estratégias que permitam ao futuro professor tomar consciência de suas responsabilidades pelo processo da própria formação, mediante a apropriação retrospectiva do seu percurso de vida, explicitada no presente da narração e pensada prospectivamente visando a ações futuras (Frison; Abrahão, 2019, p. 15).

Através das narrativas (auto)biográficas, o narrador pode se (auto)reconhecer e a partir disso acarretar mudanças no sujeito pessoal e profissional, e quando uma pessoa consegue se (auto)reconhecer ela consegue se transformar, pois consegue enxergar o que precisa ser mudado, tendo em vista que ele está expondo e refletindo sobre suas vivências, experiências, seja sozinho ou coletivamente e diante desse reconhecimento, entender o que precisa ser transformado em si, e essa troca de experiência pode refletir na escuta sensível e atenciosa do ouvinte. A palavra dada e a escuta atenta a essa palavra narrada pelo docente devem ter um envolvimento de atenção, compromisso e respeito tanto para quem narra quanto para quem ouve.

A Compreensão Cênica de acordo com Marinas (2007) é classificada por quatro polos importantes que são o dizer do todo, o silêncio, a palavra plena e a palavra

vazia, cada um desses polos expressa de forma única a fala do narrador de forma que com a escuta atenta do ouvinte ele saiba identificar o que o narrador tenha a dizer até mesmo no seu silêncio, apenas com expressões. “Escutar é não obstruir, não interromper, nem com saber nem com interpretação. Porque quem está falando concede uma palavra dada cujas dimensões e implicações não conhece em sua totalidade” (Marinas, 2007, p. 20). No momento da produção da entrevista narrativa de cada professor, eles tiveram liberdade para falarem à vontade, de forma que eu contribuía com algum comentário rápido, para explicar algo referente a pesquisa ou fazer um questionamento.

No instante da produção das narrativas foi um momento de atenção, enquanto os docentes narravam suas trajetórias eu estava ouvindo atentamente sua fala pois, além de escutar as narrativas era necessário compreender e interpretá-las de acordo com a Compreensão Cênica, e três das entrevistas narrativas foram de forma *online*, em que eu conseguia visualizar somente o busto dos docentes, o que dificultou, por exemplo, percepções referentes a Cena 3.

Por meio da escuta atenta a palavra dada, para que nenhum detalhe ou comportamento importante passasse despercebido, como por exemplo voz embargada, lágrimas nos olhos, tranquilidade, nervosismo, estralar de dedos, mexido nas mãos, pedido de pausa para tomar uma água, dentre os sentimentos que foram aflorados no momento da produção da entrevista narrativa, foi preciso estar atenta a cada gesto corporal e facial dos docentes, além da sua fala.

Cada pergunta feita aos docentes de acordo com o eixo gerou lembranças e sentimentos diversos nos professores, cada eixo foi pensado e elaborado de forma cronológica para que os professores não se confundissem ao rememorar os acontecimentos da vida, mesmo que as narrativas não foram contadas de forma linear, pois é quase impossível seguir uma linha de raciocínio que respeita as temporalidades da vida ao se contar uma História, pois um assunto puxa outro e acabam se relacionando com outros momentos da nossa existência. Isso ocorreu bastante com o docente Mauro, pois dentre os seis docentes ele teve experiências consideradas peculiares que poucos professores têm, como por exemplo, ser nascido e criado em uma aldeia indígena e conhecer a cidade somente depois que cresceu, ao ter que se deslocar até ela para comercializar produtos e estudar.

Contar histórias implica duas dimensões: a dimensão cronológica, referente a narrativa como uma sequência de episódios, e a não cronológica, que

implica a construção de um todo a partir de sucessivos acontecimentos, ou a configuração de um "enredo". O enredo é crucial para a constituição de uma estrutura de narrativa. É através do enredo que as unidades individuais (ou pequenas histórias dentro de uma história maior) adquirem sentido na narrativa. Por isso a narrativa não é apenas uma listagem de acontecimentos, mas uma tentativa de ligá-los, tanto no tempo, como no sentido (Jovchelovitch; Bauer, 2002, p. 92).

No momento da produção da entrevista narrativa foi percebido que os docentes tentaram colocar os seus pensamentos em ordem (organizando as memórias fortes e fracas) para que o enredo da narrativa tivesse começo, meio e fim, colocando assim as suas experiências vividas em sequência de espaço-tempo e fazendo relação com alguns destes momentos. De acordo com Jovchelovitch; Bauer (2002, p. 96) "a entrevista narrativa se processa através de quatro fases: ela começa com a iniciação, move-se através da narração e da fase de questionamento e termina com a fase da fala conclusiva". Realizando a produção das narrativas por fases faz com que as falas fiquem mais organizadas fazendo com que o professor que foi entrevistado não se confunda ou se perca em que momento a produção da narrativa se encontra.

Na produção das narrativas com os professores desta pesquisa, teve a iniciação, que se deu a apresentação da pesquisadora e do pesquisado, momento em que foram esclarecidas dúvidas; teve o instante dos questionamentos que foi quando a entrevista narrativa iniciou a partir de um roteiro com perguntas abertas, em que os docentes responderam de acordo com sua História de Vida; e o momento da fala conclusiva, que finalizou com uma última pergunta, em que os docentes relataram como se sentiram ao participar da pesquisa, após isso ocorreu apenas a despedida.

Na busca de se chegar a um resultado utilizando a Compreensão Cênica e seguindo um passo a passo para que a entrevista seguisse de forma organizada, foi criado um roteiro com perguntas em que os professores poderiam responder abertamente e no seu tempo, seguindo os eixos e suas perguntas.

O primeiro Eixo é o HISTÓRIAS DE VIDA em que os docentes narraram os acontecimentos da sua vida, desde criança até se tornar o adulto professor. Neste eixo existe um questionário breve, em que eles confirmam seus nomes, idades, cores/raças, dentre outras informações pessoais. Ainda há a pergunta para que narrem quem eles eram e os caminhos percorridos até se tornarem docentes, o que foi essencial para conhecermos a identidade docente destes professores.

O segundo Eixo é o MEMÓRIAS DE ENSINO, neste os docentes narraram suas recordações de vida escolar enquanto aluno no ensino básico, graduação e pós-

graduação, além de acontecimentos importantes que o levaram a escolha pela profissão.

O terceiro Eixo é o FORMAÇÃO-PROFISSÃO, que reflete as recordações do sujeito enquanto professor formado e formador, pois lembra das memórias de sala de aula, como se relaciona com os demais colegas, seu planejamento docente e realização das atividades escolares.

E por último, mas não menos importante o Eixo VIVÊNCIAS EM ESTUDOS AMAZÔNICOS, neste eixo buscamos conhecer sobre este professor formado em Geografia, mas que também ministra aula no componente Estudos Amazônicos, principalmente no que tange a importância deste componente para os alunos, além das perspectivas dos professores ao ministrarem suas aulas.

Em cada eixo teve perguntas que se referiram ao passado e presente dos docentes, acontecimentos que foram importantes para cada um e que foram narrados para contribuição desta pesquisa. Diante disso, devido os eixos terem perspectivas diferentes, mesmo tendo o mesmo objetivo que é conhecer as Histórias de Vida, a identidade docente destes professores e entender como o método (auto)biográfico pode contribuir na formação e (auto)formação docente, separamos cada Eixo em subcapítulos.

4.1 EIXO 1: HISTÓRIAS DE VIDA

Neste eixo os docentes se apresentaram de forma breve em um questionário com perguntas rápidas para tomarmos ciência da idade, gênero, cor/raça, área e local de formação, quantos anos atua como docente, ou seja, de forma geral passamos a ter um desenho de quem é o professor e professora que está ministrando as aulas de Estudos Amazônicos nas escolas públicas do município de Altamira.

Deste Eixo 1, Alice respondeu que tem 35 anos, é mulher e quando perguntada qual sua cor/raça se considera preta. Atua há três anos como professora concursada no município de Altamira, sem experiência como docente no ensino superior. Além da Licenciatura em Geografia, também é formada em Engenharia Civil, ambos cursados na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), em Minas Gerais. Atualmente atua como professora nos componentes curriculares de Geografia, Estudos Amazônicos e Educação Ambiental, do sexto ao oitavo ano, ela é a única

docente dentre os seis que não ministra aula no nono ano e que não nasceu na Região Norte.

Em resposta ao Eixo 1, a professora Bianca indicou que tem 34 anos de idade, é parda e quanto ao seu gênero se considera mulher. Se formou na UFOPA (Universidade Federal do Oeste do Pará), de Santarém. Dos seis entrevistados, Bianca é a que tem mais experiência, pois já atua na docência há 10 anos, em diferentes municípios do estado do Pará. Atualmente é concursada e desenvolve seu trabalho nos componentes curriculares de Geografia, Estudos Amazônicos e Educação Ambiental do sexto ao nono ano.

A professora Ítalla, quando feito as perguntas do Eixo 1, ela respondeu que tem 35 anos de idade, se considera branca e mulher, dos docentes entrevistados Ítalla é a única que tem graduação, especialização, mestrado e doutorado em Geografia. Também é a única que tem experiência no ensino superior como docente, sendo formada pela Universidade Federal do Pará, com exceção da sua especialização (que foi cursada na UNOPAR - Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera). Hoje é professora de Geografia, Estudos Amazônicos e Educação Ambiental, do sexto ao nono ano, na rede pública de ensino básico de Altamira, sendo contratada e com três a cinco anos de experiência em sala de aula.

Das informações do Eixo 1, o professor Danyllo informou que tem 28 anos de idade, se considera pardo e quanto ao seu gênero se considera homem, é formado em Geografia pela UFPA - Campus Altamira, com especialização em Práticas de Ensino de Geografia e Estudos Amazônicos e no momento segue cursando mestrado em Geografia também pela UFPA. É professor concursado, com três anos na rede básica, em que atua em Geografia e Estudos Amazônico, do sexto ao nono ano. Por participar de movimentos da Igreja Católica, já teve outras experiências em ensinar jovens.

Quanto as respostas do professor Mauro, ele respondeu que tem 45 anos, é homem e quando perguntado quanto a sua cor/raça, ele fez o seguinte questionamento:

Na minha cor, a gente sempre tem uma discussão em relação a isso. Qual é a cor do indígena? Você faz essa pergunta, talvez seja até um pouco interessante, você fala qual é a cor do indígena? Ele é pardo? Ele é moreno? Ele é branco? Então, são perguntas que quando surgem para mim, eu sempre coloco esse tema em discussão. Qual é a verdadeira cor do indígena? Porque se está tratando de afro-brasileiro, a gente sabe que é cor negra, não é? e do indígena, qual seria essa cor do indígena? no meu caso, um indígena que passou pelo processo de miscigenação, eu me considero, e

nos meus documentos está amarelo, quando eu fui fazer os documentos, me classificaram como amarelo, mas eu digo que minha cor é parda eu considero essa cor, porque é a cor do indígena que passou por esse processo de contato com o não indígena.

Como percebemos Mauro é indígena, do povo Juruna e sua fala quanto a sua cor/raça é de fato pertinente e provocativa. Mauro é formado em Geografia pela UFPA, trabalhando com Geografia, História, Estudos Amazônicos e Educação Ambiental, em turmas do sexto ao nono ano. É um professor contratado pela rede municipal de educação de Altamira, e desde que se formou ministra aula em escolas destinadas ao público indígena. Sua experiência como professor em sala de aula é de três anos, dos seis docentes ele é o único que também ministra aula no componente curricular de História.

O professor Adriano respondeu que tem 44 anos, completados recentemente, como o próprio destacou no momento da produção de sua narrativa. Quando perguntei a ele quanto ao seu gênero, ele respondeu que é homem cisgênero, quanto a sua cor respondeu ser pardo. O professor Adriano antes de ser formado em Geografia, concluiu o curso em Gestão Ambiental (pela Universidade Metodista de São Paulo). Posteriormente, fez a Licenciatura em Geografia, pela Faculdade Gamaliel, com sede em Tucuruí/PA, cursou o mestrado pela UFPA e atualmente está doutorando pelo mesmo programa em que cursou o mestrado. Tem dois anos de experiência docente na rede pública de Altamira, é professor contratado e ministra aula em Geografia e Estudos Amazônicos, do sexto ao nono ano.

De forma mais organizada foi estruturado o Quadro 5, com as informações referentes aos componentes em que os professores atuaram ao longo do ano de 2024.

QUADRO 6 - COMPONENTES E ANOS EM QUE OS PROFESSORES ATUAM

Professor(a)	Componente que atua	Anos que atua
Bianca	Geografia, Estudos Amazônicos e Educação Ambiental.	6º ao 9º
Adriano	Geografia e Estudos Amazônicos	6º ao 9º
Alice	Geografia, Estudos Amazônicos e Educação Ambiental.	6º, 7º e 8º
Ítalla	Geografia, Estudos Amazônicos e Educação Ambiental.	6º ao 9º
Mauro	Geografia, História, Estudos Amazônicos e Educação Ambiental	6º ao 9º

Danyllo	Geografia e Estudos Amazônicos	6º ao 9º
---------	--------------------------------	----------

(Organização: autora, 2024)

Quanto as informações do Quadro 5, três docentes ministram aula nos componentes curriculares de Geografia, Estudos Amazônicos e Educação Ambiental, dois deles somente em Geografia e Estudos Amazônicos, e um professor além de trabalhar com Geografia, Estudos Amazônicos e Educação Ambiental, também atende o componente História, este se trata do professor indígena que ministra aula na zona rural para alunos indígenas.

Com relação as informações narradas pelos professores quanto a se descobrir quem é o docente que aqui pesquisamos, dos participantes temos três homens e três mulheres, três docentes são contratados e três são concursados, a idade média dos docentes vai de 28 a 45 anos, dos seis docentes somente uma professora tem experiência em ministrar aula no ensino superior, e todos têm uma carreira docente relativamente jovem, tendo em vista que a professora com mais experiência possui 10 anos em sala de aula, na sua maioria são professores formados em universidades públicas.

E essa carreira jovem ocorre em questão da falta de concursos públicos no município e da carreira pouco atrativa que é ofertada em Altamira. Em geral, o acesso para trabalhar na docência em Altamira ocorre por meio de processos seletivos, que tem acontecido nos últimos quatro anos, em que nem todos os professores inscritos e aprovados são lotados em escolas.

Vale destacar a importância das universidades públicas para ascensão social de pessoas que buscam uma formação e melhoria de vida, das perguntas que não foram feitas, mas que surgiram no momento das narrativas, foi que dois dos professores são pais e duas das professoras são mães. Principalmente na fala das mães, elas narraram que buscaram estudar a fim de garantir um futuro melhor para elas e para os filhos/as e que tiveram que mudar o trajeto de vida para se adequar ao filho/filha. Já os pais narraram que a busca de uma carreira profissional se tornando professor e o acesso a pós-graduação foi para terem uma melhoria financeira para garantir uma qualidade de vida melhor para a família, principalmente para os filhos. Foi destacada a questão de se tornarem exemplos para os filhos, sendo importante a ressalva que em nenhum momento estes professores homens destacaram a

necessidade de alterarem seu percurso de vida pessoal ou profissional para se adequarem aos filhos.

Dos seis docentes, cinco deles tem sua graduação em universidades públicas, sendo três concursados e dois contratados e somente um tem sua formação inicial em instituição privada, mas suas pós-graduações (mestrado e doutorado) são em universidades públicas. Mais uma vez, vale o destaque para as instituições de ensino superior públicas, que desempenham uma função social de destaque na formação inicial e continuada do quadro docente de Altamira, seja acessando a carreira via processos seletivos ou concursos públicos.

Algumas das experiências desses docentes foram narradas ao responderem a última pergunta do Eixo 1. Nesta pergunta foi também o momento em que todos respiraram e esperaram um pouco enquanto rememoravam momentos antes de começar as falas. Cada um com sua ótica de vida, de vivências e experiências e no próximo tópico será destacado parte do que foi narrado em cada entrevista, relacionando a Cena 1 - Revelação do passado dos professores; a Cena 2 - Vida cotidiana dos professores; e Cena 3 - Revelações esquecidas, aqueles momentos que não ficaram explicitamente claros.

Em relação as falas dos docentes analisadas a partir da Compreensão Cênica (Marinas, 2007), foi possível destacar momentos importantes que se referem a Cena 1, a partir das respostas para a pergunta: quem você é, quais caminhos percorridos de vida e de formação escolar, acadêmica profissional? Para essa resposta, os seis docentes voltaram ao passado, relatando memórias de suas infâncias, adolescências e de suas vidas adultas.

Neste momento em que eles se abriram para contar a sua História de Vida em forma de narrativa (auto)biográfica, o ouvir e o se fazer ouvir foi um ponto chave para que os professores se sentissem importantes, pois ali tinha alguém ouvindo sua História de Vida.

Diante disso, com a intenção de apresentar os docentes que participaram da pesquisa, serão relatadas partes das narrativas, com destaque para os trechos que permitiram delinear quem são eles para além de dados e informações como gênero e idade.

4.1.1 Era uma vez a História de Vida da professora Bianca

A professora Bianca foi a primeira com quem foi feito contato via *whatsapp* informando sobre a pesquisa e ela ficou interessada em participar contando a sua narrativa (auto)biográfica. Ela foi também a primeira professora a realizar a produção da narrativa. A entrevista aconteceu de forma presencial, no fim da tarde do dia 20 de junho de 2024, ela saiu direto da escola em que trabalha e foi para o LabPrat, laboratório que fica na Faculdade de Geografia, UFPA-Campus Altamira. Confesso que estava nervosa, pois se tratava da primeira professora que eu iria entrevistar, foi desafiador, mas muito prazeroso, a primeira entrevista teve duração de 1h e 34 minutos, de uma História de Vida com alguns percalços, mas também com sucessos alcançados.

Neste dia a universidade estava tranquila, sem alunos e com poucos professores nos corredores ou salas da universidade, pois ela estava em greve por reivindicações de melhorias para os professores e técnicos administrativo. No início assim como eu, notei que a Bianca também estava nervosa e ansiosa. No primeiro momento eu a recebi, a cumprimentei e apresentei o laboratório, e que ela disse que iria levar seus alunos para visitá-lo, após isso sentamos e eu expliquei de forma detalhada sobre a pesquisa, falei a quantidade de perguntas (total de 18), e que se demorasse ou ficasse cansativo poderíamos marcar um segundo encontro, que poderíamos dar uma pausa para ir ao banheiro, tomar uma água, que ela poderia ficar à vontade.

Sem dúvidas momentâneas, começamos a produção da narrativa e das primeiras perguntas do Eixo 1 - História de Vida, que foram as mais rápidas, exceto a última. Apesar de ter sido a entrevista mais rápida se for comparar com as demais, ela foi uma das que narrou sua História de Vida de forma mais detalhada, que se trata da Metamemória, as da professora Bianca são a memória forte que se refere as lembranças das nossas origens que ajudam na construção da nossa identidade (pessoal e profissional). Por exemplo, ela recordou com facilidade nomes de familiares, professores e de escolas por onde caminhou, além de dar destaque com certa facilidade para momentos que ela considera importante para ter se tornado quem é hoje.

Momentos marcantes que viveu com familiares, amigos da adolescência, momentos da universidade. Notei que a preocupação da Bianca era se estava falando

muito enquanto respondia as perguntas, e em alguns momentos eu disse para ela ficar à vontade para narrar sua História de Vida, sem se preocupar com o tempo. Em todas as entrevistas eu tentei deixar os docentes o mais à vontade possível.

Dando início a última pergunta do Eixo 1, perguntei para a Bianca: Quem você é, quais caminhos percorridos de vida e de formação escolar, acadêmica profissional? Ela respondeu: *“É difícil falar de si, tem várias coisas na cabeça, mas não sai nada”*. Ficou alguns segundos em silêncio organizando e pensando no que ia falar e iniciou sua narrativa (auto)biográfica:

Sou natural de Santarém/PA e, durante toda a minha trajetória eu sempre fui incentivada a ler bastante. Todos os meus tios são professores, eu venho de uma família de professores. O meu pai é professor e eles sempre me incentivaram para esse caminho de ler. Eu aprendi a ler com cinco anos, a minha madrinha que me ensinou a ler. E todo mês ela me dava um livro, e todo mês eu tinha que ler esse livro e contar para ela o que estava escrito nele e eu gostava demais. E ela tinha uma escola, uma escola particular. Então desde criança eu sempre vivi nesse ambiente escolar. Tenho muitas lembranças dela, mas ela faleceu antes que eu me formasse. Desde a infância, eu sempre tive o sonho de ser professora.

Quando Bianca mencionou que aprendeu a ler com os ensinamentos e incentivos da sua madrinha, ela se emocionou, a voz ficou embargada e os olhos encheram de lágrimas, pois a sua madrinha não se encontra mais entre nós e essa foi a nossa primeira pausa depois de eu falar a ela uma frase de conforto, ela saiu do laboratório para tomar água e se recompor para darmos continuidade na produção da narrativa. Após retornar para o LabPrat, ainda com os olhos um pouco avermelhados por ter chorado, ela diz que:

Toda vez que o professor me perguntava, o que você quer ser quando você crescer? A minha primeira resposta era sempre, eu quero ser professora. Só que durante a adolescência eu era uma menina muito tímida. E então às vezes eu ficava pensando, como é que eu vou ser professora se eu sou muito tímida? Eu tenho muita vergonha de falar em público, de me expressar em público. Até hoje ainda tenho um pouco dessa timidez, mas na sala de aula parece que ela some.

Eu complementei a fala da professora dizendo que quando fazemos algo que gostamos ou temos afinidade, a timidez acaba sumindo. De acordo com a conversa a narrativa foi fluindo e a Bianca retornou ao seu passado quando recorda que apesar de gostar muito de Geografia, no sexto ano a sua primeira nota vermelha foi neste componente curricular.

Eu gostava bastante da professora de Geografia, mas ela cobrava bastante, ela era uma professora bem inteligente. E eu só pensava em ser professora e quando tinha 14 anos comecei a dar aulas de reforços para alguns dos meus vizinhos que também eram crianças ou adolescentes, mas que ainda não sabiam ler ou escrever, eu os ensinei e ajudava nas atividades, e alguns

pais que tinham condições e me pagavam para ensinar e ajudar com as lições de casa.

Quanto as suas recordações de criança e adolescente, Bianca narrou que sempre gostou de Geografia e que sempre quis ser professora, contou sobre suas experiências como professora de reforço escolar para vizinhos, mas que no ensino médio essa vontade de ser professora mudou, e ela discorre:

No ensino médio eu fiquei um pouco desinteressada dos estudos. Tive uma fase de decepção com os estudos. Mas a minha tia sempre me incentivava. Ela sempre falava que o único caminho para a gente que é pobre é a educação e o estudo. E no ensino médio tinha aquela insegurança. Será que eu vou passar no vestibular? Toda a minha família passou de primeira. Era uma cobrança muito grande de passar o vestibular na UFPA e fazer uma faculdade pública, que também a gente não tinha condição de pagar uma faculdade particular.

Entre a dúvida de passar no vestibular e ingressar no ensino superior, Bianca se inscreveu no processo seletivo da universidade, mas não foi aprovada, e mais uma vez ela desanimou com estudos, com isso ela viu uma oportunidade em fazer um concurso que não precisada ter nível superior, a vaga era para monitora de creche, com isso Bianca narra que:

Eu me inscrevi no concurso para essa área e passei, fiquei até surpresa de ter passado, comecei a trabalhar em uma creche em 2009. E o sonho de ser professora voltou novamente, porque eu estava tendo contato com as crianças, eu trabalhava como professora auxiliar, trabalhei por cinco anos na creche até eu me formar.

No mesmo ano em que ela foi aprovada no concurso, ela prestou vestibular e dessa vez foi aprovada, optou por se inscrever em Geografia por ter afinidade, mas novos desafios começaram a surgir. Quanto aos desafios e perspectivas antes e depois de ingressar na universidade em busca de uma carreira profissional, Bianca narra que:

Eu não tinha muito tempo de estudar para o vestibular. Eu ia nos aulões que tinha de graça em Santarém, sempre tinha alguns aulões, algumas aulas em cursinho que eu podia assistir. E assim eu estudava, pegava os livros que a minha tia me dava, livros de redação, ela era professora de português, então ela sempre me ajudou muito para escrever redação. Ela sempre corrigia as redações que eu escrevia. Então, eu passei nesse ano para cursar Geografia em 2010. Era uma turma de manhã. De manhã eu estudava e de tarde eu trabalhava na creche.

A realidade do brasileiro que precisa trabalhar e estudar para conseguir uma formação e se sustentar ao mesmo tempo, é uma realidade que muitos jovens e adultos enfrentam diariamente. A professora Bianca quando prestou o vestibular, disse que estava sem expectativas positivas, pois como ela trabalhava nesta época, não

teve tempo para se preparar para a prova, mas conseguiu aprovação e que ao longo do curso encontrou amigos que facilitaram o caminho.

Ao contrário da professora Alice que focou em narrar mais a sua trajetória de vida profissional, a professora Bianca focou em falar sobre a sua vida pessoal e suas memórias familiares, da escola e principalmente no seu sonho e vontade de ser professora. Foi solicitado para que narrasse um pouco da sua trajetória profissional após finalizar o curso de Geografia e se tornar professora e ela narra que passou mais uma vez por alguns desafios.

Em 2013, eu fiz o concurso de Itaituba/PA e passei, mas ainda não tinha defendido o TCC, então terminei de escrever, defendi no início de 2014, fui a primeira a terminar o TCC da turma e para assumir esse concurso de Itaituba. Em 2014 cheguei nessa cidade desconhecida, eu e mais três colegas. Eu fui com toda aquela esperança que o professor tem quando se forma, que vai mudar a educação, que vai conseguir fazer as aulas mais dinâmicas, mas a realidade é bem diferente. Mesmo tentando muito. [...] quando eu fui entregar meu memorando de concursada, a diretora da escola disse que não queria professora sem experiência. Aí eu sofri de novo, voltei para a SEMED, disse que a escola não tinha me aceitado, a secretária de educação daquela época disse que eu tinha que ir para a escola assumir a vaga. Retornei na escola e a diretora me pediu desculpa por ter feito isso, porque ela gostava muito da professora antiga de Geografia, que na verdade era uma professora de História, que dava aula de Geografia e Estudos Amazônicos. Aí eu ia assumir a carga horária de Geografia e Estudos Amazônicos nessa escola que se chama Escola Castelo Branco em Itaituba, que ficava no centro, só que o centro da cidade era uma área meio periférica, chamada de Vila Caçula.

Dos desafios em que a professora Bianca teve que enfrentar no início da profissão docente, além de não ser aceita por ser jovem demais e por não ter experiência como professora, ela narrou que na sua primeira aula estava muito motivada, preparou uma aula com slide, mas que os alunos não paravam de conversar e ela se questionou *“será que eu quero mesmo ser professora?”*. Possivelmente este seja um dos questionamentos que todos os professores já se fizeram em algum momento da vida. Ela foi lotada também em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA), que segundo ela foi desafiadora.

Eram turmas só de meninos, fora da idade, também já outra complicação, uma turma lotada de 40 alunos, um pouco difícil de dominar e eles também já estavam desinteressados dos estudos. Então eu tentava todo o tempo fazer uma aula dinâmica, gastava recursos do meu salário para tentar fazer uma aula eu tivesse a atenção deles, que eram alunos bem complicados [...] esse primeiro ano foi bem difícil. Porque eu comecei a me perguntar, será que eu quero ser professora mesmo? será que vai ser só isso? Ficam tantos alunos desinteressados, família, a maioria dos alunos não tinha nem família, viviam sozinhos. Aí eu buscava todo tempo novas metodologias para tentar ganhar a atenção daqueles alunos [...] em algumas reuniões pedagógicas, a coordenadora sempre colocava exposto a minha nota, que era a professora que mais dava a nota vermelha para os alunos e que tinha que mudar a metodologia, como se tudo só dependesse de mim. Ainda mais quando

percebiam que eu era jovem, acho que é difícil começar a docência sendo muito jovem, as pessoas desacreditam.

Em alguns casos considerados desafiadores como por exemplo, uma turma de EJA, em que os alunos já são adultos e cada um com realidades diferentes, a Bianca narrou que na maioria das vezes o professor é o único responsabilizado pelo bom desempenho da turma, mas isso deveria ser uma responsabilidade de todo corpo escolar e não somente do docente. A professora Bianca ficou dois anos em Itaituba/PA e logo em seguida prestou concurso para Belterra/PA, que fica próximo a Santarém/PA, neste concurso ela foi lotada para a zona rural e mais uma vez os desafios estiveram presentes:

Em 2017, me chamaram para Belterra e eu fui, porque eu ia ficar mais perto de Santarém, só que fui lotada em uma comunidade muito distante, a três horas de Santarém. Era a última comunidade de Belterra, e era longe, ruim para chegar lá, não tinha onde ficar. Deram uma casinha de madeira para os professores morarem. E só eu tinha chegado, eu era a única professora concursada lá, dessa disciplina. Chegando lá para mim foi um choque de realidade, nessa comunidade só tinha a escola e umas cinco casas. Aí eu fiquei, meu Deus, eu estou em um lugar totalmente distante de tudo. Tinha internet, mas essa internet não pegava sinal de nada ou pegava de vez em quando. Aí eu fiquei, será que eu fiz a escolha certa? Eu já estava muito cansada, exausta de estar em Itaituba devido a essas cobranças de falarem que eu era nova demais, que eu tinha que mudar a minha metodologia. Aí eu cheguei num lugar onde a realidade é totalmente distante de tudo, não tinha nada, abandonado [...] para chegar até a escola tinha que pegar um ônibus que demorava e ainda chegava na comunidade toda suja de poeira. O ônibus não tinha ar-condicionado, o ônibus vinha pegando poeira na estrada e o pessoal levando galinha, farinha. E quando cheguei lá nessa comunidade a única referência que eu tinha é que quando eu fui assinar minha posse, pegar meu memorando para assumir a turma eu conheci a diretora que me deu um contato de uma professora que morava lá, que eu podia ficar na casa dela, encontrei a casa dessa professora ela me recebeu muito bem, já era uma professora aposentada, ela me mostrou a casa dos professores, que era uma casa que estava quase caindo [...] e a escola bem pequenininha, eu era acostumada a trabalhar nas escolas grandes, né? A escola tinha cinco salas. Era uma escola bem pequena, só. Eu fui lotada com 150 horas, mas essas 150 horas eu tinha que pegar Geografia, História, Estudos Amazônicos, História de Belterra, Artes. E eu tive que pegar até uma turma de inglês para conseguir fechar essas 150 horas, se eu pegasse só a Geografia, eu ia ter que ficar em várias comunidades, que seria mais complicado ainda para se deslocar.

A realidade narrada infelizmente é uma prática comum da Região Norte. Os professores que optam ou são lotados para ministrarem aulas na zona rural, com alunos indígenas, ribeirinhos, quilombolas, dentre outros povos que vivem na região, passam por dificuldades e por momentos que chegam a ser inacreditáveis, que vai desde a não ter uma escola com estrutura física para trabalharem, a não ter um lugar digno para morar durante o período em que vai ficar lotado para tal localidade.

Geralmente os professores que vão ministrar aula na zona rural, vão e ficam por alguns meses até finalizar todo conteúdo, depois vão para outra aldeia ou localidade para atender uma outra escola. A educação brasileira e os professores são desvalorizados e desrespeitados de tal maneira que chegam a se perguntar se estão na carreira certa, se fez a escolha certa em seguir à docência, assim como em alguns trechos da entrevista narrativa, a professora Bianca se questionou quanto as suas escolhas.

Finalizando o Eixo 1 com a narrativa da professora Bianca em que conhecemos quem ela é e quais caminhos percorridos de vida e de formação escolar, acadêmica profissional, em que ela narrou os desafios e perspectivas da vida pessoal, acadêmica e profissional, hoje ela se encontra sendo professora concursada na rede pública municipal de Altamira e ela narra que:

Eu não consigo me ver seguindo outra carreira, que não seja à docência, a Geografia. Acho que eu me encontrei nesse lugar. Mas que ainda há muitas problemáticas, muitas coisas que precisam mudar. Mas ainda é um lugar que me faz feliz, apesar de vários problemas, muitos problemas, muitos desafios.

A partir desta fala foi possível sentir e ouvir a Bianca que sonhava em ser professora quando criança, a mesma que entrou na sala de aula no seu primeiro dia como professora e acreditou que poderia mudar o mundo através do seu conhecimento, conhecimento este que ela pretendia trocar com os alunos. Em outra fala ela narra que nesses anos sendo professora de Geografia, em que passou por alguns municípios e dificuldades, mas também por muitos momentos bons que formaram a professora Bianca de hoje. Ela destaca que *“são muitos modos de vida diferentes. E a gente aprende também com eles, aprende as histórias e ela finaliza sua trajetória de Vida dizendo que acho que agora eu não estou lembrando. Eu terminei minha trajetória”*.

A professora Bianca conseguiu responder à pergunta de forma organizada, desde quando era criança, dos momentos de aluna no ensino básico, enquanto discente na universidade e enquanto profissional docente. A Cena que prevaleceu foi a Cena 1, em que ela traz suas memórias desde menina em que sonhava em ser professora, sua origem familiar, pois esteve sempre cercada de professores, *“todos os meus tios são professores, eu venho de uma família de professores. O meu pai é professor”*, logo ela se viu influenciada a seguir à docência.

Ainda neste exercício de rememoração da sua infância e adolescência, mas agora ao encontro com a Cena 1 e 2, pois ela rememorou a sua vida cotidiana

enquanto criança, a menina Bianca que sempre sonhou em ser professora e que iniciou suas primeiras experiências docentes ajudando seus colegas com aula de reforço, os ensinando a ler, a entender os conteúdos e a fazer os deveres de casa. Recordou com carinho dos livros que ganhava da sua madrinha e que era instigada a fazer leituras e isso era algo que acontecia corriqueiramente na sua vida, enquanto criança por influência da sua madrinha, e que Bianca sentiu falta quando ingressou na universidade, pois ela faleceu e não pode comemorar essa vitória.

Analisando a fala da professora Bianca por meio das Cenas de Marinas (2007) e Metamemória (Candau, 2020), das memórias em que Bianca ficou mais emocionada, com olhos brilhando e logo em seguida vieram as lágrimas foi quando relembrou da sua madrinha, uma memória forte de alguém que ajudou na sua construção identitária, que carinhosamente lhe ensinou a ler, que lhe dava livros de presente e que faziam leituras juntas. Neste momento percebemos a Cena 3, que é a mais difícil de encontrar nas narrativas, pois se trata das lembranças não explícitas ou reprimidas, mas que surgem por meio de feições ou gestos corporais, e isso foi mais fácil de perceber pela nossa entrevista ter sido presencial e estarmos frente uma da outra.

Os não ditos que vem através de brilho no olhar, lágrimas, um sorriso tímido, um estralar de dedo revelando nervosismo, uma fala trêmula, ou até mesmo um silêncio, dentre outros gestos que o corpo nos revela sem mesmo falar nenhuma palavra, e em alguns instantes enquanto ela recordava suas memórias com sua madrinha aconteceram as pausas para respirar, pausa para retornar a fala, um suspiro para engolir o choro, que podem ser considerados o dizer todo, o silêncio, a palavra plena e a palavra vazia (Marinas, 2007).

Dentre as três Cenas, a Cena 3 é a mais complexa de se perceber, pois além do entrevistador prestar atenção na fala do professor no momento da produção da narrativa, tem que prestar atenção aos mínimos detalhes que o corpo possa demonstrar através de sinais, os gestos silenciosos. Com isso finalizamos o primeiro eixo com a professora Bianca e daremos início ao primeiro eixo com o professor Adriano.

4.1.2 Era uma vez a História de Vida do professor Adriano

O professor Adriano foi o segundo entrevistado dos seis docentes, sua entrevista teve a duração de 2h e 35 minutos, ocorreu no dia 24 de junho de 2024, mais conhecido como dia de São João e por escolha do professor foi de forma *online*, através da plataforma *Google Meet*, para não precisar se deslocar, otimizando tempo para os demais afazeres, pois ele estava em fim de semestre com fechamento das notas.

O meu primeiro contato com o professor Adriano foi via *whatsapp*, enviei uma mensagem, me apresentando e passei informações sobre a pesquisa e por fim perguntei se ele tinha alguma dúvida, se desejava participar. Desde o primeiro momento, o professor foi muito receptivo e aceitou fazer parte e narrar sua História de Vida.

No dia agendado para a produção da narrativa, criei uma sala de reunião no *Google Meet* e enviei o *link* de acesso alguns minutos antes para o professor. Nossa entrevista iniciou próximo às 10:00 horas da manhã, assim como fiz com a professora Bianca, que foi a primeira entrevistada fiz com o professor Adriano, pois a entrevista seguiu um roteiro de acontecimentos. Assim que ele entrou na sala de reunião *online*, eu já estava o aguardando, de início me apresentei mais uma vez, pois só tínhamos nos falando por mensagem, agradei o aceite em participar da pesquisa e expliquei mais uma vez como funcionaria, perguntei se ele tinha alguma dúvida para darmos início a produção da narrativa.

Dando início informei quanto aos eixos, sobre a quantidade de perguntas, o deixei à vontade para qualquer pedido de licença para tomar água, ir ao banheiro ou até mesmo finalizar a entrevista e marcar um segundo encontro, caso ficasse cansativo. Ele mencionou que às 13:00 horas tinha que ir para a escola, pois tinha aula para ministrar naquele dia.

Eu o expliquei que o roteiro tinha 18 perguntas, algumas que seriam rapidamente respondidas e outras seriam mais demoradas, informei que nossa entrevista teria o áudio gravado para facilitação no momento da transcrição e organização dos dados e que só seriam usadas falas depois que passassem por sua avaliação. O professor Adriano foi um dos que fez algumas alterações no documento de transcrição da entrevista, segundo ele "*foi necessário fazer algumas correções e retirar os excessos*".

Iniciando com o Eixo História de Vida. O professor Adriano foi questionado com a seguinte pergunta: Quem você é, quais caminhos percorridos de vida e de formação escolar, acadêmica e profissional?

Me chamo Adriano Oliveira Rebouças, sou filho do José Deodato Monteiro Rebouças, e Lídia Oliveira Rebouças. José Deodato meu pai, é filho de Cearense, que veio para a Amazônia recrutado como Soldado da Borracha, no qual trabalhou extraindo borracha no período da guerra na região. Casou-se com minha avó Olindina Monteiro, que era uma nascida em Altamira e filha de Nordestinos. Os pais de minha avó paterna migraram para a Amazônia, fugidos do cangaço. Minha mãe, chegou no Pará junto com a transamazônica¹³, no ano de 73, na qual após 6 anos na região casou-se com meu pai e tiveram três filhos, sendo eu o primogênito. Meu pai era um mecânico que fabricava peças e com todas estas atribuições não sobrava muito tempo para orientar os filhos a ir para a faculdade. Mas, acabou que me vocacionou de primeiramente a ir para a área técnica que foi minha primeira profissão, no qual assinei minha carteira, como eletricitista de rede de distribuição. Trabalhei durante alguns anos nessa área, posteriormente, dei uma freada, quando me casei, ainda muito jovem com 20 anos. Quando meu filho nasceu em 2002 eu tinha 22 anos, e tive que me dedicar ao trabalho para sustentar a casa e trabalhei de várias profissões, inclusive professor de informática, diagramador de jornal, na época trabalhando com CorelDraw, cheguei a vender lanche.

Neste começo da narrativa do professor Adriano, percebemos uma memória forte, pois ele relembra com facilidade das suas origens e correlaciona com a historicidade da nossa região, quanto ao seu avó que foi soldado da borracha, sua mãe que chegou em Altamira com a abertura da Transamazônica, são acontecimentos que contribuíram na construção da identidade pessoal e profissional do professor Adriano, o que Candau (2020), define como Metamemória, as recordações que ajudaram de alguma forma a construir a identidade de uma pessoa.

A narrativa do professor Adriano e sua memória forte prevaleceram e foi ao encontro com a Cena 1 da Compreensão Cênica, ao rememorar suas lembranças, sua herança familiar que se entrelaça a própria história da Amazônia. Ele nos conta como foi formada sua família (retornando a sua origem), e como ele mesmo construiu a sua família, o que vai ao encontro com a Cena 2, de Marinas (2007), que reflete aos acontecimentos passados, mas também o cotidiano que ajuda na nossa formação enquanto sujeito social e profissional, por enquanto a Cena 3 ainda não surgiu.

¹³ A Rodovia Transamazônica (BR-230) foi construída durante o governo de Emílio Garrastazu Médici entre os anos de 1969-1974. A rodovia atravessa alguns estados que são os seguintes: Ceará, Piauí, Maranhão, Tocantins, Pará e Amazonas e foi construída com o objetivo de integrar a região norte do país com o restante do país, e de promover o desenvolvimento da Amazônia. Como o professor Adriano narrou em sua História de Vida que o a sua mãe chegou no Pará quando a transamazônica estava em processo de abertura.

O Adriano até se tornar professor teve muitas experiências profissionais, que foi desde vender lanches até trabalhar em empresas privadas de grande porte, se especializando como eletricista e se formando em Gestão Ambiental.

Quanto a chegada e interesse pela Geografia, o professor Adriano relatou que quem percebeu nele a facilidade para ensinar foi sua esposa, que também é professora, além de alguns amigos que viam nele essa capacidade de ensinar. Mas, foi principalmente sua esposa que o influenciou a fazer um curso de Licenciatura em Geografia, já que tinha formação em Gestão Ambiental e já havia trabalhado com a área do meio ambiente. Então ele se matriculou em Geografia, que concluiu em dois anos, pois creditou parte das disciplinas que cursou ao se formar em Gestão Ambiental. Adriana ainda concluiu o mestrado em Geografia e hoje segue doutorando em Geografia, bem como atua como professor na rede municipal de Altamira.

Dos desafios e perspectivas em ter que estudar uma pós-graduação, o professor Adriano narra alguns percalços e vitórias que teve que enfrentar:

Eu tinha um contrato na prefeitura municipal de Altamira até 2019, e com a mudança do governo e eu estava com um mestrado a cursar e não estava mais no governo eleito, conversei com a minha esposa e disse bora ver o que que vai dar, o no final de contas graças a Deus consegui a bolsa e foi o que me manteve nesse período de estudo, no qual finalizei o mestrado em 2022 e iniciei meus trabalhos como professor, com a missão de colocar nos eixos uma turma que já estava acostumada com a dinâmica de outro professor.

Mais uma vez percebemos a importância da universidade pública na vida das pessoas que buscam por mudança e melhoria de vida. O professor Adriano conta que conseguiu ingressar no mestrado pela UFPA e que conseguiu concluir o curso e se manter com o auxílio da bolsa. Logo após se tornar mestre, ele deu início a sua carreira como docente no município de Altamira. E dos primeiros episódios da carreira docente, ele narra que:

Um dos maiores desafios, sinceramente, quando você vai iniciar uma sala de aula, quando você tem um público de várias faixas, várias idades, onde você a cada dia tem que motivar esse público a entender o que você está explicando, eu acho que é o meu maior desafio, entendeu? Lidar hoje com a classe de jovens, e é desde os menores no sexto, sétimo, oitavo e nono ano, onde você tem aquela incumbência de transpassar aquele conteúdo e de muitas vezes esse conteúdo ser difícil de você explicar e qual é a grande dificuldade? É de você combater o principal mal que tem hoje, que é esse mal social que está na internet, no celular, esse entretenimento imediato que é tão prazeroso [...] um outro desafio vou pontuar agora, muitas das vezes, a estrutura em qual a escola hoje, é uma crítica que eu digo, é uma estrutura que não favorece o professor que pretende motivar o aluno. Como eu vou motivar o aluno a dizer assim, esse aluno precisa dessa forma didática para que ele consiga entender. A escola não se preocupa com isso, entendeu, ela joga a carga de responsabilidade apenas para o professor. Por exemplo, se eu precisar hoje de um data show, de um recurso midiático que faça com que

eu dinamize a minha aula, fica a meu cargo. A escola, muitas vezes, não te disponibiliza esse recurso. Quando você vai fazer isso, muitas vezes, tem que tirar do teu bolso. Eu percorria uma distância de 15 quilômetros da minha casa, atravessando a cidade em 2022 para dar aula no colégio Ideal no RUC Água Azul¹⁴. Muitas vezes em alguns dias da semana, que eu não voltava em casa para almoçar, devido à distância. E aí já almoçava por lá mesmo, começava pela manhã e só voltava no início da noite. Esse ano, com o aceite do doutorado, eu estou agora em duas escolas no Ulisses, pela parte da tarde, segunda, quarta e sexta, e terça e quinta o dia inteiro lá no colégio Maria Luísa, lá no Buriti¹⁵.

Na narrativa do professor Adriano percebemos uma fala que foi dita em outras narrativas, que são as dificuldades do professor em combater o celular, que por muitas vezes atrapalha a aula, além da dificuldade em se cativar a atenção do aluno. Outro ponto foi a necessidade de se gastar do próprio salário para produzir um material para uma aula que os alunos participem, pois na maioria das vezes a escola, nem o próprio município conseguem auxiliar o professor com materiais para que se construa algo lúdico para levar para as aulas.

O professor na maioria das vezes precisa dar aula em duas ou mais escolas para poder complementar sua carga horária. Esse também é o motivo dos professores além de ministrarem Geografia também atuarem em Estudos Amazônicos e até em outros componentes curriculares. Pois, se os professores fossem lotados somente em Geografia, teriam que trabalhar em muitas instituições para conseguir fechar as 200 horas, o que dificultaria a locomoção e acarretaria novos gastos com deslocamento, dentre outros fatores.

Na narrativa do professor, a Cena 3 não surgiram, são os ditos que não surgem nas falas, mas sim em movimentos corporais e essa Cena não foi evidenciada na sua narrativa, somente as Cenas 1 e 2, em que ele rememorou seu passado lembrando da sua origem familiar e a vida cotidiana como professor de Geografia, de Estudos Amazônicos e estudante de pós-graduação em Geografia. A entrevista do professor Adriano foi *online* e isso pode ter de alguma forma influenciando a não percepção da Cena 3. Finalizamos o primeiro eixo com o docente Adriano e agora daremos início a narrativa da professora Alice.

4.1.3 Era uma vez a História de Vida da professora Alice

¹⁴ Reassentamento Urbano Coletivo Água Azul, trata-se de um bairro no município de Altamira/PA.

¹⁵ Loteamento Cidade Jardim-Buriti, trata-se de um bairro no município de Altamira/PA.

A produção da narrativa com a professora Alice ocorreu no dia 27 de junho de 2024, com início às 18:00 horas e teve duração de 1 hora e 55 minutos, nosso encontro foi de forma virtual, através de uma sala de reunião do *Google Meet*. Ela me recebeu virtualmente de forma acolhedora e em muitos momentos elogiou a pesquisa, ela mencionou que a pesquisa *“tem uma visão tão diferenciada dos trabalhos que a gente vê sendo construído. Tem sua visão diferenciada em buscar ali o Professor como alvo, acho muito bacana”*. Na fala da professora Alice, podemos perceber que ela se sente valorizada em participar de uma pesquisa em que tem a carreira docente como temática principal.

O primeiro contato com a professora Alice foi por telefone, enviei mensagens a ela via *whatsapp* me apresentando, pois dentre todos os docentes entrevistados ela era a única que eu não conhecia pessoalmente, e quando eu apresentei sobre o que seria a minha pesquisa, ela ficou interessada em participar e contribuir, no primeiro contato havíamos combinado de tentar nos encontrar pessoalmente na UFPA-Campus Altamira, mas não deu certo, devido a correria da sua vida. A professora estava envolvida no final do semestre letivo e estava finalizando as provas, correções e lançamento de notas nas escolas em que ela atua como professora de Geografia e Estudos Amazônicos.

Mesmo em meio a todo esse contexto, a professora deixou claro que era um prazer contribuir com a pesquisa e esteve a todo momento aberta ao diálogo, seja na produção da narrativa, seja em momentos posteriores. No início da nossa fala, após cumprimentá-la antes do começo da produção da narrativa, eu expliquei de forma breve sobre como seria a entrevista, em que iríamos conversar por meio de um roteiro de perguntas, mas que na maioria do tempo eu iria ficar como ouvinte enquanto ela narrava as suas trajetórias de vida pessoal, escolar, acadêmica e profissional.

Expliquei que o roteiro de perguntas era dividido em eixos, em que o primeiro era o Eixo Histórias de Vida, o segundo o Memórias de Ensino, o terceiro Formação-Profissão e o quarto as vivências em Estudos Amazônicos. Deixei claro que caso ela quisesse finalizar a narrativa, sair para ir ao banheiro ou tomar água, poderia ficar à vontade e que se ficasse cansativo poderíamos marcar um segundo encontro.

O primeiro Eixo é o Histórias de Vida que além do questionário mais rápido, tem somente mais uma pergunta aberta, mas uma pergunta que é preciso ativar a arte de voltar no tempo e rememorar os momentos considerados importante e de sentir quais memórias estão ativas na mente, e se são fortes ou fracas (Candau, 2020).

A memória humana de certa forma filtra momentos que irão permanecer em nossa mente ou não, ninguém consegue lembrar de tudo que já viveu na vida de forma exata, nessa pergunta a professora deve se apresentar, contar quem ela é e quais os caminhos percorridos em sua vida, sendo que ela comenta:

O meu nome é Alice, eu sou Professora do ensino básico fundamental aqui em Altamira. Passei pelo concurso recente e tenho atualmente três anos na docência. Formei lá em 2011, optei por não continuar percorrendo o caminho da docência, eu parei por um tempo e decidi fazer um outro curso. Fiz um outro curso em Engenharia Civil e tinha uma perspectiva de trabalhar neste outro ramo. Mas cheguei aqui em Altamira, estava acontecendo concurso. E a minha visão foi sempre passar no concurso. O meu objetivo sempre foi entrar no serviço público.

Neste primeiro momento percebemos a Cena 1, momento revelador e de escuta entre narrador e pesquisador, a professora Alice se apresenta de forma livre respondendo a última pergunta do Eixo 1, em que ela enfatiza bastante suas primeiras experiências na profissão docente.

Comecei no período remoto¹⁶, que foi um desafio maior ainda. Quando eu comecei, eu não conhecia o gestor, que é o nosso diário hoje em dia. Antigamente nós tínhamos o papel, tínhamos aquele diário que tu não podias errar nele. E aqui em Altamira eu venho e me deparo com o gestor. O gestor é um software que nós alimentamos com os nossos conteúdos, as nossas frequências. E quando você entra numa escola, por exemplo, mesmo que você seja novo na área, todo mundo espera que você tenha a experiência com o gestor, a experiência com o diário, com os trâmites escolares, com o que é o conselho, com o que é um plantão pedagógico. E isso para mim foi extremamente novo. Então, assim, apanhei muito para mexer no gestor.

Dentre as suas falas, ela menciona que por ter se formado há mais de dez anos, sentiu uma diferença quando foi para a sala de aula, pois quando era aluna da graduação e que vivenciou seus estágios supervisionados, os diários de chamadas ainda eram manuais e quando veio ministrar aula em Altamira, ela se deparou com o Gestor Escolar¹⁷. Além dos desafios mencionados pela professora Alice, enquanto iniciante na carreira docente, ela menciona sobre a questão da precariedade na educação básica.

Quando eu entrei, eu tive dificuldade em preencher o Gestor Escolar, as poucas horas de planejamento. Fora o choque de realidade, de você entrar em uma turma com 36, 40 alunos, entrar em salas de aula que não tem ar-condicionado. Então, assim, eu gosto muito de trabalhar na área da educação. Eu tenho, assim, uma ótima relação com os meus colegas, com

¹⁶ Devido a pandemia COVID-19, principalmente nos anos 2020, 2021 os alunos e professores tiveram que se adaptar ao que na época foi chamado de novo normal, se adaptarem as aulas remotas, através de plataformas de aulas online, aulas gravadas, para manter o distanciamento. Período em que o contato físico não era permitido para não favorecer a transmissão do Corona Vírus.

¹⁷ O gestor escolar é um software em que os professores do município de Altamira acessam com um login e senha e neste eles preenchem com algumas informações como a frequência dos alunos, os planejamentos e planos de aula, as atividades que acontecem na sala de aula e as notas dos alunos.

os meus alunos. Eu gosto do que eu faço. Mas eu não esperava encontrar um cenário tão precário na educação. Mas aqui estou, caminhando e tentando me manter otimista na educação básica. E é um desafio.

Alice diz ainda que antes de iniciar a carreira docente “*eu tinha uma visão romantizada da educação e você passa a entender o que é educação quando tu se inseres no espaço de uma escola. É só aí que você realmente pode dizer que você sabe o que é educação, principalmente a educação pública*”. O sujeito enquanto professor, passar por desafios que só quem é professor e está em sala de aula enfrentando dia a dia a precariedade das escolas, pode mensurar a importância da profissionalização docente e de políticas públicas para a Educação.

Quando a professora continua a narrativa falando sobre suas primeiras experiências da vida docente e os primeiros desafios percebemos um encontro das Cenas 1 e 2, instante em que ela rememora o seu passado lembrando de quando se formou, quando foi aluna e agora enquanto professora e que todo caminho metodológico de estar em sala de aula está diferente. Isso reflete quando ela fala sobre o diário escolar, o planejamento e Gestor Escolar e da sua vida cotidiana na escola enquanto professora, e que são consideradas as memórias fortes, pois fazem parte das suas lembranças enquanto estudante e hoje enquanto professora, em que ela consegue diferenciar como era a escola antes e agora.

Ao finalizar a sua fala respondendo quanto a sua trajetória escolar, acadêmica e profissional, devido a professora ter focado somente em relatar sobre a sua vida docente eu a indaguei, dizendo que queria conhecer um pouco mais da trajetória de vida pessoal, enquanto aluna escolar, aluna de graduação e então ela comenta que tinha entendido que era para focar somente na parte da sua trajetória na docência.

Então Alice disse: “*olha, faz tempo, faz tempo*”. Nesta fala eu percebi que a professora franziu a testa como se estivesse se esforçando para lembrar sua vida enquanto criança e adolescente (ela tenta organizar na mente a sua fala, antes de começar a narrar), e ela começa as suas memórias relatando que enquanto criança sempre estudou em escola pública e que possui boas memórias dessas escolas, pois segundo ela na escola sempre aconteciam eventos importantes que atraíam a atenção dos alunos.

Eu era uma criança que nunca gostei de praticar esportes, mas eu gostava muito de ler. Então, sempre nas escolas tinham algum evento literário, algo voltado para isso e eu sempre gostei de praticar, nem sempre conseguia porque às vezes precisava alguma roupa específica, comprar alguma coisa para o evento, e para nós que não tínhamos essa condição era complicado.

Então as memórias que eu tenho são de participar daquelas coisas que eram possíveis e que eu gostava, mas ao mesmo tempo eu tenho uma memória de não conseguir participar de tudo que eu queria por causa de recursos os familiares mesmo.

Quando a professora responde essa pergunta percebemos a Cena 1, pois é quando ela relembra de momentos na escola e em casa enquanto criança e adolescente. Ela retorna ao passado relacionando as leituras que fazia tanto na escola com os professores quanto em casa com os pais, sobre isso ela narra:

Em casa os meus pais eles sempre gostaram de leitura, embora meu pai tenha feito só até o quarto ano de antigamente e minha mãe terceiro, não eram pessoas formadas, graduadas, entendidas, mas eram pessoas que gostavam de ler, na minha casa tu encontrava caixas e caixas de revistinhas em quadrinho.

Ainda falando em leitura, Alice menciona que sempre fazia leitura em parceria com sua mãe quando estava em casa e que as principais eram as revistas da Turma da Mônica, em que ela diz ter uma afetividade enorme e quando adolescente juntamente com sua irmã lia a saga *Harry Potter*. Ela diz que:

A minha base literária vem de casa, não vem de uma graduação, não vem de títulos, vem dos meus pais lendo. E isso mudou a minha vida, foi mudando aos poucos. E acho que se não fosse por isso, eu não teria tanto interesse na leitura, em estudar, em buscar.

Diante disso, é perceptível que os pais e familiares se tornam exemplos, desempenhando forte influência nos caminhos que seguimos em nossas vidas. Em relação as memórias e vivências na faculdade, ela narra que:

Eu comecei a faculdade em 2007, eu estava ali com 17 anos. O curso eu escolhi, porque escolhi! Não é porque eu amava Geografia no Ensino Fundamental e Médio, dentre as escolhas, eu olhei e falei assim, olha, vou fazer Geografia, parece bacana. E aí eu entrei no curso e eu fui ficando, eu fui gostando ali do que eu estava vendo, do que eu estava aprendendo e foi acontecendo um trabalho de campo aqui, outro ali, eu fui me interessando e gostando da Geografia, só que na graduação, quando eu entrei na sala de aula para fazer o meu estágio, eu desisti de ser Professora. Naquele momento eu falei assim, não, eu não quero ser Professora, não é para mim, mas vou terminar o curso. E aí eu terminei o curso. Acho que um ano parada, e falei, vou fazer outro curso, vou fazer Engenharia Civil.

A professora Alice faz rememorações de momentos que foram importantes para ela enquanto estudante da educação básica, da universidade e já como profissional docente. Quanto a interpretação das suas falas com o uso da Compressão Cênica, na narrativa (auto)biográfica da professora Alice, as Cenas 1 e 2 aparecem da seguinte forma: a Cena 1 surge quando ela lembra o seu passado, enquanto criança e adolescente, morando em Montes Claros com seus pais e restante da sua família, sempre estudando em escola pública e com boas lembranças dessas escolas.

Escolheu cursar graduação em Geografia, mas no decorrer do curso quando passou pelo estágio docente ficou na dúvida de ser ou não professora, que por hora a resposta foi não, aqui percebemos a Cena 3 quando ela não mencionou o motivo de ter desistido da docência naquele momento, tanto que ingressou em um outro curso totalmente distinto da docência, que foi Engenharia Civil. Segundo Alice, mesmo não optando em ser professora de Geografia, ela diz que:

Todas as escolhas que eu fiz, elas me levaram para um caminho que eu chegaria à docência. Eu cheguei aqui (em Altamira) com dois diplomas, pensei em trabalhar na Engenharia Civil. Só que me veio, olha, eu preciso ter um pouco mais de tempo com o Júlio¹⁸ (filho) que estava pequeno, e eu acho que o que vai me possibilitar isso é a docência ter alguns horários de aula e outros que eu possa estar em casa, não trabalhar no final de semana. Então, por isso, acabei optando no concurso para a Geografia.

Aqui percebemos um Momento-Charneira (Josso, 2004), que é o nascimento do seu filho. Este foi um momento que marcou a sua vida e encaminhou para a escolha pela carreira docente, mesmo ela não tendo gostado quando fez seu primeiro estágio docente. A docência era a profissão que lhe permitia ter mais tempo para poder cuidar do filho que estava pequeno, pois iria para a escola somente de segunda a sexta e nos finais de semana estaria livre. Hoje ela menciona que se encontrou como professora, relatando que:

Eu gosto de ensinar, eu gosto de estar aqui. Acho que mais marcante ainda é o momento em que eu me entendi como Professora, que foi quando um aluno olhou para mim e disse professora eu sei que você vai ser uma ótima professora para mim e que eu vou aprender muito, basicamente isso e aí assim, eu olhei para mim e falei assim cara, eu sou Professora deste aluno eu vou ensinar Geografia para este aluno e eu me entendi como Professora naquele momento.

Vale destacar que quando a mulher escolhe ser mãe e seguir a carreira profissional, não é uma escolha fácil, tal escolha vem com uma sobrecarga, principalmente em ter que conciliar as bagagens que são invisíveis a sociedade, como por exemplo, conciliar o serviço de casa, cuidar dos filhos, cuidar de si, cuidar da carreira profissional, organizar e planejar aulas etc.

A família é o catalisador de suas atividades e os papéis de esposa e mãe definem contornos do seu modo de ser mulher e de reconhecer-se como sujeito. A atividade profissional é espaço de outras relações e lugares sociais, que passam a ser vividos pela mulher. Esses lugares sociais implicam modos de ação e preocupações distintas das práticas familiares, passando a dividir, com elas a determinação das suas atividades, a definição de propriedades frente a essas atividades e sua própria motivação (Fontana, 2003, p. 86).

¹⁸ Foi utilizado um nome fictício (Júlio) para referir-se ao nome do filho da professora Alice, que optou por não usar seu nome verdadeiro na escrita da pesquisa.

A professora Alice relatou que quando começou a estudar para o concurso, seu filho Júlio era muito pequeno e que foi um período difícil para conciliar os estudos com a maternidade, ela narra que:

Eu tirava ali de onze horas à meia-noite, estudava um pouco e falei, você vai ser o que Deus quiser. Adiou o concurso, aí o concurso veio e eu falei assim, eu vou tentar do jeito que está. E eu passei na prova objetiva, a redação foi maravilhosamente bem mas, a prova objetiva ela foi com o pezinho assim para não ser, então eu falo que todas as coisas na minha vida elas confluem para ser, se é para ser elas vão alcançar não que a gente fique parada, mas as coisas nos alcançam, então eu penso isso da educação eu acho que me alcançou, é uma coisa que hoje eu gosto de fazer, me sinto sobrecarregada, principalmente neste último ano, mas é uma coisa que eu gosto de fazer. Eu acho que eu consegui responder aí da minha trajetória até aqui.

A fala da professora Alice quanto as suas memórias, foram de forma organizada, ela foi narrando momentos de forma compreensiva, partes por partes. E ela finaliza a resposta da pergunta do Eixo 1 desta forma, narrando sobre os desafios que enfrentou quanto ao concurso e que apesar destes percalços ela conseguiu ser aprovada, pensando em uma melhoria futura de vida sendo concursada, mas pensando também em ficar mais perto do seu filho. Ela narra ainda que apesar da sobrecarga em ser professora da rede pública, é uma coisa que ela gosta de fazer. Dentre todos os ajustes que a professora Alice teve que fazer, teve também que adaptar o ser mãe e profissional, buscando formas de não prejudicar nenhum dos lados.

A Cena 2 na narrativa (auto)biográfica da professora Alice foi percebida quando ela relatou sua vida cotidiana sendo uma professora de Geografia, os desafios da docência, mas que mesmo com isso tem a parte positiva e que ela acabou se encontrando na docência.

A Cena 3 que são as Cenas que ficam de alguma forma escondidas nos entrecruzamentos das falas, foi possível perceber esta Cena quando a professora Alice mencionou que desistiu de ser professora quando ingressou no estágio docente, nesta fala, teve um silêncio e ela não explicou o motivo de não ter gostado da docência nessa primeira experiência. Mesmo assim ela concluiu o curso, mas não seguiu a carreira docente naquele momento, e até iniciou um novo curso algum tempo depois.

De acordo com que ela narrou sua História de Vida, as 3 Cenas foram surgindo, em diferentes momentos e em diferentes aspectos. Vale enfatizar que houve mais dificuldade na percepção da Cena 3 nas entrevistas que foram de forma *online*, pois alguns gestos não foram possíveis de serem observados. Por aqui finalizamos a História de Vida da docente Alice e daremos início a narrativa da professora Ítalla.

4.1.4 Era uma vez a História de Vida da professora Ítalla

A entrevista narrativa com a professora Ítalla, foi uma das mais demoradas e com um misto de sentimentos que foram de sorrisos a lágrimas, são aquelas experiências de tirar o fôlego, mas que ao fim valeu a pena ter ouvido, pois acabei aprendendo com a História de Vida que foi narrada por ela. Assim como os outros docentes que foram entrevistados, eu já a conhecia dos corredores da Faculdade de Geografia, mas sem muita afinidade.

O primeiro contato com a professora informando sobre a pesquisa foi através do *whatsapp*, em que eu expliquei sobre como seria a pesquisa, quais objetivos e como seria a produção da narrativa e desde o primeiro momento ela esteve de prontidão para participar e contribuir. Diante disso, foi solicitado para que ela ajustasse na sua agenda um dia e horário que pudesse estar comigo para a produção da narrativa, pois ela estava ministrando aula e em período de avaliações para finalização do primeiro semestre de 2024, e além de precisar encaixar com a vida profissional, ela precisou adaptar com a sua rotina pessoal.

A mulher que é mãe de família e profissional, sempre precisa se organizar da melhor forma para que nenhuma das partes seja prejudicada. Nosso encontro ocorreu no dia 01 de julho de 2024, de forma presencial em uma tarde proveitosa e de muitos aprendizados. No que diz respeito a Cena 1 momento de enunciação, em que conheci a Ítalla por meio da sua narrativa, pois ainda não conhecia sua História de Vida, somente a discente, uma vez que cursamos uma disciplina juntas, ela no doutorado e eu no mestrado.

Eu a recebi no LabPrat, o laboratório é tranquilo, mas eu precisei colocar uma placa na porta informando que estava em reunião, pois quando estou nas tardes de estudo por lá, sempre aparecem alunos ou professores querendo olhar materiais didáticos que tem no laboratório, tomar um café ou conversar e como a narrativa foi gravada, para que não houvesse interrupções foi necessário colocar a placa na porta. A entrevista narrativa teve duração exata de 3:00 horas.

Neste tempo teve pausa para ir ao banheiro, para tomar água, para tomar um café, pois como foi mencionado, a História de Vida da professora foi emocionante e desafiadora ao meu olhar e uma das mais demoradas. Dos seis docentes que narraram sua História de Vida, ela é a única professora que passou pelo processo da graduação, mestrado e doutorado, todos em Geografia pela UFPA, e especialização

em outra instituição e a única professora que tem experiência em ministrar aula no Ensino Superior.

Dando início as perguntas para a produção da narrativa, foi solicitado a ela que se apresentasse respondendo à última pergunta do Eixo 1 Histórias de Vida, quem você é, quais caminhos você percorreu de vida, de formação escolar, acadêmica, profissional? A professora começa sua narrativa da seguinte forma:

Se eu esquecer, vai me lembrando. Eu sempre gostei de estudar. Eu fui criada pelos meus avós, desde o dia em que eu nasci até quando eles faleceram, então sou filha dos meus avós, e eles sempre me incentivaram. A minha mãe (avô), ela era faxineira, fazia todos os tipos de serviços de limpeza. Ela trabalhou na Secretaria de Saúde, na Prefeitura, em algumas casas, na antiga creche vovô Bezerra então, ela sempre me incentivava a estudar, porque ela não queria aquilo para o meu futuro. E o meu pai foi agricultor, ele trabalhou a vida inteira e sempre foi na roça, até quando ficou doente. E aí, a minha mãe sempre tinham ditado que “a caneta é mais leve do que a enxada”. Então, não desfaço do meu passado, da minha base familiar, foi o que me formou, o que me sustentou, o que me incentivou. Só que eu sempre gostei muito de estudar, estava sempre tentando ser uma boa aluna, dar orgulho para os meus pais, a minha mãe biológica também sempre me incentivou a estudar. Como meus pais não tiveram estudo, e eu gostava de estudar, então a minha mãe sempre trabalhou demais, e na época era sempre mais difícil, lembro que minha mãe ganhava em torno de duzentos e poucos, ou trezentos e poucos reais por mês. Ajudava meu pai na roça ainda, ela multiplicava as coisas. E ela, mesmo com a dificuldade financeira pagava um curso, então pagava a escola particular. Eu ainda ganhei bolsa pelo SESI, que foi uma das minhas formações básicas. Depois não teve condição de pagar uma escola particular, e aí a minha mãe colocou no público. Da quinta série até o oitavo ano, que era na época, sempre estudei no Dairce Pedrosa Torres, então na escola pública e mesmo com a dificuldade, com todas as problemáticas que a escola pública tem, e eu sempre tentava tirar boas notas, ser uma boa aluna.

Ela inicia lembrando carinhosamente dos seus avós, que a criaram desde o seu nascimento, voltando as suas origens e como ela mesma narrou “*não desfaço da minha base familiar, foi o que me formou*”. Ela recorda com carinho e orgulho do esforço que eles fizeram para que ela sempre estudasse e tivesse um futuro diferente dos deles. Neste primeiro momento da narrativa, percebemos a Cena 1, instante em que ela rememora sua fase de criança, enquanto filha e estudante dedicada e dos esforços que seus pais faziam para que ela pudesse ter um bom estudo.

Ela narra que seus pais mesmo sem estudo sempre trabalharam muito para que ela estudasse em escola particular nos anos iniciais, mas que depois devido a condição financeira teve que estudar em escolas públicas e que mesmo com a diferença na metodologia de ensino da escola pública, ela conseguia tirar notas boas devido ao seu esforço. Nesta primeira parte da narrativa as Cenas 2 e 3 ainda não apareceram na narrativa, mas percebemos que uma memória forte surgiu, pois ela

narra sobre as suas origens que lhe influenciaram a ser a pessoa que é hoje. Dando continuidade na sua História de Vida, ela nos revela que:

A minha prioridade a vida inteira sempre foram os meus estudos. Abduí de bastante coisa para me dedicar aos meus estudos. Eu terminei o meu ensino médio e a minha mãe não tinha condição de me mandar para uma universidade que eu passei, a primeira universidade que eu passei foi em administração e passei para arquitetura em Minas Gerais, mas não consegui cursar por motivos financeiros. Eu tinha 23 anos quando eu entrei na universidade pública. Foi no processo de repescagem. Aí consegui entrar na UFPA [...] na época, foi uma vitória muito boa, muito positiva para minha família. E aí, minha mãe biológica, ela sempre me dizia uma frase seguinte, “Eu trabalho de domingo a domingo, de Sol a Sol, assim como os nossos pais, eu quero minhas filhas formadas, eu quero minhas filhas feitas de faculdade, ter um bom emprego”.

A professora Ítalla foi detalhista quanto a sua narrativa, ela tentou narrar de forma linear e cronológica os acontecimentos, desde quando era criança, estudante que adorava leitura, que gostava de estudar e que sempre foi incentivada pelos seus pais, o que fez com ela continuasse estudando, pois precisava dar orgulho para aqueles que tanto acreditavam nela, teve experiência em escola pública, mas também em escolas particulares. Foi aprovada em universidades que infelizmente não conseguiu cursar devido dificuldades financeiras para se manter em outro estado, mas logo conseguiu ingressar na UFPA-Campus Altamira, no curso de Geografia e sobre estes acontecimentos ela narra:

No período de graduação eu tive alguns percalços. Não foi uma graduação fácil, na verdade, todos os meus períodos de estudo não tiveram tanta facilidade, tanta praticidade como eu vejo hoje em dia de alguns alunos meus, até na experiência dentro da universidade. Ainda no período de graduação, a minha mãe ainda tinha dificuldade financeira para me sustentar, mesmo a gente morando aqui na cidade, querendo ou não, a universidade, ela tem gastos. Até que eu consegui o auxílio da Bolsa de ensino e eu me permiti vivenciar a universidade, pois com o incentivo da bolsa eu consegui continuar estudando. Então todo o período da graduação eu tive o auxílio da bolsa, só que aí nós temos dois processos diferentes, porque para manter a bolsa, manter um grupo de estudo e manter as suas notas, tem que estudar muito, e não podia reprovar. Então, a rotina de estudo que eu tinha era bastante elevada, porque eu estudava no período da tarde e de manhã a bolsa.

Mais uma vez é válido destacar a importância da universidade pública e das bolsas de ensino, que facilitam com que o aluno continue estudando e se dedique ao curso de forma integral, aproveitando mais as disciplinas, e vivenciando a universidade e todos os eventos que nela ocorrem, além de participar dos laboratórios.

Só que dentro desse período da graduação, eu tive umas provas particulares que foi só Deus, só Deus mesmo, e muita força de vontade para permanecer dentro da graduação. No início da graduação, a minha mãe ficou muito ruim do coração, teve muitos problemas, e aí foi uma época que foi muito delicada na saúde da minha mãe. E quando ela teve uma melhora, nós descobrimos um câncer de mama. Então durante a graduação até o início do

mestrado a minha vida só teve três focos, tinha essa responsabilidade da bolsa de estudo, que problemas pessoais ou não, eu estava ali, cumprindo a minha função [...] então eu tive que auxiliar a minha mãe em todo o processo, desde o descobrimento até a cura do câncer, eu estive ali com ela, ajeitando tudo, desde consulta, remédios, viagens. E aí, quando foi no final da graduação, a gente já tinha tido o diagnóstico que a mãe tinha curado o câncer e tudo mais, estava só no processo de acompanhamento. A minha graduação foi totalmente conturbada, não tive paz somente para focar nos estudos. Eu tinha que focar nos estudos, mas tinha que dar conta de casa, dar conta de problemas que hoje em dia eu vejo que eram tão pesados, eram fardos tão pesados, mas Deus estava ali comigo agindo, de forma passiva, as palavras certas para cuidar da minha mãe, a força certa, Deus colocou pessoas muito boas na minha vida para me ajudar nesses momentos. Não posso negar isso. E aí no mestrado também foram outras provações, pois quando eu estava em Belém pouco mais de um mês o meu pai faleceu e isso me desestruturou, pensei ainda em voltar para Altamira só que muitas das coisas que me fez permanecer foi a minha mãe me incentivando. Com tudo isso ainda tinha a questão financeira, você está numa cidade diferente, e eu não conhecia praticamente ninguém, só duas amigas que passaram junto comigo. Mas lá a gente vai criando amizade, Belém querendo ou não, tem esse lado acolhedor. porque é uma cidade estudantil, uma cidade universitária.

Nas narrativas da professora Ítalla foi possível identificar as Cenas 1, 2 e 3. A Cena 1, surge quando ela recorda de momentos da sua infância enquanto estudante que queria dar orgulho para os seus pais que faziam de tudo para lhe manter somente estudando; a Cena 2, surge quando ela narra momentos da vida cotidiana, as vivências na faculdade, no mestrado e no doutorado; e a Cena 3, em momentos de silêncio e lágrimas quando ela fala que sua mãe teve problema do coração e depois o câncer de mama, mas que conseguiu se curar depois do tratamento, quando ela recorda que seu pai faleceu e quando ela diz que passou por todas as fases de graduação, mestrado e doutorado, pois sabia que seus pais estava torcendo de onde eles estivessem. Neste momento da produção da narrativa ela precisou se retirar da sala para tomar uma água, respirar fundo para depois darmos continuidade. Ao retornar para a sala, ainda tomando água em um copo ela continua sua narrativa:

E eu conheci profissionais, professores que me ajudaram bastante, dentro da bolsa que me proporcionou também ter essa base nos estudos, me auxiliou bastante. E aí sempre eu estava vindo para fazer as pesquisas de mestrado em Altamira, ficar perto da família, que batia a saudade. E eu estava ali entrando no processo para entrar no doutorado, porque eu queria continuação dos meus estudos, isso foi no final de 2018, e aí a mãe teve que operar e ela ficou mais debilitada. Aí foi outro dilema na minha vida, pois eu tentei voltar, mas como eu era bolsista então tem um protocolo a seguir, tem todas as obrigações de um bolsista [...] e aí, eu fiquei num grande dilema, ou eu continuo a estudar ou eu volto para o leito da minha família, onde que é a minha mãe, ainda é a minha base. E aí quando ela operou, ela ficou mais debilitada ainda. E aí eu falei mãe, final do ano eu volto para ficar com a senhora, mesmo com o processo seletivo do doutorado. A mãe foi debilitando, aí deu aquela melhora e quando foi em dezembro, faltava uma semana e pouco para eu retornar para a Altamira. Aí veio o falecimento dela. Aí foi

desestruturante na minha vida. Estava finalizando a dissertação. Estava fazendo o processo para a seleção de doutorado e minha mãe faleceu, aí me desestruturou totalmente, totalmente, totalmente, totalmente. Perdi a minha base, mas eu consegui ser aprovada no doutorado [...] eu não queria voltar para Altamira por conta que eu não tinha mais nada que me prendesse aqui. E tudo que vinha para cá, para Altamira, remetia a dor, remetia a sofrimento. E aí eu permaneci em Belém, que foi totalmente difícil, mas eu cursei e finalizei meu doutorado em 2024.

Quando a professora se remeteu a lembranças recentes com seus pais, são lembranças que lhe remetem um pouco de dor, como ela mesma mencionou que quando foi aprovada no doutorado preferiu cursar em Belém ao invés de Altamira, pois Altamira lhe remetia a lembranças de sofrimento, pelo menos naquele instante em que ela estava vivendo o seu luto por ter perdido sua mãe e seu pai. E quantos as suas experiências profissionais da carreira docente, a professora Ítalla narra momentos que foram importantes e que ela teve que se reinventar em alguns momentos para ministrar aula, dito isso ela narra que:

Eu tive que me reinventar, me refazer. A minha primeira experiência no ensino básico foi em 2022, ainda com o período do doutorado, que foi uma loucura. Não aconselho dar aula e estar na pós, porque você tem que estudar, você tem que preparar aula e tem a parte mais burocrática do ensino básico que tem relatório, tem que sempre estar de olho em todos os alunos. Em 2022, eu tinha 11 turmas que eu ministrava aula em Estudos Amazônicos e foi a minha primeira experiência. Mas tinha horários de hora atividade, então eu conseguia me organizar dentro da semana, tirando o final de bimestre que tinha muita prova para corrigir, notas para trabalhos para corrigir e não tem dia, não tem hora, tem hora para começar, não tem hora para terminar. A busca na internet é muito difícil para assuntos de Estudos Amazônicos. Professor de Geografia que só fez a graduação e foi para Estudos Amazônicos, eu imagino e sei da dificuldade que ele sente, porque tu podes jogar no *Google* que vai ser poucos materiais, pouquíssimos materiais que vai encontrar para ti lecionar Estudos Amazônicos [...] então, meu primeiro momento foi assim, tiro, porrada e bomba, porque eu tinha que preparar o material adequado, tinha que nivelar, saber o nível, nas primeiras aulas são sempre de anamnese, tu precisa entender os alunos, e aí o pós-pandemia, a volta das aulas presenciais foram impactantes, porque muitos alunos não estudaram nada, então a mente estava desacostumado, porque o cérebro tem que estar fazendo exercício, tem que estar sempre em movimento, aí essas crianças estavam presas dentro de casa, há o vício nas telas. Então, a problemática do pós-pandemia na educação são problemas que a mídia não conta. O nível de educação pós-pandemia baixou significativamente.

Das suas primeiras experiências da carreira docente, a professora narrou algumas das dificuldades que enfrentou e que são relatos de grande parte dos professores, ir para a sala de aula pela primeira vez como professor é um momento de dúvidas e insegurança. Afinal, acabou o curso de graduação e agora? Ter um diploma nos habilita a sermos professores, mas não nos faz um, o que nos torna professor também são nossas vivências e experiências em sala de aula, as atividades

com os alunos, as aulas ministradas, os diálogos com os demais colegas, além das demais vivências dentro e fora do contexto escolar.

Diferente dos outros docentes a professora conta que na sua primeira experiência em sala de aula, foi lotada somente em Estudos Amazônicos e que de início sentiu dificuldade, mas alguns meses depois que ela estava como professora, lançaram os livros didáticos de Estudos Amazônicos, diz ela:

Eu iniciei em março, com a disciplina de Estudos Amazônicos e final de abril, começo de maio, por aí, não lembro a data certa. nós tivemos o lançamento da coleção de Estudos Amazônicos. Foram alguns professores, inclusive da UFPA, que construíram o livro de Estudos Amazônicos, que foi um santo remédio para os professores, tanto os novatos quanto para os professores mais experientes dentro da área de Estudos Amazônicos.

Das últimas falas da professora Ítalla foi percebido a Cena 2, momento em que ela conta do seu cotidiano e vivências enquanto professora na rede pública, os desafios e perspectivas que passa e tem quanto a carreira docente. Sua narrativa foi contada de forma tranquila e organizada, sua memória forte foi também percebida, pois ela lembrou de momentos considerados importantes para a formação da sua identidade como pessoa e profissional, tais como as recordações de criança e adolescente, e de quando ingressou na graduação e que apesar de todas as dificuldades que ela passou não parou de estudar, pois ela tinha pessoas para orgulhar e em busca de melhoria de vida.

Na narrativa da professora as 3 Cenas surgiram em diferentes falas, feições gestos corporais, a produção da narrativa da professora foi presencial e a Cena 3 foi mais fácil de ser percebida devido a isso. Os sentimentos mais aflorados ao narrar momentos da sua vida que foram desafiadores, mas também momentos que ela rememorou com carinho. Por aqui finalizamos a narrativa da docente Ítalla no que tange a conhecermos um pouco de quem ela é e os caminhos percorridos até se tornar docente. Daremos início agora a narrativa do professor Mauro.

4.1.5 Era uma vez a História de Vida do professor Mauro

A entrevista narrativa do professor Mauro foi a maior entre os seis docentes, tanto que precisamos de um segundo encontro para finalizar os demais eixos. No primeiro encontro focamos no Eixo 1. Este encontro ocorreu de forma presencial no LabPrat, tendo duração de três horas, e aconteceu no dia 04 de julho de 2024. Por morar em outro município e ser professor em uma escola da zona rural, só

conseguimos marcar no mês de julho, período de férias das atividades na escola. Assim como os demais professores, o mês de junho foi corrido, ainda mais que ele é lotado em quatro componentes e em mais de uma escola.

Dentre os docentes que participaram da pesquisa, o professor Mauro era o que eu mais tinha proximidade, por eu ser da turma de 2017 e ele da 2018, na Faculdade de Geografia. Além disso, compartilhamos a experiência de bolsistas do PIBID Geografia 2018, apesar de não sermos parceiros e estarmos na mesma escola, pois o programa atendia três instituições, nós sempre nos víamos nas reuniões e no plantão pedagógico que ocorria no LabPrat.

O primeiro contato com o professor Mauro foi por mensagem no *whatsapp* e ele demorou alguns dias para responder. Depois ele explicou que estava com os dias corridos em razão das atividades nas escolas, mas foi possível explicar a razão do contato e da pesquisa que estava para ser desenvolvida. Ele aceitou participar de primeira, mas ficou preocupado em quando poderia me atender devido não residir em Altamira, e eu informei para ele que a produção da narrativa poderia ser *online*, caso ele quisesse.

Marcamos um primeiro encontro presencial, mas não deu certo, marcamos um segundo encontro e dessa vez conseguimos realizar a produção da narrativa. Ele foi recebido na Faculdade de Geografia, e confesso que estava ansiosa pela sua narrativa, por ser indígena e ter se formado na universidade, podemos imaginar parte dos percalços pelos quais ele pode ter passado para conseguir concluir as etapas de sua educação formal.

O professor Mauro chegou na universidade, entrou na Faculdade de Geografia, que como ele mesmo disse por um período foi a sua segunda casa, pois ele foi bolsista e tinha que cumprir hora e fazer atividades relacionados a bolsa nos laboratórios. Logo, ele sempre estava pelo campus, e antes mesmo de iniciarmos a nossa entrevista ele mencionou que viveu muitos momentos na FACGEO, que lhe direcionaram a carreira docente. Citou nomes de alguns professores que contribuíram para isso, nesta fala do professor, antes mesmo do início da nossa entrevista narrativa, foi percebido a Cena 2, em que ele relatou momentos do seu cotidiano enquanto graduando.

Entramos no Labprat, sentamos e eu falei algumas informações quanto ao enredo da entrevista narrativa, como iria funcionar, quantas perguntas, que ele poderia sair para ir ao banheiro, tomar água ou até mesmo marcar um segundo encontro caso

ficasse cansativo. Assim como nas demais entrevistas eu tentei deixar o professor o mais à vontade possível para que a produção da narrativa fosse um momento marcante e que ele se recordasse dessa experiência com zelo.

Como afirmado anteriormente, neste primeiro encontro o foco foi o Eixo 1. Na última pergunta: quem ele é quais caminhos percorridos de vida e de formação escolar, acadêmica e profissional? ele inicia sua narrativa avisando que sua trajetória de vida é extensa, tal qual eu imaginei que seria e ele comenta:

Logo de antemão já te digo que a minha história é um pouco extensa, não pela minha idade, mas pela dinâmica de vida que eu tive até atualmente, sempre quando eu falo sobre a minha trajetória de vida, eu busco lá a minha origem, porque eu acho que para mim não teria significado nenhum falar de tudo, por onde passei, onde vivi, onde cresci, se eu não falar da minha origem [...] eu nasci em uma aldeia. Meu pai não era indígena, minha mãe sim. Então, meu pai era filho de um ex-soldado da borracha, ele quem acessou a aldeia, que minha mãe nasceu e morou por muito tempo. E logo depois, meu pai já depois de homem, foi até a aldeia, já tinha uma relação por conta do meu avô, e conheceu a minha mãe, então ele ficou na aldeia, durante muito tempo, numa região da Volta Grande do Xingu no Paquiçamba, na época a aldeia era localizada em uma ilha que se chama Araruna [...] e lá eu passei a maior parte da minha vida, enquanto criança. Mas logo depois a gente se deslocou, porque quando um não indígena se casava com uma indígena, ele não poderia ficar na comunidade, na aldeia, por muito tempo. Assim que ele começou a formar família, ele tinha que sair e levar consigo a sua esposa, era mesmo uma questão de estratégia para mais adiante, para formar um povo, para marcar Território [...] a gente veio morar numa região chamada Paratizão na qual meu pai achou, comprou essa terra, negociou aliás, pagou com trabalho na época, cortando seringa, quebrando castanha, fazendo roças, tirando madeira, ele pagou dessa forma, com trabalho. Porque naquela época dinheiro era uma coisa que a gente ouvir falar, mas ver mesmo, a gente não via. Meu pai era analfabeto, minha mãe é analfabeta ainda, meu pai já faleceu, mas minha mãe ainda é viva. Mas eles sempre tinham uma vontade, um desejo que os filhos não seguissem os seus mesmos passos, que era crescer analfabeto e não conhecer o mundo que tinha fora daquela região que a gente morava, tanto que quando eu vim para Altamira em 2006 as pessoas perguntavam para mim se era difícil acessar a Cidade. Perguntavam, você passou esse tempo todo dentro de um buraco? Era assim que eles definiam, porque a gente não tinha mesmo conhecimento da zona urbana. Quando eu tinha nove anos de idade, meu pai decidiu tomar uma decisão e me trouxe para Altamira para me colocar na escola, na verdade pela minha idade eu não poderia acessar ainda uma escola, na época eles chamavam de autorizado, com nove anos eu fui estudar na casa de uma senhora, chamada Fátima, lá na Abel Figueiredo (uma rua no município de Altamira). Eu e minha irmã mais velha, e a gente ficou em Altamira, a gente ficava sozinho em uma casa, em uma casa no antigo ferro velho, um bairro que existiu em Altamira.

Neste primeiro momento de fala, o professor Mauro enfatizou nas suas raízes familiares, seu pai, sua mãe, que caminhos seus pais percorreram para formarem uma família, para se tornarem seus pais, após isso ele enfatiza nos primeiros momentos da sua vida como criança, onde moraram, vivências e seus primeiros passos que foram complicados, para conseguir estudar em um lugar longe de casa e que mesmo

assim de início não conseguiu estudar em uma escola. Todos estes momentos se referem a Cena 1, pois ele rememora suas raízes e Cena 2 contando o seu cotidiano, suas experiências que foram vividas com seus pais e em lugares de morada que foram importantes para ele e ambas podem se referir a memória forte, pois recorda com detalhes destes acontecimentos.

Mauro recorda com clareza nomes de professores, de escolas, de lugares em que morou e que de certo modo deram origem ao professor Mauro, pois ele mencionou que quando ministra suas aulas, ele utiliza suas memórias para levar conhecimentos do que viveu enquanto morador da aldeia. Neste momento eu questionei ao Mauro, porque ele teve que estudar na casa desta senhora chamada Fátima, que seu pai pagava uma quantia para ensinar o Mauro e sua irmã e não em uma escola que era gratuita, já que ele tinha vindo ao município de Altamira para ingressar na escola e ele respondeu que:

Por conta de que eles não aceitavam indígenas nas escolas. O indígena tinha que estudar lá na aldeia, se tivesse Professor para ir para lá, mas isso não acontecia. Se a gente for analisar essas histórias, a gente vê como nós indígenas éramos tratados. O indígena que acessava a escola é porque ele era indígena, mas ele não se reconhecia como indígena, era um dos meios que ele tinha. E muitas das vezes ele era criado por um casal de não indígenas, era registrado no nome daquele casal e o casal conseguia inserir ele dentro da sociedade como cidadão. Eu estudava pela manhã e à tarde eu não brincava, eu via os meninos correndo na rua empinando pipa, jogando peteca, pião, eu só ficava olhando, mas a gente, até a questão da obediência era diferente. A gente não precisava de ninguém para ficar olhando, os pais só bastavam dizer, você não faz isso e a gente não fazia, por mais que eles estivessem ausentes dali [...] com nove anos de idade eu já tecia malhadeira para mim e meu pai pescar, a responsabilidade de quem mora, de quem vem desses lugares, ela é uma responsabilidade mesmo, eu levo isso muito sério. Lá os meninos viram homens muito cedo. Isso já é cultura, com nove anos eu já caçava, usava arma de fogo, passava a noite na mata sozinho, já trazia caça. Então, nesses lugares, quando nasce um filho, um homem, quando ele começa a andar, ele já começa a acompanhar o pai nas suas atividades, que não são muito simples [...] quando eu completei 11 anos de idade, essa Professora Fátima, o que ela tinha para proporcionar para a gente, ela já não tinha mais condições, porque ela também não tinha uma formação. E ela conseguiu arrumar uma vaga para nós no Gondim Lins¹⁹. Ela mexeu nos documentos, ajeitou tudo e a gente foi estudar no Gondim Lins. Eu e minha irmã entramos na primeira série e no meio do ano, a gente foi, a gente passou para a segunda série por já estar desenvolvido devido aos ensinamentos da professora Fátima.

Neste outro momento de fala, o professor Mauro explica o motivo dele não ter ido direto para uma escola formal para estudar com a sua irmã que veio junto com ele morar em Altamira. Além disso, ele narra sobre suas responsabilidades desde menino

¹⁹ Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Antonio Gondim Lins no município de Altamira/PA.

por ser indígena, o comportamento e respeito aos pais, mesmo ele morando sozinho com sua irmã e longe dos seus pais, eles mantinham o respeito, pois aprendeu desde muito cedo seguindo os caminhos, principalmente do seu pai. Ele relata também do momento em que conseguiu ingressar em uma escola para avançar nos estudos.

Mauro conta que ao invés de ter dificuldades ao ingressar na escola, aconteceu o contrário, com 11 anos ele iniciou na primeira série, mas no meio do ano foi transferido para a segunda série e no próximo ano já iria para a terceira. Mauro narra que *“estava tudo indo muito bem, meu pai já tinha feito uma casa de madeira, não tinha energia ainda, era muito complicado colocar energia naquele tempo em uma casa, mas nesse mesmo tempo houve um episódio em Altamira que estavam pegando as crianças, mutilando”*. Esse caso ficou muito conhecido no mundo todo como o caso dos meninos emasculados.

Mauro enfatiza nesse assunto com um pouco de nervoso, e neste momento além da Cena 2, que é quando ele relata sua vida cotidiana, também acontece a Cena 3, pois neste momento ele fica inseguro com as palavras, mãos segurando uma à outra, perna balançando, pois ele recorda dos momentos de medo de que ele passou e que por este motivo o seu pai tomou uma decisão:

Eles tinham um perfil, não era qualquer criança. Eles tinham um perfil do que eles precisavam. No caso, eu estava dentro desse perfil e eu fui perseguido várias vezes [...] a gente já era orientado, se alguém se aproximar de um carro com vidros escuros, te oferecendo alguma coisa, a gente era orientado pelos pais e até mesmo pelos Professores. Nesse dia, no 7 de setembro, o carro se aproximou. Aí a moça, ô garoto, você vai para onde? eu estou indo para casa. Ah, eu te levo, nossa, você tem os olhos tão lindos [...] ela estava no banco de trás do carro, só que eu não via quem era o motorista, o vidro do carro realmente era muito escuro e quando eu percebi que ela falou e abriu a porta do carro para eu entrar e eu disparei na carreira, fui esperto né, nossa eu corri e entrei nessa loja e isso aconteceu duas vezes comigo, sempre eram as mesmas pessoas. Então, quando minha mãe chegou em Altamira, só vinha uma vez por mês, a gente ficava sozinhos esse tempo todo. Meu pai vinha uma vez por semana, deixar entrega de peixe, deixar alguma coisa para a gente e retornava então, por conta disso a gente teve que sair da escola. Quando a gente voltou para a aldeia de novo, até mesmo por questão de segurança, que não era mais confiável, já tinha acontecido pela segunda vez e ninguém ia esperar acontecer novamente [...] e quando eu voltei para lá, aí já não deu mais para estudar esse ano. Aí eu já era homem, com 13 anos. Com 13 anos, quando eu cheguei na comunidade, meu pai falou, olha, a partir de hoje você é responsável pelo alimento e vestimenta da família. Era assim que acontecia, me deu essa responsabilidade, eu assumi a minha família, pai, mãe, os irmãos que já existiam e comecei a entrar na atividade de pesca, aí eu pescava, eu caçava e trabalhava na roça, era isso.

O caso dos meninos emasculados que ocorreu no município de Altamira dentre os anos de 1989 e 1992, foi algo que repercutiu mundialmente, percebemos na narrativa do professor Mauro os momentos de medo em que ele viveu ao ser

perseguido. Neste sentido é que aparece a Cena 3, não apenas na sua fala, mas principalmente pelo seu comportamento corporal que se diferenciou de todos os outros momentos em que dialogamos.

Ele relata que devido a esses acontecimentos, o seu pai tomou a decisão de lhe tirar da escola e o levar de volta para a aldeia, fazendo com que ficasse afastado da escola até completar 14 anos. Ele retornou à escola quando um prefeito decidiu construir uma escola nas proximidades de onde ele estava morando com sua família, em uma área que tinham alguns fazendeiros de grande influência, o professor narra os momentos de desafio quando retornou para a escola:

E a gente começou a estudar lá, andávamos uns sete quilômetros dentro da mata, caminho feito a facção, não tinha estrada, parecia uma peregrinação de tanto menino no meio daquele caminho e eu sempre vinha na frente e naquela época nessa região ainda tinha muita onça tinha muita coisa, a mata ainda era muito bruta, então a gente via rastro quando a gente vinha para escola e quando a gente voltava a onça tinha passado em cima dos nossos rastros [...] Então, a gente começou a estudar nessa escola que se chamava Raimundo Pantoja de Oliveira, em homenagem ao filho do dono da terra que era feita a escola e já tinha falecido e eles colocam esse nome, lá era do município de Vitória do Xingu, mas a escola foi construída pelo prefeito de Altamira, uma escola com estrutura boa, de alvenaria, então, lá a gente terminou, lá só ia até a quarta série, hoje em dia essa escola não existe mais, ela foi demolida, pois é uma área de APP [...] e depois disso eu passei mais um tempinho sem estudar, afastado da sala de aula e já não tinha mais esperança de seguir. Eu aprendi a ler e escrever, mas uma formação para mim era uma coisa que estava para além do meu alcance. E quando eu retornei os estudos eu já tinha 22 anos, o prefeito de Vitória assumiu a responsabilidade e levou Professores para lá, aí eu comecei na quinta série e conclui a oitava série.

O que o professor Mauro narra chega a ser inacreditável, mas é uma realidade que aconteceu e ainda persiste na Região Norte, principalmente com populações indígenas, ribeirinhas, quilombolas, que muitas das vezes moram longe da zona urbana e não tem condições de acessar a educação formal, por não existirem escolas próximas, principalmente que ofertem o ensino médio. Ele nos fala que são *“consequências de quem mora em aldeia e quem é indígena. Essa realidade ainda se estende até hoje”*.

Em 2006 a professora que hoje é minha esposa me fez um convite de vir morar na cidade, pois ela via muito potencial em mim e nessa época eu já era líder da aldeia e era responsável por muitas coisas, a minha preocupação era lá não tem como eu pescar, lá não tem como eu caçar, lá não tem como eu serrar madeira, não tem como eu plantar, é só o que eu sei fazer. Eu não tenho capacitação profissional de nada, e ela falou assim, a gente dá um jeito [...] quando eu chego aqui (em Altamira) é um choque de realidade que a gente tem, de adaptação, de como as pessoas olham para a gente, as pessoas olham para você com um olhar completamente diferente [...] quando eu cheguei em Altamira, tinha o primo dela trabalhando, estava no início da construção do Hospital Regional de Altamira, o primo dela falou que estava tendo vaga na área de ajudante, ela disse que sim e eu fui trabalhar no

Hospital Regional, cavando as valas para fazer a estrutura, mas foi muito rápido, com três meses de trabalho, eu estava com a minha carteira assinada, eu tirei minha carteira, porque eu não tinha carteira de trabalho, eu estudava o ensino médio a noite e trabalhava de dia, eu concluí o meu ensino médio com 35 anos de idade [...] quando encerrou a obra no Regional eu fui contratado pela empresa que construiu o Campus 2 (UFPA), no qual eu me formei. Eu trabalhei do início ao fim na construção dessa universidade. E eu jamais percebi que um dia eu ia estudar aqui e me formar.

Mauro conta que mesmo sendo um líder importante na aldeia em que vivia, aceitou o convite da professora para vir morar em Altamira, e mesmo com muitas dúvidas se daria ou não certo, a professora que hoje é sua esposa, não soltou sua mão e no início lhe ajudou a conseguir um emprego. Quando sua filha lhe inscreveu na universidade alguns anos depois, ela também lhe ajudou, pois Mauro estudava no período da manhã e ficava inviável estudar e trabalhar, mas com alguns meses ele conseguiu ser bolsista, o que de certo modo contribuiu para que continuasse estudando. Ele comenta que a entrada na universidade foi também o primeiro momento de dificuldade.

Não tinha como conciliar e eu comecei fazendo isso, mas não dava certo. Eu não conseguia me desenvolver dentro da academia trabalhando nas atividades que eu trabalhava, porque era muito cansativo, trabalhar com construção civil é muito puxado e a gente cansa no final da tarde, e por vezes pensei em desistir, pois quando eu comecei a estudar a minha esposa e a minha filha também começaram e alguém precisava manter os gastos da casa. Até que a gente começou a acessar as bolsas de ensino.

Novamente percebemos a importância das bolsas existentes na universidade para manter o aluno em sala de aula, como Mauro afirmou, ele continuou seus estudos porque conseguiu acessar as bolsas disponibilizadas pela UFPA.

O professor Mauro não tem traços que são considerados indígenas, aquela imagem que persiste em nosso imaginário coletivo sobre os povos originários, de pessoas com os cabelos lisos e pretos, olhos pequenos e puxados, hoje em dia com a miscigenação existem pessoas indígenas que não se assemelham a estes traços que foram mencionados. Como Mauro narrou quanto as suas origens, sua mãe sendo indígena e seu pai não indígena, ele é fruto da miscigenação presente na formação da população brasileira, e por este motivo no primeiro dia de aula quando ele se apresentou como pessoa indígena, o professor que estava em sala de aula descreditou dele e que por este motivo ele quase desiste do curso. Com a palavra o professor Mauro, sobre o seu primeiro dia de aula na universidade:

No momento das apresentações eu disse eu sou Mauro, Mauro Juruna, mais conhecido assim, sou indígena. Aí ele sorriu, ele deu um sorriso debochado e falou assim, você não é indígena aqui nem na China. Um Professor da academia, no primeiro dia de aula, falar assim com um aluno que já é

praticamente assustado com as coisas do mundo e da perseguição que a gente passava, do preconceito, da discriminação que a gente sofre até os dias de hoje, é muito doído você ouvir isso, mas a gente sempre luta no que a gente acredita, e principalmente quando a gente sabe que a gente está naquele direito, aí a gente resiste. Por isso que o nosso nome é resistência e nós resistimos até os dias de hoje. E eu perguntei, o senhor me conhece? Ele falou, não e eu disse, você sabe da minha história? Ele falou, não. Eu disse, o senhor quer ouvir? Ele falou, quero. Aí eu comecei a contar a minha história para ele, minha história de vida, do meu povo e eu comecei com a história do meu povo, até chegar a minha pessoa, a minha família, quem eu fui, o que eu fazia. E eu falei para ele, para você, o que é indígena? eu falei para ele, na época, eu não sei de onde vieram as palavras, eu perguntei, para você, o que é ser indígena? Aí ele tentou falar, eu digo, eu respondo, seu pensamento indígena é aquele que tem as orelhas furadas, que tem o cabelinho lisinho que cortado cuinha, igual você vê na televisão e nos livros didáticos, é aquele que mora lá dentro do mato, é aquele que anda pintado, não é um branco, um homem da pele clara que chega aqui, dos olhos claros se dizendo como indígena, se identificando como indígena e você não conhece a história dele. Eu sou indígena, porque eu sei da minha origem, eu sei de onde meu povo veio, eu sei a trajetória do meu povo inteiro, até chegar aqui na Volta Grande do Xingu, nós não somos originários da Volta Grande, a gente veio da Amazônia, dos nossos primeiros povos. E ele pediu desculpas antes de terminar a aula, em voz alta e diante da turma.

As pessoas e o seu poder de querer julgar os outros sem ao menos conhecer sua historicidade, além de todos os percalços e preconceitos que o Mauro passou na vida, quando ingressou na universidade não foi diferente. Mas como ele mesmo disse, ele e o seu povo não são de desistir, mas sim de resistir. Esse não foi o primeiro e nem o último preconceito que ele sofreu na universidade, ele mencionou que por não conhecer algumas coisas do meio tecnológico, acabou sofrendo preconceitos de alguns colegas da turma, mas que também teve amigos que lhe ajudaram e que fazem parte da sua vida até hoje.

E eu costumo dizer que foi de 2018 a 2022, foi a melhor fase da vida que eu já tive, durante toda a minha existência, porque foi na universidade que eu consegui me transformar, eu consegui dar para as pessoas que apostavam em mim um retorno daquilo que eles acreditavam que eu poderia ser, daqueles que acreditavam que eu tinha potencial e capacidade e eu consegui me retribuir através da universidade.

Mauro narrou que em 2022 quando se formou, conseguiu defender o seu TCC utilizando suas pinturas e artefatos indígenas, e que quando tentou vaga para ser professor, optou por ministrar aula em escolas da zona rural com alunos indígenas, pois ele mencionou que queria contribuir com o ensino do seu povo. Ao levar seu currículo na SEMED para a lotação, ele cita que quase não consegue a vaga, simplesmente por não ter os traços que são considerados dos povos indígenas.

Surgiu uma vaga na SEMED para professor indígena e eu fui indicado, fui lá deixar meus documentos e a coordenadora de lotação disse que não estavam mais contratando professores indígenas. Eu precisei retornar no outro dia, falar novamente que eu era indígena e falar que eu tinha sido indicado e

somente assim ela me deu atenção [...] então em 2022 eu comecei a realizar o sonho de muito tempo, de trabalhar com os povos indígenas e com diferentes povos. Eu trabalhei com os Araras, com os Curuaia, com os Xipaias, com os Paracanãs, com os Araweté, são novos povos e eu consegui trabalhar com todos eles durante o ano.

A partir de seus relatos é perceptível que do início na educação básica até a graduação, além da busca por suas primeiras experiências como professor, sua vida foi marcada por desafios e preconceitos, mas ele destaca que de alguma forma isto o tornou mais resistente. Depois disso, Mauro já teve outras experiências docentes, atuando também na zona urbana do município de Altamira.

O professor Mauro narrou com muitos detalhes a sua História de Vida, os acontecimentos de vida e os caminhos que percorreu até se tornar o docente que é hoje. A Metamemória que são as representações dos momentos importantes da sua vida, suas origens enquanto pessoa, enquanto profissional, sua memória é forte, pois ele rememorou com detalhes alguns acontecimentos de quando ele ainda era criança, como por exemplo, quando veio morar em Altamira para estudar.

A Cena 1 surge na História de Vida dele quando narra seus primeiros passos escolares, que são aqueles momentos importantes e que o fizeram chegar aonde está hoje. Ele revela com clareza quanto as suas vivências de vida, elencando personagens que são seus pais, professores, colegas de turma, esposa, filhos, o que enfatiza certo reconhecimento de si quando ele diz que mesmo com todos os preconceitos o seu povo resiste.

A Cena 2 são os seus relatos da vida cotidiana, os trajetos que fazia para estudar, para pescar, para viver na aldeia, seus aprendizados com seu pai e o seu povo Juruna. E a Cena 3 que foi percebida por meio dos seus gestos demonstrando nervosismo ao relatar um momento de apreensão quando era criança e retornava da escola. Finalizamos por aqui a busca de conhecer quem é o Mauro e que caminhos ele percorreu até se tornar docente, agora vamos dar início a narrativa do professor Danyllo.

4.1.6 Era uma vez a História de Vida do professor Danyllo

De todos os encontros com os seis professores, o meu encontro com o Danyllo foi o que mais teve desencontros por motivos dos diversos compromissos do professor. Em Altamira existem duas escolas em tempo integral e ele ministra aulas

de Geografia e Estudos Amazônicos em uma delas, ou seja, ele entra às oito horas, tem o horário de almoço e sai às 18:00 horas. Mas nas férias de julho de 2024, o encontro aconteceu, mesmo que tenha sido de modo virtual, através de uma tela de *notebook* e uma sala de reunião *online*.

Assim como nas demais entrevistas narrativas, a do professor Danyllo também teve o áudio gravado, para facilitar o processo da transcrição. Antes de começar com as perguntas, mesmo eu já tendo explicado em um outro momento sobre como seria a pesquisa e a entrevista narrativa, foi explicado a ele novamente para esclarecer dúvidas que pudessem vir a existir. Eu já conhecia o professor pelos corredores da Faculdade de Geografia, pois fazemos parte do mesmo programa de mestrado, mas a nossa relação se tornou mais próxima quando eu entrei em contato para fazer o convite a ele para participar.

O professor Danyllo, apesar de todos os contratemplos para a produção da narrativa, sempre demonstrou interesse em querer contribuir com a pesquisa, participando e contando sua História de Vida. A entrevista aconteceu no dia 23 de julho, no período da tarde e teve duração de 2 horas e 52 minutos, no início da entrevista foi informado ao professor que a qualquer momento ele poderia pedir uma pausa para tomar água, ir ao banheiro, com a intenção de deixá-lo à vontade.

E essa naturalidade aconteceu em alguns momentos da nossa entrevista, o professor saiu para pegar uma água, para pedir ao irmão para baixar o som que estava um pouco alto e incomodava a entrevista narrativa, e neste mesmo momento eu também pedi licença para ir à toailete e tomar uma água, mas logo retornamos e continuamos a entrevista narrativa.

A entrevista que aconteceu de forma *online*, ele estava em sua casa, em um cômodo com um cenário que a maioria dos professores tem em casa, com um quadro branco pequeno para possíveis anotações sobre algum conteúdo, alguns livros de Geografia, no qual ele mencionou que tem muito apreço por tê-los e por adorar se debruçar nas leituras em busca de mais conhecimento, mapa-múndi nas paredes, alguns traços decorativos que chamaram atenção, pois se trata de itens que eu também gosto, livros, mapas, quadros, dentre outros objetos que refletem que ele é um professor.

E do lado de cá, eu estava no LabPrat, conversando com o professor através da tela de um *notebook*, um laboratório com muitas maquetes, mesas, cadeiras, quadro branco e duas janelas que refletem o Sol e também um quintal com alguns

pés de árvore, e nas paredes brancas no laboratório muitas frases de autores, cantores que são importantes na Geografia e no mundo, além de frases têm também desenhos de alguns mapas e dentre eles o famoso mapa que está de cabeça para baixo (Mapa invertido da América do Sul), de Joaquim Torres García, 1943, considerado um símbolo de resistência cultural.

E quando eu entro no LabPrat para passar minhas tardes estudando e olho para as paredes carinhosamente rabiscadas eu sempre lembro da música Aquarela, do poeta Vinicius de Moraes e cantor Toquinho, que canta sobre a simplicidade e imaginação de poder desenhar ou colorir o mundo através de rabiscos e desenhos. “Vai voando, contornando, a imensa curva norte-sul, vou com ela viajando, Havai, Pequim ou Istambul [...] De uma América à outra eu consigo passar num segundo giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo” (Vinicius de Moraes; Toquinho, 1983).

O professor estava tranquilo e aberto para as perguntas e em todo momento se demonstrou feliz em narrar sua História de Vida. O Danyllo é um daqueles professores que realmente acredita que a Educação e o conhecimento precisam estar em todos os cantos. Da sua História de Vida, quando perguntado quais foram os caminhos por ele percorrido, ele narra:

Me chamo Danyllo, nasci no ano de 1996 no município de Brasil Novo, que foi o município ao qual eu vivi a maior parte da minha vida, não fui criado pelos meus pais, fui criado pela minha avó, da qual me deu toda base de valores e princípios que eu carrego comigo até hoje. Eu acho que esse processo de criação familiar com a qual eu tive me influenciou diretamente na construção do meu ser enquanto pessoa. Brasil Novo, naquela época, na minha época de criança, cidade muito pequenina, ainda um município recém-criado e para além da escola que a gente vai desde o jardim de infância, creche, que a gente chama, como é uma cidade pequena, então geralmente só tem uma escola de cada nível. Eu cresci por toda uma geração de jovens, as quais a gente tinha contato basicamente com três ambientes, no ambiente familiar, escolar e igreja. Então, acho que eu tive uma infância bem vivida nesse sentido de convívio, em uma época em que não havia o celular, e o celular só veio chegar bem depois assim como a internet. Então, basicamente, durante a nossa infância aquilo que existiam de elementos era basicamente a televisão, o rádio de comunicação e o contato as conversas que a gente tinha entre si então tinha esse elemento em ser criado no município pequeno, no caso Brasil Novo, em um quintal espaçoso, de ter brincado bastante, de ter brincado muito na rua com os meus amigos, de ter a escola como principal ponto de referência, ali inicialmente, para a infância, como local de encontro, de partilha, de conhecimento, sem esses aparatos tecnológicos para distração, como nós temos hoje que foi fundamental. Um outro espaço o qual me formou enquanto pessoa foi um elemento religioso da igreja, assim como boa parte das famílias brasileiras, eu nasci num ambiente católico, cristão, bem conectado na ideia da comunidade, grupo de vizinhos, participação no calendário litúrgico da Igreja, de ser orientado desde pequeno a fazer catequese, a ir à missa, a participar da vivência em

comunidade. Eu acho que esse elemento também foi fundamental na formação da minha concepção de mundo, e aí eu saio da infância e entro na adolescência muito incentivado, instigado à participação em grupos de jovens, para se organizar enquanto pastoral da juventude, para mim foi um espaço de educação não formal, que antes da universidade, criou uma base, uma base formativa importante, para que eu pudesse passar do tempo e aprimorando as minhas visões e percepções de mundo.

O professor Danyllo respondeu à pergunta com muito detalhe, ele se remeteu a lembranças desde a sua infância de quanto brincava no quintal de casa e na escola com seus amigos até a sua vida adulta nas suas experiências na igreja, das suas experiências no ensino básico, na universidade, que para ingressar na universidade ele teve que mudar de município e que se encantou e se encontrou como professor, quando ainda estava na graduação de Geografia, mas que mesmo com essa mudança não deixou de participar da Igreja Católica, que segundo ele foi fundamental para a formação de seu caráter e de seus valores.

Então eu venho deste o município pequeno, tendo acesso à educação pública, sempre estudei em escola pública, não sei o que é estudar em ambiente particular, vivenciando todos os elementos de precariedade que a gente tem na escola pública, sem muita estrutura, carente de apoio, investimento nesse sentido, mas muito incentivado pela família a poder participar, a poder crescer. Na época que eu fiz faculdade, inclusive, até então, nenhum parente meu com exceção de uma prima, se eu não me engano, havia se formado na faculdade. Então, assim como eu, eu sou de uma geração que já teve esta possibilidade de acessar esses espaços de ensino superior, de ir mais adiante que os nossos pais, os nossos avós, nesse sentido. Daí eu finalizei o meu Ensino Médio lá no ano de 2012, e aí no ano que eu prestei vestibular, foi o ano de transição entre o Enem e a prova da UFPA que a gente fazia antigamente, então naquele ano eu fiz as duas coisas, fiz a prova do Enem e um vestibular da UFPA e consegui passar no curso de Geografia, então finalizei com 16 anos o meu Ensino Médio e eu entrei com 17 em 2013. E aí eu mudo para Altamira, mas na verdade a minha mãe já morava em Altamira então eu saio da casa minha vó, venho para a casa da minha mãe, cursar este curso, na verdade, inicialmente, eu não queria Geografia. O curso que eu era apaixonado era História, mas não tinha aqui na UFPA, então, eu sempre gostei dessa coisa do conhecimento, de assistir documentário, dormia tarde assistindo ao Globo Reporter, de aprender o que está acontecendo no mundo, sempre gostei de assistir jornais, eu sempre achei uma vontade muito interessante, as pessoas que sabem o que está acontecendo, então assistir jornal durante muito tempo foi uma forma de eu aprender e me manter conectado com o que estava acontecendo no mundo e a igreja me ensinou a ter essa sensibilidade com o que acontece nos espaços de formação as oportunidades e possibilidades que eu tive foi me despertando essa sensibilidade humana para tentar entender o porquê das coisas.

E ele narra suas experiências na casa de Educação Popular, por meio do Programa Nacional Brasil Alfabetizado, que o objetivo era alfabetizar pessoas que não sabiam ler e escrever. Teve experiência com EJA e ele narra sua trajetória de forma organizada e cheia de detalhes, no momento da entrevista ele estava muito centrado enquanto narrava sua História de Vida, pois narrou de forma simples, organizada, mas

contando momentos importantes que ajudaram na construção da sua identidade pessoal e profissional.

Para entendermos melhor como o professor Danyllo se encontrou na carreira de professor, antes mesmo de se formar, vamos aos detalhes da sua trajetória enquanto professor-formador:

A importância da alfabetização é para além das letras, a alfabetização a partir da visão de mundo que se tem, então, esse grupo da Casa de Educação Popular, eu penso que foi fundamental também para a constituição do meu ser enquanto profissional, porque em 2014, quando eu já estava na universidade, eu cheguei a trabalhar como professor de cursinho também, antes de ser professor na educação formal do município, eu tive uma experiência de docência também como professor em 2014 de alfabetização de jovens e adultos, na época do governo federal tinha um programa nacional chamado Brasil Alfabetizado e este programa ele destinava bolsas, se eu não me engano de 400 reais na época, para alfabetizadores. Então, numa época em que as pessoas ainda não tinham sido realocadas no contexto de Belo Monte²⁰, eu cheguei a ter uma turma em uma antiga colônia de pescadores, lá no local onde era conhecido como Invasão dos padres (antigo bairro de Altamira), que é um pouco distante do centro. E aí eu me lembro que eu ia de bicicleta atravessava a cidade para poder ter esse contato com senhores de idade, idosos, homens e mulheres, que não sabiam ler nem escrever, mas que tinham esse sonho e que toparam fazer parte do projeto, então ali foi a primeira experiência de docente a qual eu tive de ensinar o beabá mesmo, só que muito em uma perspectiva freiriana de partir do universo semântico das palavras de cada um deles, mas ali foi o primeiro contato em que me senti professor, de fato. Porque eu estava fazendo parte de um projeto de educação, ou que pautasse a uma educação mais humanizada, sem muitas regras e burocracias, tenho diversas memórias de situações nas quais a gente escuta do público, e aí, uma coisa que eu carrego comigo e que eu aprendi é que, quando a gente trabalha nesse espaço de educação, a gente precisa partir da realidade do povo. E eu aprendi nessa primeira experiência de docente de fato, que a gente que é professor, a gente precisa aprender, isso naquele contexto lá, né? Que eu precisava assistir novela, que eu precisava entender mais de futebol, que eu precisava entender mais da Bíblia, porque os idosos, eles têm muito isso, né? De gostar de novela, então, a partir de uma aula tentando contextualizar o que aconteceu na novela da noite anterior, eu percebi que era uma coisa que estava dentro do universo deles. O nosso papel talvez seja fazer com que os educandos se encontrem dentro do que está acontecendo, talvez só organizar as ideias, mas eles já sabem, eles já têm noção.

A palavra analfabeta, você vê que ela é muito incoerente, todo mundo já traz consigo algum tipo de lição de aprendizado, a qual nem sempre a gente consegue entender e foi ali que eu aprendi, inclusive, para dialogar com as mulheres era mais a novela, para dialogar com os homens era mais futebol, porque são assuntos populares, todo mundo conversava, todo mundo discutia. Então, a partir de um exemplo prático, daquilo que eles viram, ouviram, para ensinar uma palavra, escrever Flamengo, que por exemplo para eles tem um valor simbólico relevante, né? A palavra peixe, a palavra barco, coisas que naquele contexto eu percebi que estavam muito conectadas além do que aprender mais sobre a Bíblia [...] essa experiência

²⁰ A construção da Usina de Belo Monte impactou diretamente o município de Altamira e que devido a essa construção alguns bairros ou ruas hoje não existem mais, como por exemplo, o bairro Invasão dos padres que o professor Danyllo cita em sua narrativa. As pessoas que moravam neste bairro e outros que faziam parte da área de risco foram realocados para os RUC'S, pois corria risco de alagamento, segundo a empresa Norte Energia por meio de análises e estudos feitos por eles.

foi muito forte para mim, a gente precisa partir do ponto de vista deles, do ponto de partida de onde os nossos educandos estão pisando não dá onde nós estamos pisando, é a nossa cabeça que precisa pensar a partir do educando e não o educando que tem que pensar a partir da cabeça do professor. Então, essa coisa aí fez com que eu tivesse essa primeira impressão enquanto professor. E aí eu vivenciei essa primeira experiência de alfabetizados de Jovens e Adultos em que eu estava em meados da faculdade. Então, eu pude ter acesso, para além dos estágios, o meu contato com a educação partiu muito disso.

Na fala do professor Danyllo percebemos a Metamemória, em que ele mesmo fala que as suas vivências e relações pessoais e familiares formaram o sujeito Danyllo, e as experiências enquanto educador antes mesmo de se formar o ajudaram na formação da sua identidade docente. As Cenas 1 e 2 são as que mais aparecem na sua narrativa, quando ele volta ao seu passado e rememora momentos, pessoas, fatos, lugares que foram importantes para a sua formação, esses momentos se remetem a Cena 1, momento de enunciação da sua trajetória de vida, instante em que ele se apresenta e abre para que eu conheça quem é o Danyllo.

A Cena 2 aparece quando ele narra momentos do seu cotidiano passado, em que ele teve que se ajustar para poder ministrar uma aula que os seus alunos do EJA e do projeto alfabetizador conseguissem acompanhar o conteúdo, como por exemplo, assistir uma novela, um jogo para conhecer um pouco mais e poder dialogar com os seus alunos, a vida cotidiana de uma pessoa pode estar entrelaçada em passado e presente. E o professor Danyllo deu ênfase em contar a sua vida cotidiana nas suas primeiras experiências enquanto professor, que por hora ainda não foram experiências em Geografia e nem em Estudos Amazônicos, mas que foram antes de ingressar no município de Altamira como professor, experiências que foram colocadas de forma mais detalhada no Eixo Formação-profissão em relação a todos os seis docentes.

A Cena 3 foi umas das cenas que não surgiu na narrativa do professor, ele ficou mais focado em narrar suas experiências que lhe tornaram o sujeito que é hoje, as vivências que contribuíram na formação da sua identidade pessoal e profissional, principalmente no que tange ao seu vínculo com a Igreja Católica.

Neste eixo os seis docentes narraram quando a sua trajetória de vida pessoal, respondendo à pergunta: Quem você é, quais caminhos percorridos de vida e de formação escolar, acadêmica profissional? O que nos permitiu conhecer suas Histórias de Vida, mas nos demais eixos iremos explanar com mais detalhes quanto as Memórias de Ensino, sua Formação-Profissão e suas vivências em Estudos Amazônicos.

4.2 EIXO 2: MEMÓRIAS DE ENSINO

No Eixo 1 os docentes narraram um pouco das suas vivências escolares e acadêmicas, agora eles passam a narrar de forma mais detalhada as suas experiências enquanto estudantes, desde o ensino fundamental até a graduação e pós-graduação.

Nesta parte referente as informações do Eixo 2, abordaremos as memórias de ensino dos docentes que participaram desta pesquisa, principalmente no que tange a conhecermos sua História de Vida por meio das suas memórias escolares e universitárias, este eixo foi formado por cinco perguntas que são:

Quais memórias você tem da escola e dos professores do ensino básico? Quais memórias você tem da universidade e dos professores universitários? Quais memórias você tem dos processos de ensino-aprendizagem na escola e na universidade? O que você fez com estas memórias quando se tornou professor/a? Como estas memórias ou professor/professora influenciou você se tornar professor/a?

A memória trata-se de uma função inteligente no corpo humano, afinal é a memória e as lembranças que nos fazem recordar de quem somos, o que devemos fazer e o que já fizemos, o que torna a memória importante para o ser humano, e com ela somos capazes de relembrar de coisas antigas, aprender coisas novas, relembrar de sensações e momentos que foram marcantes, e essas memórias em forma de experiência vivida dos professores de Geografia se tornaram histórias contadas em forma de narrativas (auto)biográficas.

Com o intuito de dar respostas precisas as perguntas feitas para eles, os professores rememoraram afundo as suas recordações de vida escolar e acadêmica, memórias boas e ruins que vivenciaram nos espaços educacionais em que estudaram e com os professores que tiveram, memórias essas que ajudaram na construção das suas identidades.

O autor Candau (2011; 2020) em suas obras trabalha com diferentes tipos de memória que são Protomemória, Memória e Metamemória, a última que está ligada diretamente ao tipo de pesquisa deste trabalho. A Metamemória se refere a construção da identidade de uma pessoa, principalmente no que tange as recordações das nossas raízes/origens. “É a representação que cada um de nós tem de nossa própria memória, o conhecimento que possuímos e, por outro, o que dizemos sobre isso”. (Candau, 2020, p. 22).

Ainda segundo Candau (2020), existem dois tipos de Metamemória, sendo a individual e a coletiva, a individual é como eu me relaciono com minha memória, minhas lembranças, sentimentos, recordações; a coletiva se refere a memórias que se relacionam com outras pessoas, seja familiar, amigos, sendo a memória compartilhada, ou até mesmo pessoas que não estão no círculo de amizades ou família, mas que é conhecida através de um programa de televisão, por exemplo.

A Metamemória individual é uma memória que se apresenta ela mesma como um objeto, por exemplo, quando digo que tenho uma péssima memória e, a Metamemória coletiva é um metadiscorso que, como toda linguagem, tem efeitos extremamente poderosos: nutre o imaginário dos membros do grupo, ajudando-os a que se pensem como uma comunidade e, sendo altamente performativa, contribui para moldar um mundo em que o compartilhamento é ontologizado, em particular em suas formas metamemoriais (Candau, 2020, p. 23).

Candau (2011) também aborda dois tipos de memórias, conceituando-as como memória forte e memória fraca, ambas com suas particularidades e importância na vida de uma pessoa. Sobre isso, Candau (2011, p. 305) diz que “à memória fraca não possuiria contornos bem definidos, seria difusa e superficial, e, por isso, dificilmente compartilhada pelos indivíduos, enquanto a memória forte se caracteriza pela capacidade de estruturar os grupos humanos”.

A memória forte pode ser aquela em que nos lembramos sempre, uma pessoa, um familiar que mora longe, mas que teve convívio e deixou memórias de momentos importantes; a memória fraca é aquela em que pouco nos recordamos ou que para recordar temos que ter um incentivo que nos faça lembrar, como por exemplo um lugar, um perfume, uma música, são coisas que nos fazem recordar de algo ou alguém, e ambas agregaram conhecimento, experiências e sentimentos.

Na maioria das respostas, foi narrado por todos os professores recordações de docentes, sua forma de agir com os alunos, metodologias utilizadas por eles e pouco se falou da estrutura e dos demais funcionários da escola, sendo o professor uma figura importante e que representa a escola na memória dos que hoje também são professores, mas que um dia foram alunos e que aqui foram pesquisados.

Quanto a transcrição das narrativas para essas respostas, foram inseridas falas das professoras Bianca e Alice, pois dentre os docentes, elas foram as que mais recordaram/narraram de professores e professoras e momentos vivenciados nas escolas com eles. Os docentes Ítalla e Adriano foram os que tiveram acesso a escolas públicas e privadas, sendo que eles narraram as diferenças entre elas, quanto a metodologia das aulas, o ensino e as dificuldades enfrentadas. Mauro e Danyllo

tiveram vivências peculiares, Mauro ingressou tardiamente na escola por ser indígena, tendo que vir para Altamira para cursar a graduação. Já o professor Danyllo estudou grande parte da vida em Brasil Novo, em uma única escola e veio morar em Altamira para cursar a graduação.

Dentre os professores, o Danyllo é o que tem maior vínculo com a Igreja Católica, em alguns momentos da sua narrativa ele menciona sobre a importância dela na sua oratória como professor, pois sempre participou de formações, em que aprendeu a falar no microfone, e que também conheceu pessoas em espaços de educação não formal que o inspirou. Ele destacou que leva muitas dessas experiências para a sua atuação docente.

As professoras Bianca e Alice recordaram com carinho de docentes que marcaram sua trajetória de vida na escola, quando ainda eram crianças e o encantamento pelas professoras se deu pela maneira de ensinar e pela didática desenvolvida em sala de aula. Quanto a isto elas narraram que:

E eu sempre lembro da professora Auxiliadora, que era a minha professora favorita, era professora da quarta série até a quinta série. E ela sempre trazia jogos, conversava com a gente, aquilo me encantava muito. Só que ela adoeceu, ela teve um desgaste físico e ela foi substituída, fiquei muito triste. Da minha primeira série até a quarta série, eu só tenho lembrança dela [...] teve o meu professor de artes também, que ele ensinava a gente a tocar o instrumento com o corpo. E aquilo me chamava muita atenção, ele cantava, fazia a gente ter uma aula bem dinâmica usando uma caixinha de fósforo. E a minha professora de Geografia, ela sempre ensinava a gente a mapear, gostava muito de trabalhar com mapa, porque a gente conhecia vários lugares por meio desses mapas, isso me encantava muito, a gente fazer seminário para a aula dela e comecei a perder o medo de falar na frente como a minha professora de Geografia, e de me encantar com os mapas também, de conhecer lugares. Hoje também eu gosto muito de trabalhar com o mapa, porque vem essa lembrança das professoras (Bianca).

Durante o ensino fundamental eu tive alguns Professores que foram importantíssimos, alguns foram em relação ao ensino, alguns em relação a postura em sala de aula [...] eu tinha um professor que nos cativava a explicação dele era voltada para o teu entendimento e ele conseguia adaptar de uma forma que tu conseguias entender o que fosse mais complexo e era o Professor de História na época e ele era excelente, tinha aqueles Professores que eu não me recordo tanto de como era a sua didática, mas eu me recordo de situações dentro de sala de aula que eu olhei e falei assim, nossa, esse Professor é uma pessoa maravilhosa. Então, era aquele Professor que sorrindo, ele abraçava e isso para mim era muito bacana. Inclusive hoje eu sou uma Professora que eu tento muito ser assim [...] eu tive uma outra professora que ela era muito protetora com a turma, se acontecia algum problema, alguma situação de racismo, porque durante a nossa trajetória na escola, no ensino básico, principalmente pessoas pretas como eu, nós passamos por situações de racismo, de preconceito. E assim, eu a via como alguém que me protegia. Então eu acho que por isso ficou muito marcado para mim, e eu estou frustrada por não lembrar o nome da Professora (Alice).

Buscou-se relacionar a fala das professoras com os conceitos abordados neste tópico, tais como Metamemória sendo ela individual e coletiva e memória fraca e forte, por meio da sua narrativa (auto)biográfica. Nas narrativas das professoras Alice e Bianca surgiram a memória forte e a memória fraca, isso quando elas recordam de momentos que viveram com docentes que foram importantes tanto nas escolas, quanto nas universidades, professores que as influenciaram de alguma maneira, seja pela sua metodologia, seja pelo seu posicionamento, pelo afeto com os alunos e a memória fraca, quando por exemplo, a professora Alice não recordou o nome de uma das professoras no momento da produção da narrativa.

A Metamemória tanto coletivas quanto individuais surge nas narrativas das professoras, pois se trata da construção da identidade pessoal e profissional, e mesmo ainda criança ou adolescente, as professoras Alice e Bianca disseram que em alguns momentos, hoje sendo professoras, buscam ser como as suas professoras da educação básica. As memórias coletivas das docentes com colegas de sala de aula e suas professoras da época de estudante, acabam influenciando-as nas suas práxis docentes.

E essas vivências e admiração pelos docentes continuou quando ingressaram na universidade, a professora Bianca recorda com afeto da professora que foi sua orientadora de TCC na universidade, mas também recorda de professores que não lhe remetem a memórias tão boas, dizendo que:

A minha melhor lembrança é da professora Maria Bethânia, que foi minha orientadora do TCC. E foi que ela sempre mostrou que acreditava em mim, que eu tinha potencial para fazer o mestrado, para ser uma professora, ela me ensinou a escrever, como utilizar o quadro de uma maneira mais didática. E ela era uma mãezona para mim. Mas tiveram professores que faziam eu não querer ser daquele jeito. Encontrei professores arrogantes, grosseiros na graduação.

Quando um professor acredita no aluno, geralmente isso faz com que ele se sinta com potencial para fazer um trabalho, uma prova, se relacionar na sala de aula com o próprio professor e demais alunos e isso pode acabar influenciando esse discente a se tornar um futuro docente. Sobre as suas vivências na universidade e seus professores, a professora Alice narrou que:

Na universidade tiveram alguns, que marcaram de forma positiva pela didática, pelo ensino, e aí eu destaco, por exemplo o professor Marcos de Montes Claros, tinha um laboratório de geoprocessamento na época era excelente, mas para mim, o mais marcante foi o Professor Expedito, ele não tinha uma didática maravilhosa, mas ele era aquele que colocava, não chegava a ser data show, eram aquelas... Eu me esqueci completamente o nome. Que parecia um papelzinho transparente. Ele exigia o máximo de nós.

E eu me lembro muito que até quando ele ia nos chamar a atenção, ele era extremamente educado. E isso me marcou muito.

Em resposta da terceira pergunta sobre os processos de ensino-aprendizagem na escola e na universidade, a professora Alice narrou que na época da escola gostava das aulas práticas que aconteciam nos laboratórios. Já a professora Bianca recorda de quando fazia maquetes, mapas mentais, narrou sobre como algumas professoras acreditavam nela. Tanto Alice quanto Bianca relataram que utilizam algumas destas metodologias hoje em sala de aula sendo professoras.

Em resposta a quarta pergunta sobre o que elas fizeram com essas memórias referente as vivências na escola e na universidade quando se tornaram professoras. Elas narram que:

Eu levo os exemplos positivos, que vai desde tratar bem os meus alunos dentro e fora da sala de aula, a didática e metodologia que os professores me ensinaram na escola e universidade (Alice).

Eu trago comigo principalmente as memórias das aulas práticas, fazer maquete com os alunos, mapa mental, dialogar e confiar neles e hoje sendo professora eu utilizo algumas metodologias com meus alunos (Bianca).

Tanto a professora Bianca quanto a professora Alice falam dos professores que fizeram parte da sua história escolar e acadêmica com admiração e as respostas que elas narraram da pergunta quatro do Eixo 2 vão ao encontro a resposta da pergunta cinco do mesmo eixo, que questiona como estas memórias que elas relataram as influenciaram a se tornarem professoras. Elas destacam que que:

Toda a minha trajetória me levou a seguir esse caminho, de ser professora de Geografia, de ser uma professora que traz nas minhas lembranças e memórias de outras professoras que fizeram parte da minha história também, a minha metodologia usada em sala de aula eu trago dessas recordações (Bianca).

Me influenciaram pela visão que eu tinha deles embora hoje, a sociedade tenha e veja nós professores como coitados. Nós estamos nesse nível atualmente. Por mais que a sociedade tenha, em grande parte, essa visão, eu sou de uma época que eu tinha grande admiração pelos Professores. Eu tenho uma grande admiração por professores [...] quando eu decidi tentar um concurso para professora, foi porque eu admirava os professores que eu tive. Porque eu sempre olhei, sempre quis alcançar estes professores. Eu, olha como este Professor tem conhecimento, olha como este Professor é inteligente (Alice).

Dos seis docentes participantes, a professora Alice é a única professora negra, e ela narrou um pouco quanto a isso, principalmente da importância em ser professora negra em uma sociedade considerada racista.

Na minha formação enquanto ensino básico, eu não tive professores pretos. Não tive. Então, assim, quando eu tive no ensino médio, este professor não ficou, porque ele chegou na escola pública no primeiro dia, um aluno foi

racista com ele em sala de aula e ele não voltou mais. Então assim, o ser professora, eu pensei também no sentido de fazer a diferença. E nós, quando nós estamos em sala de aula, nós inspiramos o respeito dos nossos alunos, se nós temos um comportamento, uma didática, uma integridade dentro de sala de aula. [...] os alunos precisam se acostumar a não ver também as pessoas pretas só servindo. É um Professor que ele precisa respeitar. Então, eu vejo a minha inserção na educação básica também como uma forma de inspirar, como uma forma também de fazer o que fizeram comigo, de tentar fazer com que os alunos sejam pessoas melhores. Quando eu estava lá no ensino fundamental, sofríamos racismo e eu me lembro de uma professora que nos protegia, de uma professora que se posicionava. Hoje eu sou Professora que se posiciona (Alice).

Dentre os muitos papéis que o professor cumpre na sociedade por meio dos seus alunos, um deles é tentar ensinar com que esse aluno respeite um ao outro, independente de classe social, cor da pele, tipos de deficiência, e talvez ensinar isso aos alunos seja um dos maiores desafios, tendo em vista que o aluno quando vai para a sala de aula já tem parte do seu pensamento formado, geralmente influenciado por convívio com familiares e amigos.

Tanto na narrativa da professora Alice quanto na da professora Bianca, percebeu-se que em muitos momentos elas citaram que tiveram docentes que foram importantes na sua trajetória de vida enquanto estudante, ficando marcas do que ambas vivenciaram em sala de aula enquanto alunas.

Além da memória forte e franca, e Metamemória que foram encontradas em suas falas, também foi percebido a Cena 1 e 2 de Marinas (2007), pois elas retornaram a momentos que de alguma forma deram origem as professoras que elas são hoje. As memórias que refletem nas profissionais docentes que elas se tornaram, e que todas essas experiências vividas enquanto alunas e hoje sendo professoras, acabam por formar suas identidades docentes.

Dando continuidade as narrativas (auto)biográficas dos docentes, os professores Ítalla e Adriano, dos seis professores foram os únicos que além de estudar em escola pública, tiveram acesso a escolas particulares, e em respostas as perguntas deste eixo, eles relatam parte das suas vivências pelos espaços de educação formal por quais passaram. Respondendo a primeira pergunta que buscou saber sobre as memórias que eles tinham enquanto estudantes, eles narraram da seguinte forma:

A minha memória do ensino básico, faz um tempinho, mas eu sempre fui uma aluna bem aplicada na escola, a minha base, a minha formação na escola, eu vejo que ela foi muito mais tradicional. Então, eu estudei no SESI, que tinha uma exigência desde a forma de se vestir, tenho essa lembrança que era saia short para as meninas, a saia pinçada, a blusa era branca, apertadinha assim no braço. Tinha que sempre estar com a meia branca e o

sapatinho preto fechado. Então, tinha exigência desde a tua veste. A média lá na época que eu estudei era sete ou oito [...] e alguns professores me marcaram, na época, a professora Isabel, não se era de língua portuguesa, mais foi uma professora que era rígida mais lecionava muito bem. Hoje eu estou tendo a oportunidade de trabalhar com uma professora que me deu aula, eu acho que na segunda foi terceira série que é a professora Deia. Então, eu voltei enquanto colega de profissão [...] E eu devo muito isso a essa minha base porque a minha primeira série eu estudei em escola pública foi no Saint Clair passarinho e foi traumatizante para mim, traumatizante que eu não quis nem terminar o primeiro ano e a mãe conseguiu uma vaga no SESI que até hoje é muito difícil. Estudei da segunda série até a quarta, então a minha base tinha muitas regras nesta escola, já no Dairce Pedrosa e no Polivalente em que estudei que são escolas públicas já tinham as regras, mas eram mais flexíveis [...] com estes ensinamentos eu conseguia ensinar minha mãe, a mãe sempre me incentivou a estudar, né? Então, como ela não sabia, ainda ajudei ela ainda no processo de escrever o nome dela, que às vezes ela escrevia um pouco errado, porque ela só estudou até a primeira série na época e mesmo com pouco estudo e muito esforço ela lia, escrevia do jeito dela e era boa na matemática como ninguém (Ítalla).

Comecei a estudar e minha primeira escola foi particular, meu pai me colocou no antigo Gurilândia, que hoje é o Gildete Dultra, o meu primeiro contato com a escola foi lá, lá onde eu aprendi a fazer as primeiras curvas, os lápis, as ondinhas e tudo mais. Tendo esse primeiro contato, meu pai, por ser da indústria, me colocou no SESI, onde lá eu fiz o pré-escolar, a professora Maria Lima, não está mais entre nós, ela que me ensinou a fazer meu nome, eu lembro até hoje que eu tenho certificado, lembro da formatura que foi feita, muitas pessoas que se formaram naquela época, hoje também são professores, são médicos, são advogados, posteriormente, primeira série, tem a professora Sofia ela que ensinou praticamente o meu primeiro 1 mais 1 é 2 . Essas professoras são algumas das que fizeram parte dessa minha formação no SESI. Quando finalizo o ensino fundamental, que até era até a quarta série, aí eu vou para a quinta série no Dairce Pedrosa Torres e lá eu já sofro aquele impacto, né? Muitas outras disciplinas, o que eram estudos sociais, desenvolveram em geografia e história, o que seriam ciências, viraria biologia [...] depois eu saí do Dairce Pedrosa Torres e fui lá no Metodista, e onde finalizei lá um pedacinho da sétima. E aí, a oitava série eu estudei tudo lá, e depois eu acabei estudando no primeiro ano e depois aconteceu várias situações que o primeiro ano eu não concluo lá e acabei indo para polivalente que eu também estudei o segundo e o terceiro ano na parte da tarde nesse período do polivalente (Adriano).

Os docentes Ítalla e Adriano tiveram algumas falas bem parecidas e por questão de poucos anos de diferença, o caminho deles não se cruzaram, pois trocaram de escola algumas vezes e acabaram estudando nas mesmas três escolas. São elas, o Sesi, o Dairce Pedrosa e o Polivalente, as duas últimas são escolas estaduais no município de Altamira, ambos os professores narraram de docentes que foram importantes nos primeiros anos em contato com a escola.

Neste primeiro momento, percebemos o surgimento de uma memória forte e Metamemória coletiva, pois eles recordaram com detalhes quanto as suas vivências escolares com seus professores e essas memórias ajudaram a formar sua identidade pessoal e profissional. Quando o professor Adriano narra que: *“lá onde eu aprendi a*

fazer as primeiras curvas, os lápis, as ondinhas, ela que ensinou praticamente o meu primeiro 1 mais 1 é 2 [...] essas professoras são algumas das que fizeram parte dessa minha formação no SESI". Os primeiros anos na escola foram momentos importantes que lhe deram discernimento para os próximos passos escolares. E Ítalla já dava seus primeiros passos como professora ensinando sua mãe, mesmo que subjetivamente *"ajudei ela ainda no processo de escrever o nome dela, que às vezes ela escrevia um pouco errado, porque ela só estudou até a primeira série"*. Os primeiros passos escolares foram importantes para os dois e eles narraram de forma organizada e com detalhes.

Quanto a segunda pergunta que se refere as memórias das vivências na universidade e dos professores que por lá encontraram, os dois narram boas lembranças, a Ítalla comenta que:

Eu tive bons professores na época da graduação, eram sempre professores que vinham e voltavam, não tinha uma grade efetiva fixa, tinham poucos professores que eram efetivos aqui em Altamira. Tive professores que eu vejo que não foram tão bons, assim como também tive ótimos professores. Professores de excelência, de uma humildade, e que eu aprendi muito. Aprendi enquanto aluna os assuntos e tudo mais. Mas aprendi e tenho como exemplos para ser uma boa profissional [...] eu tenho boas referências, tanto na graduação, boas lembranças do Campus Rio, foram os momentos quando a gente estava estressada, ia lá para o Campus Rio, sentava-se lá nos banquinhos ou ficava estudando, ou respirando um pouquinho, querendo ou não a gente acaba estudando muitas coisas no mestrado e no doutorado também que tive professores excepcionais. Conheci profissionais maravilhosos. Então, isso tudo me ajudou com as experiências boas e ruins.

A professora Ítalla viveu a universidade desde a graduação até a conclusão do doutorado, viveu grandes momentos e conheceu professores bons e ruins que como ela mesma disse lhe ajudou a ser e a não ser como eles. Diferente do professor Adriano, que cursou a graduação com aulas *online* e durante o seu mestrado ocorreu a pandemia COVID-19, tendo parte das atividades acadêmicas também no formato *online*, o que dificultou em parte as vivências na universidade. Hoje, no doutorado, ele está tendo a oportunidade de cursar de forma presencial, e sobre suas memórias da universidade ele relata que:

Eu fiz geografia online aí veio o mestrado, e veio a pandemia e as aulas foram online, a pandemia começa lá em 2019, desacreditada aí depois de 2020 explode aquele negócio, vamos lá, lockdown, toda aquela questão. Aí a universidade deu uma freada, não falou nada. Até planejar esse formato, esse formato que nós temos hoje aqui, isso se dá da pandemia, se não houvesse pandemia, teria que dar um jeito de me entrevistar aonde fosse [...] e uma memória da universidade que eu tenho, de alguns professores emblemáticos, com suas metodologias de ensinamentos e bons em tudo que se dispõem a fazer, professores com explicações excelentes. O que mais me marcou nesse período das disciplinas que eu tive desde as graduações, uma foi a

dificuldade no feedback quando era na graduação, que não tinha, e quando tinha era online, e muitas vezes se dispersava devido àquele estresse que estava em torno daquela pandemia (Adriano).

O período pandêmico foi um momento em que os professores juntamente com seus alunos tiveram que se adaptar a novos ambientes, o que muitos chamaram de novo normal para aquele período, pois as aulas que eram presenciais em sala de aula se tornaram *online* através de telas de computadores, celulares ou *tablets*, e para muitos isso dificultou a aprendizagem dos alunos e o desenvolvimento do ensinar do professor, mas foi a forma que encontraram para que ninguém se atrasasse e conseguisse estudar e concluir o ano de ensino.

E tanto nas aulas *online* quanto presenciais, é necessário que os professores utilizem caminhos e meios para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça. A terceira pergunta do Eixo 2, se refere as memórias dos processos de ensino-aprendizagem que os docentes Ítalla e Adriano tiveram contato tanto na escola quanto na graduação, e nas narrativas tivemos respostas que os principais meios utilizados eram o quadro, o giz ou pincel e o livro didático. Sobre as memórias do ensino e da aprendizagem, eles narram que:

O professor lá na minha base usava muito quadro e giz. Tinham professores que tinham aquela capacidade didática de explicar no quadro, tinha uma professora que desenhava células para você no quadro com nada ela começava e aí te explicava o que é uma célula eucarionte, o que é os ribossomos. É assim, você conseguia entender pelo desenho [...] a professora dizia que o cérebro só aprende aquilo que ele concentra. Não tem como você não se concentrar quando você escreve. Então, se você está concentrado, você para e escreve uma palavra, você direciona aquele teu cognitivo para escrever aquela palavra, então ali, você está estudando [...] já na universidade com o avanço da tecnologia tive aulas online, tem o uso de datas show, apostilas impressas ou em *PDF* e pouco se escreve em um caderno (Adriano).

O método tradicional de escrever mesmo no quadro, na época não tinha condições de comprar apostila, então a gente tinha que ter o material escrito. Então, isso eu vejo que é muito bom e eu trago um pouquinho para os meus alunos desse método. Tem muitos estudos sobre isso em que diz tu precisas escrever, ler e ouvir, e te ajuda a assimilar mais o assunto. Eu lembro na minha época, quando a gente ganhava livro, a minha mãe já comprava aquele kit para encapar para ele ficar novinho até o fim do ano e ficava, porque protegia. Eu lembro que eu escrevia quadros, menina, ainda sou do tempo do quadro de giz, quadro negro, que era verde [...] na graduação, mestrado e doutorado são ensinamentos de forma diferente, então, tem uma visão diferente, a forma de falar diferente. Então, aprendi bastante para eu aplicar em sala de aula, aula de campo, aulas práticas, maquetes, mapas (Ítalla).

Os professores narraram um pouco do que tiveram acesso para facilitar o ensino-aprendizagem enquanto estudantes no ensino básico e no ensino superior, e suas falas foram bem parecidas, a Ítalla, por exemplo, expressou um sentimento de

nostalgia ao recordar que teve acesso ao quadro negro, que na verdade era verde, em que eram usados giz para escrever neles e não o pincel que hoje é utilizado nos quadros brancos, e o professor Adriano mencionou que também é deste tempo e suas vivências se assemelham.

A professora Ítalla trouxe recordações sobre o escrever no caderno para relembrar e aprender o assunto com mais facilidade, hoje com o uso dos celulares em sala de aula, alguns alunos tiram foto e não escrevem no caderno, e na graduação o uso das tecnologias veio com muitas facilidades como por exemplo, fazer a leitura de uma apostila de forma *online* até mesmo por meio do celular que é o mais utilizado.

Nas falas dos docentes tivemos algumas recordações de vivências e acontecimentos bem parecidos, tendo em vista que eles estudaram nas mesmas escolas, e possivelmente tiveram as mesmas professoras, talvez por este motivo tivemos semelhanças em acontecimentos das suas trajetórias escolares. Dos seis docentes participantes a professora Ítalla é a única que tem doutorado e o professor Adriano é doutorando, mais uma informação compatível entre os dois.

Quanto as narrativas dos professores Mauro e Danyllo, em relação ao Eixo 2, que se refere as memórias de ensino, surgiram informações que foram da época que estavam como estudantes no ensino básico e na graduação. Eles foram detalhistas em suas respostas. Sobre estas memórias, o professor Danyllo narrou que:

As memórias que eu trago de escola, (perai que eu estou recordando aqui, deixa eu mergulhar) eu me recordo que inicialmente, quando eu era bem pequenino, eu não gostava de escola, eu preferia ficar em casa, eu me recordo que a minha avó me pegava no quintal, me arrumava e me levava para a escola, porque eu era extremamente tímido e achava muito estranho a gente ficar na escola longe da nossa família. Eu me recordo que justamente nessa época em que não havia grandes distrações, a gente não tinha *WhatsApp*, não tinha Instagram, não tinha o *Facebook*. Então, o que tinha de distração era basicamente a televisão. Tive bastante contato com os meus colegas de rua, de bater na casa e dizer, olha, vamos junto para a escola. Então, eu ainda peguei esse momento. A gente ainda caminhava para ir para a escola, Brasil Novo só tem uma escola, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Brasil Novo que ocupa o mesmo lugar da Escola de Ensino Médio [...] com relação aos professores, eu sempre fui do tipo de aluno que eu nunca tive problema com nenhum professor raramente eu tive discussões, no geral me adaptava aquilo que os professores que faziam, mas eu era do tipo de aluno que gostava de sentar-se sempre na parte de trás, nunca gostei de ser lá na frente, mas sempre muito concentrado, no sentindo de captar, de compreender. Eu me recordo que o padrão dos professores era algo muito rígido, só que era uma rigidez que muito de preocupação mesmo, usavam muito o livro didático, até porque não tinha muitas possibilidades, tais como nós ainda temos hoje. Então, eu percebo que muitos professores tinham muita boa vontade, mas lhes faltavam às vezes essas condições para poderem inovar e hoje eu na condição de professor reconheço o esforço que muitos de nossos professores no passado tiveram nesse cuidado para conosco.

O professor Danyllo narrou com detalhes alguns dos momentos em que viveu na sua trajetória escolar, coisas que antes aconteciam com frequência em municípios como Altamira, Brasil Novo e que hoje quase não se vê mais, como por exemplo, passar na casa de um amigo para ir para a escola juntos, inclusive eu mesma vivi esses momentos enquanto estudei no ensino fundamental anos finais.

Ele relatou também da diferença de quando ele era estudante com o período atual sendo professor, quanto as distrações tecnológicas que eram diferentes, antes havia o difícil acesso em redes sociais, nem todos tinham acesso a um celular, Danyllo conta que *“o primeiro celular que eu tive, eu já tive quando eu era de adolescente para jovem, computador também”*. E quanto as recordações da escola quando os celulares ainda eram escassos, ele narra que *“a gente conseguia ter mais momentos na hora do recreio me recordo recorde que eram sempre momentos de muita socialização, de se sentar em grupo, de conversar”*. No período atual aparentemente o celular tem mais importância do que a interação com os colegas na hora do intervalo.

O professor Danyllo também recorda dos seus professores e suas didáticas, que eram um pouco rígidos e que não conseguiam inovar nas aulas pelas condições da escola e da época em que viveram.

O professor Mauro recorda com afeto e admiração dos professores que cruzaram seu caminho de aluno e diz que *“quase todos os meus professores foram minhas referências”*. O Mauro ingressou na escola tardiamente pelas suas condições que já foram relatadas no Eixo Histórias de Vida e das suas recordações quanto a sua caminhada do ensino escolar, ele narra:

Na nossa trajetória escolar, na verdade é muito raro você não lembrar dos Professores que você teve, inclusive eu me recordo desde quando eu tinha a primeira Professora, que é a Professora Fátima, quando eu tinha nove anos de idade, até os últimos Professores e na verdade eu sempre tive uma boa relação com meus Professores porque eu acredito que eu sempre fui um bom aluno, eu sempre gostei de sentar na frente, eu sempre gostei de prestar atenção, eu sempre gostei de perguntar muito, eu sempre falo isso para os meus alunos hoje, que eles têm que perguntar. E sobre professores, eu tive alguns que me inspiraram, a Professora Flúvia era Professora de português, eu nunca vi uma pessoa ensinar português como ela; O Professor Márcio é Professor de História e ele me fez despertar o interesse pelo componente, ele explicava para que servia a História e me encantava, quando ele estava falando das coisas que já aconteceram. E tem um outro professor que eu acredito que eu nunca vi uma trajetória de vida igual a dele, que ele contava e socializava para nós, e do jeito que ele ensinava Geografia, que é o Professor Valdelúcio, lá de Vitória do Xingu, é aposentado hoje e eu me espelho muito nestes professores.

O Mauro aparentemente se encantou pela profissão docente por meio dos professores que teve enquanto estudante no ensino básico. Mesmo com alguns

percalços de vida conseguiu aprender e se inspirar com professores que para ele foram referências pessoais e profissionais.

Ele não mencionou escolas enquanto estrutura física e nem de momentos vividos fora da sala de aula, mas recordou com uma memória forte e afetiva da forma que os seus professores trabalhavam em cada aula e que hoje são inspiração para ele enquanto docente, diferente do professor Danyllo que recordou do que foi vivenciado por ele enquanto estudante do ensino básico, vivências que foram além do contexto de sala de aula. Em ambas as narrativas, a memória forte e a Metamemória se entrelaçam, pois suas recordações que os fizeram ser quem são hoje, mostram que as referências de professores da educação básica têm um papel primordial nas suas práxis de hoje como docentes.

Das suas recordações das vivências na universidade e seus professores, os docentes Danyllo e Mauro narram de forma detalhada a sua trajetória enquanto estudantes da graduação em Geografia.

Eu passei no vestibular em 2012, entrei em 2013, sou daquelas gerações da Geografia que por muito tempo foi nômade, não tinha prédio, não tinha infraestrutura, a gente estudou em quase que todos os blocos da universidade. Nesse sentido foi desafiador do ponto de vista estrutural, do ponto de vista pedagógico também, porque foi uma época em que boa parte dos nossos professores, os titulares, estavam fazendo seus doutorados, então, houve muitos professores substitutos que conduziram as disciplinas conosco e, de certa forma, eu avaliei que isso foi um pouco prejudicial também no nosso processo formativo [...] eu já chego na universidade com essa noção de participação, da necessidade de me organizar dentro de um coletivo, sejam eles pastorais, movimentos sociais em função dessa sensibilidade que a gente foi ensinado a ter. Então, quando eu chego na universidade, eu chego com essa ânsia de querer aprender, na teoria, por que eu fazia, por que aconteciam as coisas que eu estava vivenciando, percebendo na prática. Era para eu ter terminado meu curso em 2017, para ter colado o grau, e eu só fui concluir dois anos depois, aquelas derrapadas que todo estudante no decorrer do curso, eu também dei esta derrapada. Senti dificuldade na finalização de trancamento de disciplina, por estar muito conectado com outros processos da minha vida e sobretudo o elemento da militância, pois participei do movimento estudantil e estive a frente de grandes momentos que ocorreram enquanto eu estive graduando (Danyllo).

Na verdade, a sensação que no início já relatei que não foi fácil. E o que aconteceu comigo na universidade, na academia, foi um aprendizado de vida. Não para a minha profissão, não para a minha vida como estudante, mas para a minha vida mesmo, para a minha vida como cidadão. Até mesmo assim a questão como indígena, aquela questão de persistir. Porque tem muita gente que na primeira dificuldade desiste e eu fiz o contrário, toda vez que eu encontrava uma dificuldade, eu tentava provar que não era aquilo que as pessoas estavam falando, não é aquilo que eles estavam pensando. Eu ouvi dentro da universidade que esse sistema de cota só serve para atrapalhar e tirar a vaga de quem tem capacidade, eu não posso deixar de falar sobre isso, quando eu ouvia isso, eu não me desmotivava, eu me enchia de esperança e de energia, para que eu pudesse provar o contrário. Os docentes da universidade, eles não me olhavam no início, como passaram a

me olhar depois. Eu me sentia um pouco invisível, um pouco menos parte daquilo, porque se for analisar, é muito melhor o Professor ter um público todos com grande capacidade de aprendizado, dar menos trabalho para ele, do que ele ter no meio daqueles alunos que têm dificuldade de aprendizado, de evoluir, eu acredito que eu fui despertando a atenção dentro da universidade, através da minha história de vida, através do meu cotidiano, através do meu jeito de tratar as pessoas, através de perceber e saber a minha hora de falar, a minha hora de manifestar, de não ser exagerado, e eu acredito que o meu comportamento despertou atenção e quando eu pensei que não, eu não tinha mais docentes na UFPA eu tinha grandes amigos. O Professor que mudou meu jeito de falar, de se expressar, de se manifestar e saber a hora certa de agir ou não, esse Professor tem nome e foi um cara assim que ele estalou o dedo e mudou a minha vida e eu vou ser sempre grato a ele, não posso negar (Mauro).

O professor Mauro, ao ser questionado por esta pergunta das memórias na universidade, ele recordou do fato que ocorreu com um dos professores que teve, que duvidou de sua origem indígena. A universidade foi um lugar cheio de desafios e realizações para o professor Mauro, pois foi um local em que ele passou a ser admirado e respeitado pelos seus colegas e professores.

Na sua resposta ao contrário do professor Danyllo, que focou nas vivências da universidade, com seus grupos de amigos, grupo estudantil, suas dificuldades nas lutas, seus aprendizados diretamente com os grupos na igreja que formaram o Danyllo de hoje, o professor Mauro focou em nos contar sobre os preconceitos que ele passou ao ingressar na universidade sendo indígena e por conseguir conquistar respeito ao longo da graduação, nos contou também sobre os docentes que ele considera importante e que foram suas referências durante a graduação.

Quanto a isso, os professores Mauro e Danyllo narraram.

Os professores no seu processo de ensino usavam muito o livro didático como principal ferramenta de ensino, muitos seminários, prova escrita, uma perspectiva de uma educação tradicional a qual eu não critico, porque foi aquilo que eles tiveram acesso, foi a forma que eles foram ensinados e dentro do universo de possibilidades que eles tinham, era o que dava de fazer naquele momento, considerando as carências de estrutura, na minha época a sala tinha sequer ar condicionado, hoje em dia todas as escolas basicamente tem, na minha época tinha mal um ventilador para funcionar, o quadro ainda era de giz, então eu vivenciei todo o meu processo formativo básico foi na educação pública e vivenciei os limites e as contradições. E aí quando eu venho para a universidade, a diferença é que se ampliou a visão de mundo, eu tive acesso a muitas aulas de campo, por exemplo, aulas práticas, a gente sai um pouquinho de sala, fazia campo na zona rural, na zona urbana, fizemos também uma viagem importante, no final do nosso curso toda a turma foi para Marabá, passando por Belém, Bragança. Então, eu pude ter acesso a um curso que, apesar de não ter seu prédio fixado ali, mas que me proporcionou leituras, me proporcionou contato com outros professores, os professores utilizavam muitos seminários também, explicativos, de grupo, para a gente explicar as coisas (Danyllo).

Quando eu estudava na base, os processos de ensino e aprendizagem eram completamente diferentes do que a gente tem hoje. Eu acredito que eles, apesar de terem sido rústicos, considerados assim por hoje a evolução tecnológica ser grande, eu acredito que eles eram mais eficientes, eu me arrisco a dizer, que eles eram mais eficientes do que os de hoje na atualidade, porque na época o aluno da base, quando ele estava na primeira série, ele sabia ler e escrever com grande propriedade, como comparação eu tenho aluno do sétimo ano, e se encontra isso em todas as escolas do município, que tem aluno do sétimo ano que não sabe escrever o seu nome com letra legível e que não consegue ler. Porque antes o processo de ensino e aprendizagem, ele não era feito com grande facilitação e hoje eu vejo muita facilitação. As nossas pesquisas tinham que ser feitas a partir de um livro e escritos em um caderno, o Professor que nos proporcionava um livro e dentro desse livro a gente ia fazer leituras buscando aquela temática e transcrever manuscrito de acordo com o que o Professor pedia para a gente. Então a gente primeiro tinha que torcer para achar o livro que falasse sobre aquele tema depois virar esse livro de cabeça para baixo ler e reler até encontrar as palavras fragmentadas dentro desse livro e trazer para montar esse trabalho [...] e quanto as memórias da universidade nós da turma de 2018, tivemos sorte pelos docentes que ministraram aula naquele período que eram Professores que traziam uma metodologia que realmente mudava a vida do acadêmico. E acredito que eu, particularmente falando, fui agraciado, os Professores na época eles não eram Professores, eles eram orientadores, eles nos orientavam, mas também ouviam nossas propostas e contraproposta, quando necessário, porque era mais fácil a gente explicar e apresentar os trabalhos da nossa maneira e do nosso jeito e isso fez muita diferença (Mauro).

As narrativas dos professores Danyllo e Mauro se entrelaçaram principalmente do que tange ao uso do livro didático, quadro, pincel ou giz, um ensino tido como tradicional e que ainda persiste em partes das escolas, mesmo com os avanços tecnológicos. O professor Mauro mencionou ainda que com esse avanço tecnológico, há diversos alunos usando celulares em casa e nas escolas, mas de alguma forma parece que isto tornou o aprendizado mais lento, tendo em vista que em muitas escolas persistem estudantes com dificuldades para fazer uma leitura ou interpretação adequada de um texto.

E quando esses alunos que têm dificuldade em ler ou interpretar um texto chegarem à universidade, eles enfrentarão algumas dificuldades, pois a universidade tem uma dinâmica diferente do ensino fundamental e médio. Os dois docentes estudaram em uma universidade pública, e sobre algumas dificuldades enfrentadas eles relataram que encontraram professores prontos para lhe orientarem como o professor Mauro narrou, que teve aulas práticas e aulas de campo que puderam aproveitar e adquirir conhecimento de diferentes assuntos.

Em resposta as duas últimas perguntas deste eixo, que se referem ao que eles fizeram com essas memórias que foram relatadas e se essas memórias ou

professores os influenciaram de alguma maneira a seguir a carreira docente, a utilizar uma metodologia, ao planejar uma aula prática ou de campo, eles narram:

Eu não só levei como levo até hoje porque é uma construção diária e permanente, e eu acho que não tem como a gente entrar numa sala de aula e não trazer, não dá para gente se despedir da gente mesmo quando a gente entra dentro de uma sala de aula, a gente traz as nossas vivências, costume dizer que nós somos resultados das experiências as quais a gente vai se submetendo ao longo das nossas vidas, então o Danyllo professor de hoje Danyllo docente ele é resultado daquilo e eu fui me dispondo, a vivências nessas diferentes dimensões acadêmicas, as minhas experiências em Brasil Novo, as minhas experiências com a educação popular, nas minhas experiências nesses espaços de educação não formal, na pastoral da juventude, a minha vivência enquanto militante, eu acho que o papel do professor de Geografia é muito nesse sentido, de ajudar com que os alunos compreendam o seu ambiente local, o seu ambiente regional, o seu ambiente mundial, aprofundando os assuntos. Não só pegando o título de uma notícia e considerando aquilo como verdade, mas tentando entender o que está por detrás daquela notícia (Danyllo).

Eu falo com plena segurança que eu me tornei um excelente educador, um excelente professor, pois por onde eu passo a mensagem que eu levo são as minhas metodologias que eu adquiri na universidade, cada Professor que eu tive aqui na universidade tinha uma metodologia diferente, eu tive durante quatro anos e um pouquinho vários Professores com várias metodologias, eu acredito que é para isso, a universidade é o alicerce e quando o profissional sai ele tem que levar a bagagem que ele adquiriu e as mais que ele vai adquirir, isso aqui é só uma base. Eu acredito que a universidade, para nós principalmente como indígenas, ela é um complemento, então cabe a nós estudar o nosso público, observar, fazer um diagnóstico dele e ver qual a metodologia que vai, de certa forma atender a necessidade e à expectativa daquele público [...] todos os professores foram de suma importância para a minha formação, para a minha transformação. Eu me sinto uma pessoa que a universidade transformou e em casa também eu ouço isso. É por isso que eu sempre levo a importância da universidade, de uma faculdade, e como você se comporta dentro dela (Mauro).

Os professores narraram que tanto suas experiências enquanto alunos, professores que conheceram e os lugares que caminharam para aprender e ensinar algo foram de suma importância para formar sua identidade como pessoa e como profissional. Como o professor Danyllo mencionou não tem como deixar nossas vivências e nossa história para trás, pois em algum momento as lembranças irão vir, seja de professores, de momentos vividos com eles em sala de aula, de uma aula que foi marcante e que estes hoje buscam levar para os seus alunos.

As memórias de ensino tanto do professor Danyllo quanto do professor Mauro foram memórias fortes, pois eles recordaram de momentos que consideraram importantes para a sua formação como pessoa e profissional. Lembraram do nome de professores que ajudaram na construção do seu conhecimento e do sujeito professor que eles são hoje.

Como conclusão deste eixo, percebemos que em vários momentos mesmo quando não perguntado sobre isso, os professores aqui pesquisados mencionaram o nome de algum docente que de alguma forma lhe auxiliou quando precisaram e isso fez diferença no futuro deles. Os professores foram mais lembrados do que o restante dos funcionários do quadro escolar e foram boas recordações na maioria das vezes, poucas vezes a estrutura física das escolas ou universidade foram mencionadas.

Todos os professores quando alunos tiveram acesso as aulas expositivas com docentes, quadro negro, giz, livro que eram os mais utilizados antes de surgir o quadro branco e o uso do pincel, e antes da tecnologia, do uso do *notebook* e *data show*. Diante disso, percebemos a importância do professor ao formar alguém, as recordações boas e ruins se configuram como exemplos para serem ou não seguidos, se torna cada vez mais evidente a importância da presença do docente na sala de aula.

Diretamente ou indiretamente quando escolhemos uma profissão, seja ela a docência ou não, nós temos exemplo de algum professor que nos marcou em algum momento e nós utilizamos este exemplo em nossa vida. No próximo eixo, que se refere a Formação-profissão, foi narrado pelos seis docentes quanto a sua trajetória de vida em relação a formação e profissão, como eles se tornaram professores e quais momentos das suas vidas fizeram com que isso acontecesse.

4.3 EIXO 3: FORMAÇÃO - PROFISSÃO

Neste capítulo abordaremos o Eixo 3 que se refere a Formação-Profissão, a fim de conhecer o caminho de formação destes professores enquanto alunos da graduação, formação continuada e sua carreira profissional como docente, sendo professor de Geografia e Estudos Amazônicos. Este foi organizado com cinco perguntas que foram respondidas uma por uma por todos os docentes, de forma aberta para que eles se sentissem à vontade para contar as suas experiências e vivências.

As perguntas do Eixo 3 são as seguintes: Como e por que escolheu a profissão docente e por que em Geografia? Quais as referências e influências você teve na vida para se tornar professor? Como você pensa e organiza sua prática pedagógica? E em Estudos Amazônicos tem uma forma diferente de organização? Quais as mudanças

são necessárias à licenciatura em Geografia? Como você define um bom/boa professor/professora da de Geografia?

Destarte, por meio das narrativas de suas trajetórias de formação-profissão, foi possível notar muitos momentos considerados importantes e que revelaram como os seis docentes se formaram e continuam a construção de suas identidades docentes.

Narrar as experiências de vida nos faz refletir sobre memórias que são consideradas importantes, pois fizeram a vida da pessoa ter um seguimento importante, como por exemplo, o que me fez escolher ser professor ou professora, e porque docente de Geografia. Josso (2010, p. 70), chama esses acontecimentos importantes que de alguma forma mudaram o direcionamento da vida de alguém de Momentos-Charneira e sobre isso ela discorre que são “momentos de reorientação que se articulam com situações de conflito, e/ou com mudanças de estatuto social, e/ou com relações humanas particularmente intensas, e/ou com acontecimentos socioculturais (familiares, profissionais, políticos e econômicos)”.

Esses momentos que marcam a vida do sujeito de maneira que ele não esqueça, como por exemplo, um professor que lhe marcou de forma positiva, uma aula marcante, ou um professor que não marcou de uma forma tão positiva assim, servindo de influência para que este aluno escolha ser ou não um futuro professor. Esses Momentos-Charneiras se remetem a nossas memórias, pois foram momentos importantes que deram direcionamento em uma decisão tomada em algum instante da vida, e os professores que participaram da pesquisa narraram momentos e acontecimentos que podem ser considerados um Momento-Charneira que lhe articularam para a escolha de seguir a carreira docente.

Momentos ou acontecimentos-charneira são aqueles que representam uma passagem entre duas etapas da vida, um “divisor de águas”, poderíamos dizer. Charneira é uma dobradiça, algo que, portanto, faz o papel de uma articulação. Esse termo é utilizado tanto nas obras francesas quanto portuguesas sobre as histórias de vida, para designar os acontecimentos que separam, dividem e articulam as etapas da vida (Josso, 2004, p. 64).

Para que espontaneamente surgisse esses Momentos-Charneiras nas narrativas (auto)biográficas dos professores, foi feito aos docentes perguntas para que eles nos relatassem como escolheram ser professores, como foi sua trajetória escolar, acadêmica, se teve algum professor, algum momento marcante que de alguma forma contribuiu para esta escolha da carreira docente e por meio das narrativas dos professores foi percebido as seguintes informações.

A professora Alice teve seu Momento-Charneira quando veio morar em Altamira e resolveu tentar o concurso para ser professora de Geografia, pois esta seria uma das formas dela ficar mais próxima do seu filho que ainda era pequeno, mesmo não sendo sua primeira opção ser docente, ela nos revelou que se apaixonou pela profissão docente e essa paixão se deu na sua atuação enquanto professora de Geografia e Estudos Amazônicos. Podemos destacar que o nascimento de seu filho e a mudança para Altamira foram fatores determinantes que a levaram para a docência.

O professor Mauro teve seu Momento-Charneira quando foi incentivado através de uma professora que lhe dava aula na aldeia e que hoje é sua esposa, a vir morar em Altamira para trabalhar e estudar e como sempre gostou de História e Geografia, sua filha lhe inscreveu no processo seletivo da UFPA e ele foi aprovado e diz que não se vê em outra profissão, ele nos revelou que mesmo com todos os desafios ele não escolheria outra profissão que não fosse a docência em Geografia.

O professor Adriano teve seu Momento-Charneira quando resolveu sair do emprego para começar a estudar Geografia, mesmo ficando desempregado não desistiu e logo em seguida conseguiu cursar com bolsa de ensino, depois o mestrado e hoje é doutorando e professor na rede pública. Sobre essa escola, ele narrou que suas escolhas não foram por amor e nem vocação à docência, mas porque sua esposa e alguns amigos disseram que ele levava jeito para a educação, para ele além de levar jeito foi em busca de ascensão salarial, pois sempre buscou uma estabilidade e melhoria de vida para sua família.

A professora Ítalla em vários momentos teve que decidir por continuar estudando ou não, pois teve que ser acompanhante da mãe que estava fazendo tratamento de uma doença, e mesmo com isso ela continuou com o curso, em seguida mesmo com muitos percalços conseguiu ser aprovada no mestrado, assim que concluiu o mestrado foi aprovada para cursar o doutorado e hoje já é doutora em Geografia, o Momento-Charneira na vida da professora foi não desistir do curso mesmo com tantas dificuldades, e essa escolha de continuar o curso mesmo com todos os desafios enfrentados deram resultados positivos em sua vida.

O Momento-Charneira na vida do professor Danyllo foi seu forte vínculo com a Igreja Católica por influência familiar, sua participação em eventos, formações da Igreja que o fizeram ser professor antes mesmo de ingressar na universidade, pois ele ministrava formações e que aprendeu a falar em público e se posicionar na sociedade,

o que pode ter influenciado em querer cursar História, mas não conseguiu, e logo optou por Geografia.

A análise dos Momentos-Charneiras nas narrativas dos professores foi feita de forma geral em todas as suas falas, desde a primeira até a última pergunta, foram analisadas todas as narrativas deles e algumas falas foram se conectando, alguns pontos principais que eles rememoraram e relataram ao responderem as perguntas feitas por meio do roteiro, e as relatadas foram os momentos que os docentes tomaram decisões importantes e que impactaram no seu futuro pessoal e profissional.

Além dessas informações que já foram citadas quanto aos Momentos-Charneiras dos docentes aqui pesquisados, é importante o destaque para a questão que todos eles em algum momento da vida tiveram professores ou outras pessoas que inspiraram ou incentivaram a serem os professores. Além de terem passado por uma pandemia, sendo este um momento de (auto)formação e alguns dos docentes relataram sobre os desafios da docência neste período de pandemia mundial, em que se tornaram professores totalmente diferente do cotidiano de estar em uma sala de aula, o cotidiano se tornou o de rostos e câmeras fechadas na tela do computador, pois as aulas passaram a ser de forma *online* ou gravadas.

Para Josso (1988; 2004) os Momentos-Charneiras são momentos considerados relevantes e que marcaram a vida de uma pessoa em algum momento, seja de forma positiva ou negativa. Um momento importante e desafiador na vida dos professores e que pode ser entendido como um desses Acontecimentos-Charneiras, sendo considerado um divisor de água na vida dos professores foi o período da pandemia COVID-19, pois os estudantes ficaram em casa para estudar de forma remota, diminuindo o risco de contágio, refletindo uma mudança brusca na rotina do corpo docente e discente inseridos nas escolas e universidades. Nas narrativas (auto)biográficas dos docentes Mauro, Adriano, Bianca e Ítalla eles relataram um pouco de como foi ser professor nesse período pandêmico, em que muitas coisas tiveram que mudar e de como isso refletiu no ensino até o período de hoje.

Aquela questão da pandemia, que os alunos passaram sem estudar, aquilo ali massacrou essa classe estudantil, principalmente da base. Os alunos que estavam passando do quinto para o sexto ano, eles estão no sétimo ano sem ter cursado o sexto e isso destruiu as escolas do País. E os professores e coordenadores poderiam sentar-se e falar, vamos tentar minimamente resolver esses problemas, estabelecendo um projeto de recuperação das atividades desse aluno. Eu faço por minha conta própria, o meu plano de aula eu faço de acordo com o perfil da turma, eu olho primeiro o perfil da turma e eu faço o meu planejamento (Mauro).

A pandemia ainda é uma sombra que vai acompanhar esse aluno do ano de 2020 e 2021, que são esses alunos do sexto ano, que não têm aquela capacidade cognitiva de entender que ele precisa pegar o livro e ele tem que entender o que é a divisão do livro, que é em capítulos, que é em páginas, que é em título, que é em subtítulo e o aluno não tem essa indução própria de fazer isso por conta dele. Eu fiz uma experiência de fazer o seguinte, avaliar o aluno por meio de prova com consulta e sem consulta, eu fiz um bimestre prova sem consulta, aí eu tive uma média geral e fiz uma prova com consulta e o resultado foi o mesmo. Só para você ter noção da condição do aluno hoje (Adriano).

A fala do professor Mauro vai muito ao encontro com a fala do professor Adriano, quanto ao ensino no período pandêmico e posterior a ele, é um tempo que foi perdido de certo modo, pois é perceptível que esse déficit irá acompanhar os alunos nos seus próximos anos na escola.

O professor acaba tendo um trabalho dobrado e mais uma vez é cobrado em ter que correr atrás deste tempo perdido na vida dos alunos, pois ao planejar uma aula com um determinado conteúdo para uma turma, ele precisa refletir como essa turma está em relação a aprendizagem, se é uma turma com certa facilidade para fazer certas atividades ou não. Sendo que os docentes da rede de Altamira sofrem atualmente com a questão das horas de planejamento, que foram praticamente extinguidas pela falta de organização da SEMED.

A professoras Bianca e Ítalla em suas narrativas relataram quanto aos alunos terem dificuldade de escrita e de leitura e que isso pode ser uma problemática advinda do período pandêmico, em algumas das vezes as famílias não tinham como acessar as aulas e materiais que os professores preparavam. Isso se dava por falta de recursos, algumas famílias com mais de um filho e somente um celular, ou notebook em casa e às vezes nem isso, o que dificultou a aprendizagem dos alunos durante a pandemia de COVID-19.

Comecei a dar aula do sexto ao nono ano, na pandemia. E era muito complicado, sem muita ajuda dos poderes públicos. A gente tinha que usar nossos próprios materiais, nosso celular para atender alunos. E a gente vem sentindo um pouco essa realidade. Os alunos chegam no sexto ano e não sabem ler, por eles terem passado por esse processo, desse ensino que foi a pandemia (Bianca).

O nível de educação pós-pandemia baixou significativamente, se nós formos buscar a realidade de Altamira, a educação, ela está num déficit muito grande. As crianças estão muito viciadas em telas e isso ainda é reflexo da pandemia. Então, a educação precisa, e ainda vai levar um bom tempinho para conseguir dar uma melhorada, mas precisa de investimento (Ítalla).

A pandemia deixou resquícios na vida de muitas pessoas. Na vida dos professores quando eles tiveram que se resignificar para se adaptar a tantas mudanças, tendo que lidar com o ensinar e ao mesmo tempo tendo que aprender,

pois muitos dos professores tiveram que aprender a utilizar as redes sociais, plataformas *online* de ensino, vídeo aulas, dentre outros meios que foram utilizados nesse período de aulas remotas. Além dos gastos que tudo isso envolveu, pois os professores tiveram que contratar serviços de internet, quem não tinha computador ou *tablet* teve de investir para as aulas *online* e isso são apenas alguns dos investimentos que os professores fizeram, além de terem que trabalhar praticamente quase 24 horas por dia, pois os responsáveis dos alunos sempre tinham dúvidas e na maioria das vezes era o professor quem precisava sanar as dificuldades encontradas.

Além disso, o desafio de ensinar sem contato físico, a única proximidade eram as telas de celular ou computador, então pesquisar e entender as narrativas dos professores depois de tantas mudanças é de suma importância para entendermos como isso afetou a vida pessoal e profissional. Alguns narraram que hoje pós pandemia seguem correndo atrás de melhorar o ensino-aprendizagem destes alunos que ficaram com déficit de aprendizagem devido a pandemia.

A fim de conhecer mais a fundo sobre o motivo da escolha pela profissão docente foi feito aos seis docentes a seguinte indagação: como e por que escolheu a profissão docente e porque em Geografia?

Tivemos respostas diversas, alguns dos pesquisados têm a profissão docente entrelaçada na sua vida pessoal desde criança, por terem familiares que são professores e serem suas inspirações e influências desde muito cedo. Parte deles se encontraram professores após ingressar no curso de Geografia e outros só se encontraram professores no seu primeiro dia de aula sendo docente ou no decorrer dos sabores e dissabores da carreira docente. Diante disso, com a palavra os professores:

Eu acho que é a melhor pergunta que já foi feita. Eu sempre fui um cara muito crítico em muitos aspectos e em muitas conversas com os amigos meus eles acabaram me induzindo, aquela boa indução falando Adriano, tu és um cara que poderia ser professor, então, devido a essa minha questão crítica, e devido a minha esposa que também é professora identificar e me incentivar eu acabei ingressando na faculdade de Geografia [...] E sabe o que é bacana do professor? é a única profissão em que você deixa um legado, seja para a sua família, seja para os alunos que você incentiva e esse aluno vai te cumprimentar em qualquer lugar que ele te veja. E foi em Geografia porque eu gosto de ler, eu gosto de questionar, eu gosto de entender o porquê e depois eu gosto de explicar e contrapor, por questionar muito o espaço ao qual a gente vive e por questionar, eu começo a procurar entender (Adriano).

Quando eu vim para a Geografia, eu tinha a visão que eu queria um curso que me permitisse compreender o mundo. Um curso que na minha cabeça, eu ia aprender tudo, de Geografia física e de Geografia Humana, então era um curso que ia me possibilitar ter acesso a esses dois elementos. Eu ia

entender de natureza e eu ia entender de sociedade, como elas funcionam [...] minha vontade era cursar História, já que não tinha história, a que mais se aproximava da História era a Geografia, para que eu pudesse entender os elementos das nossas origens enquanto humanidade, de onde é que eu vim e para onde eu vou. Em resumo, estou professor por considerar esse um espaço que eu posso, dentro das minhas possibilidades implementar aquilo que eu fui ensinado, a sala de aula é um espaço de atuação. Então, que dentro da sala de aula e fora dele, a partir daquilo que eu participo no ambiente escolar para além da sala de aula, como é que eu posso ser o Danyllo ao qual eu fui ensinado a ser, colocar em prática os meus valores, os meus princípios, as minhas ideias, as minhas utopias, os meus sonhos, e as minhas lutas (Danyllo).

Os professores Adriano e Danyllo têm falas semelhantes, ingressaram no curso de Geografia em busca de conhecimento, assim como se fosse em qualquer outro curso, mas na Geografia tem sua particularidade, o conhecimento de mundo e espaço em que vivemos, além de poder compartilhar essas informações com os alunos de forma dinâmica, através de uma um mapa, uma aula prática ou de campo, por exemplo.

Eu penso que, de certa forma, a docência acabou me escolhendo, eu acredito muito que os nossos caminhos, eles vão se desenvolvendo, nós vamos caminhando para chegar aonde nós devemos estar [...] cursei geografia, mas não atuei, fiz um outro curso e anos depois prestei um concurso, passei para a Geografia, entrei em uma sala de aula e eu te falei que eu não me lembrava de um evento que tinha me falado assim, olha, eu vou tentar Geografia. Vou fazer curso de Geografia e me tornar professora, mas eu me lembro do momento em que eu me entendi como professora, que foi meu primeiro dia de aula, que eu cheguei no quadro branco, eu me apresentei para a turma, eu nervosíssima, porque tinha dez anos que eu não entrava numa sala de aula, mas com aquela confiança. Outra coisa eu não sabia escrever no quadro direito, a gente acha que é muito fácil, a gente acha que a gente vai chegar igual a gente escreve no caderno bonitinho e não é não, eu fui copiar no quadro e a minha mão tremia, porque eu estava muito nervosa. Era meu primeiro momento em sala de aula e tinha um aluno sentado próximo a mim, o Geovane, ele estava sentado ali, e aí ele foi o primeiro aluno que conversou comigo. Ele olhou para mim e falou assim, professora, é um prazer te conhecer, eu sei que você vai ser uma ótima professora para mim e que eu vou aprender muito, basicamente isso e eu olhei para mim e falei assim cara, eu sou professora deste aluno eu vou ensinar Geografia para este aluno e eu me entendi como professora naquele momento (Alice).

Na época que eu ingressei na universidade não tínhamos muitas opções aqui em Altamira e eu não tinha condição de estudar fora. E a Geografia foi mais por afinidade. Então, como eu gosto de ler, de interpretar. A Geografia foi a minha segunda escolha, e eu comecei a me apaixonar. O primeiro período, eu queria fugir. Falei, meu Deus, o que é isso? Isso aqui não é Geografia. Ai quando foi o segundo período que eu comecei a ver, a estudar Geografia, a ver a Geografia diferente da minha formação, do ensino básico que são diferentes e eu fui me apaixonando. E hoje em dia, eu já não sei dissociar, já pensei em fazer uma outra graduação, mas eu gosto da Geografia, eu me sinto bem. E a docência ela ativa muito o meu lado pesquisadora, porque são vivências diferentes, são aprendizados diferentes (Italla).

As professoras Alice e Italla, mesmo a Geografia não sendo suas primeiras opções de curso, assim como o professor Danyllo, pois como a professora Italla

relatou no Eixo História de Vida, ela foi aprovada em uma outra universidade, mas por ser longe de casa ela não conseguiu ir e quando ingressou pela UFGA escolheu o curso de Geografia; a professora Alice por afinidade teria optado pelo curso de História, como ela narrou no Eixo História de Vida. Além disso em comum, ambas se apaixonaram pela docência em Geografia e hoje elas não se veem mais em outra profissão e que bom, pois de acordo com os seus relatos elas seguem fazendo a diferença na vida dos seus alunos.

Os docentes Mauro e Bianca são os docentes que mais tiveram influência familiar, por este motivo suas narrativas foram colocadas juntas, pois temos aproximações nas falas, mas em vidas e em contextos diferentes, como relatado no Eixo História de Vida. Assim como o professor Mauro que é um professor indígena e ministra aula para alunos indígenas, a professora Bianca também tem experiência em ministrar aula em zona rural e é conhecedora de todos os desafios.

A escolha, foi quase que um acidente por porque minha filha me inscreveu no curso, sem até mesmo meu conhecimento, mas ela já sabia que era a área que eu mais gostava, eu tinha duas coisas que eu gostava muito de fazer, que era contar história, eu era amante de história e outra coisa que ela percebeu é que eu sempre sabia falar muito sobre rochas, sobre a natureza. E antes dela me inscrever ela viu que esse meu conhecimento e minha vivência de vida encaixariam dentro desse curso e com esse conhecimento tradicional eu poderia realmente me tornar um excelente profissional e conhecedor da Geografia, não só do mundo. E esse acidente me levou até então [...] a Geografia, a paixão que realmente me chamou a atenção. A Geografia me permite conhecer realmente o lugar que eu vivo, que nós habitamos, ela ainda me dá a possibilidade de conhecer os outros espaços, para além da nossa imaginação (Mauro).

A primeira parte foi influência da família de admirar meu pai, meus tios sendo professores, tudo eles conheciam e para mim eram as pessoas mais inteligentes do mundo. E a Geografia, eu sempre gostei desde criança, na minha casa tinha um calendário enorme, que tinha um globo. Um globo e todas as bandeiras de todos os países, eu me encantava de ver aquilo, de conhecer. Eu brincava de que bandeira é esse país? Eu sabia todas as bandeiras, decorava todo aquele mapa. Todos aqueles países, mas a Geografia não é isso (Bianca).

O docente Mauro que chamou a inscrição que sua filha fez para ele de acidente, aparentemente foi um acidente que deu certo pela sua trajetória de vida que estamos conhecendo por meio da sua própria narrativa (auto)biográfica. O indígena que teve tantos desafios enquanto aluno e que optou por ensinar onde um dia ele deveria ter aprendido, mas teve que vir para a cidade para estudar, é uma forma de contribuir para quem sabe o surgimento de novos docentes indígenas.

A profissão docente que surgiu na vida do Mauro por meio de um olhar minucioso de uma professora que viu seu potencial, por meio do olhar da sua filha que

o conhece como pessoa e fez sua inscrição no curso de Geografia por conhecer sua afinidade com o tema.

A professora Bianca desde pequena cercada por professores, eu cheguei a brincar com ela que ela nasceu em *um berço de professores* e por este motivo desde nova se viu motivada a seguir a carreira docente. Sua vida pessoal com a profissional seguiu entrelaçadas, percebemos em cada fala que os professores tiveram muitos motivos, inclusive a pergunta sobre o porquê de eles escolherem a carreira docente e porque em Geografia com a pergunta quais referências eles tiveram para tal escolha estão de certo modo entrelaçadas, tanto que as respostas ficaram próximas.

A fim de conhecer com mais propriedade se eles tiveram alguma influência ou não para escolher a carreira docente, os questionamos com a seguinte pergunta: Quais as suas referências e influências na vida você teve para se tornar professor?

Em termos de caráter, meu pai é a minha maior referência, como pessoa meu pai foi o cara que mais me influenciou a ter essa postura, até porque o meu pai era certo em todos os aspectos, uma das referências que eu coloco é o professor do Senai, o mestre Josué, na questão de postura, me assemelho muito a ele, não sei se ele veio a me influenciar, mas eu lembro bastante dele. A figura não inspiradora, mas a mais importante foi a do meu pai (Adriano).

A minha referência da minha base, a minha formação, o que eu sou hoje, desde a minha personalidade, a educação, a profissional, são os meus pais pela integridade deles, são pessoas que não tiveram estudo nenhum. Eu sempre tive uma admiração, um dia eu quero ser um tiquinho do que a minha mãe foi, que é a minha referência. Tanto a minha mãe biológica, quanto a minha mãe de criação, minha mãe e vó. A minha mãe, nunca teve estudo, nunca teve as oportunidades, mas ela me proporcionou isso [...] a gente vai tendo referência de grandes profissionais, pelo menos o mestrado e doutorado me permitiu conhecer profissionais e autores que a gente acha tão distante da nossa realidade. Profissionais excelentes e são pessoas que me ajudaram para a profissional que sou hoje (Ítalla).

Percebemos que as maiores inspirações e influências dos docentes Adriano e Ítalla vieram primeiro de dentro de casa, tendo seus pais como exemplo de respeito e em seguida a vontade de dar orgulho para aqueles que um dia lhe ensinaram a ser como são hoje por meio da educação e afeto. Além disso, eles encontraram docentes que contribuíram no sujeito docente que eles são hoje.

Como eu contei na minha história, eu cresci em uma escola. A minha tia tinha uma escola, então o meu ambiente sempre foi aquele de estar com o giz na mão, escrevendo, desenhando, sempre foi um lugar que eu me sentia acolhida, que eu sentia que aquele era o meu lugar e toda essa trajetória ajudou para eu me tornar o que eu sou hoje. E meu pai é professor também, meu pai tem magistério, só que ele começou a atuar como professor depois que eu me formei. Aí também se encontrou na educação. Meu pai tem 12 irmãos e dos 12 irmãos, 8 são professores (Bianca).

As referências que eu tive, eu tive acesso a muitos professores que eram rígidos, mas ao mesmo tempo acolhedores lá em Brasil Novo, aqui na

faculdade também tive acesso a professores que ampliaram a minha visão de mundo, que vieram de uma base formativa de muita qualidade, que tem muito domínio, muita leitura e consegue assim simplificar o complexo [...] para além disso eu tive contato com muitos educadores populares, não necessariamente professores da educação formal, mas com educadores populares numa perspectiva de educação não formal de espaços formativos tais como os grupos de jovens, assembleias, congressos e reuniões que com a sua simplicidade, gente que nem tem nem graduação, mas que tem umas falas muito inspiradoras (Danyllo).

Nascer professor ou se tornar professor no decorrer dos anos, por meio das vivências enquanto estudante no ensino básico, enquanto graduando, pós-graduando, a construção pessoal e profissional se forma ao longo dos anos, dos espaços e pessoas que nos relacionamos.

A professora Bianca nasceu rodeada de professores, vivendo em espaços escolares desde criança e desde então foi construída sua identidade pessoal e por meio dessas vivências sua identidade profissional. Diante disso, a autora Abrahão (2013, p. 9) discorre que “a arte de narrar a própria história atrela-se à busca interior e imbrica-se com as dimensões espaço/tempo em que os sujeitos se encontram ao narrarem suas experiências”. Cada espaço/tempo que vivemos e nos relacionamos ganhamos aprendizados diferentes.

O professor Danyllo para além dos espaços formativos, construiu sua identidade docente em espaços não formais e em tempos diferentes, espaços como grupos de jovens, reuniões em que ele a princípio como ouvinte e depois passou a estar à frente de algumas responsabilidades, ou seja, o sujeito professor, sua identidade não se forma somente nas paredes universitárias, ou dentro da escola nas salas de aula, mas vai muito para além disso.

A carreira docente pode ser constituída em vários processos que vai desde o ingresso em uma universidade, os estágios, as experiências não formais e as primeiras experiências em sala de aula como docente efetivo. Dessa forma, os docentes Alice e Mauro relatam sobre suas referências para se tornarem professores.

Eu meio que cai de paraquedas, durante o cursinho eu tive professores que me fizeram ter vontade de ser docente também. Além dos professores que estavam lá atrás, os professores de Ensino Médio, Ensino Fundamental, no cursinho eu tive acesso a uma forma de conhecimento diferente. E isso me fez ter vontade de fazer um curso de licenciatura, muito da influência, ela ficou subjetiva, sabe? Ela ficou em mim, mas assim, não é uma coisa que eu te falo assim, olha, eu decidi em tal momento que eu faria e foi tal professor que me influenciou. Eu acho que foi uma sequência de fatos, de eventos, de pessoas que fizeram com que eu escolhesse ser Professora. Mas não tem um momento único, um momento ímpar que eu falei assim, olha, vou ser professora, foi acontecendo (Alice).

Eu sempre me preocupei muito em relação ao conhecimento, em aprender. E aquilo me chamava atenção era quando chegava alguém na aldeia que tinha uma informação, que falava bem. Um dia, uma professora me deu aula e que hoje é minha esposa, ela percebeu que eu tinha potencial, eu era mais desenvolvido dentro da comunidade. Ela foi a primeira pessoa que viu que eu tinha uma capacidade de ser um transportador de informação e eu mesmo vim para cidade acompanhar ela, mas eu não tinha esse pensamento de um dia ser professor, então, eu acho que se eu tenho alguma pessoa que possa ter visto isso em mim, eu não me enxergava dessa maneira. Mas a minha esposa, a minha filha, elas viram isso com grande facilidade (Mauro).

Todos que aqui foram pesquisados seguiram um caminho cronológico com os estudos, uns mais tarde outros mais cedo, caminhos na escola, na universidade, alguns com pós-graduação, e por fim com a profissão docente. Claro que sempre buscando novos aprendizados dia após dia, a fim de ampliar o conhecimento para levar para a sala de aula, afinal a profissão docente é aquela em que o profissional precisa sempre estar aprendendo e se atualizando.

As vivências podem ser de outra ordem, mas todos os seis professores entrevistados passaram por esses momentos nas suas vidas, mas nem por esse motivo sua identidade docente é igual, tendo em vista que eles tiveram experiências em suas vidas que foram únicas, pois cada ser humano tem sua individualidade, mesmo convivendo em coletivo. Aqui buscamos conhecer o que esses professores têm de semelhança, nas suas lutas diárias sendo professores de Geografia e Estudos Amazônicos e nas suas narrativas fomos contemplados com suas perspectivas e seus desafios e principalmente seus anseios de uma melhoria na educação.

Para Josso, (2004, p. 89) “as narrativas contam múltiplas mudanças geográficas, socioculturais, profissionais, relacionais e afetivas na busca de condições otimizadas para a pessoa fruir do seu *ser-no mundo*”. E a partir das reflexões das suas vivências, das memórias que surgem no momento do narrar a vida, o ser humano recorda suas várias versões em uma vida, dos vários acontecimentos que de alguma forma interferiram no que o sujeito se tornou, as narrativas não são algo sem movimento, mas sim Histórias de Vida de um cotidiano que muda diariamente, se ressignifica sempre de acordo com as necessidades e circunstâncias da vida de uma pessoa. As narrativas podem ser um método utilizado para a investigação e formação de um docente, assim como foi utilizada nesta pesquisa.

A (auto)biografia se revela como uma pesquisa de cunho qualitativa considerada importante, pois nos permite conhecer e compreender as experiências de uma pessoa, no caso dos professores que aqui pesquisamos, também conheceremos as perspectivas e desafios da profissão docente, trazendo significados

e nos dando entendimento da formação da identidade docente de cada um no seu processo de formação e de (auto)formação, momento em que a (auto)biografia se torna fonte de troca de aprendizagens aos envolvidos.

O relato, então, não é somente o produto de um ato de contar, ele tem também o poder de produzir efeitos sobre aquilo que relata. É nesse poder de agir do relato que se baseia, aliás, as propostas de formação que se valem das histórias de vida, para dar início a processos de mudança e de desenvolvimento do sujeito (Delory-Momberger, 2012, p. 529).

Sobre o narrar a própria História de Vida de forma reflexiva, sempre buscando aprendizagens e ressignificações na vida por meio da sua própria narrativa de vida, a autora Delory-Momberger (2008, p. 57) aborda o termo biografização, que “ao tratar de uma hermenêutica da narrativa (auto)biográfica, a qual pode se efetivar por meio da constituição de uma “inteligibilidade biográfica, ou seja, sobre a maneira como o homem aprende sua própria vida recontando-a”.

Quando o narrador conta ou ouve sua própria História de Vida, ele reflete seus comportamentos, gerando aprendizados a quem narra e a quem ouve gerando formação e (auto)formação. Santos; Costella e Menezes (2021, p. 26) discorrem que “o si que executou uma determinada ação é o mesmo daquele que reflete sobre ela”. A reflexão sobre a ação é uma (auto)formação, dialogando com Santos; Costella e Menezes (2021) sobre a transformação do sujeito, Passeggi (2011, p. 148) diz que “ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se”.

E as narrativas (auto)biográficas têm um papel importante no que tange entender a formação e (auto)formação de um professor que narra sua História de Vida, pois quando ele conta e reconta sua história ele relembra de sensações, escolhas que o fizeram seguir tal caminho, escolher tal curso, o que reflete na sua práxis docente. Segundo Josso (2010, p. 27):

Desde a década de 1980 a análise de Histórias de Vida passou a assumir um papel preponderante nas “ciências do humano”, em particular no campo educativo e, tanto na formação inicial quanto continuada, têm sido utilizadas como metodologia de investigação-formação.

Quando o sujeito narra, ele está trazendo a transformação de si a partir da narração Histórias de Vida (Josso, 2007) e essa transformação de si ocorre através das narrativas, experiências e vivências de si para si ou de si para o outro. Quando uma pessoa narra sua própria vida ela pode se (auto)formar por meio das suas próprias informações, pois ela reflete sobre seus atos em relação as práticas docentes e o que podem melhorar a partir da (auto)formação.

Diante disso, com o intuito de conhecermos mais sobre a práxis dos docentes tanto nas aulas ministradas em Geografia quanto em Estudos Amazônicos, como eles se organizam e se planejam antes de entrarem na sala de aula, como ministram suas aulas, quais metodologias e inovações os docentes têm levado para a sala de aula com o intuito de facilitar a aprendizagem, foi feita a seguinte indagação: Como você pensa e organiza sua prática pedagógica? E em Estudos Amazônicos tem uma forma diferente de organização dessas práticas?

O professor, acho que é a única profissão que você planeja o que vai trabalhar, para depois avaliar se o que planejou serve. Para montar seu plano de aula o professor se faz alguns questionamentos: Como é que eu vou imaginar a minha aula? Qual é o conteúdo que eu vou aplicar hoje? O conteúdo X, eu vou lá, vou ler os principais pontos, vou escrever isso, uma questão metodológica, de sequência didática, a partir dessa leitura, como é que eu vou aplicar isso, quais recursos didáticos vão ter, data show, eu até coloco data show, mas eu sei que isso pode ou não pode acontecer, mas eu até coloco, o quadro branco tem que ter, você não dá aula se você não escrever. Então, a gente primeiro pensa nisso, executa, e no final das contas, sabe o que é prazeroso? Quando você vê que o teu plano bateu certinho [...] tem os conteúdos de Estudos Amazônicos e os conteúdos de geografia, em geografia, o próprio livro já designa aquele componente. Então, você faz a checagem e ele bate certinho, já no de Estudos Amazônicos também tem isso só que não é tão casadinho. Às vezes, a gente tem que dar uma leitura maior para verificar esse componente e tudo isso, notas, provas, relatórios, chamada, é necessário preencher no Gestor Escolar (Adriano).

O planejamento de Geografia, na verdade, eu não tenho nenhuma dificuldade é algo que eu sou apaixonado, eu acredito que se há alguma coisa que realmente eu aprendi foi falar e saber o que é Geografia, principalmente sobre a diversidade que essa ciência traz para nós, eu ainda não achei nenhuma dificuldade para falar sobre Geografia. Eu acredito que eu utilizando o meu entender, a partir da temática abordada no livro didático, é muito mais compreensível para o meu aluno, eu coloco no meu planejamento como eu entendo e imagino que o meu aluno vai entender e compreender muito mais aquilo [...] e Estudos Amazônicos. Eita! O material didático que está aí para a gente trabalhar, eu digo assim que ele é muito robusto, as informações que têm dentro dele realmente tem que ser para um leitor e um entendedor daquele assunto e a gente tem que ser muito estratégico para isso, na verdade, quem quiser obter sucesso diante daquele livro, você tem que pegar aquele livro e refazer ele nos seus planos de aula e principalmente fazer uma interpretação daquele livro que abrange o contexto Amazônico, você tem que resumir ele para a realidade e vivência daquele aluno, e eu trabalho muito com mapa mental, geralmente e eu faço um mapa mental meu, em sala de aula, no quadro, para os alunos refletirem e depois eles fazem os deles (Mauro).

Amazônia é um assunto importante e que precisa ser trabalhado pelos alunos desde a infância até se tornarem adultos, e aqui no Pará apesar de se ter o componente para aprofundar neste assunto, ainda faltam investimentos em livros didáticos que hoje já existem, mas como relataram os docentes Mauro e Adriano, não trazem a realidade de uma maneira que os alunos compreendam. As narrativas destes dois professores se encontram quando eles dizem que é necessário fazer uma leitura

minuciosa do livro, com o objetivo de refazê-lo de acordo com o seu plano de aula. Isso requer um tempo de planejamento, o que os professores da rede de Altamira hoje não possuem.

Corroborando com as falas dos professores Mauro e Adriano, os docentes Danyllo e Alice narraram quanto aos seus impasses e inovações a fim de contribuir com meios facilitadores nas aulas para além do uso do livro didático. Os docentes narraram que:

O professor é aquele que trabalha antes, durante e depois e eu gosto muito da metodologia de aula expositiva e dialogada, de forma que eu gosto de entender, de dominar aquilo que eu vou falar, sempre gostei do ensino a partir da cartografia, ensinar como ler o mapa, como produzir, como construir, para que os alunos fossem criando referências espaciais, noções espaciais. Então, eu tento trazer muito isso [...] eu penso que eu na condição de professor de Geografia, as possibilidades de ação e atuação estão para muito além da sala de aula, eu me sinto um docente muito engajado em todos os aspectos e dimensões do ambiente escolar atual que eu estou inserido hoje [...] quanto aos Estudos Amazônicos no início quando eu cheguei, eu tive muita dificuldade quando eu comecei a dar aula, porque nós não tínhamos materiais e um ano depois, a SEMED adquiriu uma coleção de livros que contempla o 6º, 7º, 8º e 9º anos. Este livro que chegou até nós é bom, mas é insuficiente, apesar de ser um avanço, mas ele não aprofunda tanto a nossa região. E ainda assim a gente é instigado o tempo todo a ter que estar aprofundando, a ter que estar atualizando os assuntos para dentro da nossa realidade, do nosso contexto (Danyllo).

O meu planejamento envolve muita dinâmica, ele envolve muitos materiais didáticos que são lapbooks, são alguns materiais que se montam, por exemplo, na cartografia, tem ali as maquetes interativas que eu gosto de trabalhar em sala de aula. Eu tento que fazer com que não fique maçante, não fique cansativo entre os alunos, tenho uma facilidade muito grande de construir materiais voltados para a Geografia e é tranquilo de desenvolver[...] se eu for fazer para Estudos Amazônicos, eu tenho que fazer do zero. É muito difícil, a quantidade de materiais que nós encontramos para trabalhar com a Geografia é muito diferente da quantidade de materiais que nós temos para trabalhar com Estudos Amazônicos. Se eu vou fazer um slide de Estudos Amazônicos preciso fazer ele totalmente do zero e quando tu precisas construir para ter uma boa aula, uma aula dinâmica uma aula que os alunos gostem, precisa de uma coisa que é tempo, tempo de planejamento e nós não temos. Eu consigo planejar rapidamente com os recursos que eu tenho hoje uma aula de Geografia, uma aula interativa, dinâmica, interessante, já de Estudos Amazônicos, neste mesmo tempo eu não consigo preparar, porque demanda muito mais de mim. Eu vou buscar um mapa de Geografia para colocar no slide, perfeito, maravilhoso, rapidinho. Eu vou pegar um mapa, por exemplo, de Estudos Amazônicos, um mapa antigo, de divisões regionais antigas, eu não consigo encontrar para passar para eles, para fazer uma atividade interativa. Então, nós esbarramos constantemente nessa dificuldade de deixar as aulas mais interativas, mais interessantes (Alice).

Planejar uma aula que os alunos compreendam o conteúdo trabalhado naquele dia tem sido uma dificuldade para os docentes, pois para o professor planejar uma aula “boa”, ele precisa de investimento que muitas vezes sai do seu próprio bolso, precisa de tempo que muitas vezes as horas-atividades não são o bastante. Ouvimos

em quase todas as narrativas que os docentes ou têm poucas horas vagas para planejam suas aulas ou simplesmente não as têm.

O livro didático de Geografia contribui de forma com que o professor se sinta abraçado pelas informações dos conteúdos que são trabalhados, utilizando suas metodologias e diferentes formas de trabalhar cada conteúdo de acordo com a turma em que está naquele dia. Os docentes Dannylo e Alice têm afinidade em construir materiais didáticos a fim de inovar as aulas, mas no quesito componente curricular Estudos Amazônicos isso é diferente, pois mesmo com o livro didático que para eles é um avanço, eles ainda precisam se sentar, estudar os conteúdos trabalhados e trazer para a realidade do aluno, e pelo que eles narraram em Estudos Amazônicos não é fácil o acesso a materiais didáticos atualizados e que apresentem a realidade da Amazônia.

Os professores enquanto docentes da rede pública mesmo sem perceber estão em processo de (auto)formação diária, pois principalmente os professores que nasceram na Região Norte buscam reflexos nas suas memórias quando buscam inteirar os conteúdos do livro didático com o cotidiano do aluno, e quando eles buscam essas memórias, eles procuram conhecimento de si a fim de levar este para o outro. A (auto)formação pode estar atrelada a vários processos, dentre eles, as vivências diárias no contexto escolar enquanto professor.

As trajetórias e memórias escolares e profissionais, seja como aluno ou professor, remetem a momentos importantes da vida social e pessoal de uma pessoa, são experiências e vivências que formaram o sujeito professor de hoje, e essas experiências, o pensar, o agir, o ser, o fazer servem para o seu (auto)reconhecimento e (auto)formação. Sobre (auto)formação Santos; Costella e Menezes (2021, p. 26) discorrem que “o movimento interno que fazemos, cada vez que nos arriscamos a pensar algo ou modificar o que pensamos nos constitui, nos forma. Esse - nos forma - representa nós mesmos - nossa (auto)formação”.

A verdade é que o professor, quando decide ser docente ele não deixa de aprender ou se (auto)formar em momento algum, e as narrativas (auto)biográficas também são capazes de (auto)formar quem narra sua História de Vida, reflete e aprende com isso.

Dessa forma, as respostas das docentes Ítalla e Bianca, elas também relataram quanto aos ajustes de tempo, investimento, livro didático e realidade do cotidiano do aluno a fim de facilitar a aprendizagem do aluno em determinados conteúdos,

principalmente no que tange aos Estudos Amazônicos. Com a palavra as professoras Ítalla e Bianca:

O nosso plano de aula, também temos que adequar ao nosso tempo e ao tempo para planejar essas aulas e ainda tem que adequar as normalidades da escola. Tem reuniões, tem palestras, às vezes tem um problema na estrutura física, falta água, falta energia, falta alguma coisa. Tem hora que não tem material didático para a gente dar uma aula mais lúdica, e muitas das vezes que é o lado negativo da docência no ensino básico público. Se a gente quer trabalhar de uma forma mais lúdica, nós temos que tirar do nosso bolso, além de termos que preencher o Gestor Escolar com todas as informações o que demanda tempo (Ítalla).

Na Geografia, tem que planejar o plano de aula trazendo a realidade, tentando ouvir o aluno, montar aquela aula com que eles participem também, falando, contando do que eles conhecem sobre aquele tema. Eu tento fazer as aulas dessa forma, nesse formato e levar alguma dinâmica que faça quebrar aquele gelo na sala de aula. E o Estudos Amazônicos também é um desafio, porque a gente tem um material didático, um livro didático, paradidático e pensar nos Estudos Amazônicos, de uma forma que o aluno entenda que ele também faz parte dessa Amazônia, que a Amazônia não se restringe só a Belém ou só a floresta. Porque a primeira aula eu sempre peço para eles desenhar e mostrar o que eles conhecem da Amazônia. E sempre o primeiro desenho é uma árvore, um passarinho, uma onça, um tucano, esse ano eu estou ministrando Estudos Amazônicos somente para o oitavo ano, mas é sempre um desafio (Bianca).

As professoras Ítalla e Bianca foram mais diretas quanto aos relatos dos seus planejamentos das aulas, suas práxis docentes, mas assim como os demais docentes, elas enfatizaram as dificuldades de trabalharem com um componente curricular como o de Estudos Amazônicos. São muitas as dificuldades do trabalho em sala de aula, seja a própria dificuldade em relação ao conteúdo em si, a forma como o livro didático apresenta os temas, a busca por trazer para a realidade do aluno e o investimento que é necessário realizar para levar materiais didáticos para os estudantes.

E quanto ao *software* Gestor Escolar que foi mencionado algumas vezes em outros momentos e eixos das narrativas, a professora Ítalla e o professor Adriano, destacam que além do pouco tempo de planejamento, há uma necessidade constante de inserção de informações das turmas e alunos, como os próprios planos de aulas, provas e demais atividades avaliativas.

Neste Eixo Formação-profissão também buscaremos compreender o que pode ser melhorado no curso de licenciatura em Geografia, a partir do olhar dos docentes aqui pesquisados. Neste eixo perguntamos aos professores que já são formados em Geografia e viveram as disciplinas e o curso em uma universidade pública ou privada, o que pode ser melhorado, e a pergunta feita para eles foi da seguinte forma: Quais mudanças são necessárias à Licenciatura em Geografia?

Excelente pergunta, com projetos de pesquisa voltado para a docência, porque é um curso de licenciatura, é para formar professor, não é bacharel. Nós não temos essa opção, que deveria trazer licenciatura e bacharel para Altamira, pois iria abrir o nosso leque de oportunidades na questão profissional. Ensinar os alunos a ter mais experiência e preparar os alunos formados para a docência, porque é um baque muito grande, nós temos problemática na educação básica que não tem material didático para toda aula e tu tem que te virar. E a universidade não te prepara para isso (Ítalla).

Eu penso que a gente precisava discutir um curso que fosse cada vez mais na prática, numa perspectiva docente. Como eu disse, eu percebo que o nosso curso, quando ele foi promovido, ele foi muito promovido numa perspectiva do bacharelado. Acho que muitas das disciplinas que nós fizemos foi no sentido de entender a dinâmica dos processos, dos conceitos, numa perspectiva técnica e foi pouco didatizado [...] quando eu cheguei para ser professor, eu me deparei com um monte de coisa que eu não tinha tido na faculdade, por exemplo, como preencher uma Gestor Escolar, como selecionar habilidades da BNCC, como elaborar um planejamento, talvez o nosso curso pudesse nos fornece isso, tem o estágio que é para isso, mais no ponto de vista teórico será que antes de chegar no estágio a gente aprende a fazer essas coisas que professores fazem, a discutir um PPP na prática por exemplo, a participar de uma reunião e de conselho de classe (Danyllo).

Os docentes Ítalla e Danyllo em suas respostas, compararam o curso de Licenciatura em Geografia a um curso de Bacharel pelas suas experiências. Ambos cursaram sua formação inicial na mesma instituição, porém em anos distintos, e para eles a universidade precisa formar professores preparados para ingressarem em uma escola como docentes efetivos, mostrar a este aluno a realidade escolar antes dele se formar seria primordial.

Existem os estágios docentes que fazemos quando ainda se está cursando a graduação como alguns professores citaram, mas tirando pelo meu exemplo durante os meus estágios, eu senti que eles não preparam totalmente um discente da licenciatura para ser professor. A primeira questão é a observação de um professor que já atua na educação básica, se conseguirmos ter um professor supervisor que queira ajudar, ensinar como funciona o viver na escola sendo professor, isso é excelente, mas quando se tem um professor supervisor fechado, que não é aberto ao diálogo e a ideias para uma aula, isso pode ser muito ruim.

Na minha experiência formativa dentro dos estágios supervisionados e do PIBID, a professora supervisora foi acolhedora, indicando possibilidades para as aulas de Geografia e Estudos Amazônicos. Ela compartilhava, por exemplo, a dificuldade de trabalhar com Estudos Amazônicos, sem acesso a materiais didáticos. Recordo que por mais de uma vez ela retirava recursos do seu salário para produção de materiais, como apostilas, buscava filmes e vídeos que auxiliavam nas aulas, ela era aberta a ideias e ajudava de todas as formas, convidando até mesmo para vivenciar

as reuniões, os plantões pedagógicos, apresentava os demais funcionários da escola, por fim, colaborou para com a minha formação inicial. Mas, isso nem sempre ocorre.

Mas tive também experiência com uma outra professora que era bem fechada até para conversar, parece que ela estava sempre fechada no seu mundo e aparentemente pensava que eu já deveria saber de tudo, o que não era verdade e esse tratamento dela me deixou inibida para as minhas regências. Então, o estágio pode ser um momento chave, colaborando na nossa formação inicial, mas também, pode se tornar um fator que possa levar até mesmo a desistência de uma licenciatura e da carreira docente.

As falas dos docentes Ítalla e Danyllo vão no mesmo sentido das narrativas das professoras Bianca e Alice, quando elas dizem que os cursos de licenciatura precisam formar e preparar professores para pisar no chão da escola, que muitas vezes pode parecer assustador para quem está iniciando. Elas respondem da seguinte forma quando perguntadas sobre as mudanças necessárias no curso de licenciatura em Geografia:

Acho que o primeiro ponto, é discutir desde a faculdade que é de licenciatura ao curso da universidade, a academia tinha que estar um pouco mais perto da escola, tentar fazer projetos e conhecer realmente essa realidade que é o chão da escola. Acho que essa é a principal mudança, que às vezes se prendem muito só naquele mundo de ler, aprender a ler artigos, debater, e não conhecer essa realidade que vai ser a realidade da maioria dos alunos quando se tornarem professores (Bianca).

Olha, essa pergunta é muito boa! Ele precisa ser voltado para a licenciatura, acho que a primeira coisa que tem que se pensar, se o curso é de licenciatura, ele está formando professores. Quando o acadêmico sair da graduação ele está preparado para exercer a profissão? Eu acho que isso é o básico. Será que ele sabe fazer um planejamento, ele consegue montar um gestor tranquilamente, ele tem noção das normas e regras da escola, ele tem noção de como ele deve se comportar perante os alunos, o que ele não pode fazer [...] O curso da licenciatura, ele tem que formar o docente para ele chegar lá sabendo o que ele precisa fazer. Inclusive, eu acho que os alunos aqui no município deveriam ser treinados para utilizar o gestor. Porque quando tu chegar lá na escola como eu cheguei, ninguém estava querendo me ensinar gestor, não. Os Professores antigos, aprenda, te vira. Ninguém vai perder o tempo de planejamento para te ensinar a mexer em uma coisa que tu devias saber. E eu batalhei muito para aprender a mexer no gestor (Alice).

A realidade de um aluno graduando é uma e quando ele se forma e se depara com a realidade na escola, neste momento sendo ele o professor a realidade é outra. Os professores que estão ministrando aula há mais tempo não estão preocupados se você sabe ou não sabe, se você precisa ou não de ajuda, é claro que isso não pode ser generalizado, mas isso acontece.

O pensar que o professor já sabe de tudo quando vai ter suas primeiras experiências é um fato, mas como em outras perguntas algumas em que os docentes relataram sobre o frio na barriga, sobre não saber escrever no quadro, sobre não saber se portar em determinados momentos, mas são aprendizados que foram se agregando com o passar das experiências com os muitos alunos, muitas turmas, diferentes escolas e quadro de amizades diferentes em cada lugar em que elas caminharam, os lugares em que convivemos e as pessoas que nos relacionamos podem melhorar as experiências iniciais da docência .

Dessa forma, como o docente Mauro narra, a faculdade forma bons ou maus profissionais e isso vai depender de muitas coisas, sobre sua resposta quanto o que deveria ser mudado no curso de licenciatura em Geografia, ele narra:

A faculdade é um laboratório que saem bons e maus profissionais vai depender de cada um, na minha época de aluno o que eu senti muita falta foi ter um programa de informática, mesmo hoje na atualidade, nem todos os alunos têm habilidade de informática. Eu vim de um lugar onde não tinha internet, onde não tinha tecnologia, eu não sabia acessar um computador. Eu acredito que dentro do campus, quando os alunos novos chegassem, fizessem uma avaliação e aqueles alunos que tivesse mais dificuldade colocar um programa para ajudar esses alunos no desenvolvimento da tecnologia até porque quando ele chegasse em um laboratório de Geoprocessamento ele não tivesse tanta dificuldade. Eu acredito que foi o que eu mais lamentei para mim, na minha formação foi a ausência de um programa que pudesse me preparar, eu acredito que nesse contexto de formação foi apenas o que faltou para mim.

Se formos analisar a realidade brasileira, ela é uma realidade desigual. O acesso a meios tecnológicos e redes de internet de qualidade ainda são impeditivos para o pleno letramento digital de uma boa parte dos discentes que acessam uma licenciatura. Em certa medida, seria interessante os cursos oferecerem minicursos referente a como usar um computador, as funções básicas, diante disso podemos entender a fala do professor Mauro sendo pertinente.

O professor Adriano foi o único que teve a resposta divergente dos demais docentes, vale enfatizar que o professor Adriano cursou sua graduação de forma *online* em uma universidade privada. Diante disso ele narrou desta maneira:

Eu acho que o curso de Geografia atende bem a demanda que se predispõe, o que eu acho que é difícil é dizer que muitas das vezes o aluno que adentra no curso de Geografia muito se frustra, porque às vezes eles não são vocacionados a serem professores de Geografia tanto é que você observa os que estudaram contigo devido a quantidade de pessoas, nem todos vão ser professores, nem todos vão para a sala de aula. Talvez não chegue nem à metade.

Para caráter explicativo as respostas dos seis docentes foram de acordo com as universidades em que eles cursaram a licenciatura em Geografia. A professora Ítalla, o professor Danyllo e o professor Mauro cursaram na Universidade Federal do Pará (Campus-Altamira); a professora Alice, na Universidade Estadual de Montes Claros, em Mina Gerais; a professora Bianca, cursou na Universidade Federal do Oeste do Pará, em Santarém, todas estas universidades públicas. Já o professor Adriano, cursou Geografia na faculdade Gamaliel, que é uma instituição privada, assim como nas respostas, as universidades em que eles cursaram também se divergiram.

Encerrando este eixo, ainda relacionado a conhecermos a formação-profissão dos seis docentes, fizemos a eles a seguinte pergunta: Como você define um bom ou uma boa Professora de Geografia?

Os docentes responderam de diferentes maneiras, mas com um sentido próximo. Para isso foram elencadas palavras-chave que dão sentido ao que é ser um bom professor. O professor precisa “Ouvir e Compreender” o aluno, precisa “Entender” a necessidade da turma, para que ele consiga “Tirar as dúvidas” e dessa forma ele consegue mostrar a Geografia por meio da sua “Realidade” e principalmente o bom professor para estes docentes é aquele que acredita no “Potencial” do aluno. Essas palavras que estão entre aspas foram retiradas das falas dos seis docentes que responderam a última pergunta do Eixo 3: Formação-profissão.

Dessa forma, vamos conhecer o que é ser um bom professor de Geografia pelo olhar daqueles que hoje são profissionais da educação. Com vocês as narrativas sobre um bom professor na visão daqueles que um dia foram alunos e hoje são docentes.

Eu acredito que o docente ele tem que ouvir e ele tem que ser parceiro ele tem que ser amigo sim, ele tem que ser compreensivo e ouvir mais do que falar. Se o Professor não ouvir o aluno, ele nunca vai conseguir compreender e mudar a vida daquele cidadão. Ele não vai conseguir ajudar aquele cidadão (Mauro).

O professor Mauro acredita que um bom professor é aquele que ouve e compreende a necessidade do aluno referente ao conteúdo explanado na sala de aula, de forma que exista uma parceria entre eles para que assim exista facilitação no ensino-aprendizagem. Quando o docente ouve os problemas e dificuldades do aluno pode ser um caminho para que estes problemas e dificuldades sejam solucionados, de forma que o professor consiga ensinar e o aluno consiga aprender.

A definição de um bom professor é aquele professor que chega no horário, consegue aplicar aquele conteúdo, certo? Que consegue tirar a dúvida do aluno que consegue, de alguma forma impactar esse aluno para a vida, entendeu? Se de alguma forma esse aluno lembrar de ti, e se de alguma forma você conseguir, de uma forma geral, fazer aquilo que o professor se predispõe a fazer, que é ensinar, entendeu? Você é um bom professor (Adriano).

O professor Adriano foi direto na sua resposta, e se formos analisar é isso que a sociedade espera de um bom professor. Aquele que chega no horário e que faz e resolve suas demandas no decorrer do ano letivo, mas também o professor que será lembrado pelo aluno, pois ele esteve lá quando o aluno teve dúvidas e foram esclarecidas por este professor.

Para mim, é aquele que consegue fazer o aluno perceber a realidade no seu dia a dia, aquele professor que consegue trazer a Geografia para algo mais visível, que ele consiga perceber que a Geografia está em todo lugar. Que consegue trazer a realidade para dentro da sala de aula. Trazer a sua ciência para ser algo perceptível, que é algo importante (Bianca).

Para a professora Bianca, um bom professor é aquele que consegue ensinar o aluno por meio da própria realidade, das suas vivências, seu cotidiano. Um professor que faça o aluno enxergar a Geografia nos detalhes do dia a dia.

Não tem uma receita pronta para se ser um bom Professor, mas eu acho que o bom Professor é aquele que busca que os alunos aprendam. Existem para mim dois tipos de Professores, o Professor conteudista e o Professor focado no ensino-aprendizagem, eu sou focada no ensino-aprendizagem. O bom Professor é aquele Professor que entende a necessidade da turma. Então eu acho que o bom Professor é o Professor que entende o ritmo de uma turma, um Professor que busca novas didáticas, um Professor que não é arrogante, que não acha que sabe tudo e que não pode aprender a língua (Alice).

Acredito que a profissão docente é uma daquelas que nunca vai ter uma receita pronta de como ser bem executada, podemos planejar, nos programar da melhor forma, mas em sala de aula estamos lidando com muitos alunos, cada um com uma realidade e uma percepção de vida diferente. A professora Alice narra que um bom professor é aquele focado no ensino-aprendizagem, que busque diariamente que os alunos aprendam.

Eu acho que o bom professor é aquele que acredita no potencial do aluno e que investe tempo nele né? mesmo quando nem o aluno, às vezes, acredita no seu potencial, eu acho que muitos professores aqui da Faculdade de Geografia têm esta capacidade de conexão, de se conectar com o aluno e de fazer com que eles acreditem (Danyllo).

Um professor que acredita no potencial do aluno pode mudar a vida deste indivíduo, eu uso o meu exemplo que entrelaça com a resposta do professor Danyllo. Quando eu iniciei a graduação, no primeiro semestre eu pensei em desistir, pois eu trabalhava para manter as despesas da casa, chegava na aula cansada e não estava

dando conta de trabalhar e estudar além das outras obrigações da vida adulta. Mas em conversa com um dos professores que estava ministrando aula para a minha turma naquele semestre, diga-se de passagem, um ótimo professor que para além dos conteúdos ensinou algumas coisas importantes da vida e naquele momento acreditou e me aconselhou a não desistir e eu não abdiquei do estudo e cá estou desenvolvendo essa pesquisa acadêmica.

O meu relato vai ao encontro com a fala da professora Ítalla e do professor Mauro, sobre o professor precisar ter humildade e saber ouvir o aluno mesmo que não seja referente a um conteúdo trabalhado em sala de aula. Às vezes o aluno só precisa de uma palavra de apoio. Sobre ser um bom professor de Geografia, a professora Ítalla narra que:

É ter aquela humildade para ensinar, para aprender, para lidar com as adversidades dentro de uma sala de aula. Sempre ter a mente aberta para aprender. Eu acho que isso é uma das funções, uma das coisas que um professor, para ser um bom professor, ele precisa ter essa humildade de sempre estar disposto a aprender. Ter humildade enquanto pessoa, enquanto profissional, porque quando você está em sala de aula, você está conversando, trabalhando com vidas, vivências diferentes, aprendizados diferentes. Às vezes, uma forma que eu falo para um aluno, ele entende, outro não (Ítalla).

Finalizando o Eixo 3 quanto a Formação-profissão, é válido enfatizar que quatro dos seis docentes se tornaram professores por influência pessoais ou de professores que em algum momento foram importantes nas suas vidas, seja em alguma aula, um conteúdo, ou até mesmo uma palavra amiga e os outros dois se apaixonaram pela Geografia no percurso formativo e profissional.

Os docentes Bianca, Mauro e Adriano foram fortemente influenciados por seus familiares a cursarem e serem professores, principalmente a Bianca que nasceu rodeada de professores, os docentes Mauro e Adriano são casados com professoras que perceberam neles o jeito para a docência e quanto a escolha pela Geografia, de acordo com a narrativa deles foi por afinidade.

As professoras Ítalla e Alice não tiveram nenhuma influência pessoal para ingressarem em um curso de licenciatura, ambas sempre gostaram dos estudos e da leitura. A escolha pela Geografia, assim como os demais docentes foi por afinidade e mesmo com alguns percalços durante a graduação. Por fim, acabaram se apaixonando pela Geografia no decorrer do curso e pela docência quando foram para a sala de aula como docentes.

O professor Danyllo mesmo que sem perceber foi fortemente influenciado para seguir a carreira docente por meio das suas participações nos seminários que ocorria na Igreja Católica, ele participava do grupo de jovens, tendo voz ativa, e algumas vezes ministrava palestras em eventos, isso antes mesmo de ingressar na universidade. A escolha pela Geografia se deu na sua vontade de conhecer mais sobre a sociedade e falar com propriedade sobre determinados temas e acontecimentos do mundo.

Todos os seis docentes narraram em algum momento das suas falas que hoje estão onde deveriam estar, sendo docentes em Geografia e que não escolheriam uma outra carreira, pois ao longo da docência os professores se encontraram com a profissão.

Diante disso, vale destacar que a escolha dos docentes pela profissão se deu na maioria das vezes por influência de alguém, assim como os lugares que caminhamos nos marcam de forma que possa influenciar nossa identidade pessoal ou profissional, as pessoas que fazem parte da nossa vida ou que encontramos no decorrer do nosso caminhar, também são capazes de nos ensinar e nos incentivar a seguir um caminho, um deles pode ser o caminho profissional.

Dentre os inúmeros desafios que a carreira docente carrega, o professor que é formado em Geografia e que mora na Região Norte tem uma a mais. Em algum momento ele vai precisar ministrar o componente curricular de Estudos Amazônicos, seja por escolha para complemento de suas cargas horárias, seja porque impuseram ao professor ministrar este componente. No próximo eixo, os professores narraram sobre suas vivências em Estudo Amazônicos, experiências que vão desde os desafios, mas também as perspectivas quanto a este componente curricular.

4.4 EIXO 4: VIVÊNCIAS EM ESTUDOS AMAZÔNICOS

As narrativas (auto)biográficas em que os professores narraram no momento da produção da narrativa, além da sua História de Vida que é capaz de enriquecer o conhecimento de qualquer leitor, as entrevistas narrativas tiveram perguntas específicas relacionadas ao componente curricular de Estudos Amazônicos que fazem parte do Eixo 4, que tem sete perguntas e seis destas são focadas nas vivências e experiências dos professores em Estudos Amazônicos.

Os questionamentos deste Eixo 4, são as seguintes: Qual a importância do componente de Estudos Amazônicos no currículo da rede municipal de Ensino de Altamira? Como você enxerga a relação da Geografia com os Estudos Amazônicos? O que você propõe para a formação inicial e continuada de professores, de forma que contribua na qualificação da atuação com o componente de Estudos Amazônicos? Qual a sua carga horária em Estudos Amazônicos? Qual motivo de ter pegado carga horária em Estudos Amazônicos? Quais os desafios e perspectivas de ministrar aula de Estudos Amazônicos, sendo professor de Geografia? O que você sentiu narrando sua História de Vida e o que representou para você?

E através destas perguntas em que os docentes tiveram que recordar vivências no/do componente curricular de Estudos Amazônicos, cada professor com o seu olhar e experiência em turmas e escolas diferentes, mas de uma mesma gestão municipal, responderam quase da mesma maneira, alterando somente as palavras e a forma em que elas foram encaixadas na narrativa. Foi narrado também como e o que os docentes têm feito para qualificarem as suas aulas e de forma que contribua para a aprendizagem dos alunos, inclusive dificuldades em ministrar aulas em aldeias para os povos indígenas e com os ribeirinhos, que as dificuldades são maiores que as dos professores que atuam na zona urbana.

As experiências partiram de vivências tanto na zona urbana, quanto na zona rural, pois na pesquisa tem um professor que desde que se formou atua com alunos indígenas, ele já teve experiências na zona urbana, mas sua preferência são as turmas da zona rural. Mauro é um professor indígena e o motivo dele trabalhar com outros indígenas é que ele conhece as dificuldades e lacunas que existem nas escolas e por esse motivo, muitas vezes ele consegue desenvolver o conteúdo de forma mais próxima a realidade dos alunos, em suas palavras ele diz que:

Eu fiz uma promessa o meu povo indígena, eu falava quando eu me formar a minha primeira contribuição vai ser para todos os povos do Médio Xingu²¹, eu como educador porque eu via a deficiência e a dificuldade que eu passei para terminar o meu ensino médio para concluir e ter uma formação, e eu imaginei isso no dia que eu puder eu faço essa diferença, eu vou levar uma educação de qualidade, eu vou incentivar essas pessoas a buscar informação e ver que eles são capazes.

²¹ O Médio Xingu, no Estado do Pará, Amazônia Legal Brasileira congrega dez etnias, pertencentes a três troncos linguísticos¹⁵ distintos: “Tupi (povos Asuriní do Xingu, Araweté, Parakanã, Juruna, Xipaya e Kuruaya), Macro-Jê (povos Xikrin e Kararaô) e Karib (povos Arara e Arara Maia)”. (Santos; Oliveira; Souza, 2023, p. 254

A professora Bianca possui experiência próxima a de Mauro, ao ter trabalhado por volta de um ano em escolas da zona rural, em um município que não é Altamira. Desta vivência ela destaca a força de vontade dos alunos em quererem estudar, mesmo com dificuldades.

As aulas começavam 11 horas da manhã e terminavam 4 horas da tarde, eles saíam de casa às 7 horas da manhã para chegar na escola às 11 horas, os ônibus para trazer os alunos era uma realidade muito complicada. Fora a realidade da vida cotidiana também, que lá a maioria dos alunos trabalha no plantio de pimenta. E agora, estão trabalhando na monocultura da soja. A soja está avançada demais no seu território, em novembro, as aulas tinham que terminar. Em novembro, porque eles iam para o plantio da pimenta e todos os anos trabalhavam na colheita da pimenta. Então, não tinha como eles assistirem a aula, que era uma forma de sustento dele. Então, o calendário da escola se adaptava a esse período, a essa realidade dos alunos [...] os alunos participavam, eles tinham aquele desejo de conhecer o novo, que é a Geografia, vontade de estudar. E a realidade atrapalhava bastante, porque o ônibus quebrava, eles ficavam duas semanas sem aula por conta desses ônibus. A maioria dos alunos vinham de longe. Era uma realidade muito triste.

A professora Bianca narrou as adequações que tinha que fazer com os alunos pelas suas necessidades, adequando ao período de plantações, pois alguns alunos por serem da zona rural ajudavam no plantio de pimenta ou de soja. E essas são algumas das adequações que acontecem quando o professor vai ministrar aula na zona rural.

Na busca do perfil e identidade docente e de quais caminhos esse professor trilhou e trilha sendo formado em Geografia e atuando com Estudos Amazônicos, foram feitas a todos as mesmas perguntas, iniciando com a questão: Qual a importância do componente curricular de Estudos Amazônicos no currículo da rede municipal de ensino em Altamira? Diante disso, com vocês a fala dos docentes sobre a importância dos Estudos Amazônicos:

Eu vejo que é uma disciplina importantíssima, que deveria ter mais incentivo para ajudar os professores de Estudos Amazônicos a proporcionar um ensino de qualidade para os nossos alunos. Porque tem alunos de nono ano que vai para o ensino médio e fala que o Pará não é na Amazônia, fala que ele não mora na Amazônia. Isso é uma deficiência no estudo, na disciplina, na formação de Estudos Amazônicos. Porque Estudos Amazônicos, você tem que conhecer a sua História, a História do seu território, conhecer a História da Amazônia e entender isso, a sua realidade hoje, a sua cultura, a sua forma de falar, a sua forma de se alimentar, a nossa cultura, a partir da nossa História (Italla).

Eu acho que é fundamental, inclusive, eu acho que deveria ser mais valorizado, deveria ter mais espaço, deveria ter mais professores, deveria ter mais investimento no sentido de formação para os professores, para que eles pudessem, inclusive, ter espaço para poder discutir entre si, para poder ter acesso a outros materiais, eu sinto a ausência de materiais, sobretudo do ponto de vista local, regional. Nem todos os professores conhecem a história de Altamira, nem todos os professores conseguem discutir a história e a

cultura das etnias indígenas da nossa região. É a disciplina, é o espaço onde a gente vai poder discutir as questões da nossa região, se não fosse essa disciplina, muitos alunos iriam vivenciar todo o seu processo formativo sem se perceberem dentro da Amazônia (Danyllo).

A professora Ítalla e o professor Danyllo expõem em suas narrativas que o componente poderia ter mais incentivo e valorização, principalmente com uma atenção maior aos materiais didáticos. Suas falas se conectam, pois eles passam pelas mesmas dificuldades em sala de aula, a busca de ter meios para que a aula seja significativa para aqueles que habitam a Amazônia.

Todos os professores em algum momento narraram que já precisaram tirar dinheiro do seu salário para fazer um material didático, a fim de atrair os alunos com uma aula mais lúdica. Este é um investimento que não deveria partir da remuneração dos docentes, mas sim, ter como ponto de partida políticas públicas que garantam o previsto nos documentos curriculares oficiais.

Quanto aos ditos do professor Adriano respondendo à pergunta um do Eixo 4, que se refere a importância do componente curricular Estudos Amazônicos na rede de ensino em Altamira, ele narra que:

É de suma importância mediante ao contexto em que a Amazônia está inserida no Brasil. Qual a importância que a Amazônia exerce em termos de produção do espaço, tendo em vista a pressão internacional que a Amazônia sofre. E nós, como moradores da Amazônia, muito aluno nosso não sabe que está na Amazônia. Ele mora onde? Ah, eu moro em Altamira. Mas Altamira está onde? Onde que fica Altamira? Então, se você estudar Geografia, vai falar da Amazônia, mas uma questão mais de território, de espaço, mas não fala sobre o espaço em si, então, às vezes a gente perde muito tempo com esse conteúdo, e falta estudos específicos para essa região nossa, que é a da Transamazônica, que é uma região ainda que nós, enquanto pesquisadores, precisamos estar estudando (Adriano).

É sempre importante falar de Amazônia, falar do lugar onde a gente está e conhecer essa realidade que é contada de fora. O que foi pensado para a Amazônia sempre foi pensado de fora. A gente conhecer a história, conhecer a Geografia da Amazônia, conhecer que a gente também faz parte dessa Amazônia, como sujeitos sociais dessa Amazônia, os agentes sociais que constroem essa Amazônia, que fazem parte desse espaço, é muito importante (Bianca).

A fala da professora Bianca vai ao encontro com a resposta do professor Adriano sobre a importância de conhecermos o lugar em que moramos, conhecer o meio em que fazemos parte e que vivenciamos nossas experiências. Este é um dos objetivos de Estudos Amazônicos e talvez essa deficiência no ensino quanto ao conhecimento da Amazônia para com os alunos que a professora Ítalla mencionou anteriormente, pode ser devido ao difícil acesso a materiais lúdicos e atualizados que explorem a região.

E seguindo o mesmo caminho de resposta, os docentes Alice e Mauro afirmam sobre a importância do componente curricular de Estudos Amazônicos no município de Altamira:

Olha, eu acredito que por nós estarmos inseridos na Região Amazônica é importantíssimo, nós somos riquíssimos. Só que os nossos alunos não sabem disso. A comunidade que vive neste território não sabe disso. Quando tu pegas o sexto ano, por exemplo, e tu vai trabalhar na Região Amazônica, eles não sabem que estão na Região Amazônica. Eles não sabem que fazem parte dessa Região. Eles não sabem que quando nós estamos falando sobre Região Amazônica, nós não estamos falando de lá, nós estamos falando daqui [...] é onde nós estamos, o nosso espaço de vivência. Eles não sabem nos dizer qual é a vegetação predominante na Região Amazônica. Eles não sabem nos dizer qual é a localização da Região Amazônica, que é aqui! eles acham que é uma coisa de outro mundo, que está longe deles. Mas é uma coisa que eles vivenciam diariamente. E eles não têm uma noção da grandeza deste espaço (Alice).

Eu acredito que a gente tem que conhecer a Região que a gente mora e esse é um dos pontos principais, se não existisse esse componente Estudos Amazônicos, o aluno não tinha uma possibilidade dentro dos outros componentes de conhecer a sua Região. E a gente se depara muito, eu faço muita experiência em relação a isso, a gente se depara muito em situações que, eu falei anteriormente, que o aluno não sabe nem a Região em que ele mora, se ele está ou não dentro do contexto da amazônico (Mauro).

Os seis docentes destacam em suas narrativas a importância do Estudos Amazônicos para os conhecimentos dos alunos quanto a Região Norte, mas que os próprios alunos desconhecem, pois alguns ignoram sua identidade amazônica ao não reconhecerem o seu Lugar.

Como a professora Bianca narrou “*o que é estudado em Geografia sobre a Região Norte, no componente de Estudos Amazônicos vem de forma mais aprofundada*”, o que demonstra que o professor formado em Geografia, apesar dos percalços em ministrar Estudos Amazônicos, tem capacidade em estar à frente deste componente, pois Geografia e Estudos Amazônicos podem ser trabalhadas de forma que uma complemente a outra.

Em alguns momentos as falas dos professores se conectam, principalmente no que tange a eles acreditarem que o componente faz com que os alunos conheçam mais a região em que moram, a cultura, a miscigenação aqui existentes e o porquê disso, pois têm alunos que sequer sabem o nome da região que residem. Os Estudos Amazônicos buscam trabalhar isso de forma mais detalhada, mas que a falta de investimento na formação dos professores e com materiais didáticos têm deixado esse processo mais lento.

E as respostas foram ao encontro com uma outra pergunta ainda deste mesmo eixo que questiona o que eles propõem para a formação inicial e continuada de

professores, de forma que contribua na qualificação da atuação com o componente de Estudos Amazônicos? E essa pergunta foi ao encontro com algumas falas dos docentes na pergunta anterior, pois parte dos docentes mencionaram a falta de investimento na formação dos professores que ministram o componente EA.

Em resposta à pergunta acima, todos os professores responderam que é necessário um curso, seja graduação, ou pós-graduação, que foque diretamente no campo amazônico, de forma que o professor chegue mais preparado em sala de aula para ministrar uma aula que seja do contexto regional, quanto a isso os professores narraram que:

Nas universidades dessa Região, nós temos áreas distintas, uns se especializam dentro do curso para geoprocessamento, outros para licenciatura, outros para as humanas, outros para agrárias, temos aqui essa fragmentação. Então, eu acredito que a formação de Estudos Amazônicos, ela poderia estar inserida dentro de um curso, junto com os outros [...] eu acredito que o Professor já tinha que sair da faculdade também com mais esse instrumento na bagagem dele, e esse Professor que vai sair da faculdade e começar a trabalhar, principalmente no município ele vai ser um desses profissionais que tem dificuldade, a não ser que ele tenha um amplo conhecimento da Amazônia para desenvolver um planejamento, um material, pegar esse material e conseguir modificar e trazer para a realidade do aluno (Mauro).

A fala do professor Mauro é pertinente, pois tendo em vista que o professor que é formado em Geografia em algum momento irá ministrar aula em Estudo Amazônicos no estado do Pará, nas universidades de licenciatura em Geografia já poderia ter uma disciplina específica sobre o que se trata os Estudos Amazônicos, a fim de qualificar este professor quando se formar e ir ministrar aula em ambos os componentes.

E em resposta à pergunta três do Eixo 4, a professora Bianca narra sobre a importância do curso de especialização e que deveriam ter mais cursos de capacitação relacionados a isso:

Eu achei muito louvável da faculdade ter trazido uma especialização nessa área, na faculdade de Geografia da UFPA. É um dos caminhos desse processo de formação. Mas, além disso, eu acho que também poderia fazer cursos de capacitação nessa área, trazendo um pouco também da Amazônia para a realidade aqui de Altamira, mostrar que a gente tem várias reservas que nem alguns professores também não conhecem. Que aqui há várias terras indígenas que dá para a gente trabalhar na sala de aula. Acho que um dos caminhos é esse, a especialização e trazer mais formações, capacitações, materiais didáticos também, que é muito carente. A gente tem materiais didáticos, mas a maioria foca muito numa realidade da capital, não traz uma realidade local (Bianca).

Frisando nas informações da Região Xingu, onde Altamira está localizada, quase não existem livros ou apostilas sobre essa região e a especialização trazer membros das RESEX que existem na região, a fim de palestrar para alunos das

escolas públicas, bem como, convidar indígenas para palestrarem sobre a importância da Amazônia, contando a história dos seus povos, seria uma forma dos alunos estarem mais perto de conhecer a Amazônia de forma que eles reconheçam que é o seu lugar. O professor Adriano responde narrando da seguinte maneira:

Era necessário um curso de especialização, inclusive eu vejo professores de história ministrarem Estudos Amazônicos, nada contra o professor de história, mas eu creio que a formação crítica do professor de história na minha opinião eles deveriam fazer uma especialização em Geografia, de ler autores da geografia para explicar isso para os alunos em Estudos Amazônicos. É uma opinião minha que o professor que deveria assumir Estudos Amazônicos deveria ser especificamente professor de Geografia, porque o professor de Geografia, na minha opinião, está preparado diretamente para ministrar essa disciplina. A gente tem Contextualização em toda a nossa formação é contextualização histórica então nós temos a história para explicar o espaço e muitas vezes o professor de história vai ficar um pouco limitado para explicar determinadas nuances que na concepção geográfica para a gente fica fácil, então eu diria assim precisariam de uma formação específica dentro de Estudos Amazônicos (Adriano)

O professor Adriano desconhecia do curso de especialização em ensino de Geografia e Estudos Amazônicos que é ofertado pela UFPA - Campus Altamira, e propôs um curso de especialização, a fim de qualificar os professores, pois assim como os professores de Geografia ministram aula em Estudos Amazônicos, os professores de História também, então essa especialização vem atender a demanda por qualificação destes profissionais.

As experiências da professora Alice são diferentes dos demais professores, pois ela não tem a vivência como uma pessoa amazônica e por este motivo suas dificuldades quanto a ministrar aulas em Estudos Amazônicos são maiores, como ela mesmo indica em sua narrativa:

Eu vim de uma região que não há Estudos Amazônicos na grade. Aqui a realidade é outra, eu não sei se dentro do curso tem a disciplina, vocês trabalham especificamente Estudos Amazônicos na graduação? (Alice)

Eu respondi a professora Alice que não, mas que na grade curricular do curso de licenciatura em Geografia, da UFPA-Campus Altamira, existem disciplinas voltadas para o contexto Amazônicos e ela continuou sua fala:

Eu venho de uma realidade totalmente diferente, o Sudeste centrismo mesmo, nós trabalhamos nós mesmos, então as disciplinas voltadas para a Região Amazônica eu nem me lembro quais eram. Eram poucas, então, quando eu chego aqui e eu preciso trabalhar Estudos Amazônicos, a minha demanda é imensa. Eu tenho que me debruçar sobre muito conteúdo em pouco tempo [...] eu aprendo diariamente, eu busco diariamente, o que eu não conheço, eu vou procurar, mas realmente falta nós termos aí uma qualificação para trabalhar a disciplina dos Estudos Amazônicos. Eu confesso para você que quando eu cheguei aqui, eu queria trabalhar só Geografia, porque a disciplina de Estudos Amazônicos, ela demandaria um tempo para

planejamento, para estudo que eu não teria. Então, quando eu pego Estudos Amazônicos para trabalhar, vem com essa disciplina a necessidade de aprender a História, a ler, a necessidade de conhecer a região, de conhecer substancialmente a região, fisicamente, conhecer a região (Alice).

Os cinco professores que são da Região Norte, mesmo vivendo e se relacionando com a Amazônia diariamente, em algum momento sentiram dificuldade em ministrar Estudos Amazônicos e com a professora Alice não foi diferente, pois ela narrou que na Região Sudeste, onde ela nasceu pouco se trabalha disciplinas relacionadas a Amazônia, mas que ela segue em uma busca constante de ter mais conhecimento, já que como ela mesma narrou *“o Professor de Geografia aqui, ele está condicionado a trabalhar também em Estudos Amazônicos”*. Os docentes Ítalla e Danyllo também responderam à pergunta e eles narraram da seguinte forma:

Além de um aprofundamento nos estudos e formar os profissionais para falar com propriedade da nossa realidade, tratar nossos artigos científicos, que é a nossa base, nossa estrutura de propagação da nossa pesquisa da Amazônia, tem excelentes professores e agora a faculdade aqui de Geografia tem essa proporcionalidade de ter o mestrado e o doutorado [...] além dessa base de aprofundar os estudos para a nossa História, para entender a realidade não só do passado, mas também do presente, a correlação e o resultado disso, creio que tem a especialização em Estudos Amazônicos, voltar com as turmas, porque foi excelente (Ítalla).

Eu penso que é pegar as experiências formativas, que já existe uma iniciativa da SEMED, que é uma iniciativa destinada a todos os professores de História, Geografia e Estudos Amazônicos, que é promover um projeto de formação continuada que consiga sensibilizar os professores sobre a origem, a história, a cultura, as tradições das 10 etnias dos povos aqui do Xingu. Eu acho a iniciativa desse projeto, que é a única, talvez até no Brasil, que visa impulsionar a lei 11.645, que é isso que torna obrigatório o ensino da história e da cultura indígena, eu penso que o caminho passa por aí. Eu penso que algo para a gente discutir seria isso, além do que, acho que algumas iniciativas já estão sendo importantes. Por exemplo, esse curso de especialização já é uma iniciativa, a universidade já está cumprindo o seu papel de tentar sanar essas deficiências (Danyllo).

Todos os professores participaram de uma formação organizada pela SEMED-Altamira chamado PERMEAR, que segundo eles tem o objetivo de reunir professores indígenas para que pudessem falar sobre suas realidades e povos. Um dos objetivos com essa formação seria a reunião de materiais sobre a história e origem das tradições e culturas dos dez povos presentes na região Transxingu²². Segundo o professor Danyllo:

²² A nomenclatura Transxingu, surgiu [...] pensando na própria ordenação do espaço geográfico conformado pela natureza do Rio Xingu e literalmente transpassado pela Rodovia Transamazônica, pois que Altamira, Vitória do Xingu e Senador José Porfírio são municípios que estão localizados à margem do Rio Xingu enquanto Anapu e Brasil Novo estão às margens da Transamazônica [...]. (Hamoy; Gimenes, 2016, p. 638-369).

Há uma iniciativa nesse sentido de encontros periódicos que acontecem, visando nos aproximar dessas realidades que muitos professores, inclusive, que vieram nesse concurso, vieram de fora da região, então não conhecem, mesmo os que estão aqui, não tem conexão.

Os ditos dos professores que foram reveladas nas respostas desta pergunta por meio de suas narrativas (auto)biográficas deixaram claro que o professor formado em Geografia, mas que ministra aula em Estudos Amazônicos, mesmo tendo um preparo por meio de algumas disciplinas que são ofertadas na graduação em Geografia, precisam de uma formação continuada, principalmente no que tange a temas relacionados aos Estudos Amazônicos, facilitando assim o planejamento e o desenvolvimento das aulas.

Ser professor na Amazônia paraense (Altamira) é desafiador pelos diferentes povos que habitam este território: são indígenas, ribeirinhos, caboclos, colonos, filhos de agricultores, pessoas de outros Estados, dentre outros. O professor não recebe formação adequada para ensinar dentro de uma diversidade como essa, pessoas com particularidades e culturas diferentes, mas que buscam aprendizado através da escola. Há na região uma falta de investimento para a formação continuada dos professores de forma que agregue conhecimentos interdisciplinares, principalmente que conectem a Geografia com a História.

Formação é um processo inicial e contínuo, que deve dar respostas aos desafios do cotidiano escolar, da contemporaneidade e do avanço tecnológico. O professor é um dos principais sujeitos que mais necessidade tem de se manter atualizado, aliando a tarefa de ensinar a tarefa de estudar. Transformar essa necessidade em direito fundamental para o alcance de sua valorização profissional e desempenho em patamares de competência exigidos pela sua própria função social (Veiga, 1999, p. 26).

A educação formal de uma pessoa é importante em todos os sentidos, seja o escolar, a graduação, uma formação continuada como especialização, mestrado, ou doutorado, dentre outros cursos que existem, pois na maioria das vezes é nessa formação que acontecem relações com outras pessoas agregando Histórias e experiências de Vida. Nem sempre o professor tem a opção de cursar uma pós-graduação, e quando tem é em outro município ou estado, o que torna inviável cursar.

Além da desvalorização em ser professor, as contradições que ocorrem na carreira, as críticas da sociedade, o professor não é amparado com uma formação continuada, com materiais que o ajude a trocar aprendizagens com os alunos em sala de aula, e esses pontos foram frisados em muitas falas dos seis professores.

Quanto as cargas horárias dos docentes em Geografia e em Estudos Amazônicos, perguntei a eles quais eram as cargas horárias em Geografia e em Estudos Amazônicos e no momento da produção da narrativa nenhum deles conseguiu responder com precisão, alguns até tentaram calcular, mas não conseguiram. Então, foi solicitado que verificassem posteriormente e enviassem por mensagem. A partir do recebimento destas informações é que foi organizado o Quadro 7.

QUADRO 7- CARGA HORÁRIA DOS PROFESSORES EM GEOGRAFIA E ESTUDOS AMAZÔNICOS

PROFESSOR(A)	CARGA HORÁRIA EM GEOGRAFIA	CARGA HORÁRIA EM ESTUDOS AMAZÔNICOS	TOTAL
Bianca	75H	45H	120H
Adriano	60H	140H	200H
Alice	100H	90H	190H
Ítalla	120H	36H	156H
Mauro	45H	55H	100H
Danyllo	100H	50H	150H

(Organização: autora, 2024)

O professor Adriano tem maior carga horária em Estudos Amazônicos que em Geografia, e a professora Ítalla tem maior carga horária em Geografia que em Estudos Amazônicos. Juntando os dois componentes curriculares quem tem mais horas de atuação é o professor Adriano e quem tem menos é o professor Mauro.

Após sabermos quais eram as cargas horárias dos docentes tanto em Geografia quanto em Estudos Amazônicos, perguntamos a eles qual motivo de ter pegado horas em Estudos Amazônicos? E as respostas foram se complementando uma com a outra, mesmo sendo de seis professores diferentes. Tiveram professores que responderam que apesar de ser desafiador tem afinidade com o componente, e em outros casos professores que preferem ministrar somente a Geografia e outros somente para complementar as horas. Vejamos o narrar da professora Bianca e professor Danyllo:

Eu peguei porque a carga horária de Estudos Amazônicos por ser maior, se pegar oitavo e nono ano, a carga horária é maior, são três tempos. Enquanto

Geografia eram somente dois tempos, então uma complementa a outra (Bianca).

Eu diria que a necessidade para poder fechar as 200 horas, eu lhe digo houve uma situação ruim de algumas mudanças e o professor tem que estar atento às mudanças que acontecem, a gente tem que se organizar para lutar contra esse processo de precarização, para que ela justificasse o pagamento do Piso, houve um enxugamento das turmas, horários, houve mudanças. Então, ao nosso ver, precarizou as condições de trabalho do professor, de forma que eu estou com mais turmas, estou com menos carga horária comparada a anos anteriores (Danyllo).

Os professores narraram que aceitaram ministrar aula também em Estudos Amazônicos por complemento das horas, pois somente Geografia não daria para fechar um quantitativo de 200 horas considerado bom no que tange a questão salarial, e para fechar essas horas geralmente os docentes trabalham em duas escolas ou mais. Suas respostas se entrelaçam na resposta do professor Mauro quando ele narra o seguinte:

Na verdade, eu gosto de trabalhar com Estudos Amazônicos. E para nós, Professores formados em Geografia ele é um complemento, porque para você ter uma ideia, eu trabalho com três componentes para fechar 160 horas então geralmente os Estudos Amazônicos ele faz parte do cotidiano dos Professores que trabalham com Geografia. Porque é muito difícil encontrar hoje 200 horas só em Geografia. Então, na verdade, ele é um complemento de carga horária (Mauro).

Assim como os docentes Bianca e Danyllo, o professor Mauro menciona que o professor que é formado em Geografia tem o componente curricular de Estudos Amazônicos como um complemento de horas, e que este professor de Geografia hora ou outra está condicionado a ministrá-la.

Dos seis docentes a professora Ítalla foi a única que na sua primeira experiência com o ensino básico ministrou aula somente em Estudos Amazônicos e depois em Geografia. Ela narra sua experiência quanto a isso:

Foi a minha primeira opção, porque como eu já havia trabalhado Estudos Amazônicos no primeiro ano de docência no ensino fundamental, já era um terreno que eu já sabia, então, já tinham planos de aula, já tinham algumas formas e métodos para atuar na área. Então, era a minha preferência Estudos Amazônicos, e aí Geografia eu fiquei, por incrível que pareça, eu fiquei mais amedrontada na Geografia do que em Estudos Amazônicos. (Ítalla).

Já a professora Alice que é a docente que não nasceu e nem vivenciou grande parte da sua vida na Região Norte, na sua resposta referente a pergunta do motivo de ter pegado carga horária em Estudos Amazônicos, narra que:

Me foram impostas, sendo extremamente sincera. A minha intenção era trabalhar Geografia, mas não pude trabalhar só Geografia, pois precisava trabalhar Estudos Amazônicos e peguei Estudos Amazônicos. Se tiver algum momento que me derem só Geografia, eu pegarei somente Geografia (Alice).

E a resposta da Alice foi ao encontro com a do professor Mauro quando ele diz que o componente curricular de Estudos Amazônicos faz parte do cotidiano do professor de Geografia e que em algum momento ele irá pegar horas nesse componente, gostando ou não. Pelo simples fato de ministrar aulas somente em Geografia não é o bastante na questão de se completar a carga horária.

No geral as respostas foram semelhantes em alguns momentos, mesmo sendo de seis professores com vivências e experiências diferentes, mas todos formados em Geografia e ministrando aula em Estudos Amazônicos, no ano de 2024, pela rede pública do município de Altamira, e partindo para uma outra pergunta que é considerada importante para conhecer quanto as vivências dos docentes em Estudos Amazônicos tendo formação em Geografia, a pergunta é a seguinte: Quais desafios e perspectivas de ministrar aula em Estudos Amazônicos, sendo professor de Geografia?

Nas respostas percebemos que os maiores desafios dos docentes ao ministrar o componente Estudos Amazônicos, são desafios que os professores narraram no decorrer de algumas respostas de perguntas dos outros eixos, mas nesta pergunta além dos desafios foram enfatizados também as perspectivas de estar à frente do componente em sala de aula e que diariamente buscam melhorar o ensino-aprendizagem. Desse modo, com a palavra os docentes quando aos desafios e perspectivas:

Não é desafio, não. Eu me sinto muito à vontade com a disciplina, sabe? As perspectivas, elas são das melhores. A gente procura inovar sempre essa questão dinâmica. A dificuldade que a gente tem em sala de aula, como eu te falei, é a dificuldade de leitura, nosso aluno não está acostumado a ler [...] eu imagino que as perspectivas melhoram mediante as decisões governamentais das quais nossos gestores se designam, entendeu? Tem muita vontade, mas não tem execução, eu acho que precisa ter uma escola muito mais dinâmica, muito mais preparada e muito mais com vontade de disponibilizar ferramentas para que o professor consiga dar a melhor aula possível. Na verdade, eu vi um retrocesso disso, tiraram cinco minutos de uma aula, no final das contas, você tem 15 minutos de perda de aula, até o aluno fazer um trabalho de leitura e de entendimento, você não tem de 40 minutos de aula, você não dá 20, 25 minutos efetivos de aula. Quanto as perspectivas, isso depende muito do governo em que está à frente, e se ele, muitas das vezes, fizer aquilo apenas para cumprir uma tabela que o MEC pede, é complicado (Adriano).

A fala do professor Adriano reflete também quanto a questão de os alunos chegarem ao ensino fundamental anos finais com lacunas que o professor de Geografia e Estudos Amazônicos precisarão supri-las. Diante da fala do professor é possível perceber a importância do livro didático que aborde os conteúdos de EA e

além dele aparatos tecnológicos dentre outros meios que possam ser levados para sala de aula, como forma de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. O professor Mauro narra da seguinte forma quanto aos desafios e perspectivas em ministrar aula em Estudos Amazônicos:

O Professor que trabalha com o Estudo Amazônicos, para ele realmente ter sucesso ele tem que, além do curso, ele tem que estudar paralelo ao curso de Geografia para ele ficar mais apto a trabalhar com os Estudos Amazônicos. Sobre os desafios eu não tenho os desafios, anteriormente eu falei que eu já consegui superá-los, então eu gosto muito de me antecipar, quando eu vou trabalhar com Estudos Amazônicos, eu não foco exatamente naquele material didático, até porque eles são muito resumidos, eu vou para um lado que eu vejo que o aluno se torna mais atrativo e mais compreensível, para ele entender realmente, sempre buscando novas metodologias e estratégias (Mauro).

Ministrar um componente curricular no qual você não foi ensinado para isso, em questão de ensino formal e não experiencial, os professores Mauro e Adriano narraram que não têm grandes desafios em ministrar aula em Estudos Amazônicos e que suas perspectivas são mais quanto a questões governamentais, mais investimentos para as escolas, um olhar atencioso para os materiais didáticos que são necessários para o componente de EA e que mesmo com o livro didático que já existe, os professores ainda precisam buscar novas metodologias trazendo a realidade local para que os alunos consigam compreender, o que vai ao encontro com a fala da professora Alice quando narra que:

O desafio seria no sentido do componente histórico, o professor de Geografia sofre, tem que buscar muito conhecimento que você teve contato lá no ensino fundamental e médio, então precisa conhecer do que tu estás falando, precisa se debruçar também na História da Amazônia, então para o professor de Geografia eu acredito que esse seja um dos maiores desafios e tornar a Geografia do livro didático mais compreensível [...] é preciso fazer do livro didático um pouco mais acessível para os alunos, em algumas vezes, por exemplo, o sexto, o sétimo ano, eles têm dificuldade em trabalhar as atividades, os conteúdos do livro, porque acaba que a linguagem é um pouco mais complexa, é preciso de facilitar para eles, para eles conseguirem absorver o conteúdo. Então é preciso também trazer formas de ficar mais simples para eles. (Alice).

Até 2021 não existia livro didático do componente curricular Estudos Amazônicos na rede de Altamira. Os professores tinham que se desdobrar para trabalhar o conteúdo com os alunos. A professora Bianca e o professor Mauro nos relataram quanto aos meios facilitadores que eles utilizavam ou produziam com os alunos antes de existir o livro didático.

O primeiro desafio era a questão do material da aula de Estudos Amazônicos desde o quando eu apliquei para a minha primeira turma de sala de aula, a Estudos Amazônicos, eu tive que produzir o próprio material, buscar fontes

na internet, informações do ambiente social, de outros acontecimentos daqui montar o material didático, e nem todos os alunos têm o livro didático, porque são poucos exemplares [...] Quanto as perspectivas, só do município ter trazido esse livro didático, acho que é uma perspectiva de que no futuro se tenha mais materiais, que tenha esse investimento para materiais. A minha perspectiva é que a especialização que existe na UFPA também tenha trazido algum resultado palpável de materiais didáticos. Eu acredito que vai surgir futuramente (Bianca).

Eu busco a prática dentro do que é a Amazônia, trabalhar material prático com eles, como produzir um cartaz, produzir um desenho, uma maquete. Eu acho que é fundamental, fazê-los entender o contexto histórico da Amazônia. Primeiramente, você tem que fazer com que ela entenda a história da Amazônia, o Território da Amazônia (Mauro).

O professor Mauro que sempre teve contato direto com a natureza devido as suas vivências enquanto criança e adolescente, ele diz também que busca na sua História de Vida meios para ministrar as aulas de Geografia e Estudos Amazônicos. O seu conhecimento empírico é válido no momento de utilizar o conteúdo do livro didático para relacionar o contexto da Região Xingu. E ele discorre que:

Quando eu vou trabalhar com Estudos Amazônicos, eu não foco exatamente naquele material didático, até porque eles são muito resumidos, são livros pequenos para cada componente, dá de você ler todos os quatro do sexto ao nono em um dia e se você for um bom entendedor sobre a Amazônia, você não tem dificuldade, como é o meu caso (Mauro).

A fala do professor Mauro vai ao encontro com a do professor Adriano em alguns aspectos, principalmente no que tange a existir um material didático que dê para trabalhar com os alunos sem precisar refazê-lo, no sentido de trazer a realidade do município e dos alunos. O município precisa de alguém com um olhar atento a estas dificuldades encontradas em sala de aula, políticas públicas que atendam às necessidades do professor quanto aos componentes trabalhados em sala de aula, valorizando o trabalho, ofertando por exemplo, cursos de formação no que tange assuntos relacionados e que são trabalhados nas aulas de Estudos Amazônicos.

Se formos analisar, o material didático mais utilizado pelo professor em sala de aula, além do quadro branco e pincel e outros afins para qualificar sua aula, seria o livro didático. Quando este professor não tem acesso a um livro didático que expõe os conteúdos como deveria apresentar, dificulta a realidade do professor que está com cargas horárias excessivas em sala de aula e poucas ou nenhuma hora para planejamento. Corroborando com a narrativa dos outros professores quanto as dificuldades e perspectivas em ministrar o componente Estudos Amazônicos, os docentes Ítalla e Danyllo narram:

Ah, eu gosto muito, se não fosse pela carga horária excessiva que a gente está tendo, saindo de uma escola e indo para outra, e dando as disciplinas

diferentes para ter um número de um quantitativo que pague pelo menos decentemente pelo ensino básico, não entendi qual foi a matemática feita dentro da SEMED para poder distribuir e a gente ter mais turma com quantitativo de hora trabalhada e aí dificulta no nosso horário de planejamento que quase não tem, isso tem um resultado negativo nas minhas aulas. Se eu não consigo fazer um planejamento mais organizado, uma dinâmica, isso prejudica, porque se eu tivesse menos turmas, e assim como os meus colegas de profissão, se nós tivéssemos menos turmas, a qualidade de ensino iria melhorar (Ítalla)

Eu acho que há vantagens porque em Altamira, nós temos um curso de Geografia que neste momento histórico está bem estruturado, não só do ponto de vista infraestrutural, com prédio, mas também com perspectiva pedagógica, de avanço. Hoje o nosso curso de Geografia oferta especialização em Geografia e Estudos Amazônicos, oferta mestrado, oferta doutorado, o que oportuna e possibilita que diversos professores da rede possam ter acesso a isso. Então, acho que esse é um ponto chave entender que nós, professores de Geografia, estamos dentro de um guarda-chuva, que hoje nos possibilita, hoje a FACGEO é esta referência, quando se fala em Estudos Amazônicos, nós somos os porta-vozes talvez dessa possibilidade de aprimoramento, coisa que os outros cursos da história não conseguem a própria pedagogia que tem algo para além, não conseguem fazer essa discussão tão específica então eu acho que as perspectivas elas são boas e há cada vez mais professores da rede, por exemplo estão sendo possibilitados, e eu sou um exemplo disso, eu sou professor que fui formado, pela Universidade Pública, pela FACGEO aqui de Altamira, me graduei, fiz especialização e hoje estou fazendo o mestrado. [...] eu diria que os maiores desafios neste momento histórico estão no ponto de vista da própria organização da SEMED, a forma como a carga horária é montada, acho que ela não é tão eficiente do ponto de vista para o professor, eu acho que o excesso de turmas as quais a gente é submetido, a forma como a grade curricular é organizada, ela de certa forma prejudica e nos impossibilita de ter mais tempo, tempo de qualidade, para a gente poder preparar e organizar as coisas de forma mais eficiente (Danyllo).

Os docentes Danyllo e Ítalla narraram seus desafios referente a organização das cargas horárias, além dos outros desafios em ser professor na rede pública municipal, ainda existe a desorganização que vem da própria SEMED, quando vão organizar os componentes e as escolas em que os docentes serão lotados. São horas de trabalho excessivas, pouca disponibilidade de tempo para planejamento e necessidade de atuação em mais de uma instituição educacional, o que resulta em atividades laborais sendo feitas no tempo de lazer dos docentes.

Altamira tem escolas que são próximas umas das outras e que abrangem públicos e componentes curriculares que podem ser atendidas pelos professores aqui pesquisados. Se for organizado da forma correta, poderiam colocar os professores para trabalharem em escolas próximas e nos mesmos componentes curriculares, ou até mesmo atender todas as turmas em uma só instituição. Isso otimizaria o tempo para o professor, que não precisaria ficar se deslocando e não ficaria ainda mais sobrecarregado com questões burocráticas que são envolvidas ao se ter mais turmas e ao atuar em mais escolas. Por meio das narrativas percebemos que essa

organização não ocorre da forma que deveria. Isso se evidencia, por exemplo, nas falas da professora Alice, que relata:

O nosso planejamento, ele demandava um tempo que nós não temos. O nosso tempo de planejamento no município, ele é muito curto. Quando eu entrei, era um tempo pequeno, hoje, ele não existe, o nosso tempo de planejamento ele foi engolido (Alice).

E na narrativa da professora Ítalla *“não entendi qual foi a matemática feita dentro da SEMED para poder distribuir e a gente ter mais turma com quantitativo de hora trabalhada menos e aí dificulta no nosso horário de planejamento que quase não tem”*. Além das dificuldades que os professores passam nas salas de aulas com toda falta de estrutura, ainda sofrem com a desorganização da Secretaria de Educação do município.

Deste modo, os desafios e perspectivas citados pelos docentes foram sobre os materiais didáticos, as horas excessivas, a falta de investimento nas escolas e no componente Estudos Amazônicos, além da falta de organização da SEMED ao lotar os professores.

Buscamos também ouvir dos professores como eles enxergam a relação da Geografia com os Estudos Amazônicos? Já que eles são professores formados em Geografia, mas que também ministram aula em Estudos Amazônicos e tivemos narrativas importantes.

O professor Adriano narrou que *“é uma relação direta. Não tem como a gente falar sobre estudos amazônicos se não for o seu contexto geográfico”*. Já a professora Bianca fala que *“tanto a Geografia como os Estudos Amazônicos vão ter relação com a Amazônia. Vai contar a estrutura da Amazônia, a parte física da Amazônia na Geografia, tanto conhecimento de território da Amazônia”*.

A professora Alice narrou que *“a gente consegue muito associar o conteúdo da Geografia ao tradicional com Estudos Amazônicos voltados para a nossa Região”*. O professor Danyllo destaca *“eu acho que ela não está só conectada como ela é, os Estudos Amazônicos também é Geografia, não dá para a gente separar as coisas. Os Estudos Amazônicos, na verdade, é um pouquinho de tudo”*.

A professora Ítalla respondeu que *“se não fosse a Geografia, eu não conseguiria dar uma boa aula de Estudos Amazônicos, vai ter assuntos que nós vamos trabalhar aqui em Estudos Amazônicos, que nós vamos trabalhar lá em Geografia e lá em Geografia, que nós vamos ver aqui em Estudos Amazônicos.”* Por fim, o professor Mauro narra: *“eu acho que a Geografia explica quanto a questão*

territorial no amplo, mas é só em Estudos Amazônicos, especificamente, que eu vou entender o que aconteceu dentro desses Territórios, as disputas, os conflitos, a Geografia”.

Todos os docentes veem uma relação importante do componente curricular de Geografia com o de Estudos Amazônicos, e de fato apesar do livro didático de Geografia não dar ênfase aos conflitos da Região Norte, do Pará e de Altamira, os Estudos Amazônicos surge como forma de complementar a Geografia, a partir de uma abordagem regional e mesmo local dos fenômenos.

Parte das vezes essa troca de conhecimento de determinados assuntos acontece em parceria com os próprios alunos, com outros professores, com alunos da graduação que são estagiários ou que fazem parte de algum programa ou projeto, como relatou a professora Alice:

Todos os dias eu aprendo uma didática diferente, eu aprendo um método diferente com o Professor, eu aprendo com estagiários. Eu estava neste semestre com a Tainá²³ e com o Valcimário²⁴, eles estavam fazendo regência. Eu aprendo didáticas diferentes com eles, porque eles trazem da universidade métodos e práticas que eu não conheço. Eu consigo ensiná-los, consigo ajudá-los com o controle de turma, com as didáticas que eu utilizo, mas eu também ganho, porque eu aprendo didáticas diferentes, métodos diferentes e atuais, atualizados. Porque muitas vezes nós estamos aí na correria do dia a dia, a gente não consegue se atualizar.

E essa troca entre um professor que é formado com um que ainda está em sua formação inicial, é um processo de formação e (auto)formação para ambos, que passam a dialogar e aprender sobre meios para se ensinar. O professor que está em sala de aula passa pelo processo de (auto)formação quase que diariamente, a partir do momento em que há reflexão sobre sua atuação docente. E sobre a (auto)formação que é diária a professora Ítalla e o professor Mauro narraram que:

O lado positivo de ser professor é tu aprender a todo momento. Gente, é incrível, eu vejo como mágico, às vezes, o aprendizado dentro de sala de aula. Você está ministrando uma aula, a gente aprende muitas coisas, por exemplo, lá de Estudos Amazônicos, a vivência, a cultura amazônica, tu vais ver dentro de uma sala de aula ribeirinhos, filho de ribeirinhos, filho de pescador. Eu tenho muitos alunos indígenas, eu aprendo cada coisa sensacional e busco trazer para a aula. Busco trazer a vivência desses alunos e transformar o conteúdo teórico (Ítalla).

Eu trabalhei com povos xicrins e eu consegui aprender muito, aprendi muito mais, porque a minha cultura não é cultura do outro e se você quer entender a cultura do outro, você tem que viver ela para poder entender, então, eu tenho que viver para realmente entender e eu aprendi muito, aprendi outras

²³ O nome Tainá é um nome fictício para não expor o nome verdadeiro da discente que estava estagiando.

²⁴ O nome Valcimário é um nome fictício para não expor o nome verdadeiro do aluno que estava estagiando.

línguas além da minha e já consigo me comunicar com eles na própria língua deles (Mauro).

Os processos de formação e de (auto)formação estão entrelaçados ao saber e ao se permitir conhecer a vida e cultura do outro e aprender com isso, e esses espaços de formação são diversos, pode ser por meio de uma conversa em sala de aula em que o aluno relata momentos das suas vivências, seus sentimentos de pertencimento ao lugar que mora e essa troca de conhecimento é uma via de mão dupla entre aluno e professor, pois o professor também relata sua vida cotidiana e isso acaba incentivando o aluno a falar um pouco sobre suas vivências.

Por esse motivo a identidade docente não se forma somente quando o professor é um aluno da graduação ou quando ele faz os estágios supervisionados e tem os primeiros passos na carreira docente. Ou mesmo, quando ele se torna professor efetivo, mas sim da junção de tudo isso, a identidade de um docente se constrói nos encontros e diálogos que a docência propicia.

A identidade docente é formada por várias características que vem das experiências de vida que podem ser da vida pessoal e profissional, pois as duas caminham juntas e que podem ir desde as relações sociais ao contexto histórico da vida, afinal a identidade de uma pessoa vai se formando com o tempo de relação e vivências em determinados lugares e de acordo com quem esse sujeito se relaciona. Somos resultados dos lugares que passamos e de pessoas com que convivemos, que podem ir além dos vínculos de parentesco.

Segundo Catani; Bueno e Souza (2000, p. 168) "abordar a identidade implica, necessariamente, falar do eu, bem como das formas pelas quais o sujeito rememora suas experiências e entra em contato consigo mesmo". Entender como este professor é formado e que caminhos ele percorreu, suas escolhas, suas práticas educativas e seus saberes docentes também são formas de entender como se formou sua identidade docente no decorrer das suas vivências e experiências.

Com isso vale destacar a importância de os docentes participantes desta pesquisa, que passaram a rememorar suas trajetórias de vida, pois eles rememoraram e refletiram momentos que há muito tempo não recordavam e sentiram importantes com isso. Como a professora Alice narrou ao responder sobre o que ela sentiu narrando sua História de vida

Eu fui em memórias faz muitos anos que eu não ia, voltei em coisas que nem na terapia eu volto nisso. A gente se vê diariamente lutando, lutando, lutando na educação. A gente não vai pensar lá no início, o que foi, qual é a minha

História lá desde o ensino fundamental, médio, como eu me tornei quem eu sou, não só a pessoa, mas a Professora.

O ato de narrar a sua própria História de Vida serve para compreender como eles e nós vamos pouco a pouco nos tornando professores. Narrar o caminho percorrido nos faz refletir sobre nossos atos, atos estes que formaram e formam a identidade docente de cada professor. Para Garcia, Hypolito e Vieira (2005, p. 48), entende-se por identidade profissional docente:

As posições de sujeito que são atribuídas, por diferentes discursos e agentes sociais, aos professores e às professoras no exercício de suas funções em contextos laborais concretos. Refere-se ainda ao conjunto das representações colocadas em circulação pelos discursos relativos aos modos de ser e agir dos professores e professoras no exercício de suas funções em instituições educacionais, mais ou menos complexas e burocráticas.

A identidade docente de cada professor é formada desde antes da ida a sala de aula, o professor se faz e se refaz nas relações da vida pessoal, da graduação, dos estágios e as experiências em sala de aula com o passar dos anos, na sua troca de saberes com os alunos, com outros professores que estão ao seu redor, no conhecimento de novas culturas e Histórias de Vida, através do convívio no seu cotidiano, cada pessoa que nos relacionamos nos deixam marcas que de alguma forma contribuem na formação de quem somos, como discorre Fontana (2003, p. 180) sobre as nossa relações e o ser profissional.

No tempo, vivemos e somos nossas relações sociais, produzimo-nos em história. Falas desejos, movimentos, formas perdidas na memória. No tempo nos constituímos, relembamos, repetimo-nos e nós transformamos, capitulamos e resistimos, mediados pelo outro, mediados pelas práticas e significados de nossa cultura. No tempo, vivemos o sofrimento e a desestabilização, as perdas, a alegria e a desilusão. Nesse moto contínuo, nesse jogo inquieto, está em constituição nosso “ser profissional”.

Nós somos um pouco das nossas relações sociais, do lugar que caminhamos, estamos e temos pertencimento devido ao convívio neste lugar, somos as experiências trocadas a cada aula ministrada, a cada reunião de Responsáveis e professores e demais colaboradores da escola, somos a junção do que lemos e escrevemos, somos, como discorre Medeiros; Leandro (2013, p. 58):

Os traços de suas identidades, estas constituídas por inúmeras dimensões (cultural, psíquica, econômica, social, axiológica, ontológica, dentre outros), pontuam claramente a pluralidade e a singularidade que constituem o sujeito, suas ações e fazeres no espaço em que vive.

Diante disso, percebemos a importância de utilizar o método (auto)biográfico como um caminho para compreender a formação e (auto)formação dos professores e demais grupos sociais. Quanto mais nós falamos de nós mesmos, mais a gente se

conhece e aprende com isso, o que acarreta aprendizado para quem narra e para quem ouve. As experiências de vida de cada pessoa são importantes, e acreditamos que todo mundo pelo menos uma vez na vida já sentiu vontade de ser ouvido ao contar uma história de algum momento importante da sua vida para alguém.

Em resposta a última pergunta, pergunta sete do Eixo 4 que indaga os docentes a contarem: O que você sentiu narrando sua história de vida? O que representou para você? Em todas as respostas narradas pelos professores eu senti o poder da valorização, do (auto)reconhecimento, de reconhecer a sua importância para a sociedade, para a vida de cada aluno que esses professores têm impactado de forma positiva diariamente.

Os professores muito falam, muito ensinam sobre os conteúdos, provas, exercícios, processos educacionais, mas quem ouve a realidade do professor? Quem escuta seus anseios enquanto profissional que precisa diariamente impor a sua importância e o seu valor perante a sociedade.

Para dar início a conclusão da produção das narrativas, iniciamos com a resposta do docente Mauro, sobre o que ele sentiu narrando sua História de Vida e o que isso representou para ele.

Eita! É uma pergunta boa e eu vou te ser muito sincero, na verdade, eu sempre quis fazer isso. E eu já tive algumas situações da vida que era para eu fazer isso e eu nunca consegui. Eu já fui, por exemplo, provocado por alguns Professores e amigos que eu tenho da faculdade, em escrever algo sobre a minha trajetória de Vida, aqui ainda ficou faltando muita coisa que quando cheguei lá em casa eu fiquei recordando. Então, algumas vezes eu já contei minha história de vida para algumas pessoas, e ficaram totalmente surpreendidos, até mesmo encantados pela história, e pela minha dinâmica, pelo meu conhecimento. Então, na verdade eu fico muito feliz por passar essa informação, eu tenho certeza de que isso está registrado, porque muitas coisas que eu falei para você, poucas pessoas sabem da minha trajetória de vida, quem sou eu? e eu fico muito feliz, na verdade eu gosto muito de contribuir, de compartilhar [...] Para mim é muito gratificante cada vez que eu venho aqui na universidade e eu espero que possa contribuir para o teu material para a tua pesquisa, e eu fico muito satisfeito, muito feliz em poder parte de tudo isso.

A produção da narrativa do professor Mauro foi pessoalmente e quando ele respondeu este questionamento, ele conseguiu transpassar felicidade e orgulho do professor que ele se tornou. Mesmo com todos os percalços que teve na vida para poder estudar, para conseguir se formar e hoje ser um professor.

Com a palavra a professora Alice, respondendo sobre o que ela sentiu narrando sua História de Vida e o que significou para ela.

Olha, eu vou ser muito sincera contigo. Eu fui em memórias faz muitos anos que eu não ia. Voltei em coisas que nem na terapia eu volto nisso, gente. Olha só, eu vou dar a dica para a minha terapeuta. Olha, tive uma boa experiência. Mas tive uma experiência positiva retornando, porque a gente nunca para e pensa em quais são as nossas influências de vida [...] eu achei muito positivo esse retorno e eu acho que eu vou ficar reflexiva algum tempo depois disso. Mas assim, principalmente porque este final de semestre eu terminei muito cansada, muito frustrada, sabe? Nós estamos devidamente sobrecarregados. Então assim, eu terminei o semestre com uma carga muito negativa da educação, sabe? E aí quando você me faz retornar lá, que eu te falo, olha, eu me entendi como Professora em tal momento. Eu entendi que eu gosto, que eu quero fazer isso acaba que dá um sentimento de alívio olha, não é à toa que eu estou passando por isso porque eu gosto de fazer o que eu faço, às vezes a gente se esquece muito disso e no decorrer da nossa trajetória nós temos tantas situações que a gente acaba interiorizando muitas emoções negativas relacionadas à educação. E a gente precisa dissociar essas coisas, nem tudo vai ser bom, vai ser maravilhoso, mas também nem tudo vai ser ruim, então eu gostei muito de retornar e de novamente entender a minha trajetória até aqui para que também a gente faz diferença.

A professora Alice no começo da construção da nossa entrevista narrativa, estava um pouco introvertida, mas com o passar das perguntas ela conseguiu narrar sua História de Vida de forma que me encantou. Dentre os outros docentes ela é a única que quando se formou como professora de Geografia não quis seguir a carreira docente, mas que quando decidiu seguir a carreira se apaixonou pelo processo de estar em sala de aula. Quando eu perguntei sobre o que ela sentiu narrando sua História de Vida, foi possível sentir emoção em suas palavras, pois segundo ela, nunca tinha parado para pensar no seu percurso de vida, ainda mais para relatar para alguém e que isso a deixaria reflexiva por um período. Essa reflexão pode ser chamada de (auto)formação, pois a partir dessas memórias relatadas por ela mesmas ela tirou aprendizados.

A professora Ítalla em resposta do que esse momento significou para ela, em que ela narrou sua História de Vida, ela narrou que:

Vieram algumas coisas na minha mente, passa um filme da minha vida, que com o nosso cotidiano, estar dentro de sala de aula agora com um turbilhão de turmas e alunos, personalidades diferentes, né? Então a gente não tem muito tempo. A gente só vai sobrevivendo e adequando as nossas obrigações. E tu parar um pouquinho, observar a tua trajetória, tive uma experiência um tanto peculiar, porque é tanto acontecimento na minha vida que às vezes eu não paro para pensar e vejo o tanto que eu evolui, o tanto de problemas que eu consegui passar, superar, pela profissional que eu me tornei, estou me tornando, porque professor é sempre um processo de construção. Eu pretendo ser uma profissional muito melhor do que eu sou hoje, tenho a minha mente aberta a sempre estar melhorando e narrar minha História, ver que um dia eu posso contribuir cientificamente, academicamente e até para o desenvolvimento do seu trabalho, sentir e ser valorizada, sentir o valor da nossa História, da nossa vivência. E ver que a gente, de certa forma é importante, tanto para o conhecimento científico, o aprendizado dos meus alunos [...] Então, a professora, falo de mim, é mãe, é psicóloga, é tia, às vezes, é de tudo um pouquinho e narrar e tirar esse tempinho muito tempinho

para contar minha História eu sou extremamente grata pela oportunidade de expressar e tu ter o conhecimento da minha História e é gratificante ouvir a minha própria História de uma visão diferente, foi uma História de vida muito tensa e intensa. E eu sou grata pela oportunidade.

Pela minha visão de pesquisadora, tendo em vista que eu ouvi pessoalmente e depois realizei a transcrição dela, a História de Vida da professora Ítalla foi a que mais teve percalços que acabaram lhe dando forças para suas conquistas pessoais e profissionais.

A professora Ítalla, ao responder esse questionamento de como se sentiu narrando sua História de Vida e o que representou pra ela, eu consegui identificar dois sentimentos: o primeiro foi de surpresa, pois apesar de ela ter vivido muitas emoções na sua vida que foram boas e ruins, ela nunca tinha parado para refletir e analisar tudo isso; o segundo sentimento foi de gratidão, por ter alguém para ouvi-la, sem interrompê-la, mas apenas contribuindo com uma fala aqui e outra acolá para complementar nos momentos em que ela parecia perdida em algumas respostas.

A professora Bianca respondeu como se sentiu ao poder narrar sua História de Vida e seu caminho trilhado até se tornar docente em Geografia.

Ah, eu senti emoção, nostalgia de lembrar e tinha detalhes que eu mesma não lembrava, né? E contando, vem toda aquela vivência, aquele sentimento de que a minha história de vida foi um desafio, e que eu sempre digo que eu não escolhi a Geografia, a Geografia que me escolheu, desde sempre. E para mim foi emocionante, eu gostei, nunca tinha contado a minha história, e eu não sabia que eu tinha tantos detalhes, detalhes que me fazem ser o que eu sou hoje, uma professora. Apesar de tantos problemas, tantos desafios todo mundo carrega uma história.

Ser ouvido por alguém, expor suas memórias de vida, sua origem, de onde veio e para onde pretende ir é uma forma de se sentir valorizado, e quando a professora Bianca responde que sentiu emoção e nostalgia ao rememorar sua História de Vida e reflete que não recordava que sua vida tinha tantos detalhes. Detalhes esses que vão se perdendo no tempo em meio a tantas obrigações da vida pessoal e profissional. Nóvoa e Finger (2010, p. 24) afirmam que “o método biográfico permite que cada pessoa identifique na sua própria história de vida aquilo que foi realmente formador”. Percebemos a importância de utilizar as narrativas (auto)biográficas para ouvir professores.

O docente Adriano respondeu da seguinte forma, ao ser questionado sobre esse momento em que narrou sua História de Vida e o que representou para ele.

Eu me senti lisonjeado, afinal de contas estou dando uma entrevista para uma pesquisadora que está pesquisando a minha profissão. Dentre todas as que eu te falei, essa aqui eu estou e eu pretendo estar, fico agradecido de estar

aqui conversando e expondo um pouco do que eu sou, como pessoa, como professor, e espero que tenha contribuído para a tua pesquisa.

O professor Adriano de todos os docentes foi o que mais teve outras experiências profissionais antes de ser professor de Geografia, mas como ele mesmo disse é na de professor que ele pretende estar neste momento da sua vida, respondeu que sentiu lisonjeado ao narrar sua História de Vida, contribuindo assim com a minha pesquisa que buscar conhecer mais sobre a profissão docente.

Finalizando, com a palavra do professor Danyllo ao responder como se sentiu e o que representou contar sua História de Vida.

Eu acho que quando a gente vai falar da gente mesmo, já falei isso atrás, eu falo de novo, nós somos resultados das experiências as quais a gente vai se experimentando ao longo da nossa vida. Antes de eu ser professor, eu já sou uma pessoa, da mesma forma que os alunos já chegam com a bagagem, os professores também chegam com a bagagem. Então, antes de tudo, eu tenho um conjunto de valores, princípios, os quais eu fui lapidando ao longo da minha vida então neste sentido eu fico muito contente em ter espaços como estes onde a gente possa falar da gente mesmo, vale a pena a gente está fazendo isso com uma finalidade acadêmica, talvez fosse interessante que se construíssem outros espaços onde a voz dos professores pudessem ser ouvidas, escutadas e compartilhadas, o que falar de quem nós somos diz muito sobre o que nós fazemos, para onde nós vamos. Eu penso que a gente precisa exercitar mais isso, falar da gente. O professor não se resume pelo seu grau de conhecimento técnico, os assuntos, o professor não dão para ser medido pela sua história, tem professores que têm histórias tão maravilhosas que motivam e que com o seu exemplo dão mais ânimo.

A resposta do professor Danyllo, assim com as outras demonstrou a importância de valorizar e dar voz aos professores utilizando as narrativas (auto)biográficas como um meio para isso. A importância da trajetória pessoal e profissional de um professor tem sua importância e precisa ser cada vez mais ouvida.

As narrativas dos docentes em todos os eixos deixou claro que nenhum ser humano vive sem se relacionar com outras pessoas, ensinar e aprender é um processo que ocorre diariamente, somos um pouco de cada pessoa que nos relacionamos, um pouco de cada lugar em que pisamos, um pouco de cada filme, aula que assistimos, somos um pouco de cada livro que lemos, pois de todos eles tiramos algum aprendizado, seja uma nova palavra, no novo gesto, um sotaque ou até uma língua diferente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante muitos momentos em que estive com os professores produzindo as narrativas (auto)biográficas, foram percebidos alguns sentimentos que surgiram por meio das suas memórias e recordações e que foram refletidas em cada frase, palavra e gesto nas narrativas (auto)biográficas dos professores, afinal quem são estes docentes?

Analisando o material que surgiu por meio das narrativas, em alguns momentos foi possível perceber as concepções quanto ao Ensino de Geografia e a Ciência Geográfica e que acabam refletindo em Estudos Amazônicos, ao mesmo tempo que se entrelaçam com as memórias na escola, graduação, pós-graduação e principalmente nos lugares em que estes docentes caminharam até se tornarem professores de Geografia e de Estudos Amazônicos.

Um dos maiores sentidos deste trabalho, além de conhecer as Histórias de Vida dos professores em que eles relataram suas trajetórias escolares, acadêmica e profissional, foi também responder aos demais objetivos, que são alguns dos fatores que dão sentido a uma pesquisa. A busca de responder cada um deles foi por meio das narrativas (auto)biográficas dos seis docentes, que ao fim gerou um material formativo com ensinamentos e experiências por meio de ouvir o narrar do outro.

A fim de responder um dos objetivos específicos que foi conhecer o perfil dos profissionais que são formados em Geografia, mas que também atuam como professores em Estudos Amazônicos nas escolas públicas de ensino básico em Altamira/PA. Dos seis professores, identificamos que há uma heterogeneidade em relação ao gênero, cor/raça e idade, eles são três homens e três mulheres, que se consideram pardos, pretos, brancos, indígena e suas idades médias são de 28 a 45 anos e que suas identidades docentes não se fizeram somente no hoje, mas sim a partir de todos os seus processos formativos e as demais experiências da vida pessoal e profissional.

Também pode-se observar um quadro docente jovem, resultado da constante falta de concursos e da carreira pouco atrativa no município de Altamira/PA que resulta em uma relativa alta rotatividade do quadro docente, pois os docentes que não são concursados acessam as vagas por meio de processos seletivos. Outro ponto a se considerar é a origem destes docentes, tanto dos concursados como contratados, que acabam se originando de instituições públicas. Quando vamos para os níveis de

mestrado e doutorado isso fica ainda mais evidente. Ficando o setor privado principalmente com o nível de especializações, mas quando se passa isso a concentração ocorre nas IES públicas. O que leva a uma reflexão sobre o papel da educação pública, em formar os docentes que atuam na educação básica na região do Xingu, bem como, é responsável pela formação dos pesquisadores.

As instituições públicas têm um papel relevante no que tange formar docentes, e relacionado ao curso de Geografia da UFPA - Campus Altamira, hoje a faculdade além da graduação oferta também curso especialização em Geografia e Estudos Amazônicos, mestrado e doutorado em Geografia. O que pode agregar qualificação para estes docentes que aqui foram pesquisados, pois pelo menos 5 deles cursaram ou estão cursando algum destes cursos ofertados FACGEO - (UFPA), Campus Altamira.

A produção da narrativa foi por meio de eixos que representaram fases e momentos importantes na vida de cada um, períodos da vida que foram marcantes para eles se tornarem as pessoas e profissionais que são no período hodierno e sobre as suas experiências na carreira docente que formam seu perfil, isso foi possível quando eles nos narraram sobre perspectivas e desafios em ministrarem aula em Geografia e Estudos Amazônicos.

Quanto a diversidade de gênero na pesquisa, as mulheres que têm filhos mencionaram que em algum momento suas escolhas foram pensando nos filhos, elas tendo uma formação, conseguiriam um emprego melhor e assim melhorariam as suas vidas e dos seus filhos(as). Dentre os docentes que são pais, a mesma situação não se observou, pois não existiu o mesmo destaque em relação a uma mudança de percurso de vida ou profissional, deixar de trabalhar ou ter que escolher onde iria atuar em razão dos filhos(as). O foco dos pais é concentrado na questão salarial, em que buscaram uma formação inicial e continuada, a fim de conseguir um bom emprego, para garantir o seu sustento e de suas famílias.

Diante disso, foi possível observar diferenças nas narrativas de homens e mulheres, com uma ênfase maior para o campo profissional, entre os homens, e uma narrativa com maior presença da família, nas narrativas das docentes mulheres. Isso demonstra que a divisão de trabalho presente na sociedade Capitalista e a diferença de gênero, estão bem presentes na carreira docente.

Demonstra também que o método (auto)biográfico e a metodologia Histórias de Vida, podem ser utilizadas para se analisar questões de gênero e trabalho nas

pesquisas científicas. Importante ainda destacar, que a questão de gênero precisa ser uma constante cada vez mais presente nas dissertações e teses da ciência geográfica.

No Eixo Histórias de Vida, os docentes narraram sua trajetória de vida pessoal, refletindo principalmente sobre suas vivências e relação com pessoas e lugares que passaram pelas suas vidas em diferentes momentos e que foram consideradas importantes na formação sua identidade pessoal e profissional. Neste eixo foi o que mais apareceu momentos que se referem a Cena 1, 2 e 3, e foi nele que descobrimos informações importantes de cada docente. Alguns professores ainda neste eixo foram respondendo perguntas que ainda iam ser feitas para eles no decorrer da produção da narrativa, pois foi neste eixo que os docentes responderam à pergunta que todos os levaram mais tempo para responder que foi: Quem você é, quais caminhos percorridos de vida e de formação escolar, acadêmica profissional?

A partir das narrativas deste eixo, revelou-se ainda que os professores da rede municipal de Altamira, são pessoas que advém de camadas menos favorecidas, de famílias de origem humilde e que conseguiram uma ascensão social, a partir da docência. Importante observar que muitas das vezes estes docentes acabam sendo os primeiros da família a concluírem um curso superior. Muitos dos quais em instituições públicas, que passam a ter um papel fundamental para a sociedade de formar e inserir no mercado de trabalho os professores. O que demonstra que em certo nível à docência no Brasil é uma forma de ascensão social.

No Eixo Memórias de Ensino, foi o momento em que eles narraram quanto a sua trajetória escolar e acadêmica, relatando suas vivências enquanto estudantes do ensino básico, graduando e pós-graduando em Geografia, além de outras experiências, pois dos seis docentes dois deles têm outras formações. Nestas lembranças surgiram nomes de professores e outras pessoas importantes que os incentivaram a serem os docentes que são hoje, lugares em que estudaram e pessoas com que se relacionaram no decorrer da vida, antes mesmo de serem docentes, mas que de alguma forma refletem na sua vida de professor atualmente. Alguns relataram que utilizam metodologias e didáticas que um dia algum professor utilizou enquanto eles eram alunos no ensino básico ou na graduação. O que pode representar que a imagem do professor como exemplo (positivo ou negativo) é válida, além de que o eu pessoal não consegue se dissociar do eu profissional.

No Eixo Formação-Profissão, os docentes narraram sobre as experiências quanto a sua formação e suas experiências profissionais, como escolheram a carreira docente e porque em Geografia, quais foram as influências de vida para isso, e tivemos respostas diversas. De famílias com muitos professores a pessoas com uma forte ligação com as questões sociais e ambientais que as direcionaram para a área das Ciências Humanas.

Interessante observar que parte dos docentes não gostariam de ter cursado Geografia, mas que por questões particulares e de opções de vida foi o que estava disponível. Demonstrando quanto desigual pode ser o acesso ao ensino superior no Brasil e que em certa medida a ciência geográfica encanta, nos levando a permanecer nela e não nos vendo em outros caminhos profissionais, mesmo que de início não era o anseio se formar nela.

Essa pesquisa reafirma a importância de se dar voz aos professores da educação básica e demonstra como os espaços de vivência dos indivíduos impactam nas suas identidades docentes. É cada vez mais imperioso que estes docentes tenham papel central na formação de licenciandos, sendo que suas narrativas produzidas a partir do método (auto)biográfico e da metodologia Histórias de Vida se traduzem em um rico material formativo. Além disso, o ato de narrar as suas próprias Histórias de Vida, passa a ser um processo de (auto)formação, como foi relatado em mais de uma ocasião pelos professores participantes desta pesquisa: *“não tinha parado para pensar isso”*.

Já no Eixo Vivências em Estudos Amazônicos, buscamos as lembranças referente as vivências em Estudos Amazônicos, os desafios e as perspectivas pelo olhar daqueles que estão à frente do componente e em cada pergunta e resposta as memórias surgiram fortes ou fracas, precisando de uma pausa para serem lembradas ou já estavam na ponta da língua.

Neste eixo, a maior problemática exposta pelos professores foi a questão do livro didático, que mesmo sendo de grande ajuda, ainda é considerado deficiente por eles no que tange trabalhar a questão regional. Aqui fica explícita a importância dos livros didáticos, que por diversas maneiras é criticado como quase que sinônimo de ensino tradicional, mas que em grande medida é um material importante de apoio para o professor, principalmente quando este não tem formação específica para atuar em um componente curricular.

Os livros didáticos são muitas vezes alvos de críticas, principalmente no meio acadêmico, mas que dentro do contexto escolar brasileiro, eles continuam tendo centralidade e ganham importância, principalmente em conhecimentos de cunho interdisciplinar, como é o caso dos Estudos Amazônicos. Mesmo o livro didático sendo importante para o seio escolar, o de Estudos Amazônicos foi disponibilizado somente em 2021 em Altamira, sendo que o componente curricular é ofertado desde 1996 nas escolas públicas e privadas do município.

O que nossa pesquisa demonstrou, pelo menos no contexto de Altamira, é que a docência na educação básica não se resume apenas em trabalhar com o que somos formados. Por diferentes motivos trabalha-se com EA, mas também com outros componentes presentes no currículo, o que reafirma o papel dos livros didáticos, que em uma realidade desigual como a brasileira, é o único livro que chega a muitos lares, além de ser o apoio ao docente que sai de sua formação inicial com lacunas.

Vale destacar ainda que os Estudos Amazônicos e a parte diversificada dos currículos são essenciais para compreensão do Lugar dos sujeitos. Sendo importante que mais pesquisas se concentrem nessa área, como uma forma de fortalecer os currículos regionais para além de uma mera reprodução de habilidades e competências da Base Nacional Comum Curricular.

Os EA se relevam ainda mais neste contexto, pois além de ser fundamental para reconhecer a Amazônia e se (re)conhecer como amazônida, o planeta Terra passa por uma crise climática sem precedentes. A Amazônia, seus povos e população precisam cada vez mais perceber a centralidade desta região para responder os problemas que estão cada vez mais presentes na sociedade. Um caminhar para esse trajeto é se ver como amazônida, reconhecendo o papel da Educação neste contexto, em que a Geografia Escolar surge com o conceito de Lugar e os Estudos Amazônicos com a identificação do que é a Amazônia e os desafios que são inerentes a ela.

A Educação tem um papel fundamental quanto a isso, mas as questões estruturais da Educação por muitas vezes não são levadas em conta e na maioria das vezes tudo acaba sendo responsabilidade dos professores. O professor tem um papel fundamental na vida do aluno, mas este docente não caminha sozinho, é necessário ter uma estrutura que lhe ampare no momento do processo de ensino e aprendizagem.

O que leva a reflexões sobre as políticas públicas, como ficou evidente o descaso da prefeitura de Altamira, com questões básicas, como a lotação dos

professores, algo simples que desencadeia uma série de problemas para os docentes. Pensar e fortalecer políticas públicas e o papel do Estado no campo educacional é algo fundamental para repensarmos a sociedade atual.

O método (auto)biográfico e a metodologia Histórias de Vida por serem um meio de investigação e formação, podem refletir sobre inúmeras problemáticas na vida de quem é professor, como por exemplo, a precarização da educação pública e a falta de políticas públicas que garantem qualidade no ensino. Como os professores aqui pesquisados narraram, em distintas situações a responsabilidade de tudo que ocorre na educação recai apenas na figura do docente, sendo que as narrativas deixaram evidente os desafios de ser professor em Altamira e sobre o sistema educacional público, que possuem lacunas que prejudicam não apenas os professores, mas também os estudantes.

Percebemos então a relevância em dar voz a aqueles que muitas vezes não são ouvidos por aqueles que deveriam melhorar a qualidade do ensino por meio de políticas públicas educacionais. Parte das pessoas têm uma visão romantizada quanto a educação, mas a realidade é diferente, os desafios são inúmeros e isso foi relatado por meio das narrativas (auto)biográficas dos seis professores, em que eles trouxeram suas vivências sendo professores de Geografia e Estudos Amazônicos pelo município de Altamira.

Sobre a identidade e perfil docente em Altamira, se tem uma maioria dos professores formados em escolas e universidades públicas, foram graduandos que precisaram estudar em busca de um futuro melhor e trabalhar para conseguir se manter, e podemos imaginar a luta diária que foi precisar trabalhar e estudar, as demandas acabam sendo dobradas. Como muitos relataram a continuidade dos estudos somente foram possíveis em razão de bolsas ofertados pelas instituições de ensino superior, o que demonstra algo que pode parecer óbvio, acessar uma universidade é apenas um dos desafios para se concluir um curso no ensino superior, os desafios são muitos para se permanecer e concluir a licenciatura.

Tanto os homens quanto as mulheres contaram suas narrativas com muitos detalhes, o que nos permitiu conhecer suas Histórias de Vida de forma que contribuisse na descoberta de quem é este docente que ministra aula de Geografia e Estudos Amazônicos, na rede pública de ensino.

Dentre algumas das informações que os professores narraram e que foram analisadas foi que dois docentes têm somente a graduação, dois docentes têm

alguma especialização ou mestrado e dois deles além das outras formações tem doutorado ou é doutorando. O que demonstra em certa medida a busca por formação continuada quando se é professor, seja como uma forma de se buscar novos conhecimentos, ter um aumento salarial ou mesmo uma chance maior de passar em concurso ou ser chamado em contratos da prefeitura.

O professor para ser classificado pelo processo seletivo que hoje existe pela Prefeitura Municipal de Altamira, além da graduação precisa de uma pós-graduação para ter uma boa colocação e conseguir ser lotado em alguma escola. O perfil destes professores é de pouco tempo de docência, em razão do descaso do poder público para ofertar concursos públicos com carreiras atraentes, a dificuldade de ser classificado e lotado por meio dos processos seletivos para professor, e isso é um problema em nível nacional, em que permanece a rotatividade docente e precariedade dos contratos, e mesmo os que possuem maior experiência são jovens em relação as suas idades.

Dos seis docentes somente uma tem experiência em ministrar aula no ensino superior, mais ou menos dois anos e meio de experiência, os docentes que estão há mais tempo ministrando aula em Geografia tem cerca de dez anos de atuação e os mais jovens cerca de dois/três anos sendo professores no município de Altamira. Todos eles já tiveram experiência em Estudos Amazônicos desde o primeiro ano em que foram lotados para ministrar aula, são professores que na sua maioria ministram aula do sexto ao nono ano do ensino fundamental anos finais.

Pode-se atribuir essa concentração próxima aos três anos de experiência na docência ao último concurso que Altamira realizou, em que boa parte dos docentes que atuam hoje acessaram a profissão por este meio.

São professores que estão diariamente lutando para a melhoria da educação, principalmente no que tange ao componente curricular Estudos Amazônicos, que é um componente considerado importante para a Região Norte. É por meio dos Estudos Amazônicos que os professores buscam ensinar aos alunos que eles fazem parte da Amazônia, que são amazônidas e a importância disso.

E é um componente que por muitas vezes é desvalorizado, pois somente em 2021 foi adotado um livro didático, em um componente curricular que está na matriz curricular desde 1996. A chegada deste material didático foi a partir de muitos questionamentos e lutas dos professores, tendo em vista que, anterior a isso, era necessário que os professores comprassem livros relacionados a temática

amazônica, fizessem pesquisas e organizassem suas apostilas para que pudessem levar um material para os estudantes.

Importante observar nas narrativas dos professores que era uma prática normalizada utilizar de recursos próprios para produção destes materiais, o que demonstra o longo caminho que se tem pela frente para construir a percepção geral de que a docência é uma profissão e não uma vocação. Não pode ser aceitável que para desenvolver a nossa profissão tenhamos que constantemente retirar dos próprios salários para atingir patamares mínimos de trabalho.

Também se percebeu com as narrativas que mesmo sendo difícil encontrar conteúdos relacionados a Região Norte, muitos destes professores utilizam suas memórias, seu conhecimento experiencial para ministrarem suas aulas em determinado conteúdo, pois dos seis docentes, cinco deles são paraenses e tiveram contato direto com as vivências regionais e alguns chegaram a estudar os Estudos Amazônicos enquanto alunos do ensino básico.

Ao nosso olhar ficou evidente que são professores que não desistiram da educação e que buscam qualificar suas aulas, pois mesmo com todas as dificuldades, ainda têm boas perspectivas de que a educação brasileira e de que a educação do Norte, merece um olhar de carinho, que esses alunos do município merecem que eles planejem, que eles façam planos de aula, mesmo com pouco tempo para essa organização. Uma vez que eles são constantemente atingidos pela falta de organização da própria gestão da Secretaria Municipal de Educação.

Foi mencionado algumas vezes pelos docentes que eles não conseguem fazer um planejamento adequado por terem em 2024 adquirido horas excessivas de trabalho. Narraram sobre o pouco tempo de planejamento, material didático que nem todos os alunos têm acesso, falta de material oferecido pelas escolas e necessidade de retirar recurso do próprio bolso para fazer uma maquete, uma apostila, para levar um material lúdico para os alunos. Isso é fruto ainda dos baixos salários ofertados para quem é professor, que precisa ter muitas turmas como forma de garantir um salário adequado, muitas vezes sujeitados a planos de carreiras que não garantem tranquilidade salarial e mesmo condições mínimas de trabalho.

Então, a identidade e o perfil docente desses professores que são formados em Geografia, mas que ministram aula em Estudos Amazônicos em algumas escolas do município de Altamira é arraigada a essas lutas contínuas, lutas em busca de melhoria na educação, nos materiais didáticos que por vezes nem mesmo o livro

didático é suficiente ou existente. As suas identidades docentes são formadas por meio de todas estas características que eles vivenciam diariamente nas escolas em que ministram suas aulas, para diferentes turmas e alunos.

A identidade destes docentes também é fruto do seio familiar de cada um, os professores são intrinsecamente conectados a Amazônia e a história das suas famílias, muitas vezes marcada pelo contexto de ocupação da Amazônia, principalmente a partir do governo da Ditadura Civil Militar. Assim como foi narrado pelos professores Adriano e Mauro, que são filhos de pais que foram soldados da borracha, e outros docentes que são oriundos de famílias que migraram para a região, o que demonstra, mais uma vez, que o pessoal é conectado ao profissional, sendo que suas vidas e de suas famílias caminham de braços dados a momentos históricos da Amazônia, tendo repercussões sobre os docentes que são e querem ser.

Nas narrativas dos docentes Adriano, Ítalla e Mauro foi narrado a importância das bolsas de ensino como incentivo a permanência deles no curso de graduação e pós-graduação. O que demonstra a necessidade das universidades, cada vez mais fortalecerem o seu ambiente como forma de incentivo aos alunos de permanecerem no curso, para que não existam preconceitos, tais como o professor Mauro narrou que sofreu ao ingressar no curso de Geografia, principalmente criando políticas públicas que garante não somente o acesso desses alunos, mas também a sua permanência.

A bolsa de ensino é um incentivo que fortalece a presença do graduando ao curso de formação inicial, pois ele consegue viver a universidade, como foi narrado pela Ítalla e pelo Mauro, que eles conseguiram participar dos laboratórios, de eventos acadêmicos, publicar trabalhos científicos, além de se dedicar em maior profundidade ao curso, o que resulta em formações sólidas para os licenciandos. Pela narrativa dos docentes, percebemos que os estudantes são oriundos de famílias com menor poder aquisitivo, alguns trabalham o dia todo e chegam cansados a noite para estudar e se o curso for matutino ou vespertino é necessário saírem do trabalho para continuarem estudando. O que resulta em um repensar sobre a própria oferta dos cursos por parte das instituições que formam os professores, já que o panorama apresentado é em geral o encontrado nos cursos de licenciatura, pelo menos de Geografia.

Posso contar por experiência própria, já que estou neste estrato que apareceu nas narrativas. Fui criada por mãe solo que sempre souou a camisa trabalhando de doméstica para garantir o nosso sustento, meus outros irmãos e irmãs constituíram suas famílias e sou a caçula e fiquei morando com minha mãe. Precisei trabalhar

desde os meus 15 anos de idade para ajudar nas despesas de casa, mas minha mãe adoeceu e não pôde mais trabalhar fora, continuou apenas com seus artesanatos em casa, e eu virei praticamente a responsável pela família.

Quando eu ingressei na faculdade de Geografia, eu trabalhava de dia e estudava a noite e era muito cansativo, pois existem outras demandas além de trabalhar e estudar, e no primeiro semestre eu pensei em desistir por não conseguir conciliar todas essas demandas. Foi neste contexto que entraram em cena os professores da FACGEO, que permaneceram sempre atentos a isso e nos informavam quanto as bolsas que iam surgir, e abriu seleção para ser bolsista em um dos laboratórios e no PIBID, eu me inscrevi e fui selecionada.

A partir deste período segui sendo bolsista e isso ajudou a continuar na graduação, mas se não fosse isso, certamente teria deixado o curso. Pois naquele momento o sustento da família era prioridade. O que reafirma a importância de políticas para o campo educacional, como o próprio PIBID, e a oferta de condições para que os estudantes de licenciatura consigam concluir os cursos de formação e passem a atender a demanda existe por professores.

Por meio das narrativas dos professores foi possível perceber que o ato de narrar para os participantes da pesquisa se tornou um momento importante em suas vidas. Sendo um processo de (auto)formação, por diferentes momentos, em que eles passaram a refletir sobre questões que ainda não tinham parado para pensar.

Para além disso e diante desta questão é que salientamos a importância das narrativas como dispositivo formativo para licenciandos em Geografia, que irão atuar em breve com Estudos Amazônicos. Com as narrativas de quem já é docente de EA no contexto de Altamira, os futuros professores podem se deparar com as nuances da sala de aula e da profissão docente, que apesar de todos os desafios que surgem dia a dia nas escolas, é uma profissão em que os docentes têm se encontrado e hoje desenvolvem sua profissão.

Com o uso do método (auto)biográfico foi possível perceber como ele auxilia na formação e (auto)formação de professores de Geografia, pois ao longo das narrativas em vários momentos os docentes fizeram reflexões do que viveram para se tornarem professores e do que podem fazer para melhorar em suas próprias práxis. Puderam pensar também que muito do que ocorre nas escolas não depende apenas dele e do grupo de professores, na maioria das vezes a sociedade e o Estado jogam a responsabilidade dos problemas educacionais nestes docentes. Talvez por este

motivo, quando os seis docentes narraram sobre as suas vivências escolares, eles não levaram em conta a estrutura da escola e os demais funcionários presentes nela, mas sim, suas memórias centraram sobre os professores que tiveram, pois dentro do contexto escolar brasileiro a figura do professor ainda é central em certa medida.

Nas narrativas foi percebido também a importância do método (auto)biográfico quando os professores responderam a última pergunta que se referia a como eles se sentiram narrando sua História de Vida. Eles se sentiram valorizados, pois este é um dos objetivos de entrevistar professores, aqueles que muitas vezes não são ouvidos na sociedade ou mesmo na própria universidade que forma novos docentes.

A professora Alice mesmo não tendo a Geografia como sua primeira opção para seguir como profissão, acabou se encantando por ela e pelos Estudos Amazônicos, quando foi para sala de aula. Mesmo ela vindo de outra região do país, com uma dinâmica diferente do Norte, ela narrou que se encontrou como professora de Geografia, pois fez dos desafios uma forma de buscar conhecer o novo Lugar em que reside, aprendeu muito com os alunos, principalmente com os ribeirinhos que contavam suas Histórias de Vida para ela e que essa troca de saberes tem contribuído quanto aos Estudos Amazônicos.

O professor Adriano que se tornou professor por meio da sua esposa e amigos ao perceberem que ele levava jeito para a docência, além dele querer também uma ascensão social, ingressou no curso de Geografia e acabou se encontrando nele. Tanto que concluiu seu mestrado e segue doutorando na área, e que apesar dos Estudos Amazônicos terem muitos desafios, ele gosta de ministrar aula no componente, pois sempre esteve ligado aos acontecimentos da região e a fatos e fenômenos que a sua família vivenciou.

O professor Danyllo, que antes mesmo de ingressar em uma universidade já tinha o seu lado professor, pois participava de formações na Igreja Católica e que em muitas vezes ele mesmo ministrava palestras, minicursos e aulas para catequistas. Trabalhou com a alfabetização para pessoas que tinham deixado de estudar, e narrou que sempre buscava conhecer o cotidiano dos alunos para ministrar suas aulas. Ele ingressou no curso de Geografia, saindo de Brasil Novo e vindo para Altamira, hoje é mestrando e professor da rede pública e usa a Geografia e os Estudos Amazônicos para que os alunos percebam a importância do Lugar que moram, buscando que vejam que a educação é um caminho de transformação de suas vidas e da sociedade.

A professora Ítalla que teve inúmeros desafios na graduação, mestrado e doutorado conseguiu continuar firme, mesmo a Geografia também não sendo a primeira opção de curso, ela narrou que se apaixonou pela área e por poder compartilhar o que aprendeu com os seus alunos, que carinhosamente ela chama de “*meus filhos*”. A docência não caiu como uma luva na vida da professora, ela correu atrás de tudo que conseguiu e sem facilidade, ela relatou que quando se tornou mãe todas as responsabilidades aumentaram, mas nem por isso desistiu do doutorado, como ela mesma disse que quando pensava em desistir ela sabia que não podia, pois não era somente ela, ela tinha uma filha que merecia ter uma vida melhor e isso aconteceria por meio dela, dos seus estudos. Meses depois de ter entrevistado a professora, ela foi aprovada como docente em um concurso em uma universidade pública na Região Nordeste.

A professora Bianca de todos os docentes, aparentemente foi a que nasceu com maior propensão para ser professora, ela nasceu em um berço de docentes, sua família cheia de professores que vai desde o seu pai a outros familiares. Quando jovem ministrou aula de reforço para colegas da mesma rua em que morava, teve incentivo da sua madrinha que sempre lhe presenteava com livros e compartilhavam leituras juntas e essas memórias ela carrega até hoje, pois marcou sua vida e contribuiu para formação da identidade da professora Bianca, que hoje é mestra em Geografia e apaixonada por ela.

O professor Mauro com uma História de tirar o fôlego, seus desafios estudantis começaram muito cedo, por ser indígena o acesso a escola sempre foi algo restrito a ele e aos seus irmãos. Quando criança morou na aldeia e nesta não tinha escola e nem professores, mas ele fez os seus desafios se tornarem resultados positivos, quando acessou o ensino pela primeira vez por meio da professora Fátima, aproveitou e aprendeu tudo que podia, conseguiu acessar a escola e sempre foi dedicado para aprender algo novo, quando ingressou na universidade os desafios não foram menores, a cada disciplina, a cada professor, a cada trabalho ele se fez e se refez como pessoa e futuro docente, a identidade pessoal e profissional do Mauro foi sempre arraigada de desafios. Ficou evidente que o seu ser professor carrega muito de sua história enquanto indígena na Amazônia, o que reflete diretamente na sua atuação hoje.

Cada docente surgiu com realidades e vivências em lugares diferentes, mas eles buscam um ponto em comum que é a valorização para a profissão docente, como

as questões estruturais da Educação que por muitas vezes não são levadas em conta, quase sempre toda responsabilidade pela turma, pelos alunos é jogada para o professor e na maioria das vezes ele consegue dar conta, mas a sobrecarga acaba ficando excessiva, quando não resulta em adoecimento por parte do corpo docente.

A valorização é importante em qualquer profissão, mas na docência isso ocorre de forma quase que invisível, e neste trabalho os docentes se sentiram e se viram como pessoas importantes e que de fato são, mas que às vezes esquecem por tantas demandas e responsabilidades a serem cumpridas, em algumas das narrativas parte dos docentes falaram que nunca tinham parado para pensar e refletir a sua importância frente a sociedade, a rotina exaustiva não permite que o professor reflita sobre o seu significado para a escola, para os alunos e para eles mesmos.

Com isso finalizamos aqui o conto da História de Vida destes seis docentes, que assim como tantos outros que existem neste mundo a fora, precisam ser valorizados e escutados, e o método (auto)biográfico se mostrou um meio capaz de fazer com isso aconteça. Mesmo sendo narrativas de um contexto específico, como Altamira, na Amazônia brasileira, muito do que foi contado e está presente na vida destes docentes, perpassa pela vida dos demais professores brasileiros. Que permaneçamos com a escuta atenta e prontos para reivindicar melhores condições de estudo e trabalho, obrigado professor e professora de Geografia! Só podemos dizer: professores de todo o Brasil, uni-vos!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da educação**, Rio Grande do Sul-RS, v.7 n.13 p. 79-95, jul-dez. 2003.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, maio-ago. 2011.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**, Rio Grande do Sul-RS, v. 7, n. 14, p. 79-95, jul-dez. 2012.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Prefácio. In: FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; PORTO, Gilceane Caetano (Orgs.). **Diálogo entre a formação inicial e continuada através da escrita e autoformação**. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2013. p. 9-11.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Fontes orais, escritas e (áudio)visuais em pesquisa (auto)biográfica: palavra dada, escuta atenta, compreensão cênica. O studium e o punctum possíveis. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ARAÚJO, Mairce da Silva (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica: fontes e questões**. Curitiba: CRV, 2014. p. 57-77.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Biografização/heterobiografização: elaboração memorialística de uma personagem auto (hetero)biográfica em formação docente. **Revista Linhas Críticas**, Brasília-DF, v. 29, p. 1-21, jan-dez. 2023.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. **Dimensões epistemológicas e metodologia da pesquisa (auto)biográfica**: Tomo I, Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNED, 2012. 281 p. Coleção pesquisa (auto) biográfica: Temas transversais.

ALMEIDA, Daniel Valter. A disciplina intitulada estudos amazônicos constituindo-se como mais um espaço para o conhecimento geográfico em sala de aula. In: Colégio de Geógrafos del Peru , v. 4 n. 7, 2013, Peru-Lima: **Anais do Encontro de Geógrafos de América Latina**, Peru- Lima, p. 13-24.

ALTAMIRA. **Ofício nº 001**. Secretária Municipal de Educação. (SEMED), Altamira, 2019.

ALTAMIRA. **Documento Curricular Municipal**, Secretaria Municipal De Educação, Prefeitura Municipal de Altamira - PARÁ. Educação Infantil e Ensino Fundamental. Altamira, 2020.

ALTAMIRA, **Documento Portaria de Lotação dos Servidores Públicos Municipais Da Secretaria Municipal da Educação de Altamira Nº 17/2024**, Prefeitura Municipal De Altamira - Pará – 2024.

ARRUDA, Edinalda Moraes, ARAÚJO, Welitemara da Silva; TURÍBIO, Luiz Mário de Arcanjo; BRAGA, Marcos Vinicius de Souza; OLIVEIRA, Yannio José Gama; PAULA, Eder Mileno Silva de. Perspectivas e desafios do ensino de Estudos Amazônicos nas escolas da Cidade de Altamira-Pará. In: MORBACH, Joelma. (Org.). **Diálogos entre o ensino superior e a educação básica**. Belém-PA: Editora Universitária da Assessoria de Educação a Distância-Edit, Aedi, 2022, v. 1, p. 200-206.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Papyrus, 1994.

BARROS, Gabriel Renan Neves. **A disciplina Estudos Amazônicos e a Formação do Professor do Ensino Fundamental**: uma experiência no município de Marabá-PA. São Paulo, 2016. 159 p. Dissertação (Mestrado em Educação, Artes e História da Cultura) Centro de Educação, Filosofia e Teologia. Universidade Presbiteriana Mackenzie.

BARROS, Gabriel Renan Neves. **Da “desgeografização” à interdisciplinaridade**: cabem os Estudos Amazônicos em uma disciplina escolar. Tese de (Doutorado em Educação, Arte e História da cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2021.

BARROS, Gabriel Renan Neves; MARTINS, Alan Bizerra. o professor de estudos amazônicos: o perceber entre o espaço pensado e o espaço vivido. **Revista Tamoios**, São Gonçalo-RJ, v.16, n. 2, p. 211-220, jan-jun. 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Ministério da Educação. Lei N 9.394, de 20-12-1996.

BRASIL. **Ministério do Meio Ambiente**. Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999. Estabelece a política nacional de educação ambiental. Brasília, 1999.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação e Cultura. Brasília, DF: MEC, 2017.

BUENO, Belmira Oliveira.; Chamlian, Helena Coharik.; Sousa, Cynthia Pereira; Catani, Denice Bárbara. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Revista Educação e Pesquisa**, São paulo-SP, v. 32, n. 2, p. 385-410, mai/ago. 2006.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDAU, Joël. Memória Ou Metamemória Das Origens? **Caderno de letras**, n. 37, p. 11-30, 2020.

CARLOS, Ana Fani Alessandrini. **O Lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CATANI, Denice Barbara, BUENO, Belmira e SOUSA, Cyntia. O amor dos começos: por uma história das relações com a escola. **Cadernos de Pesquisa**. nº 111, p. 151-171, dez. 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas: Papirus, 2012.

COPATTI, Carina; SANTOS, Leonardo Pinto dos. Livro didático e professor: olhares sobre a Geografia escolar em contextos de diversidade. **Revista Caminhos de Geografia**, Uberlândia-MG v. 24, n. 91, p. 243-257, fev. 2023

CORREA, Maria Francisca Ribeiro; RODRIGUES, Ingrid Rayane Dias; ABREU, Waldir Ferreira De. A Escrivivência de experiências formativas de uma professora no Projeto Gavião. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, Boa Vista-RR, v. 2, Edição temática - Formação, narrativas e alternativas pedagógicas inclusivas, p. 01-11, jun. 2021.

DELORY-MOMBERGER Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo projeto. Paulus; EDUFRRN, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro-RJ, v. 17, n. 51, p. 523-536, set-dez. 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Hétérobiographie/hétérobiographisation. In: DELORY-MOMBERGER, Christine (Dir.). **Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique**, 2019, p. 89-90.

FERREIRA, Eurico Costa. **O uso dos audiovisuais como recurso didático** .75f, Dissertação (Mestrado em Ensino de História e Geografia 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário). Faculdade de letras da Universidade Do Porto, 2010.

FONTANA, Roseli Aparecida Cação. **Como nos tornamos professoras?** 2. ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2003.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Compreensão cênica: possibilidade interpretativa de narrativas de (auto) formação de ex-pibidianas. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo-SP, v. 45, p. 1-17, jan-jun. 2019.

GARCIA, Maria Manuela Alves; HYPOLITO, Álvaro Moreira; VIEIRA, Jarbas Santos. As identidades docentes como fabricação da docência. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n. 1, p.45-56, jan./abr. 2005.

HAMOY, Idanise Sant'Ana Azevedo; GIMENES, Carlos Eduardo Reinaldo. CASA DE MEMÓRIA EM ALTAMIRA: PATRIMÔNIO CULTURAL TRANSXINGU. In: XXIV Encontro do Subcomitê Regional do ICOFOM para América Latina e Caribe - ICOFOM LAM, 2016, Ouro Preto. **Anais do XXIV Encontro do Subcomitê do ICOFOM**. Ouro Preto: UFOP, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**, 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-Estados/pa/altamira.html>>. Acesso em 26 de ago de 2023.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Revista de Educação**, Porto Alegre-RS v.30, n. 3, p. 413-438, set-dez. 2007.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. (Orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN; EDFRN; São Paulo, SP: Paulus, 2010.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa como texto: imagem e som: um manual**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002. p. 90-113.

MARINAS, José Miguel. **La escucha en la historia oral**. Palabra dada. Madrid: Síntesis, 2007.

MARQUEZAN, Lorena Inês Peterini. Revisitando as trajetórias e processos formativos na/da docência: Memórias e (res) significações. **Educação por escrito**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 1-10, jan.dez., 2021.

MEDEIROS, Emerson Augusto; LEANDRO, Ana Lúcia Aguiar Lopes. Histórias de Vida e formação: trajetórias, experiências e reconstruções do ser no seu saber-fazer. **Revista QUIPUS**, Natal-RN, v. 2, n. 2, p. 51-62, jan-jun. 2013.

MENEZES, Victória Sabbado. "**Ainda somos os mesmos e vivemos como nossos...**" **professores**: das narrativas (auto) biográficas docentes à ressignificação de (Geo) grafias. 2021. 376 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

MENEZES, Victória Sabbado; COSTELLA, Roselane Zordan. O método (auto) biográfico na formação inicial de professores de Geografia. **Geografia Ensino e Pesquisa**, Santa Maria, v. 25, p. 01-27, 2021.

MORAES, Vinícius; TOQUINHO. **Aquarela**. Ariola, 1983. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/toquinho/aquarela-original.html>>. Acesso em 12 de set. de 2024.

MORBACH, Joelma. (Org.). **Diálogos entre o ensino superior e a educação básica**. Belém-PARÁ: Editora Universitária da Assessoria de Educação a Distância – Edit Aedi, 2022.

MORESI, Eduardo. **Metodologia da pesquisa**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, v. 108, n. 24, p. 5, 2003.

NÓVOA, Antonio. Os professores e as Histórias da sua vida. In: NÓVOA. António (org.). **Vidas de Professores**. Portugal: Porto Editora, 1992.

NÓVOA, Antonio. Introdução. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010, p. 21-29.

PARÁ. Secretaria Executiva de Educação. **Proposta curricular 2003: ensino médio**/ Secretária Executiva de Educação. Belém: SEDUC, 2003.

PARÁ. Documento curricular do Estado do Pará, Educação infantil e Ensino Fundamental. **Documento aprovado pelo Conselho Estadual de Educação do Pará nos termos da Resolução no 769, de 20 de dezembro de 2018**. Segunda Edição revisada e publicada pela Secretaria de Estado de Educação do Pará, 2019.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo. Cortez. 2005.

PONTUSCHKA, Nibia Nacib. Interdisciplinaridade: aproximações e fazeres. **Terra livre**, n. 14, p. 100-124, 1999.

RAMBO, Anelise Graciele et al. O Índice de Condições De Vida (ICV): construindo metodologias de análise e avaliação de dinâmicas territoriais do desenvolvimento rural. **Revista em Gestão, Inovação e Sustentabilidade**, Brasília, DF. Vol. 1, n. 1, p. 68-94, dez. 2015.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

RICOUER, Paul. **Soi-même comme un autre**. Seuil. Tradução: Lucy Moreira Cesar, 1990.

RODRIGUES, Nara Caetano; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Investigação Narrativa: construindo novos sentidos na Pesquisa Qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa-Portugal, v. 29, n. 29, p. 89-103, jan-jun 2015.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da arte” em educação. **Revista Diálogo Educacional**, Pontifícia Universidade Católica do Paraná-RS, v. 6, n. 19, p. 37-50, jul-dez. 2006.

SANTAMARINA, Cristina; MARINAS, José Miguel. Historias de vida y historia oral. In: DELGADO, Juan Manuel; GUTIÉRRES, Juan (Org.). **Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales**. Madrid: Síntesis, 1994. p. 259-285.

SANTOS, Héllen Thaís; GARMS, Gilza Maria Zauhy. Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores. In: **Congresso Nacional de Formação de Professores**. Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2014. p. 4094-4106.

SANTOS, Leonardo Pinto dos; COSTELLA, Roselane Zordan; MENEZES, Victória Sabbado. Formação-(Auto) formação–Deformação–(Re) formação: Necessidades de um professor. **Revista da ANPEGE**, Universidade Federal de Pernambuco, v. 17, n. 33, p. 24-37, dez. 2021.

SANTOS, Kátia Barros; OLIVEIRA, Francisco Pereira de; SOUZA, César Martins de. Território Étnico, Educação Escolar Indígena: Entre Práticas e Processos Etnoeducacionais. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade**, V. 27, N. 53, p. 243-272, 2023.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Autobiografia, memória e história institucional. In: **Encontro Norte e Nordeste de História da Educação**. *Anais do Encontro Cearense De Historiadores da Educação*, 5, 2006, Guaramiranga-CE. Edições UFC, 2019, p. 65-74.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Tradução de Francisco Pereira. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 13. ed. Petrópolis, RJ, editora vozes, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TEIXEIRA JÚNIOR, Tiese. ditos e escritos sobre os estudos amazônicos, no ensino básico, do Estado do Pará. **Revista de História Bilros: História (s), Sociedade (s) e Cultura (s)**, Fortaleza-CE, v. 4, n. 07, jul-dez. 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. RJ: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VANDRÉ, Geraldo. **Pra não dizer que não falei das flores**. Rio de Janeiro. Gravadora Som Maior, 1968. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/musica-para-nao-dizer-que-nao-falei-das-flores-de-geraldo-vandre/>>. Acesso 04 de nov. de 2024

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Docência com atividade profissional. D'ÁVILA, Cristina (Org.). **Profissão docente**: novos sentidos, novas perspectivas. São Paulo: Papirus, 1999.

APÊNDICES

ROTEIRO DE PERGUNTAS ENTREVISTA NARRATIVA

EIXO 1- HISTÓRIA DE VIDA
- Apresentação:
Nome: (será coloca um fictício no trabalho)
Idade:
Cor ou raça: branca, preta, amarela, parda, indígena?
Tempo de docência:
Tempo de docência no Ensino Básico:
Tempo de docência no Ensino Superior:
Formação na graduação: Ano: Instituição:
Formação na pós-graduação: Ano: Instituição:
Componente curricular que leciona: Para quais anos leciona?
- Quem você é, quais caminhos percorridos de vida e de formação escolar, acadêmica profissional?
EIXO 2- MEMÓRIAS DE ENSINO
- Quais memórias você tem da escola e dos professores do ensino básico?
- Quais memórias você tem da universidade e dos professores universitários?
- Quais memórias você tem do dos processos de ensino-aprendizagem na escola e na universidade?
- O que você fez com estas memórias quando se tornou professor/a?
- Como estas memórias ou professor/professora influenciou você se tornar professor/a?
EIXO 3- FORMAÇÃO-PROFISSÃO
- Como e por que escolhe a profissão docente e por que em Geografia?
- Quais as suas referências e influências na vida você teve para se tornar professor?
- Como você pensa e organiza sua prática pedagógica? E em Estudos Amazônicos tem uma forma diferente de organização dessas práticas?
- Quais mudanças são necessárias à Licenciatura em Geografia?
- Como você define um bom/boa professor/a formador/a da Licenciatura em Geografia?
EIXO 4- VIVÊNCIAS EM ESTUDOS AMAZÔNICOS
- Qual a importância do componente de Estudos Amazônicos no currículo da rede municipal de Ensino de Altamira?
- Como você enxerga a relação da Geografia com os Estudos Amazônicos?
- O que você propõe para a formação inicial e continuada de professores, de forma que contribua na qualificação da atuação com o componente de Estudos Amazônicos?
- Qual sua CH em Estudos Amazônicos e em Geografia?
- Qual motivo de ter pegado CH em Estudos Amazônicos?
-Quais os desafios e perspectivas de ministrar aula de Estudos Amazônicos, sendo professor de Geografia?
- O que você sentiu narrando sua história de vida? O que representou para você?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO

Através deste termo, informo que o projeto de pesquisa: **“NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS, PROFESSORES DE GEOGRAFIA E ESTUDOS AMAZÔNICOS: UM OLHAR SOBRE A IDENTIDADE DOCENTE EM ALTAMIRA/PA”** tem como objetivo analisar as narrativas (auto)biográficas de professores com Licenciatura em Geografia e que atuam no componente curricular Estudos Amazônicos, no município de Altamira/PA, como forma de compreender os desafios enfrentados e quem são estes professores. O trabalho está sendo realizado pela mestranda Welitemara da Silva Araújo sob a supervisão e orientação do professor Dr. Leonardo Pinto dos Santos. A participação no projeto envolve entrevistas com parte dos professores da Secretaria Municipal de Educação de Altamira. Garante-se o bom uso das informações, a confidencialidade e manutenção do anonimato dos entrevistados. Sendo assim, os participantes da pesquisa estão cientes das condições e estão de acordo para que a discente Welitemara da Silva Araújo, regularmente matriculada no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPA possa realizar sua prática de pesquisa.

Altamira, ____ de _____ de 2024.

Assinatura Professor pesquisado